

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

Pós-graduação em Planejamento e Gestão do Território

Dissertação de Mestrado

Suzana Cecília Kleeb

TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM

NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ/SP, 1911-2011.

Santo André - SP

2013

Suzana Cecília Kleeb

**TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM
NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ/SP, 1911-2011.**

Dissertação

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Planejamento e Gestão do Território da Universidade Federal do ABC, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento e Gestão do Território, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Silvia Helena F. Passarelli.

Santo André - SP

2013



Universidade Federal do ABC

PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO E
GESTÃO DO TERRITÓRIO

FOLHA DE ASSINATURAS

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora que avaliou e aprovou a defesa da Dissertação de Mestrado da candidata Suzana Cecília KleeB, realizada em 16 de setembro de 2013:

Profa. Dra. Silvia Helena Facciolla Passarelli (UFABC) – Presidente

Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins (USP) – Membro Titular

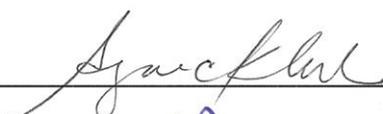
Prof. Dr. Arilson da Silva Favareto (UFABC) – Membro Titular

Prof. Dr. Ricardo de Sousa Moretti (UFABC) – Membro Suplente

Profa. Dra. Marly Rodrigues (FAAP) – Membro Suplente

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, de acordo com as observações levantadas pela banca no dia da defesa, sob responsabilidade única do autor e com a anuência de seu orientador.

Santo André, 07 de outubro de 2013.

Assinatura do autor: 

Assinatura do orientador: 

Agradecimentos

Agradecer é uma forma de retribuir. Muitos são aqueles para os quais a retribuição dessa pesquisa é necessária. Salpicaram minha vivência nesse pouco mais de dois anos com ideias, sugestões, estímulos frequentes que surgiam sempre carregados de indicações de leituras, novas fontes de pesquisa, palavras e gestos de apoio.

São de alguma forma companheiros de jornada, ainda que a responsabilidade do que vai escrito a seguir não lhes caiba. Alguns esperam com expectativa os resultados, o 'vir a ser' dessa investigação que invoca o desejo de conhecer sempre mais.

Pessoas essenciais desde sempre:

Prof.^a Silvia Helena Passarelli, orientadora deste Mestrado e amiga fundamental que me garantiu tranquilidade e diálogos nos momentos necessários, confiança e indicações preciosas para que a pesquisa deixasse o plano do pensamento para se transformar na concretude que hoje deposito nas mãos de todos;

Prof. José de Souza Martins, atento às transformações do ABC, um marco inspirador desta dissertação e da história do pensamento sobre essa região suburbana;

Amigos do Museu de Santo André e do Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural. A todos que me auxiliaram no transcorrer de minha vida profissional a entender os imbricamentos da história e memória e os impactos destas na paisagem andreense. Pela disposição em me auxiliar nos momentos decisivos deste trabalho, as amigas Bene Nogueira e Margarete Lemos Abreu foram incansáveis.

Pessoas também importantes:

Prof.^a Marly Rodrigues pela possibilidade de diálogos sempre animadores em minha vida profissional desde os primeiros tempos, e que de alguma maneira, espero, estejam pontilhados nesta investigação;

Prof. Arilson Favareto, desde as primeiras aulas na UFABC trouxe novas e muito interessantes dimensões para meu pensar. Com solicitude, fez parte da Banca de Qualificação e se dispôs a dialogar com temas nem sempre tão conexos aos seus. E

novamente, generoso, consentiu em compor a Banca de defesa dessa dissertação de Mestrado e trouxe contribuições significativas para o resultado da pesquisa;

Prof. Paulo César Garcez Marins pela prontidão em acolher a análise e considerar o diálogo com esta dissertação de Mestrado;

Prof. Ricardo Moretti que, com sua generosidade e incentivo, se fez relevante para o todo da investigação desenvolvida;

Prof. Valmir de Souza, dialogador presente nas questões de Cultura e de Literatura, convidado para Banca de Qualificação, aceitou gentilmente e me mostrou, em várias conversas que tivemos, novas possibilidades para que o trabalho se mostrasse mais consistente.

E o que falar da UFABC, universidade que acompanhei com alegria desde seu nascimento, e que hoje é parte de minha trajetória nesse curso de pós-graduação inovador na forma de abordar o território. Gratidão aos mestres e colegas do curso de Planejamento e Gestão do Território, cujas amizades foram cunhadas mediante cumplicidade e diálogo sempre importantes entre alunos e professores que fizeram de obstáculos, possibilidades de acesso ao conhecimento.

Palavras especiais:

a Ruth Ferreira Ramos, querida amiga bióloga e Mestre desse mesmo Programa, que, além da revisão cuidadosa e permeada de conversas sobre essa dissertação, é companheira nas permutas sobre nossas descobertas e nossos escritos e reafirmou em mim a certeza de que interesses diversos podem se conformar em projetos comuns;

a Renata Moré e a Alberto Alves de Souza, amigos essenciais, que desde os primeiros momentos acolheram minhas necessidades de estudo com confiança e apoio, pois sabem que o prazer pela pesquisa e difusão de conhecimentos é algo que habita em mim;

a Marcello Vitorino, pela generosidade em conceder informações preciosas sobre a fotografia em Santo André compiladas por ele, e me encantar ainda mais com a arte da fotografia;

a Dalila Teles Veras pela disponibilidade em me ajudar com conversas fundamentais sobre a literatura em Santo André, além de sugestões de leituras e fontes da produção literária na cidade;

aos atores sociais mais próximos desse trabalho: escritores e fotógrafos que registram em seu cotidiano muito do que somos e do que fomos. Para estes uma palavra de reconhecimento pela força criativa com que legaram belos poemas, crônicas, memórias e fotografias que permitiram realizar meu intento. Alguns já se foram – Alice Zerrenner Galuzio, Carlos Haukal, Haroldo Santos Abreu, Holando Lacorte, João Colovatti, Octaviano Armando Gaiarsa, Wagner Calmon, Walter Bevilacqua – mas outros podem compartilhar esse momento de resultados dessa obra: Alexandre Takara, Antonio Possidonio Sampaio, Beto Garavello, Dalila Teles Veras, David Rego Jr., Fabiano Calixto, Fernando Ferreira, Heverly Jane Leres Anda Velo, José Bueno Lima, Jurema Barreto de Souza, Leonardo J.D. Campos, Marcello Vitorino, Valdecirio Teles Veras, Zhô Bertholini, e os fotógrafos envolvidos no Projeto 7Cidades: Celdino Pereira dos Santos (Dino Santos), Cleonice Mauricia dos Santos (Cleo Santos), Esther Lerner, Marcello Vitorino, Mariana Outeiro da Silveira, Milton Antonio Tonello, Nario Barbosa, Roberto Parizotti, Valdir Jorge Lopes da Silva;

a meus familiares pelo apoio e compreensão nos momentos cruciais. Em especial à Dona Herta que sempre apoiou sua filha para que seguisse o que governava o seu coração e à 'Oma' Louise, *in memoriam*, minha avó que desde que era muito pequena, me maravilhava com histórias 'sobre o céu, a terra e o mar';

e, ao querido Wagner que além do afeto e carinho constantes, foi companhia solidária, e não mediu esforços para garantir as melhores condições possíveis em todo o percurso da pesquisa.

A todos, meu agradecimento, enorme!

[Recuperar] a memória é lutar contra o sistema de dominação. Ela nos diz respeito, é um mergulho no inconsciente coletivo, uma psicanálise do povo, um processo de redescoberta, a procura de uma identidade, condições para medirmos a nossa potencialidade, da nossa região e para avaliarmos o itinerário percorrido: de onde viemos, onde estamos, para onde queremos ir; que pontos atingir num lustro ou década. Resgatar a memória é, ao mesmo tempo, condição e traço de modernidade.

Alexandre Takara, *Razão e Paixão*.

Resumo

A Dissertação versa sobre a transformação da paisagem da área central de Santo André/São Paulo, no intervalo de 1911 a 2011. Para esta investigação a pesquisa se utilizou das seguintes variáveis: dinâmicas do território; produções culturais expressas por meio da fotografia, poesia e crônica; além de permanências e mudanças na paisagem. O intervalo de um século foi periodizado em quatro momentos que levaram em consideração a primeira variável: dinâmicas territoriais do município e da área de estudo, com especial enfoque para os aspectos que dizem respeito ao planejamento e ordenamento urbano organizado pelo poder público municipal. De posse dessa periodização, objetivou-se, por meio da literatura e da fotografia, conhecer quais locais no interior da área de estudo proposta foram lembrados e registrados por indivíduos ligados a essas linguagens artísticas. Após pesquisa junto a acervos públicos e privados para seleção do material, as informações coletadas foram inscritas em mapas temáticos, que trouxeram como resultado a apresentação de locais presentes na memória e/ou no cotidiano desses atores sociais. Com este resultado foi possível analisar quais relações e diálogos se estabeleceram em movimento diacrônico com a periodização proposta. De outro modo, de forma sincrônica, buscou-se observar as relações entre as intervenções realizadas pelo poder público municipal e as duas linguagens artísticas selecionadas, em movimento analítico entre si e com a paisagem. Com esse material foi possível sinalizar as permanências e ausências de lugares no decorrer do tempo, bem como identificar onde ocorreram as transformações da paisagem na área central de Santo André.

Palavras chaves: Santo André, Paisagem, Dinâmicas territoriais, Fotografia, Literatura

Abstract

The Dissertation deals with the transformation of the landscape of the central area of Santo André/São Paulo, in the range from 1911 to 2011. For this investigation the research used the following variables: dynamics of the territory; cultural productions express through photography, poetry and chronic; and the movement of permanence and changes in the landscape. The range of a century was periodized into four moments that took into consideration the first variable: territorial dynamics of the city and of the study area, with special focus on aspects relating to urban planning organized by the municipal public power. With the possession of this periodization, and the means of literature and photography, sought to know which locations within the study area proposal were remembered and recorded by individuals linked to these artistic languages. After research by public and private collections for the material selection, the information collected were entered in thematic maps, which brought as a result the local presentation present in memory and/or in the everyday life of these social actors. With this result be examined which relationships and dialogues were established in diachronic motion with periodization proposal. Otherwise, synchronic way, sought to observe the relationship between the interventions carried out by the municipal public power and the two artistic languages selected in analytical movement between themselves and with the landscape. With this material it was possible the flag stays and absence of places over time, as well as identify where landscape transformations have occurred in the central area of Santo André.

Key words: Santo André, Landscape, Territorial dynamics, Photography, Literature

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área de estudo em detalhe de mapa produzido pela Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo. Edição preliminar de 1906. Coleção PSA. Acervo MSAOAG	p. 5
Figura 2. Mapa do município de Santo André subdivido em áreas censitárias, maio de 2012. Prefeitura de Santo André.....	p. 6
Figura 3. Detalhe de área de estudo circundada com elipse de mapa da área urbana subdividida em áreas censitárias, junho de 2012. Prefeitura de Santo André.	p. 6
Figura 4. Mapa das intervenções urbanas durante o período de 1911 a 2011.....	p.54
Figura 5. Mapa das intervenções urbanas durante o período de 1911 a 1940.....	p.55
Figura 6. Mapa das intervenções urbanas durante o período de 1950 a 1970.....	p.57
Figura 7. Mapa das intervenções urbanas durante o período de 1980 a 1990.....	p.60
Figura 8. Mapa de intervenções urbanas durante o período de 2000 a 2011.....	p.61
Figura 9. Atual Rua Coronel Oliveira Lima, c. 1899. A fábrica que se vê na imagem é a Cia Streiff de cadeiras e pequenos móveis. Coleção: Euclides Rocco, acervo MSAOAG.....	p.72
Figura 10. Atual Rua Coronel Oliveira Lima, final da década de 1920. A fábrica que se vê sendo demolida é a Cia Streiff de cadeiras e pequenos móveis. Coleção: Família Streiff.....	p.73
Figura 11. Vista da Rua Cel. Oliveira Lima esquina com Rua General Glicério, década de 1940. Foto Carlos Haukal. Coleção Dalvira Ribeiro Cangussu, acervo: MSAOAG.....	p.74
Figura 12. Vista da Rua Cel. Oliveira Lima esquina com Rua General Glicério, 1966. Foto Carlos Haukal. Coleção Dalvira Ribeiro Cangussu, acervo: MSAOAG.....	p.75
Figura 13. Vista panorâmica da Rua Cel. Oliveira Lima, que corta a imagem no sentido vertical. Em primeiro plano, esquina com Rua Campos Sales. Década de 1950. Foto Postal Colombo. Coleção Antonio Carlos Rizzo, acervo MSAOAG.....	p.76
Figura 14. Praça IV Centenário. À esquerda, vê-se a Escola Estadual Américo Brasiliense em construção e a edificação dos Correios. Década de 1950. Foto Postal Colombo. Coleção Antonio Carlos Rizzo, acervo: MSAOAG	p.77
Figura 15. Vista de alargamento da Rua Cel. Alfredo Fláquer, 1971-1972, captadas a partir do prédio da Caixa de Pensões dos Funcionários Públicos, Rua Justino Paixão. Fotos e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: MSAOAG.....	p.79
Figura 16. Vista da construção da Perimetral, alargamento da Rua Cel. Alfredo Fláquer,	p.79

1971-1972. As vistas foram captadas a partir do prédio da Caixa de Pensões dos funcionários públicos de Santo André, Rua Justino Paixão. Fotos e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: MSAOAG.....

Figura 17. Vista da construção da Perimetral, alargamento da Rua Cel. Alfredo Fláquer, 1971-1972. As vistas foram captadas a partir do prédio da Caixa de Pensões dos funcionários públicos de Santo André, Rua Justino Paixão. Fotos e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: MSAOAG..... p.79

Figura 18. Detalhe da demolição de edificações à Rua Justino Paixão para a construção do complexo viário da Perimetral e Viaduto Angelo Gaiarsa, 1971. Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: MSAOAG..... p.80

Figura 19. Operário dorme após almoço em um dos barracões de obras da Perimetral, Santo André, junho de 1972. Foto João Colovatti/DGABC. Digitalizado a partir de obra de Marcello Vitorino sobre João Colovatti..... p.81

Figura 20. Congestionamento no viaduto Juscelino Kubistchek. Ao fundo o Centro Cívico de Santo André, outubro de 1981. Foto João Colovatti/DGABC. Digitalizado a partir de obra de Marcello Vitorino sobre João Colovatti..... p.81

Figura 21. Detalhe de desfile do Tiro de Guerra no aniversário de Santo André. Ao fundo, o Teatro Municipal, a Câmara Municipal e a edificação da Companhia Telefônica da Borda do Campo, CTBC, abril de 1972. Foto João Colovatti/DGABC. Digitalizado a partir de obra de Marcello Vitorino sobre João Colovatti..... p.82

Figura 22. Rua Cel. Oliveira Lima transformada em calçada, mas não reformada, c.1978. Foto Gutierrez. Col: PSA, acervo: MSAOAG..... p.84

Figura 23. Rua Cel. Oliveira Lima, com calçada em pedras portuguesas, abril de 1999. Foto Beto Garavello. Col: PSA, acervo: MSAOAG..... p.84

Figura 24. Rua Cel. Oliveira Lima, em obras do projeto 'Centro com Vida', 1999. Foto David Rego Jr. Col: PSA, acervo: MSAOAG..... p.85

Figura 25. Rua Cel. Oliveira Lima, após obras do projeto 'Centro com Vida', abril de 2000. Foto Giliola Vesentini. Col: PSA, acervo: MSAOAG..... p.85

Figura 26. Rua. Cel Oliveira Lima, 2007. Foto Dino Santos. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS..... p.87

Figura 27. Praça do Carmo, com destaque Catedral do Carmo, 2007. Foto Milton Tonello. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS..... p.87

Figura 28. Estacionamento de bicicletas junto ao Terminal Metropolitano, 2007. Foto Roberto Parizotti. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS..... p.88

Figura 29. Detalhe de edificação, observada a partir de espelho de bicicleta estacionada junto ao Terminal Rodoviário de Santo André, 2007. Foto Nario Barbosa. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS..... p.88

Figura 30. Detalhe de poste de iluminação pública, localizada à Avenida Queirós dos Santos, 2007. Foto Marcello Vitorino. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS..... p.88

Figura 31. Estação Ferroviária Santo André Celso Daniel, 2007. Foto Valdir Lopes. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS..... p.89

Figura 32. Detalhe do Centro Comercial do Carmo, localizado à Praça do Carmo, 2007. Foto Esther Lerner. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS..... p.89

Figura 33. Detalhe da Avenida Quinze de Novembro, com barraca de camelô, 2007. Foto: Cleo Santos. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.....	p.89
Figura 34. Detalhe de gradil da Casa do Olhar. Rua Campos Sales, 2007. Foto Mariana Silveira. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.....	p.89
Figura 35. Detalhe de edificação situada à Trav. Savino Degni, 2002. Foto Marcello Vitorino, digitalizada a partir de catálogo 'Concrecidade'.....	p.91
Figura 36. Detalhe calçamento da Rua Cel. Oliveira Lima, 2002. Foto Marcello Vitorino, digitalizada a partir de catálogo 'Concrecidade'.....	p.91
Figura 37. Quantidade de marcações da linguagem fotográfica na área central de Santo André, 1910 a 2011.....	p.93
Figura 38. Quantidade de marcações para cada um dos locais selecionados na linguagem fotográfica, área central de Santo André, 1910 a 2011.....	p.95
Figura 39. Quantidade de marcações da linguagem literária na área central de Santo André, 1910 a 2011.....	p.122
Figura 40. Quantidade de marcações para cada um dos locais selecionados na linguagem literária, área central de Santo André, 1910 a 2011.....	p.123
Figura 41. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1910 a 1940.....	p.127
Figura 42. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1950 e 1970.....	p.129
Figura 43. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1980 e 1990.....	p.131
Figura 44. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.....	p.134
Figura 45. 'Zoom' das referências fotográficas, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.....	p.135
Figura 46. Síntese das referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1910 e 2011.....	p.136
Figura 47. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1910 a 1940.....	p.139
Figura 48. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1950 a 1970.....	p.141
Figura 49. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1980 a 1990.....	p.142
Figura 50. Referências literárias, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.....	p.145
Figura 51. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1910 a 2011.....	p.147
Figura 52. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de	p.149

1910 a 1940.....	
Figura 53. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 1950 a 1970.....	p.151
Figura 54. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 1980 a 1990.....	p.152
Figura 55. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.....	p.153
Figura 56. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 1910 a 2011.....	p.154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantidade de inserções por década – Avenida Queirós dos Santos – área central de Santo André, 1911 a 2011.....	p.95
Tabela 2. Quantidade de inserções por década – Rua Cel. Oliveira Lima – área central de Santo André, 1911 a 2011	p.96
Tabela 3. Quantidade de inserções por década – Praça do Carmo – área central de Santo André, 1911 a 2011.....	p.96
Tabela 4. Quantidade de inserções por década – Rua Senador Fláquer – área central de Santo André, 1911 a 2011.....	p.124
Tabela 5. Quantidade de inserções por década – Rua Cel. Oliveira Lima – área central de Santo André, 1911 a 2011.....	p.124
Tabela 6. Quantidade de inserções por década – Rio Tamanduateí – área central de Santo André, 1911 a 2011.....	p.124

LISTA DE SIGLAS

DGABC – Diário do Grande ABC

DISE – Departamento de Indicadores Sociais e Econômicos

EMPLASA – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FCMSB – Fundo Câmara Municipal de São Bernardo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PSA – Prefeitura de Santo André

MSAOAG – Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa

S.P. – sem paginação

S.D. – sem data

USCS – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Recorte físico do objeto.....	4
1.2. Categorias de Análise	7
1.3. Do Método de Pesquisa	16
2. A CIDADE: PAISAGEM, TERRITÓRIO, LUGARES E MEMÓRIA .	21
2.1. Paisagem	23
2.2. Território	25
2.3. Lugares na cidade	29
2.4. Cursos da memória	34
2.5. Síntese: em busca da alma da cidade.....	38
3. SANTO ANDRÉ E A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	39
3.1. Uma periodização possível para um século	43
3.2. Reflexões sobre dinâmicas territoriais em Santo André	49
3.3. Síntese: intervenções urbanas na área central	52
4. OLHARES SOBRE A PAISAGEM	63
4.1. Fotografia, janela da alma.	64
4.1.1. <i>Considerações sobre a fotografia em Santo André.</i>	67
4.1.2. <i>Caracterização dos elementos de análise - fotógrafos e suas coleções.</i>	70
4.1.3. <i>Radiografia fotográfica, primeira síntese.</i>	92
4.2. Literatura, caminhar pelas palavras.....	99
4.2.1. <i>Considerações sobre a literatura em Santo André.</i>	101
4.2.2. <i>Caracterização dos elementos de análise – escritores e sua obra</i>	104
4.2.3. <i>Radiografia literária, segunda síntese.</i>	119

4.3.	Construção de mapas de produção cultural	125
4.3.1.	<i>Mapas referentes à linguagem fotográfica.</i>	126
4.3.2.	<i>Mapas referentes à linguagem literária</i>	137
4.4.	Síntese: diálogos entre as produções culturais.	148
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163
7.	REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS	171
8.	ACERVOS E COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS	175
9.	SITES E BLOGS	175
10.	APÊNDICES	177
10.1.	Apêndice 1 - Um século e as metamorfoses do espaço urbano de Santo André – 1911-2011.	177
10.2.	Apêndice 2 – Quadros síntese de variáveis	226

esta cidade toda minha
é sempre um aceno
de chegada e de partida [...]

esta cidade entre postais
tem arquivos e memórias
história que contam os jornais [...]

esta cidade toda presente
me dispõe os seus mapas
sem impor os seus limites [...]

esta cidade sempre ainda
bem vinda se faz de futuro
século de possíveis gerações.

Poética urbana II,
Zhô Bertholini

1. INTRODUÇÃO

A cidade é objeto de discussão de muitos estudiosos. São diversas suas feições e seus tamanhos: cidades pequenas, cidades médias, metrópoles, megalópoles, cidades litorâneas, cidades interioranas, cidades suburbanas. O mundo atual nos lega diversos discursos de suas paisagens contemporâneas. Mas, a paisagem por si só, como uma casca a recortar o horizonte, não é suficiente. A cidade está em constante constituição e remodelação, e vai além de ser produto de técnicas construtivas; antes, são diferentes e distintos ritmos de existência que ali se acumulam. Nela residem relações sociais, econômicas e políticas, onde homem e espaço se metamorfoseiam constantemente (JEUDY, 2006). São metáforas da vida urbana, onde cada qual tem o seu olhar e sua interpretação sobre o espaço. O humano se sobressai, em prol de uma crescente qualidade de vida.

É óbvio que, não obstante o que se programe, planeje ou projete, o objeto é sempre a existência humana como existência social e que não se planejará ou projetará se não se pensasse que a existência social será, deverá ou deveria ser diferente e melhor do que já é (ARGAN, 2005, p. 212).

A escolha de um olhar para a cidade, em nosso caso, recaiu sobre a investigação que leva a uma intersecção de algumas leituras que buscam, de forma polifônica, compreendê-la. Polifônica, à maneira de CANNEVACCI, no sentido de se permitir a voz a muitas vozes: “a cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisações, cuja soma total, simultânea ou fragmentária comunica o sentido da obra” (CANNEVACCI, 2004, p.18).

Subjacente a essa opção, há uma pergunta ampla que nos acompanha: quais processos nos auxiliam a compreender, no tempo, a organização do espaço urbano e a manutenção ou transformação de sua feição? Essa pergunta foi a matriz de nosso problema e nos levou a três categorias de análise: organização e dinâmicas do território; produção cultural expressa, em nosso caso, pela literatura e fotografia; e permanência e mutação da paisagem.

Buscamos por meio dessas categorias de análise investigar chaves explicativas para nossa indagação e valemo-nos de algumas que nem sempre estão evidenciadas no universo do planejamento e gestão territorial.

Nossas escolhas convergem para o entendimento da paisagem citadina como repositório cultural e da memória de seus habitantes. Ou no dizer de AGIER (2011) a cidade entendida como dispositivo cultural dos cidadãos, como amplificador dos anseios da sociedade no âmbito de sua forma de pensar o mundo e produzir formas de interpretá-lo.

Há outras considerações que apoiam essa primeira proposição e que alargam nosso campo de reflexão. Uma delas é a observação da cidade a partir de seu emprego como fonte na produção de conhecimento do processo social que ela incorpora. Cidade como ser social, historicizada, “... levando-se em conta sua prática e representações que a própria sociedade institui e que a transforma constantemente” (MENESES, 1996a, p.146-7).

Acrescemos a reflexão apresentada por CANCLINI frente às transformações da cidade, e como a sociedade se apropria de sua história e de seu legado. Ressaltemos sua proposição em compreender os processos sociais que levam à manutenção de elementos da paisagem por sua representação sociocultural e não por sua capacidade de se manterem ‘puros’ no decorrer do tempo (CANCLINI, 1998, p.202).

Outro aspecto diz respeito ao papel dos homens enquanto agentes transformadores da paisagem. Essa ação que se organiza no tempo e no espaço, nos desvenda a dinâmica da cidade com mutações e manutenções de seus artefatos e suas lembranças. É um olhar próprio de quem enxerga o microcosmo da realidade cotidiana e local, e que mergulha nas diversas camadas que este compõe. Em outras palavras, é no diálogo cotidiano do homem com o espaço urbano que podemos encontrar pistas sobre a trajetória deste ao longo do tempo. No caso da produção cultural a focalizamos por uma razão fundamental: esses homens e mulheres efetuaram a ação do registro de seus anseios e sua observação sobre o mundo a seu redor. Por meio de sua produção cultural é que podemos conhecer, nos debruçar e analisar os resultados e diálogos provenientes dessa ação. E assim

fazem história: os artistas por meio de sua obra buscam compreender, por vezes de forma aturdida, as mudanças que ocorrem no seu universo cotidiano.

Por fim, cabe observar que existem diversos atores sociais que influenciam nas transformações da paisagem, em especial no uso e ocupação do solo. São vários os interesses e eles são representados por diversos grupos de forças, que CÔRREA (1995) identifica em cinco: proprietários dos meios de produção (grandes indústrias e empresas comerciais); proprietários fundiários (proprietários de terras); promotores imobiliários (empreendedores imobiliários, incorporadores, atores ligados à produção imobiliária); grupos sociais que ocupam cortiços ou se localizam em assentamentos precários; e, finalmente, o último dos atores sociais e que nos interessa em sua ação: o Estado, que organiza o espaço por meio de legislações e normas de regulação da ocupação do solo e na estruturação do tecido urbano.

Como se pode observar, nossa investigação toca a interdisciplinaridade. E, essa atitude apresentou vários desafios. Para facilitar esse percurso, os capítulos evidenciam cada uma de nossas categorias de análise e, ao final, as conectamos a favor da organização de respostas para nossos questionamentos.

No Capítulo 1 introduzimos as informações sobre o recorte do objeto de estudo e os procedimentos metodológicos adotados. No Capítulo 2 apresentamos informações sobre conceitos que apoiam a discussão: cidade, paisagem, território e memória. São considerações que perpassam a dissertação e que guardam relação com todos os demais conceitos apresentados no decorrer da pesquisa. O Capítulo 3 investiga variáveis associadas às dinâmicas territoriais de Santo André do começo do século XX até o início do século XXI, e organiza uma periodização do século em estudo, cujo resultado servirá de guia para as análises subsequentes. O Capítulo 4 oferece as categorias de análise associadas à produção cultural – fotografia e literatura – com os alcances teóricos nos quais a pesquisa se organiza bem como os resultados da pesquisa de campo realizada junto às fontes associadas às linguagens selecionadas e o decorrente diálogo entre elas. O Capítulo 5, por sua vez, conclui a investigação com a interação entre a produção cultural recolhida e as informações associadas ao território, concluindo a investigação e apresenta considerações finais da pesquisa com diálogos a serem examinados no futuro por outras pesquisas.

1.1. Recorte físico do objeto

O recorte físico dessa investigação circunscreve-se a um espaço que denominamos de área central de Santo André, cidade da região popularmente conhecida como ABC e que integra a Região Metropolitana de São Paulo. Não há um contorno oficial do que seria o centro da cidade. Há delimitações que foram organizadas para fins censitários. Ainda que houvesse uma demarcação, aspectos como os que nos propomos investigar ultrapassam limites de perímetros oficiais. São ramificações que se organizam no tecido urbano sob o viés simbólico e, portanto, não se utilizam exatamente dos contornos físicos e materiais para se expressar.

No entanto, para promover o reconhecimento e delimitar uma área de estudo, levamos em consideração aspectos históricos relacionados à formação da cidade, além de nos valermos de alguns autores para essa discussão. Nosso objeto de estudo, que chamamos de área central de Santo André teve o seu começo no núcleo urbano originado em meados do século XIX devido à instalação da ferrovia em 1867 conjuntamente com uma estação ferroviária. Além disso, o espaço de diálogo da estrada de ferro com os antigos caminhos inter-regionais da província de São Paulo, inclusos nessa região a partir da primeira metade do século XVIII.

VILLAÇA indica reflexões sobre o que vem a ser o centro e como se dá a sua organização. Identifica-o como local de disputa pelo controle do tempo e de energia gastos nos deslocamentos humanos. Trata-se de um ponto em que a comunidade organizada se reúne no menor tempo possível (VILLAÇA, 2001, p.239). É ali que se observa o poder dos grupos sociais associados ao valor de uso dos locais e dos interesses ligados a estes.

Trata-se de uma disputa, na qual está em jogo o valor de uso do espaço e de mobilidade explicitada pela utilização e controle do tempo. E, nesse jogo estão em discussão interesses que podem até mesmo ser contraditórios ou internos aos grupos sociais. São, por diversas vezes, valores simbólicos nos quais o exercício da dominação está presente no cotidiano. À parte da tendência atual de deslocamento dos centros urbanos tradicionais e organização de novas centralidades em muitas cidades, ali reside o lugar que vai de encontro com a concepção apresentada pela Carta de Petrópolis, resultado do '1º Seminário Brasileiro para preservação e

revitalização de centros históricos' (1987), e que, partilhando da concepção que identifica seu valor simbólico, o identifica como:

... espaço que concentra testemunhos do fazer cultural em suas diversas manifestações [...] parte integrante de um contexto amplo que comporta as paisagens natural e construída, assim como a vivência de seus habitantes num espaço de valores produzidos no passado e no presente, em processo dinâmico de transformação (IPHAN, 2000, p.285).

Acreditamos, igualmente, que a funcionalidade diversificada do centro que congrega habitação, comércio e serviços, e a presença de diferentes grupos, habitantes ou aqueles que estão de passagem, mantém o impulso que faz desses locais, não importa que regiões ocupem os corações das cidades (MENEGUELLO, s.d., p.4).

Diante das considerações apontadas, para nossa pesquisa definimos como local de interesse da análise o centro primordial de Santo André. Para clarificar a localização desta, seguem três mapas que a identificam. Observe-se que ela foi circulada de maneira fluída e como trabalhamos com um tempo mais longo e os perímetros foram se modificando achamos por bem mantê-la dessa maneira, o que, a nosso ver, não compromete a investigação em curso.



Figura 1. Área de estudo circundada com a elipse em detalhe de mapa produzido pela Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo. Edição preliminar de 1906. Coleção Prefeitura de Santo André. Acervo: MSAOAG.

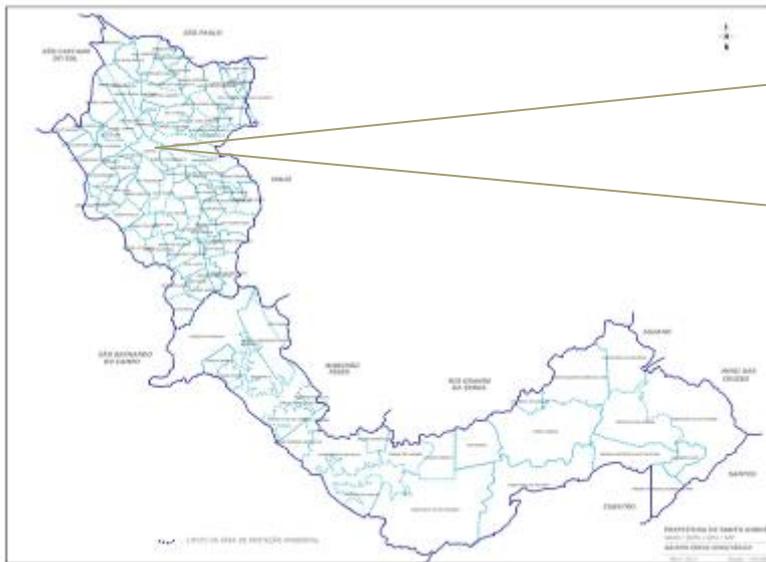


Figura 2. Mapa de Santo André subdividido em áreas censitárias, maio de 2012. Fonte: Prefeitura de Santo André.

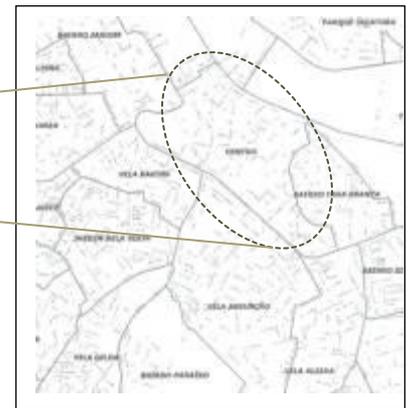


Figura 3. Detalhe de área de estudo circundada com elipse de mapa da área urbana subdividida em áreas censitárias, junho de 2012. Fonte: Prefeitura de Santo André.

O arco temporal para essa análise é o período de um século compreendido pelos anos de 1911 a 2011. Ponderamos que:

... se a história está destinada, por natureza, a dedicar uma atenção privilegiada à duração, a *todos* os movimentos da duração em que ela pode decompor-se, a longa duração nos parece, nesse leque, a linha mais útil para uma observação e uma reflexão comuns às ciências sociais (BRAUDEL, 2005, p.75).

Quando comparamos o limite temporal de Santo André ao das demais cidades brasileiras do estado de São Paulo, verificamos que grande parte das cidades desse Estado se organizou a partir do século XIX, em especial com a expansão da cultura cafeeira e da introdução do trem como meio de transporte. O arco temporal proposto para o nosso estudo praticamente abarca todo o período de consolidação dessa localidade enquanto núcleo urbano e que guarda familiaridade com a cidade atual.

Nesse sentido avaliamos que o período pode nos garantir análise consistente sobre a transformação da paisagem. Não desejamos, no entanto, manter nosso foco de análise no longo tempo por si só. Antes, buscamos exercer o diálogo entre as temporalidades, pois entendemos que no tempo curto ocorrem ações individuais, cotidianas e constitutivas do mundo social. E estas continuam sendo molde para que as ações subsequentes tenham sentido e significado (RODRIGUES, 2009). Entendemos, por fim, que: “a história é a soma de todas as histórias possíveis: uma

coleção de ofícios e de pontos de vista, de ontem, de hoje e de amanhã” (BRAUDEL, 1990, p.17).

O marco de início – 1911 – relaciona-se ao momento em que se oficializou a criação do Distrito de Santo André para a localidade denominada anteriormente de Estação de São Bernardo (Lei estadual nº 1.222-A de 14/12/1910). Cabe salientar que esse distrito tinha como sede a localidade mais ou menos próxima da conformação geográfica da atual área central da cidade. Era um lugar de relativo destaque na organização do território de São Bernardo (município que abrangia desde 1889 toda a região do atual ABC¹), como se verá no Capítulo 3.

A reflexão se desenvolve durante o século XX, período em que houve incremento populacional com atração de populações migrantes; incremento de atividades industriais e comerciais que caracterizaram a cidade durante esse século; transferência política de distrito para município (1938); desmembramentos de diversos distritos em novos municípios (década de 1940/60); desenvolvimento da expansão urbana e aprofundamento das desigualdades sociais, além do período mais recente de dificuldades econômicas dos anos 1980/1990 e busca de alternativas políticas e econômicas a partir desta condição (2000/2011).

Durante boa parte do período a ser estudado, a área central manteve o papel de centro primordial de cidade. Essa condição garantiu à localidade boa infraestrutura de serviços municipais básicos, instalação de edificações de maior destaque arquitetônico, serviços e comércios pujantes, atividades culturais e de lazer, qualificadores que fomentavam a vinda da população dos bairros para usufruir dessas condições.

1.2. Categorias de Análise

Com vistas a investigar nossa problemática é objetivo da pesquisa compreender como se produziu a organização do espaço urbano, bem como a manutenção de

¹ O ABC é uma denominação popular da região que se conforma, na atualidade, pelos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

sua feição e como atores sociais interferem nesse movimento, no período de um século, propomos a utilização de três categorias de análise: a paisagem da cidade; as dinâmicas do território – aspectos demográficos, econômicos e a ocupação e regulação do espaço urbano pelo poder público municipal; e a produção cultural expressa por meio da literatura e da fotografia.

Em capítulos subsequentes iremos alargar nosso horizonte a respeito desses elementos, mas acreditamos de interesse, explicitar nessa Introdução de cunho metodológico as informações do que contém cada uma dessas categorias.

A. Dinâmicas territoriais

A interação entre alguns aspectos das dinâmicas territoriais favorecem nossa análise de modificação da paisagem. São várias as possibilidades de análise, mas nos ocuparemos de três feições básicas: aspectos demográficos, com destaque para os dados de incremento populacional ao longo do tempo; aspectos econômicos; e aqueles associados à ocupação do espaço urbano e regulação do poder público municipal.

Entendemos que refletir sobre a ocupação do território nos leva conjecturar sobre deslocamentos e permanências de pessoas em um determinado espaço físico no decorrer dos anos. Compreender a trajetória do incremento populacional contribui para a análise das mudanças socioeconômicas e culturais do território e, sua apreciação, aponta aspectos que auxiliam na compreensão da lógica de ocupação do espaço bem como das escolhas que atores sociais praticaram no decorrer do tempo. As escolhas e os caminhos de desenvolvimento de forças produtivas e da divisão do trabalho entre os atores sociais de uma cidade, além dos impactos que essas alternativas desenham no território, favorecem igualmente o entendimento da transformação da paisagem e os rumos que as localidades tomam no presente.

É preciso considerar também que o Estado tem papel fundamental no ordenamento jurídico e planejamento urbano. A criação de normas e legislação urbana se caracterizou como “marco delimitador de fronteiras de poder” (ROLNIK, 1997, p.13). A partir de meados de século XIX se organizaram diretrizes urbanísticas direcionadas aos problemas mais prementes como saneamento, construção de habitações para trabalhadores, abastecimento de água, iluminação pública,

zoneamento etc. Apenas nos meados da década de 1950 é que se desenvolveram discursos associados ao planejamento de cidades brasileiras (VILLAÇA, 2010, p.177).

Em pesquisa exploratória de trabalhos recentes que focalizaram retrospectivas históricas de dinâmicas territoriais, nas quais examinaram a ocupação e uso do espaço urbano, bem como pesquisas que analisaram o papel de planejamento do poder público local, detectamos os seguintes estudos: RODRIGUES, 2008; VARGAS, 2006; SOUZA, 2002; ROMANCINI, 2001; SILOTO DA SILVA, 1996.

Além destes que investigaram diversas localidades, temos pesquisadores que se dedicaram à análise específica de Santo André. Uma das autoras é PASSARELLI (1994 e 2005) que trata da relação entre o sistema ferroviário e a evolução urbana de Santo André, com ênfase nos parcelamentos de terra e planos urbanísticos desenvolvidos pelo poder local (1994). Em seu doutorado (2005) a autora aprofunda a discussão com vistas a entender a lógica dos povoados-estação que se localizaram em áreas lindeiras de estações ferroviárias (no caso a de Santo André) e seu papel como irradiador de características físicas e socioeconômicas para outros núcleos urbanos da cidade.

Outro autor, ALVAREZ (1994), parte de um viés geográfico e destaca a produção de vazios urbanos organizados após a transferência de indústrias e a utilização desses espaços vagos por empreendimentos comerciais. SAKATA (2006) avalia a proposta de planejamento do Projeto Tamanduatehy, com destaque para as transformações ocorridas em Santo André entre os anos 1975 e 2005, observando-se as formas de intervenção urbana proposta e a correspondência com formas de pensamento e políticas de planejamento em Santo André, em nível regional e no Brasil.

GUIDES (2008) estuda a instalação de moradias populares na primeira metade do século XX em Santo André, realiza retrospectiva do uso do espaço e identifica o papel do poder público municipal na organização do movimento de ocupação dos vazios da cidade. ALVAREZ (2009) aponta mutações da paisagem em Santo André com a desativação de plantas industriais em tecidos urbanos densamente edificadas. Sua abordagem remete ao momento atual em que grande parte desses vazios é reincorporada à lógica da cidade por meio da pressão imobiliária.

PEGURER (2012) investiga, no âmbito do planejamento urbano, os usos públicos ou privados de áreas comuns de parcelamento de solo urbano de Santo André.

Não detectamos, no entanto, no caso de Santo André, pesquisa que envolvesse a apreciação da permanência da paisagem e seu diálogo conjunto com as categorias de análise propostas por esta pesquisa.

B. Produção Cultural: literatura e fotografia

Uma primeira consideração diz respeito ao que entendemos por produção cultural. Sabemos que o termo produção implica em uma relação de geração de um artefato, uma ideia, enfim, um trabalho. Geralmente, está envolvido nessa produção um valor econômico, seja no ato da produção em si ou no de difusão do bem produzido. E, com produtos culturais, a questão não é diversa. No entanto, não focalizaremos o valor econômico envolvido na produção cultural ou produtor cultural, mas de forma mais ampla, nos interessa a terminologia produção quando a situamos na esfera da criação e do registro de uma manifestação cultural ou linguagem artística.

Diante dessa primeira ressalva, pretendemos investigar, no mesmo arco temporal, registros da produção cultural de escritores e fotógrafos que dialoguem com o recorte físico proposto com vistas a examinar como suas obras evidenciam as transformações da paisagem.

A abordagem junto a registros culturais nos permite pesquisar e conjecturar alguns apontamentos sobre a sociedade e sua relação com o espaço que a circunda. As duas linguagens – literatura e fotografia – foram selecionadas, pois elas se aproximam uma da outra quando se aborda a retenção de uma imagem. Nesse sentido, como diz Alfredo BOSI:

... a imagem é um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo. [...] A imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho. Com a retentiva começa a correr aquele processo de coexistência de tempos que marca a ação da memória: o agora refaz o passado e convive com ele (BOSI, 1977, p.13).

O mesmo autor nos lembra de que, para além da imagem em si, há um movimento de apropriação e que ela pode se dar por meio da palavra. Diz ele que: “o fenômeno

verbal é uma conquista na história dos modos de franquear o intervalo que medeia entre corpo e objeto” (BOSI, 1977, p.21).

Há alguns aspectos sobre a produção cultural a serem destacados para nosso caso de Santo André. Na linguagem literária, após uma primeira abordagem das fontes, observamos que para acompanhar o desenvolvimento dessa linguagem ao longo do tempo será preciso analisar dois gêneros literários - poesia e crônica. Verificamos que há momentos em que a produção é mais regular e em outros momentos em que há poucas referências literárias a serem investigadas. Notamos que a maioria dos produtores culturais dessas duas linguagens são amadores e desenvolvem outras atividades além da cultural.

A poesia foi o primeiro gênero literário que se manifestou na cidade, em 1904 (MELO, 2000). Apesar da poesia inicialmente ter sido marcada pelo lirismo, o conteúdo social se organizou paralelamente ao teor lírico. Os poemas que nos interessam são aqueles que tratam da cidade e sua transformação. Destaque para os poemas de Wagner Calmon (2006), Dalila Teles Veras (décadas de 1990 em diante), Zhô Bertholini (década de 1990 em diante), entre outros.

O gênero da crônica foi selecionado, pois se caracteriza pela relação imediata com o tempo (a palavra se origina de *Chronos*, deus grego do tempo) e com o vivido. Em Santo André este gênero se organizou de diferentes maneiras. De forma geral, os cronistas são amadores e entre eles podem ser citados de imediato: Antonio Possidonio Sampaio (1993, 1996, 2000, 2006, 2012), Dalila Teles Veras (1999, 2000a, 2000b, 2012) e Valdecirio Teles Veras (2000). Há, porém, outro segmento que faz crônica a partir da memória conservada do cotidiano vivido e que, para os períodos mais recuados no tempo, é importante fonte de informação. São os casos de: Holando Lacorte (1985), Carlos Galante (1996), Ester Moura Barreto (1996), Alice Zerrenner Galuzio (1997), Walter Bevilacqua (1997), Haroldo Santos Abreu (2000), José Bueno Lima (2010).

No campo da fotografia, fez-se um recorte entre os fotógrafos que apresentam aspectos da paisagem. KOSSOY (2001) evidencia a importância em se inserir fotografias na análise da realidade social e como as investigações de diversos

campos de conhecimento (história, ciências sociais, psicologia, linguística etc.) podem se enriquecer com a utilização dessa fonte de pesquisa.

Para BURKE (2003) fotografias são valiosas por se caracterizarem como evidência da cultura material do passado. O autor ainda lembra de que a evidência visual é particularmente importante para os pesquisadores que se dedicam à história do urbano, mas alerta o quanto é necessária a contextualização dessa produção enquanto fato social que não está descolado no tempo e no espaço. Adverte-nos que: "... uma leitura de uma imagem da sociedade como uma simples reflexão ou instantâneo fotográfico acaba se revelando como uma possibilidade de conduzir a uma interpretação errônea" (BURKE, 2003, p.143). Diz ele, citando o crítico Alan Trachtenberg: "... na fotografia vemos o mundo pelo ângulo parcial da câmera, da posição em que ela estava no momento em que o dispositivo para bater a chapa foi acionado" (BURKE, 2003, p.149).

A pesquisa se volta a fotógrafos profissionais ou amadores que se aplicaram a fotografar a área central. Em nosso caso, quanto mais se recua no tempo, mais encontramos amadores que desenvolveram essa atividade e menos fotógrafos profissionais. E, como amadores, sua produção é dispersa e nem sempre contínua. No entanto, de modo geral, há uma produção que cobre todo o arco temporal proposto, ainda que seja difícil analisar a trajetória de todos os fotógrafos de forma contínua. Destacamos Carlos Haukal (décadas de 1930/50), Octaviano Gaiarsa (décadas de 1960/1980), João Colovatti (décadas de 1970/1990), acervo Prefeitura de Santo André (décadas 1990/2000), coleção "7Cidades" e Marcello Vitorino (pós 2000).

C. Transformação da Paisagem

Essa categoria de análise enseja a paisagem no seu contorno dialético da permanência e da mutação. Há, portanto, incluso o significado do termo mudança, no sentido do devir associado a ela. Além disso, a paisagem possui uma materialidade que se complementa com elementos imateriais. Há na paisagem um aspecto que leva em consideração o valor documental atento a ela, mas, é preciso ir além. "É possível afirmar que a paisagem é sempre interpretada e reconhecida a

partir de aportes culturais e atribuições simbólicas conferidas a ela por seu observador” (VASCONCELLOS, 2012, p.55).

Em outras palavras, a paisagem é socialmente construída, sendo alterada, subtraída, acrescida de elementos diversos. São permanências e rupturas que se refletem por meio de objetos, edificações, arruamentos, práticas etc. e que se metamorfoseiam no tempo. Interessam-nos particularmente aquelas paisagens que passam por esse ciclo de vida, mas que mantém elementos físicos de sua morfologia primordial.

Engendrada à paisagem há um jogo de poder entre o espaço, os grupos sociais, seus interesses e sua vivência. E a produção cultural, não está alheia a essa condição. Existe uma comunicação presente e interessada em apresentar uma forma de (se) ver, enfim de se apropriar do universo citadino. E, quando escritores e fotógrafos gravam um determinado aspecto, têm ali uma intenção, uma vontade, uma maneira de enxergar o objeto e registrá-lo. A análise por meio da produção cultural advinda desse olhar pode ser componente significativo para a compreensão da transformação da paisagem urbana, em especial na esfera local.

O modo de viver é fragmentário e sua percepção também o é. Não encontraremos o todo do que passou e nem mesmo tal como ele foi. São construções de discursos sobre um local para as quais cabe ao pesquisador atentar às representações sociais que se produzem ali. Estão em relevo “... experiências coletivas de abrangência mais ampla e em constante processo de reorganização no tempo, por não poderem ser desvinculadas do contexto social que as produz e que é por elas produzido” (FRESHE, 2005, p.31).

Um bom exemplo sobre a importância da apropriação e ressignificação empreendida pelos atores sociais no espaço vivido é apresentado em uma obra clássica do cartunista Will Eisner, ‘Avenida Dropsie – a vizinhança’, de 1995. Nessa história o autor retrata a transformação de uma região de Nova Iorque, ao sul do Bronx, sua terra natal, e que foi abandonada durante muitos anos pela população e pelo poder público e recentemente passou por um ‘renascimento’ (em 1990, segundo palavras do autor). Will EISNER reflete sobre a importância da apropriação do espaço pelas

peças para que tal ação se realizasse e como ela está atrelada ao aspecto temporal. Diz ele:

Se você vem de uma cidade grande, a rua na qual você nasceu, cresceu e amadureceu foi sua 'terra natal', e ela sempre foi conhecida como vizinhança. [...] Vizinhanças têm períodos de vida. Elas nascem, evoluem, amadurecem e morrem. Mas, enquanto essa evolução é mostrada pelo declínio de seus prédios, me parece que a vida dos habitantes é a força interna que gera a decadência. As pessoas, não os prédios, são o coração da matéria (EISNER, 2009).

Reflete-se, por meio da observação do cartunista a importância que a voz dos atores sociais tem na apropriação do espaço pelos habitantes que conferem sentido ao lugar. Kevin LYNCH nos adverte que ao analisar a cidade é necessário não apenas observar os aspectos físicos, mas também o modo como a cidade é percebida pelos habitantes (LYNCH, 1997, p.3). E CHOAY ainda nos lembra de outra preocupação desse autor que se associa a nosso objeto:

o espetáculo da cidade pode produzir um prazer especial, qualquer que seja a banalidade da visão que nos oferece. Como um fragmento da arquitetura, a cidade é uma construção dentro do espaço, mas uma construção em larga escala, um objeto perceptível só através de longas sequências temporais. [...] as sequências são invertidas, interrompidas ou cortadas, de acordo com as ocasiões e os indivíduos que as percebem (CHOAY, 2005, p.308).

Percebe-se, diante disso, a importância do diálogo entre as informações que podem ser colhidas a respeito do território e a produção que atores sociais imprimem a sua cultura. Este aspecto configura-se bastante potencializado no âmbito local e *per se* justifica a pesquisa que nos propomos realizar. Como disse MARTINS: "... A história não está corretamente decifrada pelos pesquisadores se não estiver referida a esse âmbito particular que é o do sujeito e o da história local, isso é, o modo de viver a história" (MARTINS, 2008b, p.117).

Esta categoria de análise é observada por meio de mapas desenvolvidos a partir dos elementos associados às dinâmicas territoriais, com destaque à intervenção do poder público municipal no espaço urbano, e a produção cultural selecionada. Os mapas são o elemento que caracteriza o diálogo entre as demais categorias de análise e nos reportará à transformação da paisagem.

Em suma, esse é o universo de nosso objeto de pesquisa e as categorias de análise propostas. Em revisão bibliográfica junto a estudos realizados nos últimos anos referentes ao universo dessa dissertação e, em especial no que diz respeito às categorias de análise propostas e a intersecção entre elas, detectamos que há

dissertações de mestrado e teses de doutorado que tocam em aspectos relacionados à nossas categorias de análise. Mas, estas se apresentam relacionadas a uma ou outra categoria e não na interação entre elas e nem mesmo com o olhar que nos propomos nessa investigação. Diante desta constatação, observamos que nossa intenção de colocar em diálogo aspectos das dinâmicas territoriais e da produção cultural, apesar do desafio em pisar por caminhos pouco trilhados, nos parece um bom caminho para a reflexão sobre aspectos atinentes ao planejamento e gestão de cidades.

A maioria das pesquisas se desenvolve no campo da geografia como é o caso de MARIA (2010), que focaliza a paisagem observada a relação entre a literatura da geografia e da antropologia observando-se a relação entre o meio, o homem, a cultura e a natureza. Outra dissertação a ser destacada é a de MELO (2010) que organiza sua investigação em torno da identificação de unidades de paisagem em Ubatuba (SP), com vistas a avaliar as interações entre a dinâmica social e aquela da natureza. Ainda no campo da Geografia localizamos a tese de doutorado de MAGNI (2008) que aproxima a geografia da literatura, tendo por base territorial a cidade de São Paulo em meados do século XX, observada nas crônicas de Luis Martins que expressam aspectos do cotidiano e a paisagem é analisada sob o ângulo das representações sociais associadas às percepções do escritor.

FUJITA (2009) apresenta em seu doutorado, apresentado na área de concentração da arquitetura – paisagem e ambiente, a investigação que se reporta ao âmbito da periodização da formulação de políticas públicas de cunho territorial que associam diversos olhares: sociais, históricos, econômicos e políticos, com vistas a intervir em desafios de ordem urbano-ambiental. Observa-se na pesquisa o papel dos movimentos sociais na interação dos conflitos urbanos e ambientais, focalizando-se sua ação na formulação de novos arranjos em benefícios de interesses da coletividade.

PEREIRA (2010) desenvolve seu doutorado na área de História Social e focaliza outro campo de conhecimento: a fotografia amadora do final do século XIX e início do século XX. Seu foco localiza-se na produção de um fotógrafo sobre Rio de Janeiro e Petrópolis e as interações com o ambiente natural, os laços familiares e a cidade, com vistas à observância da comunicação que a produção fotográfica

enseja. Ainda no âmbito da fotografia, outro doutorado que chamou nossa atenção foi o de RODOLPHO (2012) que localiza a fotografia urbana contemporânea a partir de uma análise da representação da cidade, com destaque para as décadas de 1960 e 1990 e para a temática do cotidiano urbano.

Finalmente, ressaltamos que as categorias propostas nessa pesquisa são focalizadas em alguns trabalhos, mas a originalidade dessa dissertação está na possibilidade que se coloca frente à reflexão que parte do diálogo e interação de elementos associados à percepção que atores sociais nos apresentam por meio de sua produção cultural e de aspectos ligados às dinâmicas do território, em especial o ordenamento e planejamento urbano. Associado a esse diálogo está a análise da transformação e da permanência das paisagens, observadas a partir da periodização construída para essa investigação.

1.3. Do Método de Pesquisa

A opção metodológica reside na pesquisa qualitativa, pois esta se encaixa melhor aos procedimentos empregados ao objeto de pesquisa proposto. Partiu-se da opinião de que pesquisa qualitativa é aquela que se caracteriza por permitir ajustes durante o desenvolvimento da pesquisa, por sua capacidade de se ocupar de objetos complexos e incluindo os que são relativos a momentos passados, por garantir a possibilidade de combinar diferentes técnicas de coleta dos dados e pela análise de vários aspectos da vida social concernentes à cultura e à experiência vivida (POUPART et al., 2012).

A pesquisa qualitativa bem se adapta aos casos em que:

o pesquisador localiza no tempo e no espaço os momentos em que as estratégias dos atores se evidenciam conjuntamente, e também reúne as perspectivas até então manifestadas enquanto intenções individuais (POUPART et al., 2012, p.131)

Diante das considerações iniciais nossa investigação apoia-se em fontes de duas ordens: textual e iconográfica. Essas fontes nos permitem acrescentar a dimensão

temporal à análise, uma vez que são documentos produzidos em diversos momentos e que se perpetuaram.

No caso dos registros culturais, foram consideradas as fontes primárias, produzidas pelos próprios autores. E para compor os perfis de cada um dos escritores e fotógrafos, inclusos no Capítulo 3, optamos em coletar informações em sites, blogs, catálogos e documentos que nos garantissem as informações necessárias para que pudéssemos situá-los no seu campo de atuação.

Realizamos o estudo das dinâmicas do território por meio de fontes primárias e secundárias afeitas aos temas selecionados. Por se tratar de um estudo localizado geograficamente, nos utilizamos prioritariamente das fontes salvuardadas no Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa que é detentor de fontes primárias e secundárias sobre a cidade. Também foram realizadas consultas por meio virtual em sites que agregam dados e informações tocantes a nossa investigação. O resultado pormenorizado dessa investigação pode ser apreciada no Apêndice 1 desta dissertação.

Como o material de análise é amplo cabe uma explicação a respeito de nosso ponto de saturação. Este se refere ao momento em que o pesquisador determina que o seu material de análise (ou empírico) é suficiente para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo BERTAUX (1999) é necessário diversificação do material, alicerçada não somente na observação de campo, mas antes, no plano da representação que os pesquisadores constroem pouco a pouco. A saturação confere uma base sólida para que possam ser feitas as generalizações na pesquisa.

Em referência a esse princípio, realizamos amplo rastreamento em acervos públicos e particulares. Após a separação das diversas fontes possíveis, chegamos ao primeiro ponto de saturação que indicou quais os fotógrafos e escritores deveriam compor nosso universo de investigação.

Desta primeira seleção, escolhemos aquelas coleções que trouxeram maior consistência a nossa pesquisa no que se refere ao tipo de material e possibilidades de abarcar o arco temporal proposto. Este material foi submetido a um exame mais aprofundado, com a criação de tabelas para análise e classificação. Foi também neste momento que determinamos o nosso ponto de saturação final.

As tabelas encontram-se no Apêndice 2 e mediante seu exame é possível observar que ao todo foram selecionados 494 itens, e cada qual possui informações que lhe conferem qualidades que nos permitem identificar a localização e informações que garantem cruzamentos necessários para que nossa hipótese possa ser avaliada.

Em seguida, com as referências espaciais coletadas foram construídos mapas organizados em diferentes categorias: por décadas e por períodos associados à periodização explicitada pelas dinâmicas do território e à inserção das produções culturais – literatura e fotografia. Há também aqueles que agregam ambas as produções culturais. Eles se constituíram em apontamentos visuais sobre uma base geográfica (*Google Earth*) dos registros na paisagem.

No caso dos mapas da produção cultural, convém explicitar como os entendemos, tendo em vista a existência de pesquisas específicas sobre o assunto (VIEIRA, 1998; MENEZES, 2007; SOARES, 2010). Em nosso caso, esses mapas partem da concepção de cultura associada ao desenvolvimento do ser humano e melhoria de sua qualidade de vida. Em outras palavras, o modo de ser que toca aspectos imateriais, encontra na materialidade do território formas de se expressar. Assim podemos afirmar que dentre as diversas formas de enxergar a cultura, uma delas é olhá-la como um mapa de significados por meio do qual o mundo é compreendido (SOARES, 2010, p.3).

Um mapa da produção cultural é, portanto, mais do que um inventário de locais que se inscrevem no meio físico das localidades. Antes, é aquele que nos permite compreender as características, a forma de se apropriar do espaço de um dado grupo social. E isso pode ser evidenciado por meio da localização de elementos que permanecem ou não no espaço físico de um mapa.

Ainda que haja estudos da geografia que identificam métodos para estudos de mapeamentos, JACKSON (1994), CLAVAL (1999), SEEMANN (2010), nosso intuito será apenas nos utilizarmos da base física de mapas gerados pelo programa citado acima, como suportes das informações que serão recolhidas a partir dos levantamentos realizados junto a nossas fontes de pesquisa. Não há nenhuma intenção de localização georreferenciada, ainda que o *Google Earth* permita essa

função. Trata-se de uma utilização livre desse instrumento para visualização das marcações investigadas e os resultados apresentados no Capítulo 4.

Paralelamente a essa movimentação no arco temporal dessa investigação, explicitamos outro aspecto de nosso método de pesquisa, qual seja a análise sincrônica – ditada pela periodização construída a partir das dinâmicas territoriais analisadas – entre as variáveis: literatura, fotografia e intervenção do poder público local na área central para efetuar exame das possibilidades de diálogo entre elas. O entrelaçamento entre esses dois movimentos se mostra rico para o desenvolvimento do pensamento sobre as temporalidades da paisagem, levando-se em conta a ação das dinâmicas que refletem sobre o território e a ação própria do indivíduo que desenvolve sua criação cultural. Os resultados dessa interface serão apresentados no Capítulo 4.

Para a análise dos conteúdos explicitados – tabelas, mapas e cruzamentos entre informações – levamos em consideração ARGAN (2005) que identifica a importância do valor que as pessoas atribuem aos lugares. E, não é necessariamente um valor em si, mas a atribuição do valor. Observamos que as cidades possuem certos traçados, certos pontos de convergência, certos lugares para os quais há atribuição de valores. E estes podem se configurar comuns tanto para vários indivíduos como para uma comunidade, uma vez que há percursos comuns por onde muitos passam e mesmo locais e objetos para os quais a atribuição de valor se traduz em lembranças apontadas no momento da produção de registros.

A intersecção entre os diversos elementos que esta investigação propõe, ressalta a importância das interligações entre as estruturas espaciais, sociais, econômicas, culturais analisados no longo tempo. Sem prescindir, claro, dos homens. Como nos legou Marc Bloch:

O objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais do que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, (os artefatos ou máquinas) por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições mais desligadas daqueles que a criaram, são os homens que a história quer capturar. [...] O historiador não apenas pensa o 'humano'. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas delas, quer, por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e

como o lugar de sua inteligibilidade (BLOCH, 2001, p.54 e 55).

Diante do exposto, evidencia-se que uma via de acesso para a compreensão das práticas e representações da sociedade imersas em um dado lugar significa 'historicizar' a cidade: investigando-a, levando em conta sua prática e representações cultivadas pela sociedade que a institui e a transforma continuamente (MENESES, 1996a, p.147).

Essa é a proposta de trabalho dessa dissertação: analisar em perspectiva histórica, no longo tempo, um lugar que simbolicamente se designou como centro de Santo André. Entende-se que, com vistas a evidenciar os desafios e dilemas da cidade hoje, faz-se fundamental avaliar as diversas temporalidades entrelaçadas no universo urbano, tanto no que se refere a seu espaço físico, bem como no âmbito de sua produção cultural.

As proposições iniciais incitadas nesta Introdução nos levam a uma hipótese norteadora desta dissertação, e para a qual buscaremos elementos que possam garantir bases de investigação e análise. Ela pousa na crença de que as transformações da paisagem da área central de Santo André, baseadas em modificações próprias da dinâmica da cidade e, em especial, por meio de interferências ensejadas pelo poder público municipal, são percebidas e registradas nas criações culturais de escritores e fotógrafos que tomaram essa paisagem como base para sua produção cultural. Os capítulos subsequentes nos apresentarão informações e resultados que, coligidos e analisados nas Considerações finais, auxiliarão a evidenciar se a hipótese inicial persiste ou deve ser refutada.

2. A CIDADE: PAISAGEM, TERRITÓRIO, LUGARES E MEMÓRIA

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos
 nós cegos, puxo um fio que me aparece solto.
 Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os
 dedos.
 É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos,
 e tem a macieza quente do lodo vivo.
 É um rio.
 Corre-me nas mãos, agora molhadas.
 Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de
 repente não sei se as águas nascem de mim, ou para
 mim fluem.
 Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o
 próprio corpo do rio.
 Sobre a minha pele navegam barcos, e sou também os
 barcos e o céu que os cobre e os altos choupos que
 vagarosamente deslizam sobre a película luminosa
 dos olhos.
 Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas
 águas como os apelos imprecisos da memória.
 Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga.
 Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e
 firme pulsar do coração.
 Agora o céu está mais perto e mudou de cor.
 É todo ele verde e sonoro porque de ramo em ramo
 acorda o canto das aves.
 E quando num largo espaço o barco se detém, o meu
 corpo despido brilha debaixo do sol, entre o
 esplendor maior que acende a superfície das águas.
 Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas
 da memória e o vulto subitamente anunciado do
 futuro.
 Uma ave sem nome desce donde não sei e vai pousar
 calada sobre a proa rigorosa do barco.
 Imóvel, espero que toda a água se banhe de azul e que
 as aves digam nos ramos por que são altos os
 choupos e rumorosas as suas folhas.
 Então, corpo de barco e de rio na dimensão do homem,
 sigo adiante para o fulvo remanso que as espadas
 verticais circundam.
 Aí, três palmos enterrarei a minha vara até à pedra
 viva.
 Haverá o grande silêncio primordial quando as mãos se
 juntarem às mãos.
 Depois saberei tudo.

José Saramago, *Protopoema*, 1985.

O poema de José Saramago [1922-2010] foi publicado na obra *As pequenas memórias*, em 2006, mas as informações ali contidas foram buriladas pelo escritor por cerca de vinte anos. Foi um trabalho silencioso pelo qual Saramago “queria que os leitores soubessem de onde saiu o homem que sou”.²

Na obra citada, o escritor oferece pequenas histórias de infância e adolescência que, para seu espanto, permaneceram vivas dentro de si. São lembranças compartilhadas com os leitores que tem como ponto de partida sua aldeia natal: Azinhaga, Portugal.

Reconhecer o lugar onde residiu em sua infância como significativo para suas memórias e abarcar fragmentos da paisagem na qual a criança estava inserida, leva à reflexão sobre a relevância do legado que ela teve em sua experiência de vida. E não apenas no livro em questão, mas também quando, já adulto, publicou pela primeira vez o “Protopoema”³. Era um novo momento em que o rio límpido dos banhos de outrora, tinha outro aspecto: poluído e malcheiroso.

A consciência da perda de paisagens devido às transformações que se operaram no tempo e no espaço, o levou a escrever que essa ausência há muito não lhe causava mais sofrimento, pois “... pelo poder reconstrutor da memória, posso levantar em cada instante as paredes brancas, plantar a oliveira que dava sombra à entrada, abrir e fechar o postigo da porta e a cancela do quintal...” (SARAMAGO, 2006, p.16).

Essa força poderosa da memória, que recupera paisagens no imaginário pessoal de cada um, permite que pensemos a respeito das ligações que se organizam entre territórios, lugares, paisagens e memórias no momento em que se reflete a respeito de ambientes cultivados pelo homem. Convém conjecturar sobre suas relações no âmbito da sociedade, e compreendê-los inseridos na trajetória de grupos de indivíduos que constituem vínculos entre si e com o lugar em que se estabeleceram.

Com vistas a principiar o caminho de apreensão dessas inter-relações, buscamos definir alguns conceitos. Não pretendemos esgotar o assunto nesse capítulo, mas antecipar ponderações conceituais que se apresentam no decorrer da pesquisa.

² Extraído do site: <http://www.josesaramago.org/22015.html>, acessado em 5 de novembro de 2012.

³ O poema “Protopoema” foi publicado pela primeira vez em *Provavelmente Alegria*, Lisboa: Editorial Caminho, 1985.

2.1. Paisagem

Walter BENJAMIN, em 1933, anteviu em seu artigo ‘Experiência e Pobreza’, paisagens que podem ser observadas nos dias atuais. Em sua crítica ao mundo que se desenhava no pós-guerra de 1914, criticava a *Bauhaus*, escola de pensamento arquitetônico alemão, em sua tentativa, por meio do uso do aço e do vidro, de apagar os rastros deixados pelas gerações passadas. Dizia ele: “o novo ambiente de vidro mudará completamente os homens” (BENJAMIN, 1985, p.118). A evidência da nova paisagem arquitetônica com prédios envidraçados – material, segundo ele, tão duro, tão liso, tão frio, no qual nada se fixa – permitiu-lhe traçar um paralelo com a pobreza de espírito que rondava o pensamento da sociedade alemã nos meados do século XX. Diz o autor:

... ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’ (BENJAMIN, 1985, p. 119).

Hoje a paisagem a cada dia mais midiática, referencia indagação semelhante de PEIXOTO:

No horizonte, um mundo cada vez mais opaco. Quanto mais se retrata, mais as coisas nos escapam. Uma obsessão que, ao invés de criar transparência, só redobra essa saturação. Qual o destino de nossas imagens, esses espectros descartáveis e sem significado? (PEIXOTO, 2003, p.9).

Respostas para essa pergunta ainda são vagas e incidem sobre a transitoriedade das paisagens do tecido urbano. Não perseguimos, esclarecemos de imediato, uma visão imobilizadora das paisagens. Antes, tratamos de localizar quais são aquelas que se mantém e onde se situam esforços para sua manutenção. E, no contraponto, refletimos quais aquelas paisagens que desaparecem ou são esquecidas no riscado urbano. Trata-se, portanto, de uma via de mão dupla, dialética em sua essência. A dinâmica das paisagens que se organiza entre o permanecer e esquecer, o fixar e o desenraizar, o unir e o fragmentar pode se configurar como um traço de atenção. Diante dessas considerações, faz-se oportuno clarificar o conceito de paisagem associado a essas indagações.

Seu corpo teórico se organizou a partir do final do século XIX no âmbito da geografia. (RIBEIRO, 2007) A partir de então, considerações a seu respeito estão presentes em reflexões de diversos profissionais que apontam para as transformações do espaço. Muitos desses estudiosos – geógrafos, arquitetos, ecólogos, antropólogos, entre outros – se utilizam da noção de paisagem no intuito de compreender a trajetória do meio ambiente em nossa contemporaneidade.

De início, há um ponto de vista coloquial para a paisagem. Geralmente esta se refere à percepção visual que se tem à distância, na qual o observador se sente fora do ‘objeto’ contemplado (SANDEVILLE JÚNIOR, 2005, p.50). A paisagem por esse ponto de vista é onde não se está, encontra-se além e, dessa forma, não diz respeito imediato a seu interlocutor.

Outro aspecto a esse se associa ao tratamento da paisagem como cenário ou pano de fundo de um acontecimento. Não é parte deste, apenas serve de apoio ao que ocorre. Se transportarmos esse pensamento para o meio urbano, trata-se de uma paisagem que induz a uma cidade-panorama, cuja condição de possibilidade é o esquecimento, pois não há relação de significado com esse local. A visibilidade que se tem é de cima, distante, como sabiamente lembrou DE CERTEAU (1994) e não permite observar interesses e anseios daqueles que vivenciam a cidade ‘lá embaixo’.

Ambos os conceitos não condizem com o entendimento que pretendemos abordar nessa pesquisa. Ao observar o sentido etimológico da palavra vemos que ela deriva do termo francês *paysage* que deriva de *pays*, que significa país, território, pátria (SANDEVILLE JÚNIOR, 2005, p.50). Ou seja, mais do que visualidade, o termo remete a outro universo de significados. Compreender a paisagem a partir unicamente da percepção visual a que ela remete a reduziria a um acessório, aspecto decorativo, o que definitivamente ela não é.

A paisagem é construída pelos homens e se compõe de mudanças e permanências, resultado de diálogos de fatores ambientais e históricos. Ela carrega, portanto, duas naturezas: uma integrada a sua materialidade e outra associada a sua representação e estas se compõem em uma realidade indissociável, com ritmos de desenvolvimento e distinções que coexistem no tempo. ARGAN, ao identificar o

nascimento de cidade nos lembra de que a interferência dos processos sociais sobre a natureza é fundamental. Diz ele que a cidade não se funda, se forma. As cidades fundadas e construídas por imposição não tiveram desenvolvimento, não são cidades (2005, p.234).

A paisagem da cidade, portanto, é fruto da ação dos homens. Em outras palavras, ali se impregna a cultura e a memória do grupo, retida em bens materiais e imateriais. São permanências e rupturas que se refletem por meio de objetos, edificações, arruamentos, atividades, formas de sociabilidade etc. A paisagem não é dada para todo o sempre. Ela é constantemente alterada, subtraída e acrescida de elementos diversos.

2.2. Território

A paisagem, como explicitamos, possui um componente material importante, mas incorpora também aspectos imateriais associados à percepção que as pessoas têm ou que imprimem a ela; estímulos a dinâmicas territoriais diversas no tempo. Diante disso, acreditamos ser significativo recorrer a outro conceito importante para nossa discussão: o território.

Definições para território existem várias e geralmente utilizadas em ciências que necessitam vincular informação com referências espaciais. Biólogos e ecólogos o utilizam para a análise do habitat e de como biomas e ecossistemas são utilizados pelos seres vivos. Antropólogos e etnólogos o empregam com o intuito de delimitar um dado espaço onde ocorrem interações simbólicas entre grupos sociais. Economistas empregam o conceito de território no intuito de compreender as relações entre local e sua relação com recursos ou atividades produtivas. Cientistas políticos enfatizam a construção das relações de poder e do Estado e geógrafos, por sua vez, o têm como um dos conceitos chaves de sua estrutura teórica.

Assim, é ampla a possibilidade de se abordar esse tema, dependendo-se de qual o interesse e enfoque da pesquisa. Para o nosso caso, achamos por bem nos posicionarmos junto à abordagem da geografia, em especial a partir da concepção

de que há uma relação fundamental entre a base material do espaço e as práticas sociais que nele se organizam.

Para compor nosso raciocínio levamos em consideração proposições apresentadas por HAESBAERT que, em diversas de suas obras (2011^a, 2011b), dialoga com o conceito e seu desenvolvimento no decorrer do tempo. É prudente, no entanto, que observemos que esse autor foca o território com vistas a compreender processos que advém deste. Dessa forma, para além da discussão sobre o que é território, sua argumentação principal reside na investigação e apuro dos processos de desterritorialização e das multiterritorialidades.

Outro autor que nos trouxe aspectos de reflexão importantes foi SAQUET (2011), que também, para além do território, dialoga com territorialidades e temporalidades, com vistas a compreender o desenvolvimento territorial.

Diante dessas observações iniciais, HAESBAERT (2011a) identifica quatro vertentes para a discussão de território: política, cultural, natural e econômica. E estas englobam duas correntes teóricas: materialismo e idealismo, com forte preponderância para a primeira corrente.

Focalizando os materialistas há aqueles que se envolvem com uma proposição naturalista, na qual são evidenciadas relações comportamentalistas dos animais e a sintaxe que a sociedade estabelece com a natureza. Para esse grupo de estudiosos há várias críticas, em especial associadas a certo determinismo ambiental, mas, por outro lado, seus pensadores influenciaram com a inclusão dos aspectos ambientais na esfera das relações da sociedade e natureza. “É necessário, portanto, de alguma forma, considerar a dimensão ‘natural’ que, em alguns casos ainda se revela um de seus componentes fundamentais. Mas nunca, é claro, de forma dissociada” (HAESBAERT, 2011a, p.55, destaque de ‘natural’ do autor).

Para os materialistas que abrangem uma concepção de base econômica, o autor identifica os geógrafos como principais fomentadores dessa perspectiva teórica. No caso brasileiro há o exemplo de SANTOS que situa o conceito na possibilidade de seu uso. Em um ensaio ele nos indica o que é para si o território:

.. não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas sobrepostas; o território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território

usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2011, p.14, grifo do autor).

Seu contributo está também em situar de forma relacional processos associados ao território, ou seja, situar a análise não apenas no âmbito político-cultural, mas incluir de forma indissociável os processos econômicos; o uso que se faz dele (HAESBAERT, 2011a, p.61). Importa observar, portanto, discussões sobre o domínio político do espaço a serviço de interesses econômicos (HAESBAERT, 2011b, p.52).

Autor destacado por SAQUET (2011) no âmbito dos materialistas é Giuseppe Dematteis (1999) que inclui no conceito de território a perspectiva histórica, estruturando o território a partir de um produto histórico de relações econômicas e políticas na natureza. Sobre o pensamento de DEMATTEIS:

O território é produto e condicionante da reprodução da sociedade. As mudanças que ocorrem na cidade resultam de processos políticos, econômicos e territoriais, ou seja, de fatores extra locais e locais e, ao mesmo tempo, a cidade influencia diretamente na reprodução das relações sociais aí estabelecidas historicamente (SAQUET, 2011, p.38).

Um estudioso que também introduz a perspectiva histórica a essa discussão é QUAINI (1974), pois ele situa no domínio central de sua discussão a importância das relações temporais associadas ao desenvolvimento do território. Os conceitos centrais de QUAINI são o tempo histórico, sincronia, espaço e território, apreendendo o território como produto de relações historicamente determinadas, em uma abordagem materialista das relações capital-trabalho, nas quais se constrói e se organiza o território (SAQUET, 2011, p.39). Além disso, o autor aborda também as relações escalares entre os territórios e enfatiza a importância da escala local na investigação e construção de políticas territoriais.

Outro grupo próximo às correntes materialistas, mas com certo hibridismo em sua formulação, identifica aspectos políticos ou fundamentos materiais do Estado como centrais para a discussão. Um teórico é GOTTMAN que nos anos 1950 identificou o território como unidade política, "... entendida como um conjunto de terras agrupadas em uma unidade que depende de uma autoridade comum e que goza de um determinado regime" (HAESBAERT, 2011a, p.67). Em outras palavras, há uma preponderância do papel do Estado, enquanto ente político da organização do

território. Para GOTTMAN o território é fruto da divisão social e da organização política do espaço (SAQUET, 2011, p.42).

Essa perspectiva, na atualidade, foi aprimorada, com a expansão do arco político para outros atores, mas ali, naquele momento, evidenciou-se, a necessidade de atender que não se tratava exclusivamente de um conceito agregado ao meio físico, enraizado no âmbito material do território. Um dos pensadores que desenvolveram esse conceito de forma ampliada foi RAFFESTIN (déc1980/90) que identificou o caráter relacional do território e a multidimensionalidade do poder, para além do Estado. O território não significa um espaço social em si, mas um campo de forças que opera sobre um substrato referencial.

Há no conceito de território, portanto, uma condição de movimento, especificidade e interconexão no tempo (HAESBAERT, 2011a, p.82). SAQUET parte dessa perspectiva e diz que a organização histórica e relacional do território assenta-se na construção de malhas, nós e redes, formando campos de poder historicamente construídos (2011, p.44).

Robert SACK igualmente investiga a estrutura das relações de poder e as identifica com o conceito de territorialidade, sendo este compreendido como o meio pelo qual espaço e sociedade encontram sua interação, atentando-se que há uma constante busca de manutenção de controle sobre o acesso a interesses e facilidades inseridas no território. SACK ainda inclui outro ingrediente a essa discussão: a dimensão cultural ou simbólica. Diz o autor:

Assim como a cultura, a tradição e a história mediam a mudança econômica, elas também mediam o modo como as pessoas e os lugares estão ligados, o modo como as pessoas usam as territorialidades e o modo como valorizam a terra (SACK, apud. HAESBAERT, 2011a, p. 90).

Na perspectiva de HAESBAERT, ambos os autores – RAFFESTIN e SACK – identificam o poder para além da óptica materializada e localizam esse poder também no âmbito simbólico e do que este representa no universo da produção de significados para a sociedade. São territorializações vivenciadas pelos grupos sociais na relação espaço-tempo. Nesse sentido, o poder envolve “não apenas as relações sociais concretas, mas as representações que elas veiculam e, de certa forma, produzem” (HAESBAERT, 2011a, p.93).

A nosso ver, nesse contexto teórico podemos pousar a nossa investigação. Mais do que em aspectos políticos, econômicos e sociais, *per si*, é nas representações que estas expressam, na esfera simbólica do poder, que podemos evidenciar confluências com o olhar que devemos impetrar a essa pesquisa. Além disso, trata-se de um território historicamente construído, no qual os processos de territorialização variam no tempo e no espaço onde articulações escalares devem ser postas em diálogo.

Acreditamos que com essa ênfase teórica possamos refletir sobre a paisagem e sua transformação no tempo, bem como sobre as possibilidades que ela enseja para a sociedade.

2.3. Lugares na cidade

Uma indagação que toca aos estudiosos do assunto diz respeito ao diversos entendimentos sobre a cidade. BRESCIANI afirma que desde os antigos, ponderações sobre a forma e a constituição das cidades faziam parte das preocupações de pensadores e governantes. Indica Vitruvius (*De Architectura*, séc. I a.C.) engenheiro militar romano que se dedicou a compilar informações de como organizar uma cidade, que observa que o lugar a ser escolhido deveria ser saudável, localizado em áreas altas e pouco sujeito à neblina, prever construção inicial de muralhas e torres, organizar a localização das casas alinhadas à rua segundo melhor disposição dos ventos, construir edifícios de uso comum em lugares que permitissem o acesso público, situar templos e prefeitura em praças e construir o teatro em local são e com fundamentos sólidos (BRESCIANI, 2002, p.20).

Na transição da Idade Média para a Moderna um aspecto de destaque disse respeito à distinção entre campo e cidade, dois locais que compunham o universo de ocupação do homem. “A Idade Média opõe a cidade, lugar da civilização, ao campo, lugar de rusticidades” (LE GOFF, 1998, p.119). Diz o mesmo autor “... os termos relacionados à cidade denotam a educação, a cultura, os bons costumes, a elegância: urbanidade vem do latim *urbs*; polidez, da polis grega” (LE GOFF, 1998, p.124). O campo era visto como o espaço do rude, do inculto.

Estava em curso a luta de poder entre os senhores feudais e nobres decadentes instalados em seus castelos e propriedades no campo, e a florescente burguesia alojada em burgos recém-criados. Consolidava-se uma contradição, objeto de conflitos entre natureza e cidade (espaço construído pelo homem) e que ainda hoje é assunto de debate.

Essa condição dicotômica é ressaltada por ARGAN quando no alvorecer da Idade Moderna apresenta a seguinte condição:

... a natureza era o que se encontrava além dos muros da cidade, o espaço não protegido, não organizado, não construído. Ao redor do *témenos* urbano, do recinto sagrado da civilização ou da cidade – duas palavras que têm a mesma raiz –, havia uma zona de fronteira, o campo, habitada por seres cuja natureza parecia incerta e ambígua, entre o humano e o animal: a gente dos campos, que vivia segundo tradições antigas e se dedicava a técnicas arcaicas quase rituais, ligadas aos ritmos sazonais e aos ciclos lunares, tão diversas das técnicas civis, cultas, intelectuais do artesanato urbano (ARGAN, 2005, p.213).

Norbert ELIAS atenta para o conceito de civilização como um dos organizadores da vida nas cidades. Aponta que a partir de regras medievais cunhou-se gradativamente uma forma de etiqueta própria de sociedades que se autodenominavam civilizadas ou cultas. Nos mostra que a instalação dessa rede de associações e de autocontrole do ser humano não foi pacífica; antes, se organizou por meio da violência e opressão (ELIAS, 1993, p.203). Visualiza-se, portanto, a luta por poder calcada em interesses de quem estaria à frente da supremacia do mundo moderno.

Para tal condição de combate também colaborava outro elemento físico-psicológico: o temor pela floresta, localidade ainda mais incerta que se principiava após a área inculta, mas 'protetora' do campo. Na floresta ou selva restava o âmbito do inacessível, inviolável, habitado por feras. Enquanto a cidade era o espaço geométrico ou mensurável, a selva era a dimensão ilimitada, incomensurável do ser (ARGAN, 2005, p. 213).

Com vistas à manutenção da supremacia da cidade nas sociedades ocidentais foi preciso estabelecer uma regulação muito intensa e estável sobre as paixões e sentimentos, um controle sobre o comportamento para que o processo civilizador se fizesse. Conforme diz ELIAS:

Muitas regras de conduta e sentimentos implantados em nós como parte integral da consciência, do superego individual, são resquícios de aspirações ao poder e ao *status* de grupos tradicionais e não têm outra função que a de reforçar suas chances de obter poder e manter a superioridade de *status* (ELIAS, 1993, p.273).

O autor aponta que a civilização não é um estado pronto e acabado, mas um processo que deve prosseguir (ELIAS, 2011, p.59). Ou seja, inerente à civilização está a violência civilizadora em constante devir. Inerente à construção da cidade – lugar da civilização – está sua condição de processo inacabado e de profunda dicotomia, embates entre grupos sociais, e constante tentativa de apropriação simbólica ou real de locais ainda não domados pelo homem.

O século XIX trouxe a novidade de aglomerados urbanos alargados em seu território físico com grupos de interesses diversos a seu redor. MENESES aponta que a tentativa de se inventariar a diversidade tipológica das cidades naquele momento, por meio de entrevistas com administradores urbanos na França, resultou em alguns critérios como elementos qualificadores do que seria ou não uma cidade. São eles: demográficos, ruralidade versus não ruralidade, privilégios de funções e atividades religiosas ou laicas, ou associadas às corporações ou guildas trabalhistas (MENESES, 1996a, p.146).

ARGAN ressalta outro aspecto ligado à transformação das cidades: com a industrialização intensa do século XIX estas transformaram sua condição de local de segurança para outro extremo: da insegurança, da luta pela sobrevivência (ARGAN, 2005, p.214). Aliás, com essa nova configuração, os receios pelo campo e pela floresta foram paulatinamente desaparecendo devido à pressão por novas áreas urbanas. Em busca de espaços para uma população urbana que se multiplicava, desfez-se a relação temerosa e respeitosa com a natureza. Esta não era mais uma barreira intransponível. As cidades, antes separadas por caminhos e estradas ermos, incrementaram vias expressas, vasos comunicantes cada vez mais necessários entre si. Trajetos não apenas físicos, mas também fundamentados nas relações comerciais, bancárias etc.

Além disso, no âmbito da produção, as mãos laboriosas do indivíduo não tinham mais a inteligência do todo. Valorizou-se a produção das máquinas e a rapidez da linha de montagem. A riqueza, antes agrícola, mudou de significado. Gradativamente, não era mais a terra que significava poder.

Essa 'nova' cidade expõe ainda com mais violência os desafios sociais da pobreza, opressão, concentração de renda etc. LEFEBVRE, partindo dessa condição introduz um aspecto: a condição de pertencimento. Diz o autor:

... os violentos contrastes entre a riqueza e a pobreza, os conflitos entre poderosos e os oprimidos não impedem o apego à Cidade, nem a contribuição ativa para a beleza da obra. No contexto urbano, as lutas de facções, de grupos, de classes, reforçam o sentido de pertencer. [...] Esses grupos rivalizam no amor pela sua cidade (LEFEBVRE, 2001, p.13).

E, exatamente esse amor à cidade interessa para a pesquisa, pois ele se liga diretamente ao pertencer a um lugar, a uma comunidade. No entanto, essa apropriação, o 'ser parte', não se traduz em um movimento pacífico. Antes, ressalta também seu componente opressivo. O apego à cidade permite que se compreenda como a sociedade acumula informações, produz esquecimentos, reúne memórias, obras e riquezas, e dali compõe o seu ideário cultural que também se traduz em uma ideologia associada à supremacia de poder.

Com vistas a compreender essa apropriação, MENESES indica a necessidade de compreender a cidade sob três dimensões "solidariamente imbricadas, cada uma dependendo profundamente das demais em relação simbiótica: a cidade é artefato, é campo de forças e é uma imagem" (MENESES, 1996a, p.149). Diz ele: "A cidade é coisa feita, fabricada. Artefato, no sentido mais genérico, é um segmento da natureza física, socialmente apropriado, isto é, ao qual se impôs, segundo padrões sociais, uma forma ou uma função ou um sentido" (MENESES, 2006, p.36). E, nesse conjunto que possui um arranjo que lhe é particular há um constante processo de retroalimentação que se organiza em um campo de forças econômicas, sociais, políticas, culturais etc. para as quais a cidade é vetor e produto.

Por fim, a imagem se desenvolve a partir das representações sociais, que, para o autor "... dá conta da complexidade da imagem, sendo igualmente capaz de incorporar outros ingredientes, como conhecimento imediato, esquema de inteligibilidade, classificações, ideologia, valores, expectativas etc." (MENESES, 1996a, p.149).

A análise desses três pontos de vista de maneira associativa não é comum, mas parece fundamental para que não se caia na tentação de tratar a cidade em um contexto reificado, visualizando-se a paisagem como um cenário ou embalagem do

fazer social. Essa visão seria reducionista e não colaboraria para o efetivo estudo das cidades. AGIER, antropólogo francês, estudioso das cidades e da cultura adverte que a cidade:

... já não é considerada 'uma coisa' que eu possa ver, nem 'um objeto' que eu possa apreender na totalidade. Ela transforma-se num todo decomposto, um holograma perceptível, 'apreensível' e vivido em situação (AGIER, 2011, p.38, destaques do autor).

Outro aspecto conceitual de interesse evidenciado pelo mesmo autor na análise do urbano: o lugar. Este diz respeito ao fazer a cidade e nela gravar sua marca, que se associa de forma coletiva a sua dinâmica. Diz ele que os lugares:

... próximos aos cidadãos são aqueles com os quais eles se identificam o mais espontaneamente possível, são espaços de sobreposição quase perfeita entre o quadro físico e um sentimento de pertencimento a uma coletividade (AGIER, 2011, p.103).

Esse quadro físico se traduz na familiaridade que se organiza a partir da percepção que os cidadãos têm da cidade. Em outras palavras, reside no pulso da vida que se expressa na cidade. Há pessoas que vivem ali. E estas interagem com o espaço. Na fala de Kevin LYNCH há que se levar em consideração "... não apenas a cidade como uma coisa, mas a cidade do modo como a percebem seus habitantes" (LYNCH, 1997, p.3). O autor vai além e diz que: "um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria prima para os símbolos e as reminiscências coletivas da comunicação do grupo" (LYNCH, 1997, p.5).

Estabelece-se, portanto, um diálogo permeado por jogos de poder entre o espaço físico da cidade e a sociedade. Clarifica-se que a paisagem não está dada para sempre e sua transformação está diretamente ligada à apropriação que grupos sociais fazem dela. CARLOS, outra pesquisadora que investiga as relações de apropriação do espaço, se refere ao lugar como produto das relações humanas:

... para quem aí mora 'olhar a paisagem e saber de cor' porque diz respeito à vida e seu sentido, marcados, remarcados, nomeados; natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo (CARLOS, 1996, p.29).

LEITE, por sua vez, conceitua o lugar com o sentido aplicado a essa dissertação. Diz o autor:

Por lugar, estou entendendo aqui uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente. Um *lugar* é sempre um espaço de representação [...] A convergência de sentidos atribuídos é, portanto, uma condição necessária para que se pratique um espaço e o transforme em lugar (LEITE, 2007, p.284).

Dessa forma, a relação entre os diversos grupos e suas percepções não se coloca frente a um vazio homogêneo; antes se trata de um campo de forças no qual uma gama diversa de representações sociais está em constante conflito, em busca de bem-estar, facilidades, melhorias, valorizações de diversos tipos: econômicas, urbanísticas, culturais etc. Chegamos, portanto, ao sentido de lugar.

O sentido de lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte. Nesse quadro, a questão sobre o espaço físico está bem presente, mas secundária ou, para usar uma expressão clássica e mais precisa, a simbólica do espaço 'é sobre determinada' pela simbólica das relações sociais que aí se localizam. [...] Os lugares são densos no que se refere ao sentido social ou simbólico que os impregna, mas não estão cristalizados em sua fixação espacial (AGIER, 2011, p.114).

Para MENESES ressalta-se a importância da cultura e das relações de pertença que se estabelecem, bem como os perigos quando esta relação se desfaz. Diz ele que as relações de pertença são "... mecanismos nos processos de identidade que nos situam no espaço, assim como a memória nos situam no tempo" (MENESES, 1996b, p.96). Quando esses mecanismos se rompem os espaços podem se caracterizar apenas como locais de contemplação e, com isso, perdem a vivacidade, empobrecem culturalmente e se desterritorializam.

2.4. Cursos da memória

Um último conceito que, a nosso ver, cria vínculos entre os demais é a memória. Assim destacamos algumas considerações sobre a memória social, que é a faceta que nos interessa. Dessa forma, a memória incide em nossa investigação como um fenômeno coletivo e social. Como diz GUARINELLO, a memória é:

um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevive no presente, é a trama dos vestígios oriundos de diferentes épocas e condições de produção, que constitui espessura mesma daquilo que existe como cristalização e permanência do que não morreu. Não é um substrato passivo, é reflexão sobre o passado, um debruçar-se sobre esses vestígios presentes para selecioná-los, agregá-los, condensá-los, destrinchando a espessura temporal do agora, para dar sentido não tanto ao passado, como ao próprio presente (GUARINELLO, 1994, p.187).

BOSI inclui no âmbito do conhecimento da memória outro aspecto que julgamos de interesse ressaltar. A memória não é um procedimento apenas mnemônico. A autora inclui a importância do trabalho desenvolvido no ato e experiência da memória. Diz ela:

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. [...] É verdade, porém, que nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, 'racionalizando' as horas da vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil (BOSI, 2003, p.53).

MARTINS explicita outras observações importantes:

... memória não é calma lembrança. É também luta, tensão, sofrimento. [...] não é apenas o que se foi, mas, sobretudo o possível que reclama do vivente o reconhecimento das contradições de suas raízes, o lento processo de sua constituição. [...] A memória é memória como documento das estruturas básicas de modos de viver; de modos de pensar e de modos de organizar imaginariamente o vivido, as referências que nem sempre aparecem por inteiro naquilo que é lembrado, mas estão lá. Memória é, de fato, o conjunto social e sociologicamente situado das lembranças, reconectadas pelo desvendamento das ocultações próprias da sociedade contemporânea. Abrange, portanto, o que não é lembrado, na medida em que o esquecimento é um esquecimento seletivo e organizado que deixa seus indícios no que é seletivamente lembrado (MARTINS, 2011, p.460, 462 e 463).

Observamos que a memória se traduz em um poder simbólico que confere a grupos sociais sentido de permanência e de unidade no tempo e colabora para a construção de identidades. A identidade ou as identidades vinculam-se a aspectos que conferem reconhecimento e 'pertencimento' de um grupo a certo espaço. Depreende-se, então, que a memória agrega-se a um determinado lugar, enquanto espaço da produção humana e de apropriação da vida.

Um autor que tratou da relação entre o espaço e a memória foi HALBWACHS. Evidenciou em seus escritos o quanto as 'pedras da cidade' resistem enquanto a sociedade, que está em contato com elas, persiste. E é de lá, do entrelaçamento da resistência das 'pedras' e da persistência dos homens que a memória retira seu ânimo. O autor apresenta a seguinte reflexão:

... as cidades se transformam no curso da história. Geralmente, em consequência de uma ocupação militar, da invasão por bandos de saqueadores, quarteirões inteiros são destruídos e não existem mais, a não ser em estado de ruínas. [...] As obras públicas, os traçados de novas ruas ocasionam demolições e construções: os planos se sobrepõem uns aos outros.

Arrabaldes que se desenvolveram ao redor dos muros da cidade se unem a estes. O centro se desloca. Os antigos quarteirões, fechados por altas e novas construções, parecem perpetuar o espetáculo da vida de outrora. Mas esta é somente uma imagem da velhice, e não é certo que seus antigos habitantes, se reaparecessem, os reconhecessem. [...] Se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. [...] Eliminaí agora, eliminaí parcialmente ou modificaí em sua direção, sua orientação, sua forma, seu aspecto, essas casas, essas ruas, essas passagens ou mudai somente o lugar que ocupam um em relação ao outro. As pedras e os materiais não vos resistirão, e, deles, é com a própria resistência, senão das pedras, pelo menos de seus antigos arranjos na qual vos esbarreis (HALBWACHS, 1990, p.136-7).

Podemos perceber como é intrínseca a relação do homem e de sua memória com o ambiente. E é a cidade não finalizada. Ela vai sendo adaptada por seus habitantes que modificam a paisagem, investem em modos de viver, em formas de comunicação e em referências culturais. Ela se transforma no decorrer de sua história e sua paisagem leva a marca da memória coletiva das gerações presentes, assim como de seus antepassados.

Além de um apoio espacial da paisagem, outros elementos podem se caracterizar como bons indutores para o conhecimento das permanências e transformações do espaço urbano. Nessa pesquisa selecionamos dois suportes de interesse para essa análise: a produção cultural – fotografia e literatura.

À parte da atual explosão da imagem fotográfica captada por diversos tipos de aparelhos, quando de seu surgimento como forma de apreensão da realidade, esta era uma forma de registro de efemérides, pessoas de prestígio ou acontecimentos que deveriam ser mantidos para a posteridade. Até as décadas finais do século XX sua popularidade esteve condicionada a um procedimento mais demorado de registro, revelação, ampliação que custava algum tempo e cuja dispersão na sociedade era diversa do que se encontra na atualidade.

Inicialmente, seu uso como suporte de memória e construção da história tinha viés claro voltado para a conservação da história de alguns, consolidando-se uma memória de determinados grupos sociais, e quanto mais se volta no tempo, mais o registro associa-se ao poder instituído. Posteriormente as fotografias passaram a registrar momentos que deveriam marcar a vida: batizados, anos escolares, casamentos, formaturas etc., bem como lugares e atividades da vida cotidiana. Mas, ainda assim, durante muito tempo foi uma atividade de poucos e para poucos.

Se este era um entrave para a composição da memória, atualmente a democratização extrema da imagem institui outros dilemas sobre o assunto. É certo, porém, que hoje em dia o acesso ao registro de imagens é muito mais amplo. E a possibilidade que a fotografia tem de registrar um momento, uma paisagem, um olhar peculiar do ator social, permite apreender sua importância no fazer cotidiano dos lugares e eventual construção de memórias individuais ou coletivas.

No caso da literatura, alguns gêneros literários, com destaque para as crônicas, são por excelência o lugar do registro da vida no ambiente humano. Muitas são as ocasiões em que se defronta com localidades “... que o cidadão, em suas andanças pela paisagem urbana tem diante dos olhos como ‘texto’ ou ‘escrita da cidade’” (BOLLE, 1992, p.138). E esse produto pode ser o material por excelência de construção do discurso do escritor que então decifra os enigmas que essa ‘escrita’ envolve. Decodificar a cidade significa compreendê-la, narrar a partir da percepção do artista. A narrativa do escritor, pode sim associar-se à memória, bem como aos esquecimentos e tempos que se justapõem; são idas e vindas, avanços e recuos (AGUIAR, 2000, p.23).

Residem em ambas às linguagens artísticas – literatura e fotografia – aspectos que as associam diretamente com registros permanentes de memória. Esta é constituída de continuidades e perdas que nos legam apenas fragmentos, que, na maioria das vezes, são reapropriados por parte de grupos da sociedade e reforçam expressões de poder, continuidade e descontinuidades. Como assevera ALVES:

... cabe-nos, pois, apoiar-nos também na memória acumulada – que não é capital inferior ao do poder – para nos afastarmos da folclorização do lugar, da cidade, do espaço de vida e, ao contrário, fazer da vida corrente uma nova cadeia de identificações sociais, caminho para novas práticas culturais, portanto, políticas, da polis e dos cidadãos (ALVES, 2000, p.34-5).

LE GOFF também sinaliza de forma clara sobre o papel da memória enquanto expressão de poder. Lembra o autor que a memória não é apenas uma conquista, antes é um instrumento e objeto de poder, e por meio de sua conservação pode-se compreender as lutas de dominação que se estabelecem entre os grupos sociais e seu ambiente (LE GOFF, 1996, p.476). O autor evidencia ainda um dos objetivos perseguidos por profissionais que se dedicam a essa área do conhecimento. Diz ele:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1996, p.477).

2.5. Síntese: em busca da alma da cidade.

Propomo-nos a levar nosso olhar para uma parcela do espaço da cidade, com vistas a compreender em que medida aspectos atinentes à ocupação do território no decorrer do tempo conformam o aspecto desse lugar. E, também, quais as escolhas da sociedade para que esse espaço tenha a fisionomia atual.

Para tanto, lançamos mão dos conceitos explicitados que, apesar das diversas escalas de apreensão, dialogam no sentido de que possuem um interlocutor final: o cidadão que habita, usufrui e estabelece trocas materiais e simbólicas com o espaço, e com o coletivo que também estabelece interações no dado espaço.

O convívio não é despossuído de conflitos e interesses. Antes é um jogo de poderes econômico, político, social e cultural. O território explicita tensões e transformações no tempo e no espaço, o lugar garante assentimento e identidades, a paisagem apropriada garante sentido e a memória, nas palavras de BOSI, escolhe lugares privilegiados na paisagem de onde retira a sua seiva (BOSI, 1983).

Todos os conceitos, cada qual com sua forma de apreensão, são legados que quando interceptados uns pelos outros, nos permitem vislumbrar a alma da cidade. Ou melhor, fragmentos da alma da cidade, pois toca, a nosso ver, parcelas dos atores sociais. No entanto, ainda que fragmentário, esse olhar nos auxilia a refletir sobre a gestão de cidades, desocultando aspectos menos evidentes em estudos sobre as infraestruturas e superestruturas que atuam no contexto urbano.

3. SANTO ANDRÉ E A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

... gosto de ficar de pé, contra a vidraça do carro,
vendo o subúrbio passar.
o subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

Carlos Drummond de Andrade
'Revelações do Subúrbio', *Sentimentos do mundo*, 1940

Carlos Drummond de Andrade se impressiona, nesse trecho do poema, com o subúrbio que passa refletido na vidraça de sua viagem para o contato com a terra mãe. E o vê perpassar, veloz. Essa é a apreensão primeira que temos ao lê-lo, mas como quando mergulhamos 'surdamente no reino das palavras'⁴ imaginamos que também podemos ver descrito nesse trecho aquela localidade suburbana colhida pelos olhos viajantes como quem se desloca de um lugar para outro e nem se apercebe daquela paisagem simples, cotidiana, esquecida e que fugazmente brilha, se esconde e aparece por detrás da noite e das outras grandes cidades que a encobre.

Diante dessa constatação e com vistas a enfrentar suas nuances, este Capítulo apresenta resultados a respeito da transformação do espaço urbano de Santo André. Como se trata de um universo pouco explorado dessa forma, optamos por fazer uma investigação que resultou em duas apresentações analíticas: uma primeira que percorre todo o século XX, decompondo-a em décadas e que se encontra no Apêndice 1. E outra realizada a partir desta inicial, com apresentação de períodos que servirão de base para as análises com as localidades e suas transformações observadas pela produção cultural.

Investigar a transformação do espaço urbano de uma cidade ao longo de um século nos coloca a necessidade de analisar pelo menos três aspectos: 1) a variação populacional com vistas a entender as pressões que os deslocamentos humanos representam na ocupação do território; 2) arranjos econômicos, buscando

⁴ Trecho de poema de Carlos Drummond de Andrade, 'Procura da Poesia', in: *Alguma Poesia*, 1930.

compreender como estes se comportaram e induziram ou não ocupações e para qual direção; e 3) o papel do poder público municipal no planejamento e regulação do uso e ocupação do solo.

Considerando as três variáveis em causa e no tempo proposto, apresentamos de forma mais pormenorizada no Apêndice 1 um retrospecto subdividido em décadas, uma vez que é sobre um território complexo e que se metamorfoseou ao longo do tempo que encontramos pistas para as inquietações da pesquisa. E, não explicitar este caminho poderia nos levar a incorrer em uma análise improvável ao confrontarmos os aspectos mais duros da realidade com aqueles relativos à percepção dos produtores culturais sobre nosso objeto de estudo.

No Apêndice 1 encontramos as fontes primárias e secundárias que nos levaram a compreender a trajetória histórica da cidade, com foco especial na transformação do espaço e da ocupação deste pela sociedade. Este movimento de análise sobre essas fontes revelou a possibilidade de uma periodização que sintetiza o diálogo entre as variáveis propostas.

Esta síntese que identifica a próxima seção deste Capítulo serve de alicerce para que análises da produção cultural se façam no Capítulo 4, salvaguardadas as características das dinâmicas territoriais de Santo André.

Cabem ainda algumas considerações iniciais a título de ressalva sobre fontes coligidas. No caso da população, as fontes utilizadas foram: base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Relatórios de Prefeitos do Fundo Câmara Municipal de São Bernardo (FCMSB) e da Prefeitura de Santo André (PSA), publicações avulsas de fontes diversas como IBGE e da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (EMPLASA), além de referências bibliográficas que tratam sobre o assunto.

Mesmo com essa profusão de fontes, observamos que há divergências, pois nem sempre os coletores junto às fontes primárias seguiram metodologia de levantamento dos dados e objetivos semelhantes, o que resultou em certa heterogeneidade das informações. Ainda que não seja o desejável para uma análise de longo tempo, foi o possível e, de alguma maneira, demonstram registros que possibilitam análises sobre a transformação da paisagem andreense. Ressaltemos

que no caso do IBGE, dados mais antigos demonstram condições mais gerais do Brasil, de estados e de suas capitais, ou regiões metropolitanas. Municípios, quando não capitais, apenas recentemente aparecem com informações desagregadas.

Outro aspecto para o desafio dessa periodização se relaciona à história local: no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX (até década de 1940) a história de Santo André é comum a toda a região do ABC, organizada sob o município de São Bernardo, criado em 1889 e que compunha os atuais municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. O atual município de Santo André era designado tão somente como Estação de São Bernardo ou distrito de Santo André. E, nessa época, os dados desagregados por distrito também eram escassos. Mas, acreditamos que com as informações coligidas por essa pesquisa é possível sim traçar um perfil sobre a cidade e a movimentação de sua população.

No caso das informações referentes aos arranjos econômicos fizemos uma escolha em valorizar informações concernentes a alguns âmbitos, com destaque ao industrial, pois no nascedouro esse era o setor privilegiado com informações e ainda representa atividades econômicas da cidade e região. Mas, na medida em que avançam os anos, esse quadro foi revisto e os dados aparecem com maior consistência para os demais setores. Esclarecemos que não faremos uma análise do desenvolvimento econômico no município; antes buscamos compreender como aspectos econômicos impactam no espaço urbano e quais os reflexos na mobilidade e atração de populações e na organização do território.

A última variável diz respeito à regulação e/ou lacunas na organização legal da ocupação urbana por parte do poder público municipal. Foram selecionadas fontes bibliográficas e documentais relativas à realidade local, com destaque para os relatórios de prefeitos e publicações do poder executivo, pois entendemos que nesses documentos reside a atenção política que foi oferecida ao tema. Como se trata de tema amplo, com nuance diversificada nos detivemos em informações que melhor expressassem a lógica de apropriação do espaço urbano, a transformação da paisagem, bem como escolhas que atores sociais praticaram no decorrer do tempo.

Por fim, para essa informação inicial acreditamos importante destacar um aspecto que não será exatamente objeto de nossa discussão, mas que toca o tempo todo informações apresentadas e, igualmente, a vida dos cidadãos andreenses. Santo André dista cerca de dezoito quilômetros de São Paulo, o que trouxe, no tempo, proximidade à metrópole e garantiu que a cidade recebesse constantemente influências da capital. Este aspecto é significativo para compreender seus rumos, uma vez que Santo André consolidou-se como área envoltória aos interesses de São Paulo, com características suburbanas.

Para caracterizar o que vem a ser essa porção de território, recorremos a MARTINS que, burilou sociologicamente o termo subúrbio utilizando-se como exemplo o próprio ABC. Para o autor, esse se caracteriza por ser:

... o lugar do trabalho, em oposição à cidade, que é o lugar do poder e do saber. [...] O mundo do trabalho não é apenas e nem principalmente um mundo das carências materiais. Ele é, sobretudo, um mundo de carência de sentido. É por isso que o tema da consciência e dos modos de tomar consciência da exploração e da dominação é um tema tão central na vida e na história das classes trabalhadoras (MARTINS, 2008a, p.119).

O subúrbio tem vida própria e sua “... sociabilidade produzida no isolamento relativo, nas dificuldades materiais de comunicação do passado, acabou por constituir um estilo de vida particular, marcado por uma mentalidade suburbana” (MARTINS, 2008b, p.124). Ao mesmo tempo, que há uma forma de pensar que lhe é peculiar, organiza-se uma relação de subordinação e mando entre cidade e subúrbio. A metrópole, em nosso caso São Paulo, é o centro de poder e de decisões e o subúrbio, no caso o ABC, trabalha com vistas a responder a demandas solicitadas por esse centro.

Tal condição, pudemos identificar, se reflete inclusive na forma como as ações de planejamento do espaço urbano se organizaram em Santo André. A forma de ocupação se arranhou a partir da lógica de mobilidade de transporte de carga (via ferrovia e depois, estradas de rodagem) e em proximidade com centros consumidores de insumos produzidos. A riqueza produzida na maioria das vezes não permaneceu na cidade; restou-lhe, na maior parte das vezes, a produção, o lixo industrial, a exploração da força produtiva. E, sem dúvida essa condição impactou na paisagem da cidade ao longo do século XX e como se verá, perpassou interesses e opções da cidade na organização de seu território.

Diante dessas considerações iniciais, uma reflexão sobre o papel dos eixos estruturantes de mobilidade e fixação urbana, apresentada por LANGENBUCH, distingue o município dos primeiros tempos e o aproxima do conceito de subúrbio citado:

... a ferrovia ocasionou um desvio de rotas, valorizando estradas 'ordinárias' transversais. Valorizou as áreas que passou a servir. Os 'povoados-estação' cresciam, enquanto os aglomerados apartados da linha, de um modo geral, estagnavam. [...] As ferrovias conferiam às faixas por elas servidas uma vocação suburbana por ora incipiente, e às estações ferroviárias uma vocação de polarização da industrialização e do povoamento suburbano. Os 'povoados-estação' seriam os 'embriões' de importantes núcleos suburbanos da atualidade (LANGENBUCH, 1971, p.129).

Os 'povoados-estação' de fato assumiram na virada do século XIX o seu papel catalisador de habitantes e de atividades socioeconômicas. A estação ferroviária caracterizou-se como o ponto central do aglomerado urbano. "A capela não era mais o centro das atividades urbanas, local das trocas e entroncamento dos caminhos. Com a entrada da era ferroviária, as estações assumiram esse papel" (PASSARELLI, 1994, p.37).

Os caminhos pré-existentes perderam sua notoriedade e pela falta de manutenção, diversos foram abandonados. E, com eles, populações buscaram outras localidades, nos 'povoados-estação' para se fixar. Essa condição fez com que a Estação de São Bernardo assumisse papel de destaque na mobilidade inter-regional pós-ferrovia.

Após a criação do município de São Bernardo em 1889, um avanço no contexto local foi a criação do distrito de Santo André, que concentrava um perímetro mais expandido do que a área central da atualidade, mas cuja sede de distrito era mais ou menos coincidente ao centro dos dias de hoje. O núcleo urbano se organizou no entorno da estação, inaugurada em 1867, e compunha-se de pequenos comércios (secos e molhados, lojas de armarinhos etc.), prestadores de serviços (restaurantes, bares e padarias, pensões, sapateiros, barbeiros etc.) e algumas fábricas. Esse é o universo inicial que encontramos na área que é nosso objeto de estudo.

3.1. Uma periodização possível para um século

As informações de um século nos permitem observar um panorama de transformação da cidade. No Apêndice 1 apresentamos o movimento sincrônico localizado por décadas, no entanto, para além dessa ação nossa investigação exige o esforço de síntese para que possamos compreender o encadeamento das informações e o diálogo entre aspectos associados à dinâmica do território e nossas variáveis do âmbito da cultura: fotografia e literatura. Diante das informações coletadas para um século (incremento populacional, dinâmica econômica e intervenção no espaço urbano pelo poder público) propomos uma periodização em quatro momentos que possuem forte relação com Santo André e sua área central, mas também se associam às questões conjunturais mais amplas que refletem políticas e interesses nacionais, e que rebatem no viver do município.

A pesquisa às fontes resultou, portanto, nos seguintes períodos: A. Final do século XIX onde se inaugurou o município até o final de década de 1940, quando a urbanização da área central estava finalizada e o ciclo das tecelagens e da exploração de recursos naturais (lenha e carvão) se arrefecia; B. Década de 1950 até início da década de 1980, momento que consolida o ABC como parte do cinturão industrial da área metropolitana, com a instalação das indústrias automobilísticas e de transformação, além da necessidade de modernização da área central com a organização de planos e projetos urbanos com foco para a mobilidade e a instalação do Centro Cívico. É também o período da explosão populacional com afluxo intenso de migrantes atraídos pelas possibilidades de trabalho. C. Início da década de 1980 até meados dos anos 2000, em que os reflexos da reestruturação produtiva em curso no país se fizeram intensos na cidade, além de projetos e ações que pudessem dar conta de lacunas de planejamento urbano e em prol da qualificação do centro da cidade. E, finalmente, D. Meados dos anos 2000 até 2011, com processo de recuperação da economia e aprofundamento de ações que visaram à transformação da ocupação do uso do solo e redução do processo de atração populacional em Santo André. Apresentamos, a seguir, de maneira mais detalhada cada um dos períodos citados.

A. Década de 1910 até final da década de 1940

A primeira das etapas se concentra nesse período no qual o distrito de Santo André compunha um município-região (de todo o ABC) com uma economia voltada à

indústria de transformação, com destaque para tecidos e pequenos móveis, preponderantemente familiares, com exceções de alguns grandes empreendimentos focalizados na produção de insumos químicos. Havia também alguma quantidade de olarias e empresas de extração de lenha. Estas duas últimas concentravam-se nos arrabaldes do distrito e organizavam caminhos que se concretizaram como vias de acesso a bairros mais distantes.

A economia estava concentrada na indústria e o poder público municipal estabelecia benefícios para a expansão dessa atividade econômica, em especial para grandes empreendimentos desejosos em se instalar na região. Para outros setores da economia, como se viu, não havia nenhum tipo de incentivo ou benefício que trouxesse novos investimentos. Com a oferta de emprego na área industrial, a população crescia exponencialmente, com grande quantidade de estrangeiros ainda provenientes dos surtos imigratórios e alguma migração interna.

A população rural que inicialmente era mais ampla, no decorrer do tempo foi minguando, pois não houve nenhum incentivo para atividades rurais na região. Houve um primeiro momento (primeiras décadas do século XX) de atividade consistente na extração de lenha e incremento de serrarias, mas em meados da década de 1940 esta era ínfima, uma vez que a área lindeira ao núcleo urbano já havia sido totalmente explorada.

As áreas vagas e sem função produtiva deram lugar a parcelamentos de solo realizados pelos próprios proprietários. A comercialização de lotes foi realizada sem critérios e regulações claras. Tratava-se de ações isoladas por parte dos loteadores, sem planejamento por parte do poder público, e com isso os loteamentos não eram ocupados em sua totalidade e havia muitos locais pouco utilizados, mas que necessitavam de infraestrutura de água, luz, iluminação, transporte público para que as pessoas pudessem chegar até eles.

O poder público municipal limitava-se a acorrer com as infraestruturas por meio de contratos, visando à construção de redes de água e esgotos, de iluminação pública e particular. A regulamentação estava circunscrita aos tipos de moradias e impostos que deveriam recair sobre as construções (alinhamento, imposto predial etc.). Os centros urbanos se organizavam de acordo com as demandas do mercado e apenas

em alguns casos o poder público apresentava propostas para melhorar traçados urbanos e implementar áreas de convivência e/ou equipamentos públicos como praças, escolas etc. Equipamentos de cultura, todos eram de interesse e exploração particular. Havia concentração de serviços públicos nos limites urbanos dos distritos, o que fazia a população rural ficar à mercê de seus próprios cuidados.

A ferrovia era a porta de entrada de pessoas e a porta de saída da produção local com vistas a mercados consumidores em São Paulo ou Santos. Era o local de concentração junto aos distritos, tanto é que aqueles que se desenvolveram inicialmente em maior escala tinham na estação ferroviária o seu ponto de apoio e de interação social.

No final dessa etapa a instabilidade territorial era grande, com diversas tentativas de emancipações, em especial após a transferência da sede do município de São Bernardo para Santo André. A partir de 1945, iniciou-se a fase dos desmembramentos, que culminou, nas décadas seguintes, com a situação perimétrica atual.

B. Década de 1950 até início da década de 1980

Fase final de desmembramentos político-administrativos, o que garantiu municípios menores, mas as desigualdades locais e intra-regionais não deixaram de existir. Havia a preponderância de alguns municípios sobre os demais, em especial Santo André e São Caetano do Sul. E essa supremacia econômica e demográfica apenas se modificou dos anos 1980 em diante.

No começo desse período se organizou nova lógica produtiva impulsionada pelas indústrias mecânicas e automotivas, com farta necessidade de mão de obra para esse setor produtivo. A ferrovia que demarcou a forma de transporte e de escoamento da produção até então, foi paulatinamente substituída pelo transporte rodoviário. Um marco decisivo foi a inauguração da Via Anchieta, no final da década de 1940. Iniciou-se um processo de atração ainda mais incisivo de pessoas para o ABC e para Santo André, com destaque para migrações internas. Novas necessidades foram postas: moradias populares, infraestrutura urbana e condições de mobilidade intra e extras locais adequadas às novas condições.

Esse foi o momento em que os gestores públicos entenderam a necessidade de se planejar a cidade. Foram contratados planos diretores, à semelhança daqueles realizados na cidade de São Paulo. Um dos principais focos foi a construção de perimetrais e ordenamento viário, demonstrando mais uma vez a preponderância da lógica do transporte automotivo e individual, em detrimento de outros meios de transporte. Em larga medida esses planos permaneceram, no plano do discurso, sem aplicabilidade prática.

Houve um descompasso entre a cidade real e a cidade planejada. À parte de algumas modernizações viárias, que aprofundaram problemas de mobilidade crônicos e a construção de equipamentos públicos de lazer e educação, Santo André continuava com as mesmas dificuldades de período anterior: falta de visão de planejamento para a cidade.

Observamos um aprofundamento das dificuldades de moradia, pois, além da expansão demográfica e falta de planejamento na ocupação do solo urbano, a crise na década de 1970, após período de crescimento econômico, mostrava sua face local: avanço de favelas e assentamentos em locais precários. No âmbito da cultura, foram inaugurados alguns equipamentos públicos, com destaque para a linguagem cênica, além de bibliotecas.

C. Início da década de 1980 até meados dos anos 2000

Período que pode ser demarcado a partir dos meados da década de 1980 quando a reestruturação econômica mundial, em curso desde meados da década de 1970, determinou mudanças na forma de se articular o desenvolvimento da cidade. Com a crise dos anos 1980 e o incremento de programas federais de transferência de incentivos industriais para outras localidades iniciou-se um processo de arrefecimento da atração populacional para Santo André e o mercado de emprego local, em declínio, se deslocou para outros setores para além da indústria, com destaque para a área de serviços. Temas como sustentabilidade, cidade futuro e rearranjos econômicos passaram a constituir palavras dos discursos e de algumas práticas de gestores públicos atentos com as transformações da cidade inserida no mundo de produção capitalista.

O final da década de 1980 e a década subsequente foram significativos para o planejamento urbano, pois se trataram de momentos em que a cidade real necessitava de reflexões sobre políticas públicas que pudessem fazer frente às dificuldades da população devido à crise econômica e as desigualdades sociais advindas dessa questão, além de ser fruto de lacunas de ações planejadas anteriormente e pouco realizadas de fato, ou mesmo ignoradas pelo poder público. O final desse período foi marcado por forte pressão imobiliária com a verticalização em diversos espaços ociosos de antigas indústrias que se deslocaram para outras cidades ou fecharam suas portas. Foram criados mecanismos urbanísticos de regulação para a ocupação do espaço urbano.

No domínio da cultura, no começo da década de 1990 houve diálogo muito intenso com setores produtivos de praticamente todas as linguagens artísticas e com movimentos de preservação da memória. A fruição e formação cultural até então centralizada foi amplificada para diversas áreas da cidade. (MOREIRA e FRATESCHI, 1995) No final da década de 1990 houve novas tentativas de descentralização cultural, mas as condições não eram tão favoráveis. Estimulou-se a reorganização de ações na área central com o projeto 'Centro com Vida' (1997) que, além de projetos de drenagem, viário e acessibilidade, tinha viés cultural a favor da preservação de elementos da paisagem da área central.

Este foi um momento em que se definiram diretrizes a favor da inclusão social e da função social da propriedade, aspectos que impactaram na forma de ocupação do solo urbano. Foi um período de planejamento e gestão de projetos que visavam a inserção da cidade em um contexto de desenvolvimento e modernização na forma de planejar e ocupar a cidade.

D. Meados dos anos 2000 até 2011

Um último momento pode ser enunciado a partir da retomada do crescimento econômico em meados da década de 2000. Paralelamente a essa condição, do ponto de vista demográfico, notamos um processo de declínio populacional e envelhecimento da população.

À luz de programas federais foram implementadas diversas ações sociais e de fomento a emprego e crédito na cidade. A habitação popular continuou sendo um

desafio, bem como a regularização ou remoção de assentamentos precários. Aprofundou-se a pressão pela verticalização de algumas regiões da cidade, com destaque para as áreas mais centrais.

Na esfera do planejamento urbano, nos anos 2000 até 2008, intensificaram-se ações com vistas a qualificar a gestão da cidade, com destaque para o estímulo a ações de participação social, cujas primeiras experiências da década de 1990 demonstravam que este era um caminho importante para pactos de governança a favor da qualidade de vida na cidade. No final da década de 2000 houve, na gestão 2009-2012, estagnação em vários processos de planejamento urbano, mas, ainda é cedo para respostas assertivas sobre quais os resultados que o distanciamento do poder público e da participação social produziu. Será necessário se debruçar sobre dados e informações que nos permitam uma análise mais acurada desse momento e que foge dos objetivos da investigação proposta.

3.2. Reflexões sobre dinâmicas territoriais em Santo André

Finalizamos esse Capítulo com algumas reflexões, a partir das informações e indagações apresentadas. Nem todas possuem respostas, mas acreditamos que possam servir de base para possibilidades de análise futuras e colaboram para que possamos evidenciar uma síntese analítica final. Vamos a elas.

Parece-nos importante atentar para o que diz respeito à trajetória da região do ABC e Santo André, pois apesar dos momentos de crescimento econômico e demográfico, as localidades não conseguiram transformar suas vantagens competitivas em ganhos perenes para a sociedade.

Possivelmente uma das razões que podem ser elencadas, diz respeito à condição suburbana que indicava dependência aos interesses e necessidades de outras regiões detentoras de poder político e econômico. (MARTINS, 2008a) O resultado transparece na ocupação do espaço. A modernidade propalada nas grandes cidades, desde o final do século XIX, e refletida nos modos de morar, nos

arruamentos organizados, nos meios de transporte, na iluminação pública, na infraestrutura de água e esgotos, nos planos de ajardinamento e embelezamento urbano, nos modos de vestir, nos modos de se comunicar etc. demoraram a fazer sentido no subúrbio (MARTINS, 2008a).

Até meados do século XX ainda se buscavam formas para se debelar problemas com o esgotamento de resíduos, sem tratamento mínimo, e a falta de água constante. As ruas eram estreitas, pois estreitos eram os espaços de circulação. Pensava-se na modernidade do transporte rodoviário, mas pouco se fazia para qualificar a mobilidade urbana. Áreas verdes, praças etc. que deveriam por lei serem destinadas para a boa qualidade de vida e convivência dos cidadãos, nos parcelamentos de solo eram discretamente dispensadas por reparcelamentos que subdividiam bairros em pequenas vilas e mais outras pequenas vilas (PERGURER, 2012).

Era a precarização da vida que com o adensamento populacional empurrou inúmeros habitantes e novos moradores para condições ainda mais improváveis, em encostas e várzeas de rios. Essas condições eram ignoradas até os anos 1960 e acumularam um déficit habitacional que se configura como raiz para os desafios enfrentados na atualidade, no que se refere à questão da moradia.

A região esteve, durante muito tempo, situada em uma mescla de incompreensão entre sua condição urbana e rural. Condição rural que mesmo nos momentos primordiais do século XX, com a expressiva extração de lenha não a alavancou economicamente e trouxe depredação ambiental como uma de suas marcas. O urbano paulatinamente tomou conta do espaço, com grandes áreas não ocupadas entre loteamentos o que já indicava lacunas no planejamento de Santo André. No entanto, ao mesmo tempo, a origem rural de muitos denotava que “a roça morava na mente de muitas pessoas” (MARTINS, 2011, p.136). A forma suburbana de viver cindia-se no cidadão que morava na cidade e pensava como alguém da roça; a incompletude da vida era evidente.

Medidas regulatórias em pouco auxiliaram a organização dos aglomerados urbanos do ABC. As ações eram pontuais e atendiam interesses circunscritos a determinados grupos sociais associados à elite. Apenas nos anos 1950 iniciou-se

um posicionamento a favor de reflexões sobre o urbano. Mas o distanciamento do pensamento com a realidade era imenso. Diz ARANTES a respeito dessa condição nos anos de 1970:

... a utilização de planos e regulamentos para guiar o uso do solo pareciam cada vez mais desacreditados. Em vez disso, o planejamento deixou de controlar o crescimento urbano e passou a encorajá-lo por todos os meios possíveis e imagináveis (ARANTES, 2000, p.20).

A legislação, em muitas ocasiões, era garantia de direitos, mas a prática era distante dos marcos regulatórios. MARICATO nos garante um quadro evidente da realidade que, apesar de ter sido escrito há mais de dez anos, ainda se mantém atual. Diz a autora que:

não é por falta de plano e nem de legislação urbanística que as cidades brasileiras crescem de modo predatório [...] os códigos de edificações são formulados por corporações de profissionais que desconsideram a condição de ilegalidade em que vive grande parte da população urbana brasileira em relação à moradia e à ocupação da terra, demonstrando que a exclusão social passa pela lógica da aplicação discriminatória da lei. (MARICATO, 2000, p.147)

Em Santo André as condições não são muito diversas. Apenas na década de 2000 é que o Plano Diretor Participativo de 2004 (Lei Municipal nº 8696 de 17/12/2004) incluiu pedaços da cidade e destacou o princípio do uso social da propriedade com uma de suas metas. Apesar dessa qualidade e diferencial que o tornou referência para outros planos diretores faz-se necessário enfatizar que ele, por si só “... foi insuficiente para amenizar os conflitos e contradições associadas à trajetória de desenvolvimento de cidades como Santo André” (KLINK e DENALDI, 2012, p.203).

Faz-se necessário avanço na organização de ações de governança que permitam maior aderência a propostas inclusivas no âmbito da ocupação do espaço urbano. Acreditamos, assim como VAINER (2000) que esta busca ainda que não esteja modelada e consolidada, mas não pode ser considerada menos promissora.

As condições e a periodização apontada para o município como um todo, como não poderia deixar de ser, incide sobre a realidade da área central de Santo André. E muitos dos aspectos mencionados encontram-se rebatidos nos mapas que expomos a seguir.

3.3. Síntese: intervenções urbanas na área central

Das dinâmicas do território que foram analisadas julgamos apresentá-las em mapas síntese que ilustram as intervenções que foram realizadas pelo poder público municipal na área central de Santo André. As intervenções são de diversas ordens, desde denominação de nomes de ruas, projetos ou planos que visassem modificações na condição urbana.

Inicialmente, cabe esclarecer que no período imediatamente anterior ao recorte temporal de nossa pesquisa houve diversas ações que organizaram o núcleo urbano com legislações referentes ao ordenamento das ruas, calçadas, sistema de água e esgoto, transporte etc.

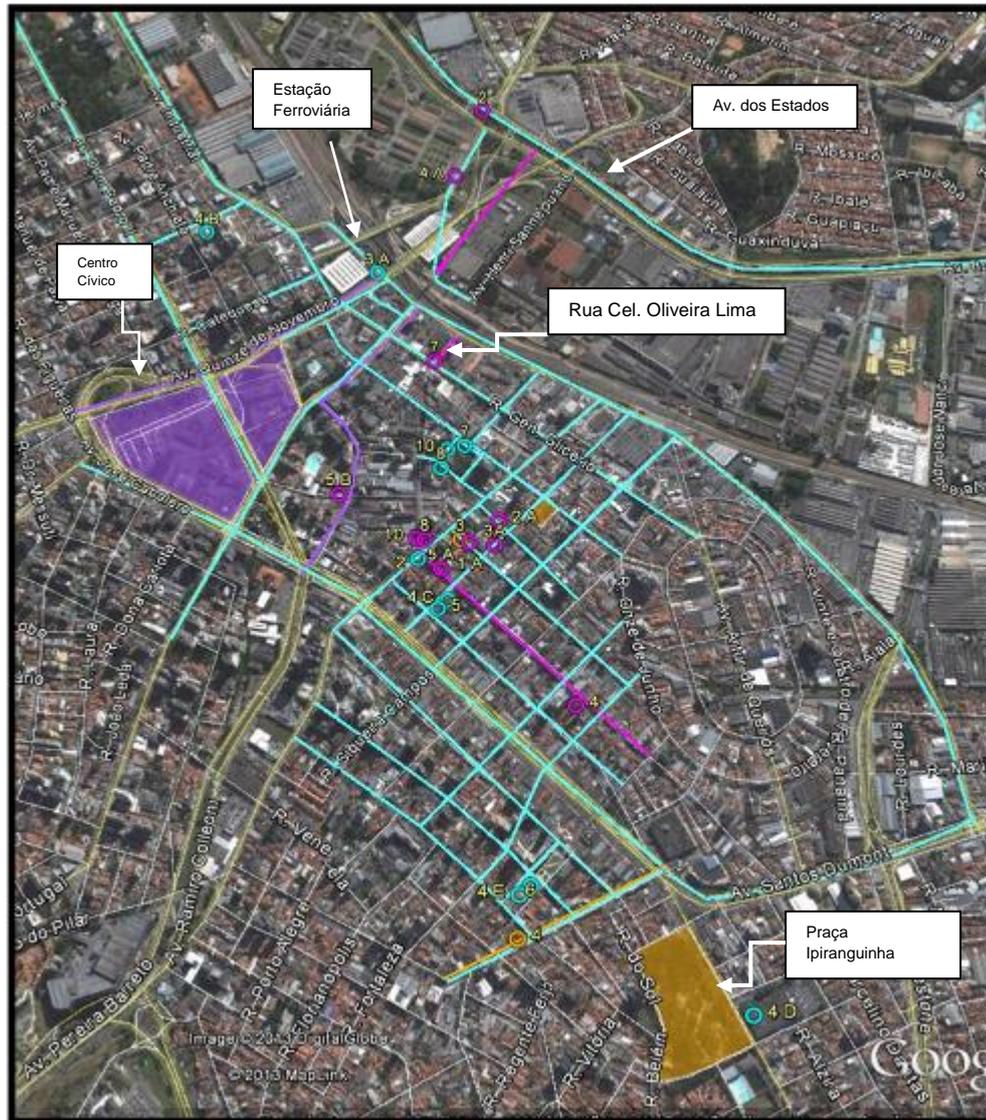
Trata-se de um momento importante de ordenamento urbano que pode ser corroborado pelas Atas da Câmara Municipal de São Bernardo (FCMSB). Dentre as principais intervenções temos: a indicação de vereador, em 1900, para que fosse feita mapeamento das áreas centrais do núcleo urbano próximo à estação ferroviária, com vistas a conhecer os locais não ocupados para a instalação de placas de arruamento (FCMSB, Atas, 18/12/1900); em 1901, solicitação de desapropriação de áreas junto à estrada que liga a Estação de São Bernardo (atual Santo André) à Estação de Pilar (atual Mauá), que corresponde em grande parte à Avenida Queirós dos Santos (FCMSB, Atas, 7/1/1901); solicitação de emplacamento de numeração de casas e denominação de ruas no município (FCMSB, Atas, 18/12/1906); indicação de denominação de ruas na área central, nas imediações da estação ferroviária e bairro Ypiranguinha (FCMSB, Atas, 15/04/1907); concessão de 40 anos para a Cia *Light and Power* para fornecer força e luz para o município (FCMSB, Atas, 1/07/1907); denominação das ruas Cel. Oliveira Lima e Campos Sales que assim passam a ter seus nomes definitivos (FCMB, Atas, 20/7/1908). Estas intervenções não foram grafadas nos mapas, mas achamos por bem apresentá-las no corpo do texto.

Igualmente não serão grafados projetos de intervenção urbana que não possuem área determinada ou que tenham sido planejadas para todo o município. Acreditamos que ao registrar o que especificamente diz respeito ao centro,

estaremos observando em que medida o centro era alvo de interesse dos gestores públicos. No Apêndice 2 há uma tabela sobre território, na qual podem ser encontradas informações a respeito.

As marcações das interferências são efetuadas nos mapas por meio de pontos. Em algumas ocasiões, apresentamos polígonos ou caminhos traçados sobre as ruas. Tal condição se faz necessária, pois ela clarifica a expansão urbana da área central. O método de marcação, com separação por décadas, visa facilitar a análise primordial da pesquisadora. No entanto, a apresentação se faz por período tal qual foi construída a periodização na seção anterior. Iniciamos com um mapa do todo e a seguir desagregamos por períodos.

Figura 5. Mapa das intervenções urbanas durante o período de 1911 a 1940.



Elaboração a partir do Google Earth, SK/2013

- Década de 1910 — ruas que foram denominadas ou alargadas, década de 1910
- Década de 1920 — ruas que foram denominadas, década de 1920
- Década de 1930 — ruas e polígonos denominados ou doados, década de 1930
- Década de 1940 — polígonos e projetos de infraestrutura, década de 1940

Na Figura 5 é possível observar de forma clara o momento de organização do núcleo urbano. A área central não passou por um parcelamento do solo, e maior parte do terreno pertencia à Família Fláquer que a comercializou nas primeiras

décadas do século XX. Não foi encontrada planta do loteamento ou solicitação de sua aprovação nos documentos do FCMSB, o que nos leva a conjecturar que para maior clareza de como esta ação se estabeleceu seria necessário um estudo cartorial.

A Rua Cel. Oliveira Lima não está marcada na Figura 5, pois sua constituição é anterior a 1911. Certamente na década de 1890 ela deveria ter mais ou menos a mesma conformação física, uma vez que não localizamos na documentação oficial informações que nos levassem a remodelações. Exceção feita àquela demarcada no mapa para a década de 1910, que desapropriou terrenos para a ligação desta rua com a Avenida Queirós dos Santos, lindeira à via férrea e eixo de ligação com outras áreas do distrito.

Evidencia-se também que as intervenções urbanas na década de 1920 se localizaram nas proximidades da Rua Cel. Oliveira Lima. Foi o momento de consolidação do arruamento do núcleo urbano da área central de forma semelhante como o encontramos na atualidade. Nos anos 1930, com vistas a qualificar o núcleo urbano primordial, se pretendeu criar um parque público na cidade, ação que de fato apenas se consolidou nos anos de 1950, com o nome de Praça Antonio Fláquer (sinalizada como polígono em laranja). Além disso, esse local que originalmente compunha um lago de captação de água para a Fábrica de Tecidos Silva Seabra & Cia, não tinha mais essa função e garantia à localidade lindeira um aspecto de abandono pois era um terreno baldio. O mesmo ocorre com as duas áreas sinalizadas em violeta para a década de 1940. Eram chácaras que estavam incrustadas em espaços urbanos. Estas foram desapropriadas e deram lugar à EE Dr. Américo Brasiliense (década de 1950) e Centro Cívico de Santo André (década de 1960/70).

Verificamos assim por meio da Figura 5 que a área central estava relativamente consolidada no final da década de 1940, restando ações e intervenções para sua qualificação nas décadas seguintes.

projetos de alargamento de algumas ruas, em especial a Avenida dos Estados (década de 1950).

Outro aspecto digno de nota é de que nos anos de 1950 iniciou-se um processo de verticalização da área central. Diante da carência de terrenos vagos para tal ação, interessados solicitaram que fossem utilizadas as várzeas de rios e córregos. É o caso assinalado no mapa em polígono azul da várzea do Córrego Carapetuba. A proposta foi aceita pelo poder público municipal e a construção de edifícios para moradia iniciou-se na década seguinte e nos anos de 1970. A consequência foi imediata: inundação em diversas localidades da área central, com destaque para as ruas Monte Casseros, XV de Novembro e Avenida Queirós dos Santos.

Em consonância com o Plano Diretor de 1959, que propunha um reordenamento de fluxo de trânsito (maiores informações, Apêndice 1, p.196), os primeiros anos da década de 1970 foram de intensa atividade com a construção do complexo viário da Perimetral. Como o próprio nome já explicita, buscou-se por meio dessa intervenção urbana criar uma alça para que o trânsito fosse deslocado do eixo central, Rua Cel. Oliveira Lima e imediações, e direcionado para esse complexo viário. O fato é que a obra criou um rompimento das comunicações que se faziam entre o centro e alguns bairros que até os dias atuais ainda se ressentem dessa dificuldade.

Ocorreu também o embelezamento da área central com o plantio de árvores em diversas ruas – Rua Campos Sales, Rua Braz Cubas e Rua Gal. Glicério – e o ajardinamento da Praça IV Centenário e do Parque Antonio Fláquer (década de 1970). Além do cuidado com a arborização urbana, outra ação que modificou a área central entre meados e final da década de 1970 foi a transformação da Rua Cel. Oliveira Lima em calçadão. A obra que tratou da remodelação desta rua e da Praça do Carmo foi concluída em 1979.

A Figura 7, na qual apresentamos o mapa dos anos de 1980 e 1990 ilustram, em especial a partir do final da década de 1980 até o final da década de 1990, a ação de ‘revitalização’ de porções da área central do poder público que em conjunto com parcelas da sociedade, vislumbravam a atração de novos comércios e serviços, estagnação do refluxo de moradias e produção e fruição de atividades culturais.

Nos últimos anos da década de 1990 (1997-1999) foram realizadas diversas obras de drenagem e saneamento básico com vistas a minorar as dificuldades advindas das enchentes presentes com as chuvas de verão desde a década de 1950. O projeto denominado 'Centro com vida' visava, além das obras citadas, qualificar a relação da população com o centro da cidade. (PSA, 1997) Foram realizadas obras de requalificação viária, embelezamento e de estímulo a atividades culturais, por meio da proposta do 'Corredor Cultural' que visava estimular o passeio a pé pelo centro com visita a localidades com valor simbólico nessa área da cidade. A obra de maior impacto visual, no entanto, foi entregue no ano seguinte, 2000. Vejamos o mapa dessas duas décadas, apresentados respectivamente nas Figuras 7 e 8.

Figura 7. Mapa das intervenções urbanas durante o período de 1980 a 1990.



Elaboração a partir do Google Earth/SK/2013

Figura 8. Mapa de intervenções urbanas durante o período de 2000 a 2011.



— Década de 2000 a 2011 - continuidade Projeto 'Centro com Vida'

Elaboração a partir do Google Earth/SK/2013

A obra assinalada na Figura 8 inclui a transformação da Rua Dona Elisa Fláquer em calçada, além da renovação do piso e cobertura da Rua Cel. Oliveira Lima, por meio de projeto de Décio Tozzi, arquiteto renomado detentor de diversos prêmios.⁵ Este projeto visava transformar a rua em um shopping a céu aberto que pudesse atrair novos comerciantes e público consumidor para a rua. O piso foi remodelado a partir de projeto de Luiz Sacilotto, artista plástico de renome e morador da cidade, que desenhou uma proposta a partir da releitura de sua obra. A cobertura da Rua Cel. Oliveira Lima foi realizada com estrutura metálica e vidro laminado incolor,

⁵ Maiores informações sobre o arquiteto podem ser obtidas no site <http://www.deciotozzi.com.br/br/flash/decio-tozzi.htm>

apoiada lateralmente por colunas de concreto. O intuito era de que toda a rua fosse remodelada com essa proposta. No entanto, apenas metade da cobertura e do piso foi instalada até meados dos anos 2000. Havia entendimento que a segunda etapa da obra deveria ser realizada em parceria com a iniciativa privada, mas esta se desinteressou do projeto devido a restrições orçamentárias do início de século XXI. Com isso, o projeto ficou fragmentado, realidade que se vê até os dias atuais. Tal condição criou, a nosso ver, impacto visual negativo com uma intervenção urbana inconclusa.

Buscava-se com esse projeto estimular a requalificação das áreas públicas, com vistas a induzir a fixação de moradores e transeuntes que pudessem usufruir da área central, possuidora de boa infraestrutura urbana, mas em processo de degradação. (PSA, 1997)

A continuidade do projeto que previa a finalização da cobertura e de criação de instrumentos urbanos que induzissem a transformações dessa área, como explicitação de áreas de uso coletivo, articulação entre os espaços públicos e estímulo a atividades na área central que garantissem formação, produção, fomento e fruição cultural não foram retomadas até 2011, data em que se encerra a pesquisa.

A organização dos dados em mapas teve por objetivo ilustrar a periodização e análise das dinâmicas territoriais. Este Capítulo que encerramos irá dialogar com as demais variáveis do Capítulo 4, no qual apresentamos a ação desenvolvida e os resultados da análise partir da investigação junto à produção cultural. Finalizaremos essa análise no Capítulo 5, com nossas considerações finais.

4. OLHARES SOBRE A PAISAGEM

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Mário Quintana, 'O Mapa'
Apontamentos de história sobrenatural, 2005.

Este Capítulo introduz outras variáveis de nossa análise: a produção cultural desenvolvida por fotógrafos e escritores. Apesar de serem duas linguagens artísticas que possuem arcabouços teóricos próprios, a atenção dessa investigação associa-se à forma como se organiza o diálogo destas com a sociedade. Os atores envolvidos são fotógrafos, poetas e cronistas que ao longo de sua atividade promoveram criações e registros sobre a área central de Santo André. Partimos do pressuposto de que a apreensão e a percepção da paisagem da cidade podem ser lidas como testemunhos e produtos da sociedade: interação entre a materialidade e as representações simbólicas que os artistas expressam por meio de sua arte (RIBEIRO, 2007).

São quatro as seções a serem desenvolvidas sendo que a primeira apresenta a abordagem que tomaremos a respeito da fotografia, os fotógrafos selecionados e as características das obras escolhidas; a segunda faz igual movimento com os escritores; a terceira apresenta a construção dos mapas da produção cultural e suas interrogações, e a última seção apresenta uma síntese de periodização analítica das interações entre as linguagens artísticas.

4.1. Fotografia, janela da alma.

É corrente dizer que as fotografias populares são horríveis etc. Eu queria, em primeiro lugar, entender porque razão isso é assim e, em segundo, tentar explicar, por exemplo, a frontalidade dessas imagens e o fato de nelas revelarem-se relações entre pessoas e uma série de coisas que indicam a medida de sua necessidade e que, por isso, têm o efeito de reabilitá-las.

Pierre Bourdieu,
'O camponês e a fotografia', [1965] 2006.

A fotografia em algumas pesquisas que envolvem as ciências humanas tende a ser utilizada unicamente como ilustração de informações apoiadas em outras fontes documentais. Algo como uma vitrina do texto. Ela teria o papel de corroborar como um testemunho empírico algo que outras pesquisas apresentaram. MENESES (2003), historiador, e MARTINS (2008c), sociólogo, dialogam a partir do desafio de ir além e nos mostram que em ambos os campos do conhecimento a fotografia deveria “enriquecer os seus meios de observação e registro das realidades sociais” (MARTINS, 2008c, p.33). No caso da história, MENESES nos assevera de que as fotografias:

...não são, pois documentos, os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade. Por isso, não há como dispensar aqui, também, a formulação de *problemas históricos*, para serem encaminhados e resolvidos *por intermédio de fontes visuais*, associadas a quaisquer outras fontes pertinentes (MENESES, 2003, p.28, grifos do autor).

Diante dessas observações, BURKE indica que a fotografia apresenta uma realidade cristalizada, expondo a visão de mundo do fotógrafo, permeada por sua interação com a sociedade. Por essa razão, lhe parece fundamental analisar o contexto para que não se incorra em interpretações errôneas das mensagens explicitadas pelas imagens (2003, p.106). Esse contexto é indicado tanto pelo fotógrafo como pelas condições materiais e imateriais nas quais realiza a captura das imagens. Em nosso caso, a análise da dinâmica do território, apresentada no capítulo anterior, nos permitirá buscar chaves explicativas no contexto em que a criação cultural foi construída.

Pierre BOURDIEU sugere um aprofundamento da importância da fotografia como objeto de leitura da sociedade. Diz o autor que as fotografias na análise de sua representação social não podem e não devem ser consideradas devido a suas qualidades técnicas e nem mesmo devido a seus indivíduos, mas o que está em relevo são as relações que se estabelecem entre eles (BOURDIEU, 2006, p.35). Por meio da fotografia podem ser explicitadas relações de poder e do valor simbólico de atividades sociais como, por exemplo, aquelas relacionadas aos ritos e religiosidades, cotidianos, ou à cultura de uma dada comunidade.

Além disso, acrescentamos que diante da força implícita que as imagens possuem, estas se caracterizam como um dos elementos que organizam a memória e, por força do substrato testemunhal que têm, podem ser repassadas aos descendentes com qualificadores que identificam o grupo. Diz BOURDIEU: “Fazer parte de uma fotografia é garantir o testemunho da presença” (2006, p.37).

BARTHES, por sua vez, lembra que a fotografia, desde o momento em que é produzida, até a ocasião de análise em uma investigação denominada pelo autor como *studium* (1984, p.48), perpassa por um filtro cultural. Em outras palavras, mediante escolha, avaliação, reunião em caixas e baús, álbuns e revistas, ou mesmo em instituições culturais como museus ou centros de documentação, há um processo de persuasão individual e social de ideias que sinalizam a possibilidade ou não da manutenção de suportes, que podem se configurar como elementos simbólicos.

O autor nos apresenta pistas sobre um dos papéis da fotografia, retomando o caráter testemunhal apresentado por BOURDIEU. Diz ele: “A fotografia não rememora o passado [...]. O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que foi abolido (pelo tempo e pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu” (BARTHES, 1984, p.123). Trata-se de uma seleção que a sociedade desenvolve no decorrer do tempo, evidenciando alguns elementos e deixando outros à sombra. Este movimento acompanha as ações de conservação da memória pelos grupos sociais que nela vêm traços de sua identidade.

Além disso, há outro movimento que incide sobre a fotografia e o bem fotografado: “a fotografia para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão

conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa. O ‘não importa o quê’ se torna então o ponto mais sofisticado do valor” (BARTHES, 1984, p.57). E este valor dialoga com o conceito e a prática de memória e, conseqüentemente, com permanências e mutações da paisagem. A memória entendida como o elemento que:

... rodeia, roça e penetra os materiais da cultura, neles se apoiando, neles se agarrando e se arraigando, compondo o campo de uma economia, de uma geografia, de uma arquitetura intrinsecamente existenciais: aí onde a paisagem humana convida não a um olhar insolente, desdenhoso, dos vínculos consumistas, em que as coisas todas, intercambiáveis, reduzidas ao espectro de uma mercadoria, perderam sua intimidade, sua atmosfera (GONÇALVES FILHO, 1988, p.107).

A memória se apoia na morfologia da cidade e os diversos aspectos que a compõem, desde objetos, arruamentos, edificações, bairros etc. transformam-se em espaços imantados pelas experiências coletivas e individuais, demarcando-se lugares preciosos para a coletividade.

Evidencia-se seu caráter de registro e fixação de uma dada realidade. Não é um apêndice da reflexão. É objeto de reflexão, bem cultural portador de sentido. Mediante as imagens produzidas e as informações que nos oferecem, associado ao contexto em que foram produzidas, é que temos um claro panorama de análise. Entendemos a fotografia como um arranjo cultural ideológico de um espaço geográfico em um determinado instante. Como diz LEITE:

... no aqui e agora da fotografia não permanecem apenas traços do que foi, mas podem-se aninhar também outras sementes de outras histórias possíveis cuja germinação a história pode ter barrado (LEITE, 1993, p.14).

Mas, não só: é também expressão da diversidade de mentalidades e de perspectivas que se refletem na composição fotográfica (MARTINS, 2008c, p.18). Estão em curso, portanto, modos de ver a cidade e interessa-nos investigar: quem vê, o que vê e como vê, e se essas imagens fotografadas permanecem na paisagem. No entanto, é sempre bom recordar que aliado à visualidade ocorre também a invisibilidade. Em outras palavras, aquilo que não se vê, pois ou não foi fotografado ou se perdeu, ou foi esquecido pelo tempo ou pelo filtro cultural mencionado acima.

Considerações iniciais feitas, passamos então, a apresentar o domínio da pesquisa de campo. Como explicitado no Capítulo 1 selecionamos fotógrafos que se

dedicaram a registrar a área central de Santo André e, sempre que possível, buscamos acompanhar sua trajetória com vistas a localizar sua obra em uma abrangência temporal. Cabe, no entanto, uma observação. Existem momentos em que há um rareamento de imagens e nestes nos valemos de um conjunto de fotógrafos para compreender a transformação da paisagem.

Construímos uma tabela do material consultado com informações diversas, como por exemplo: identificação do tema da imagem, casa fotográfica ou fotógrafo, data etc. que identificam a imagem e nos apresentam o conteúdo sumário destas. Realizamos a organização dos dados em ordem cronológica, pois para a análise da transformação da paisagem no decorrer do tempo este é o formato mais facilitado. Selecionamos, entretanto, algumas imagens que julgamos síntese de cada autor para sinalizar sua apreensão da realidade.

Com vistas a compreender o contexto da produção cultural em Santo André, apresentamos a seguir um breve relato do desenvolvimento dessa prática na cidade que foi coletada pela pesquisadora ao longo de sua atuação profissional na área de história local e que se baseia em fontes coletadas junto ao trabalho de investigação, com destaque para cartazes, catálogos de exposições e fontes orais.

4.1.1. Considerações sobre a fotografia em Santo André.

As primeiras informações sobre a prática fotográfica no antigo município de São Bernardo datam do final do século XIX e início do século XX. São fotografias que retratam fábricas instaladas nas cercanias da estação de São Bernardo. Aliás, esta Estação já havia sido motivo de registro na oportunidade de sua inauguração em 1867. Essas fotos nos garantem compreender a dimensão de espaços não ocupados do urbano nesses tempos primordiais. As primeiras fotografias carimbadas por uma casa fotográfica são de 1925, produzidas pela Photo Moderna. Estas trazem atividades de quermesse na Praça do Carmo, localidade que se configurava como catalisadora das atividades sociais do distrito. Deste estúdio pouco se sabe, pois as fotografias remanescentes conhecidas até hoje datam de 1925 e 1926 e não se tem precisão de quem era o fotógrafo desse estúdio.

Um dos primeiros estúdios de Santo André e que teve vida mais longa foi montado entre 1927 e 1930 pelo fotógrafo Carlos Haukal e por George Credè. O estúdio foi batizado de Photo São Bernardo e sediava-se nas proximidades da Estação de São Bernardo (atual estação Prefeito Celso Daniel Santo André). Carlos Haukal era quem comandava o trabalho fotográfico e Credè cuidava da administração da firma.

No final da década de 1920 e início da década de 1930 destacava-se o gosto por imagens realizadas em estúdio para marcar acontecimentos tais como: casamentos, nascimento dos filhos, primeira comunhão etc. Era nessa área que Carlos Haukal realizava seus trabalhos. Mais tarde, com o avanço das câmeras portáteis, as reportagens fotográficas se tornaram populares e os estúdios foram aos poucos perdendo seu espaço. Nos anos 1950 as máquinas portáteis mais leves facilitaram o trabalho; eram frequentes as reportagens de casamento, bailes de formatura ou de carnaval.

Outras casas fotográficas se organizaram a partir de meados da década de 1940: Foto Shirley Temple, de Frederico Falbo; Foto Íris, de Dada Macedo; Foto Tokyo, dos irmãos Honma; Casa Fotográfica Foto Muito Bom, de Tatsuo Nakano; Foto Paino, dos irmãos Paino. Todas estas se estabeleceram na área central da cidade, mas havia alguns fotógrafos em bairros, como é o caso do Fotrotti de Ângelo Trotti e a Foto Maki dos irmãos Maki em Santa Terezinha, Foto Utinga de Masashi Nagaoka em Utinga, Panancolor de Celso Seiiti Hatakeyama na Vila Assunção, entre outros.

Destas casas fotográficas, a grande maioria não existe mais. Na área central de Santo André, apenas existem a Foto Paino (Benino Paino) e a Foto Tokcolor (Toru Honma), substituta legal da Foto Tokyo, que se dedicam ao comércio de equipamentos fotográficos, produção de fotos para documentos, revelação de fotos digitais e alguns serviços de confecção de álbuns fotográficos de reportagens fotográficas.

Durante suas trajetórias, poucas dessas casas fotográficas se dedicaram a desenvolver um olhar sobre a paisagem da cidade. Algumas a retrataram, mas, segundo relatos a partir de pesquisa de campo preliminar, a necessidade de espaço para armazenagem de fotos em estúdios fotográficos que eram reduzidos fez com que dispensassem seus acervos de provas, cópias e negativos. Tal fato configurou-

se como um entrave para a nossa revisão da paisagem, bem como para outras pesquisas podem ser realizadas uma vez que há lacunas nas quais o material iconográfico é inexistente. Tal condição diminui possibilidades de conhecimento da atividade fotográfica na cidade.

O Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa, museu da cidade, atua na recolha, documentação e conservação de materiais que perduraram e por essa razão configurou-se como nosso principal acervo/local para investigação do material fotográfico.

Além das casas fotográficas supracitadas, existiram muitos fotógrafos amadores cujas imagens foram salvaguardadas no referido museu. Estes legaram fotografias de paisagens da cidade que geralmente a tem como cenário de atividades festivas, de mudanças de residência, de atividade de trabalho etc. Eram temas cotidianos que se registraram por meio da ação fotográfica e atualmente nos indicam aspectos da sociabilidade que por vezes não possuem outra forma de registro.

A fotografia de arte também teve espaço em Santo André a partir de 1951, com a criação do 'Câmera Clube de Santo André', sociedade organizada em decorrência de uma mostra de fotografia realizada nesse mesmo ano. A partir de então, foram realizados Salões de Fotografia, alguns de caráter internacional. O intuito do 'Câmera Clube' era que "... o mundo fotográfico tomasse conhecimento de Santo André, assim como Santo André tomaria conhecimento do nível cultural e da Arte Fotográfica prevalecente nos mais adiantados centros internacionais." (CÂMERA CLUBE, 1953, s.p.)

Esse grupo formado por um número pequeno de pessoas interessadas nas experimentações que a máquina fotográfica proporcionava manteve atuação regular até 1958, quando se desfez. Durante sua atuação realizaram-se diversas exposições fotográficas como se pode ver nos catálogos publicados pelo grupo. Por seu cunho experimental não encontramos nenhuma imagem fotográfica tanto em catálogos como na coleção legada ao Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa que tivesse a intenção de registro da paisagem andreense. Outra característica é de que boa parte das fotografias relaciona-se a fotógrafos de outras

localidades que encaminhavam via correio seu material para as exposições. Portanto, cabe o registro, mas não nos utilizaremos de sua coleção.

O poder público municipal também realizou algumas atividades culturais com foco nessa linguagem artística. Em fevereiro de 1975, foi realizada a I Mostra de Fotógrafos de Arte, no Salão de Exposições do Centro Cívico de Santo André. Em 1982, foi realizado o concurso fotográfico “Santo André, o velho e o novo”, patrocinado pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura de Santo André. Nesse momento algumas fotografias foram coletadas e compuseram, mais tarde, o acervo do museu.

Uma nova investida nessa área foi organizada nos anos de 1984 e 85, também sob a forma de concursos fotográficos que culminaram com exposições: I e II Exposições da Fotografia Contemporânea de Santo André, organizadas pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, e com copatrocínio da iniciativa privada. Foram também organizados concursos fotográficos amadores na década de 1990/2000. A produção fotográfica, no âmbito da promoção do poder público, organizou sua reflexão estética com a criação do Núcleo de Fotografia da Casa do Olhar (década de 1990). Ali diversos fotógrafos, que em nossa análise específica compuseram o projeto ‘7Cidades’, que será descrito mais adiante começaram a atuar profissionalmente. Essas experiências conduzidas pelo poder público municipal produziram algum material fotográfico e compõe a coleção da Prefeitura de Santo André, custodiada no Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

Esse breve relato sobre as coleções fotográficas existentes no Museu de Santo André derivou da nossa investigação específica de campo, no entanto, por serem difusas e esporádicas não foram objetos de nosso estudo. Nós enfocamos a trajetória de algumas coleções que caracterizamos na próxima seção e que nos garantirão conhecimento do período selecionado.

4.1.2. Caracterização dos elementos de análise - fotógrafos e suas coleções.

Esta seção apresenta informações biográficas e contextuais da obra dos fotógrafos e conjuntos que são base de nossa análise. Apresentamos uma breve biografia dos fotógrafos que os situa no contexto da produção fotográfica local. Detemo-nos em alguns aspectos que identificam a obra de cada um. Cabe a lembrança de que em alguns casos apresentamos conjuntos, pois garantem melhores possibilidades de investigação em especial pelo grupo das imagens e sua representatividade para a análise que executamos. A grande maioria encontra-se custodiada no Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa (MSAOAG). Algumas coleções são particulares e o acesso foi possível por meio de contato com os detentores das imagens. Seguem os conjuntos selecionados:

A. Conjunto de fotógrafos amadores do começo do século XX

Para o período primordial – década de 1910 a 1940 – selecionamos as coleções fotográficas do acervo do MSAOAG. Na pesquisa de campo identificamos que o conjunto de fotografias desse momento é pequeno e nem sempre em boas condições de conservação. Caracteriza-se por dois tipos de imagens: um primeiro, em maior quantidade, apresenta as pessoas de uma mesma família em fotografias de estúdio e não apresentam paisagens da cidade. Outro conjunto mais exíguo mostra imagens da cidade como pano de fundo permeado por acontecimentos sociais: festas, quermesses, atividades escolares ou relacionados ao trabalho e trabalhadores junto a fachadas de comércio, fábricas etc. Um número reduzido de imagens representam paisagens como alvo principal da captura das imagens. Estas se caracterizam por áreas pouco urbanizadas compostas de áreas de arbustos e árvores esparsas, pontilhadas por algumas edificações.

As imagens refletem também a precariedade urbana do distrito, com falta de iluminação pública, calçamento e arruamento irregular etc. Restringem-se a localidades da área central, o que nos leva a considerar que ali moravam os habitantes que tinham condição econômica de morar nessa localidade e, se quisessem fazer registros sobre ela.

O caminho da Estação, atual Rua Cel. Oliveira Lima, é o local registrado de forma mais incisiva, possivelmente porque ali as redes de sociabilidade se mostravam mais intensas. Nessa rua e nas áreas lindeiras instalaram-se comércios, pequenos

serviços como barbearias, sapatarias, farmácias; além de residências e fábricas que garantiam a concentração de diferentes tipos de atividades em uma pequena área do núcleo urbano do distrito.

Nas Figuras 9 e 10 apresentamos duas fotos da Rua Cel. Oliveira Lima, produzidas por ângulos diferentes, mas com a mesma edificação em destaque, com cerca de 30 anos de distância. Estas são bons exemplos para observarmos a transformação da paisagem, em especial com vistas a observar aspectos associados à infraestrutura urbana. Notamos que no caso da segunda imagem (Figura 10), a fábrica em destaque estava sendo demolida. Nesse momento, 1929, ela foi transferida para uma edificação maior (segundo informação apenas à imagem fotográfica), o que indica a pujança da empresa e, ao mesmo tempo, o desconforto que a instalação de uma fábrica na principal rua local trazia para o ambiente urbano. Essa informação encontra lastro ao investigarmos os livros de Impostos e Profissões do Fundo Câmara Municipal de São Bernardo e relatórios de prefeitos. Percebermos que até meados da década de 1940 as fábricas que pontilhavam essa rua tinham se transferido para outras localidades no interior do núcleo urbano. A rua cada vez mais se destinava ao comércio, característica presente até os dias atuais.



Figura 9. Atual Rua Coronel Oliveira Lima, c. 1899. A fábrica que se vê na imagem é a Cia Streiff de cadeiras e pequenos móveis. Coleção: Euclides Rocco, acervo MSAOAG.



Figura 10. Atual Rua Coronel Oliveira Lima, final da década de 1920. A fábrica que se vê sendo demolida é a Cia Streiff de cadeiras e pequenos móveis. Coleção: Família Streiff.

B. Carlos Haukal

Era suíço e nasceu em 1908, em Zurique. Seu pai Franz Haukal também era fotógrafo e já desempenhava essa profissão na Suíça. No entanto, atraído por promessa de melhores condições de vida, veio ao Brasil em 1921. Iniciou suas atividades produzindo fotografias de fazendas de café e de seus proprietários. Em 1923, Carlos Haukal chegou ao Brasil e auxiliou o pai no trabalho fotográfico. Em 1926 já estava em Santo André e montou com Georg Credé o estúdio fotográfico Photo São Bernardo. Este estava sediado à Av. Queirós dos Santos, esquina com Avenida Bernardino de Campos e dedicava-se ao registro de fotos de estúdio.

Mais tarde, na década de 1940, Carlos montou seu próprio estúdio, Foto Carlos, (Rua Haddock Lobo) e ali passou a ser conhecido. Manteve suas atividades até a década de 1990. Faleceu em 1995, segundo informações coletadas com a família.

Do conjunto de suas fotografias, a grande maioria é composta por imagens de pessoas fotografadas em estúdio, sejam noivas, casais, crianças, famílias etc.; não desenvolveu reportagens fotográficas. Outro conjunto de imagens é composto de registros de viagens realizadas com sua família. Um conjunto mais reduzido apresenta fotografias de seus pais e do desenvolvimento de seu estúdio, com fotos

internas e externas a ele. O último conjunto, que é aquele que nos interessou para essa investigação, compõe-se de fotografias de paisagens de Santo André que julgamos de interesse pela qualidade das informações que elas contemplam.

Apesar da grande quantidade de fotografias que produziu durante sua vida profissional, seu foco principal não era a transformação do espaço urbano, ao menos depreendemos tal entendimento quando observamos a coleção salvaguardada no acervo do MSAOAG. Parece-nos que também não havia de sua parte interesse em fotografar muito além dos limites do centro. Seu foco era a Estação ferroviária e imediações, durante o período em que a casa fotográfica localizava-se nessa região. Após esse período inicial, até a década de 1960, encontramos imagens da Rua Cel. Oliveira Lima. As demais se relacionam ao entorno de seu estúdio fotográfico nas proximidades da atual Praça Kenedy. Destacamos duas fotografias em que nos apresentam a Rua Cel. Oliveira Lima em dois momentos distintos: década de 1940 e 1960. Estas foram produzidas com o mesmo ângulo e local. Observamos que a paisagem da mesma rua, em relação às fotografias anteriores (figuras 9 e 10) modificou-se drasticamente. Entre os vinte e seis anos que as separam, notamos a verticalização crescente e maior volume de comércio.



Figura 11. Vista da Rua Cel. Oliveira Lima esquina com Rua General Glicério, década de 1940. Foto Carlos Haukal. Coleção Dalvira Ribeiro Cangussu, acervo: MSAOAG.

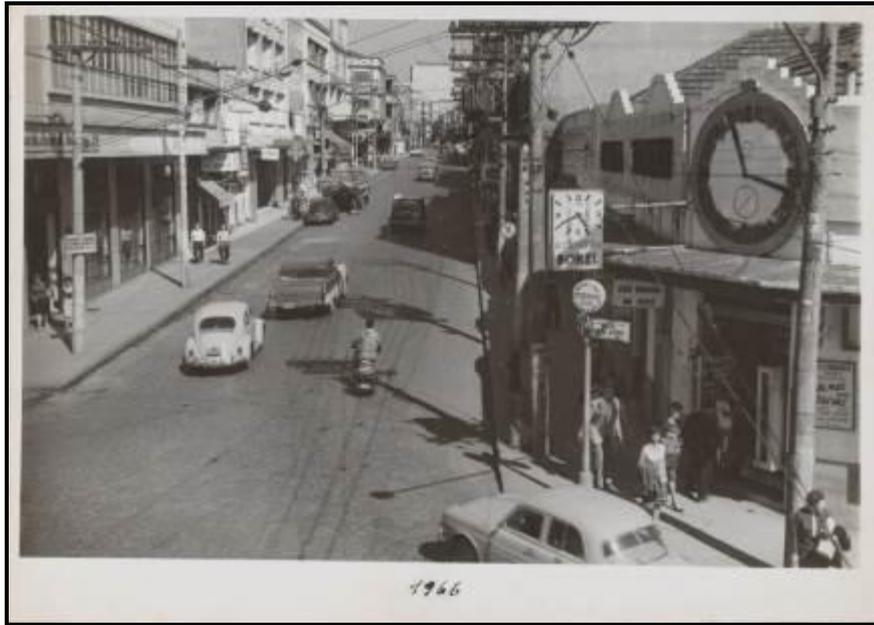


Figura 12. Vista da Rua Cel. Oliveira Lima esquina com Rua General Glicério, 1966. Foto Carlos Haukal. Coleção Dalvíra Ribeiro Cangussu, acervo: MSAOAG.

C. Foto Postal Colombo

Esta era uma empresa sediada em São Paulo e na década de 1950 iniciou com a atividade de produção de cartões postais. Fotografava a capital, o litoral e o interior de São Paulo. A empresa tinha uma peculiaridade: utilizava-se de um aeroplano com janelas removíveis para facilitar o processo de produção de fotografias. Este era capaz de voar a baixa velocidade e altitude. Depois de o material ser processado e produzido em cartões postais, era comercializado nas cidades onde a empresa tinha realizado as imagens. Durante o processo de captura das imagens, propagandas eram despejadas do avião, com o intuito de divulgar o trabalho e a possibilidade de compra das imagens dentro de alguns dias. Havia certa metodologia no tipo de imagens que eram captadas: “rasante na Prefeitura, rasante na estação ferroviária, rasante na Escola estadual, rasante no Parque de Exposições, close da Igreja Matriz.” (GERODETTI, CORNEJO, 2001, p.192-193.)

No caso de Santo André as fotografias que se mantiveram foram aquelas que identificamos no Apêndice 2, quadro síntese de imagens fotográficas, com destaque para as praças centrais. Acreditamos que este é um bom conjunto a ser analisado, tanto porque garante uma boa ideia da paisagem local, como pelo interesse dos

moradores em adquirir esse tipo de material. Diverso de outros conjuntos fotográficos, este é circunscrito a uma metodologia muito peculiar: fotos aéreas. Estas imagens são referências documentais fundamentais para compreender a transformação da paisagem devido à qualidade do material e a riqueza de detalhes. A cidade demonstrada começava a se verticalizar, mas os contornos das montanhas da Serra do Mar eram visíveis.

Destacamos duas imagens. Uma delas, panorâmica da Rua Cel. Oliveira Lima e cercanias e a outra da praça que viria a ser o centro político administrativo no futuro próximo, a Praça IV Centenário. Esta, desde sua desapropriação, no final da década de 1940, era cogitada para instalação do Centro Cívico de Santo André.



Figura 13. Vista panorâmica da Rua Cel. Oliveira Lima, que corta a imagem no sentido vertical. Em primeiro plano, esquina com Rua Campos Sales. Década de 1950. Foto Postal Colombo. Coleção Antonio Carlos Rizzo, acervo: MSAOAG.



Figura 14. Praça IV Centenário. À esquerda, vê-se a Escola Estadual Américo Brasiliense em construção e a edificação dos Correios. Década de 1950. Foto Postal Colombo. Coleção Antonio Carlos Rizzo, acervo: MSAOAG.

D. Octaviano Armando Gaiarsa

Nasceu em 1911, em Santo André. Fez o curso primário no recém-inaugurado I Grupo Escolar e, como não havia curso ginásial na cidade, foi estudar no Lyceu Coração de Jesus, em São Paulo. Saiu de lá, em 1929, bacharel em Ciências e Letras. Em 1932, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e formou-se médico em 1937. Durante mais de 30 anos exerceu a profissão com clínica particular. Em 1947, candidatou-se a vereador da cidade pela UDN – União Democrática Nacional. Foi eleito e cumpriu o mandato de 1948 a 1951. No ano seguinte, 1952, passou a fazer parte do quadro de funcionários da Prefeitura de Santo André, na área de Saúde e Assistência Social até 1974. Em 1953 fez parte da Comissão de Festejos para a comemoração do IV Centenário de fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo, segundo catálogos e publicações por ele realizadas.

Paralelamente a sua atuação pública e na área de medicina, envolveu-se, também, na vida cultural da cidade. Foi sócio fundador do ‘Câmera Clube de Santo André’, sociedade cultural dedicada à área da linguagem fotográfica na década de 1950. Ali

já se fazia presente seu gosto pela fotografia. Desde a década de 1940, preocupou-se com o registro das transformações ocorridas na cidade, com destaque para os anos de 1970/80. Sua coleção conta com cerca de 2.000 imagens e foi integralmente doada pelo autor em 1991 ao MSAOAG. Suas fotografias são em maior parte relacionadas ao centro de Santo André, constituindo-se o fotógrafo com maior produção sobre essa área da cidade.

Além de fotógrafo, Octaviano Gaiarsa ficou bastante conhecido na cidade por suas publicações sobre a história da cidade. São duas: uma de 1968 e outra de 1992. Tem ainda obras literárias e associadas à medicina. Em 1969, iniciou estudo para a reformulação dos símbolos municipais. Sua proposta foi aprovada pela Câmara Municipal em 1972. A partir de então, Santo André possui os atuais bandeira e brasão. Faleceu em 2005.

A atividade de fotógrafo amador, à parte sua atuação no 'Câmera Clube de Santo André', se intensificou a partir dos anos 1970, momento em que a área central se modificava de maneira drástica. Foram postas em prática diversas obras de infraestrutura urbana gestadas em décadas anteriores, inclusive pelo Conselho de Desenvolvimento do Município de Santo André - Codemsa, instituído em 1959 e que promoveu estudos para o desenvolvimento urbano da cidade, e no qual Octaviano Gaiarsa tomou parte. Entre as obras, destacam-se a construção da Perimetral – alargamento da Rua Cel. Alfredo Fláquer – canalização de córregos no centro: Cemitério e Carapetuba e finalização das obras do Centro Cívico de Santo André.

Uma das características de sua produção é de que buscava seus ângulos de observação do alto de prédios. Dali a vista era privilegiada e garantia boas tomadas para o registro. Observamos em sua coleção um olhar específico para a desconstrução dos espaços da área central. O autor realiza diversas séries sobre demolições de edificações que deram lugar a avenidas. Trata-se de uma coleção rica em detalhes o que permite, de certa forma, a recomposição visual da paisagem. Outro conjunto, também dos anos de 1970 e da década de 1980, é composto de fotomontagens panorâmicas. Em algumas tomadas evidenciam-se as interferências que a verticalização crescente proporciona como antenas, andaimes, fios elétricos, edificações mais altas etc.

Encontramos nesse fotógrafo o olhar aturdido frente ao que ocorria no lugar que lhe era tão familiar. E isso se corrobora, quando fotografa com detalhes a demolição da residência familiar no início da Rua Cel. Alfredo Fláquer, as edificações fronteiriças à Escola Estadual Dr. Américo Brasiliense e a demolição da Escola Técnica SENAI. Entre esta produção fotográfica e os conjuntos anteriores há uma diferença: a paisagem que até então era possível de ser observada em sua amplitude, a partir da década de 1970 e mais especificamente na década de 1980, não era mais plausível. Possivelmente incomodado com essa situação, lançou mão da possibilidade que tinha de subir no topo de prédios – onde morava (edifício André na Rua Monte Casseros) e onde tinha acesso (Prédio do Executivo do Centro Cívico de Santo André e Caixa de Pensões) – para desses pontos executar seus registros. Boa parte das imagens foi captada desses locais. Vejamos exemplos de sua obra:



Figuras 15 a 17. Três vistas da construção da Perimetral, alargamento da Rua Cel. Alfredo Fláquer, 1971-1972. As vistas foram captadas a partir do prédio da Caixa de Pensões dos funcionários públicos de Santo André, Rua Justino Paixão. Fotos e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: MSAOAG.



Figura 18. Detalhe da demolição de edificações à Rua Justino Paixão para a construção do complexo viário da Perimetral e Viaduto Angelo Gaiarsa, 1971. Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: MSAOAG.

E. João Colovatti

Nasceu em Itapuú, região de Bauru, em 1945 e mudou-se com a família para Santo André no final da década de 1950. Aos 18 anos passou a trabalhar na sucursal do Jornal 'Última Hora', em Santo André como contínuo. Em 1968, após um curto período na redação, assumiu a função de fotógrafo do jornal, mantendo-se ali até o fechamento da sucursal em 1969. (VITORINO, 2007)

Em 1971 foi contratado como estagiário no jornal regional 'Diário do Grande ABC', em 1972 assumiu a função de encarregado do departamento fotográfico. Em 1984 passou a chefe e já considerado jornalista da velha guarda. (VITORINO, 2008, p.36) Foi demitido do jornal 'Diário do Grande ABC' em 1993, aposentando-se logo em seguida. Faleceu em julho de 2001.

A coleção de João Colovatti está associada diretamente a sua atividade de repórter fotográfico e isso significava que se atinha na maioria das vezes a uma pauta a ser seguida. Nem sempre se localiza claramente o local fotografado, pois o foco estava no fato em si. A paisagem aparece geralmente como pano de fundo.

A coleção de João Colovatti não se encontra disponível em sua totalidade. No entanto, consultamos boa parte de sua coleção composta de cerca de 1.000 imagens. Pudemos observar que à parte da pauta a ser cumprida, havia um olhar próprio do autor para vulnerabilidades de pessoas mais necessitadas. Alguns exemplos:



Figura 19. Operário dorme após almoço em um dos barracões de obras da Perimetral, Santo André, junho de 1972. Foto João Colovatti/DGABC. Digitalizado a partir de obra de Marcello Vitorino sobre João Colovatti.



Figura 20. Congestionamento no viaduto Juscelino Kubistchek. Ao fundo o Centro Cívico de Santo André, outubro de 1981. Foto João Colovatti/DGABC. Digitalizado a partir de obra de Marcello Vitorino sobre João Colovatti.

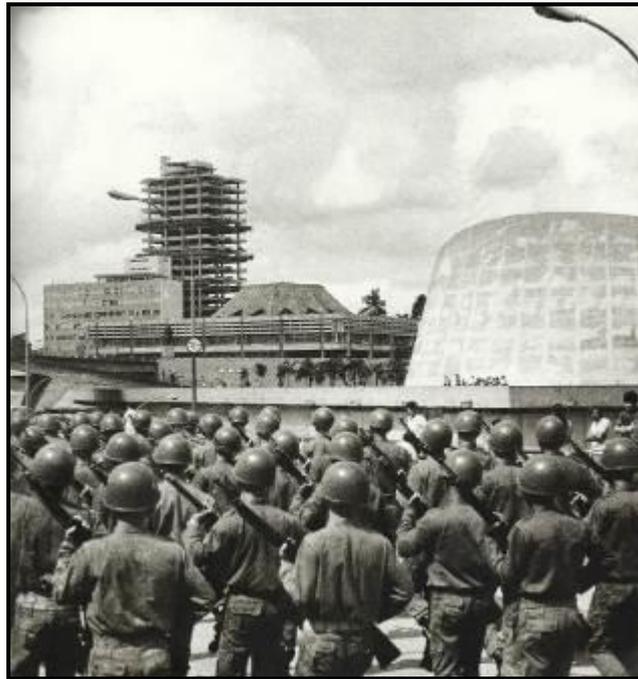


Figura 21. Detalhe de desfile do Tiro de Guerra no aniversário de Santo André. Ao fundo, o Teatro Municipal, a Câmara Municipal e a edificação da Companhia Telefônica da Borda do Campo, CTBC, abril de 1972. Foto João Colovatti/DGABC. Digitalizado a partir de obra de Marcello Vitorino sobre João Colovatti.

F. Coleção Prefeitura de Santo André

A Prefeitura de Santo André desde o final da década de 1970 desenvolveu registro de ações realizadas pelo poder público municipal com destaque para obras, eventos cívicos, políticos e culturais. O resultado do material inicial é esparso e apenas parte muito pequena desse conjunto encontra-se preservado no MSAOAG. Pouco se sabe sobre quem eram os fotógrafos iniciais, pois o registro era precário e não se tem conhecimento se eram organizadas fichas catalográficas do material.

Apenas a partir de 1989 houve sistematização do registro com vistas à preservação das informações coletadas nas imagens, bem como de seus autores, como se pode ver no material salvaguardado no MSAOAG. Esta condição se manteve até mais ou menos o começo do século XX, quando a fotografia digital passou a ser utilizada pela Prefeitura e o formato de organização das coleções se modificou. Para garantir condições semelhantes de análise, a coleção foi analisada dentro do arco temporal da década de 1970-2000, salvaguardando-se as diferenças citadas acima. A partir

de 2000 a coleção está em fase de organização e documentação museológica, e não se encontram disponíveis para pesquisa.

Este conjunto – 1997-2000 – composto por um número impreciso de registros fotográficos compõe-se de fotografias em papel, geralmente selecionadas dentro do rol de imagens realizadas. Para os primeiros anos foram conservados todos os negativos. No decorrer da década de 1990, o material, antes de ser encaminhado ao MSAOAG já passava por seleção prévia.

A tipologia de assuntos é variada e se compõe de registros de programas, projetos e ações desenvolvidas pelo poder público municipal nas diversas áreas de ação deste. O grupo de fotógrafos que realizavam o registro era composto por funcionários públicos e/ou contratados para esse fim. Na maior parte do período elencado foram os seguintes profissionais: Augusto Coelho, Beto Garavello, David Rego Jr., Fernando Ferreira, Gutierrez e Giliola Vesentini. Para esta investigação nos propusemos a verificar as imagens que se encontravam em papel e digitalizadas. Há um grande número de imagens em negativos não disponíveis ao público.

Este conjunto de imagens trata por um lado de um registro de transformações urbanas associadas a ações desenvolvidas pelo poder público e por outro de atividades diversas, sejam elas culturais, sociais, de lazer etc. Sobre a área central há um conjunto considerável de imagens visto que em caso de obras realizadas pelo poder público há várias fotografias que retratam diferentes momentos e tal condição nos levou à necessidade de proceder a uma seleção. Diante dessa condição, optamos por uma única imagem de um projeto de intervenção urbana, ainda que por vezes demorasse anos para que a obra estivesse conclusa. Também não levamos em consideração ações ou programas socioculturais, não menos importantes, mas mais distantes do objetivo de compreender a transformação da paisagem.

A coleção tem outras peculiaridades: nos primeiros anos era um fotógrafo que realizava os registros, o que nos garante certo olhar peculiar sobre os temas. A partir da década de 1990 quando a Prefeitura tinha um *pool* de fotógrafos, o olhar ficou mais difuso. Desta forma, são diversas as visões e cada qual imprime uma marca sobre os fatos registrados. Entendemos que havia uma pauta a ser seguida e o que está conservado no MSAOAG nos permite compreender quais os interesses e como,

no tempo, os espaços urbanos foram sendo registrados. Não focalizaremos, igualmente, este ou aquele fotógrafo e como se desenvolveu a sua atuação no decorrer de sua trajetória profissional, ainda que este recorte pudesse se traduzir interessante. Os fotógrafos são identificados na autoria das imagens selecionadas. Seguem alguns exemplos dessa coleção:



Figura 22. Rua Cel. Oliveira Lima transformada em calçada, mas não reformada, c.1978. Foto Gutierrez. Col: PSA, acervo: MSAOAG.

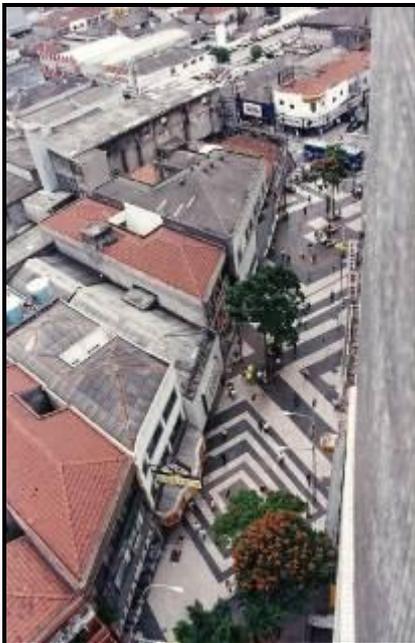


Figura 23. Rua Cel. Oliveira Lima, com calçada em pedras portuguesas, abril de 1999. Foto Beto Garavello. Col: PSA, acervo: MSAOAG.



Figura 24. Rua Cel. Oliveira Lima, em obras do projeto 'Centro com Vida', 1999. Foto David Rego Jr. Col: PSA, acervo: MSAOAG.



Figura 25. Rua Cel. Oliveira Lima, após obras do projeto 'Centro com Vida', abril de 2000. Foto Giliola Vesentini. Col: PSA, acervo: MSAOAG.

G. Coleção 7Cidades

Trata-se de uma pesquisa denominada "7Cidades: uma leitura perceptiva do Grande ABC" elaborada a partir do 6º Edital de Programa de Pesquisa em Políticas Públicas da FAPESP, em conjunto com a USCS – Universidade de São Caetano do Sul, cujo

início data de abril de 2004. Propôs-se, em conjunto com representantes de poderes públicos dos municípios do ABC reunidos em um grupo de trabalho no Consórcio Intermunicipal do ABC, elaborar uma metodologia para identificação do patrimônio cultural como forma de contribuir para o conhecimento, reconhecimento e para a intervenção no espaço urbano. (FAPESP/USCS, 2008, p.2)

A pesquisa desenvolveu-se até 2008 e contou com a participação de representantes do poder público bem como da sociedade civil. Em Santo André, no âmbito da sociedade civil, o projeto aglutinou os fotógrafos do Núcleo de Fotografia da Casa do Olhar (equipamento cultural público municipal associado às artes visuais) que propôs realizar saídas fotográficas em um percurso pré-determinado ao longo da via férrea e entre a Casa do Olhar e a Estação Ferroviária Celso Daniel Santo André (área central de Santo André). Foram realizadas cerca de 1.200 imagens, em agosto de 2007, contando com a participação de: Celdino Pereira dos Santos (Dino Santos), Cleonice Mauricia dos Santos (Cleo Santos), Esther Lerner, Marcello Vitorino, Mariana Outeiro da Silveira, Milton Antonio Tonello, Nario Barbosa, Roberto Parizotti, Valdir Jorge Lopes da Silva (FAPESP/USCS, 2008, p.12).

O conjunto foi analisado levando-se em consideração que havia um projeto e um trajeto combinados, e os fotógrafos saíram juntos para cumpri-los. Em consequência observa-se que os temas registrados foram semelhantes, variando-se a forma de apresentação estética destes. De modo geral, o que pudemos depreender dessa ação é que os fotógrafos localizaram seu olhar sobre alguns aspectos: poluição visual; obras de arte; calçadão da Rua Cel. Oliveira Lima; flores e árvores sobreviventes em meio a construções e degradações; pessoas que compõem a paisagem; comércio ambulante; serviços de alimentação; meio de transporte alternativo como bicicletas; estação ferroviária; Catedral do Carmo; Casa do Olhar; insegurança observada a partir de grades e arames farpados; elementos arquitetônicos modernos em contraste com os antigos, detalhes e descuido com edificações do começo do século XX; sinalização de trânsito; enfim, fragmentos da cidade. Poucas imagens apresentam uma paisagem que permite um olhar mais amplo. Estas ocorreram geralmente quando o grupo se deparou com equipamentos como passarelas e viadutos, que permitiam um olhar de cima. Há mais registros realizados ao rés-do-chão do que apontados para o horizonte.

A seguir apresentamos uma imagem de cada um dos fotógrafos envolvidos no projeto.



Figura 26. Rua. Cel Oliveira Lima, 2007. Foto Dino Santos. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.

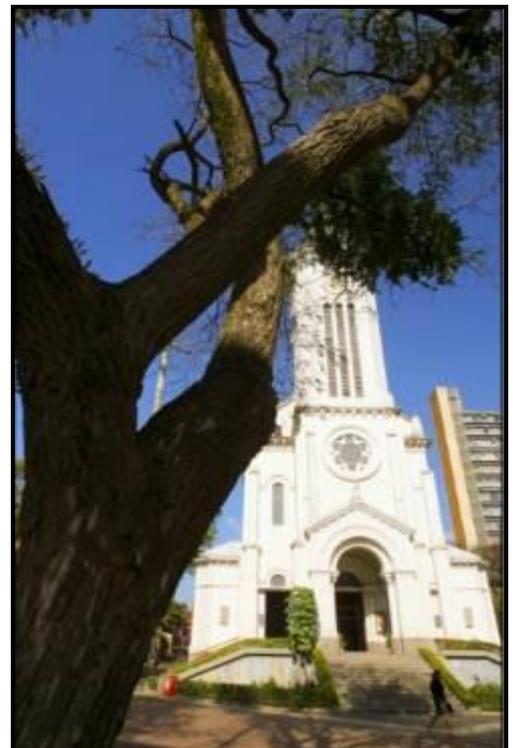


Figura 27. Praça do Carmo, com destaque Catedral do Carmo, 2007. Foto Milton Tonello. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.



Figura 28. Estacionamento de bicicletas junto ao Terminal Metropolitano, 2007. Foto Roberto Parizotti. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.



Figura 29. Detalhe de edificação, observada a partir de espelho de bicicleta estacionada junto ao Terminal Rodoviário de Santo André, 2007. Foto Nario Barbosa. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.

Figura 30. Detalhe de poste de iluminação pública, localizado à Avenida Queirós dos Santos, 2007. Foto Marcello Vitorino. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.





Figura 31. Estação Ferroviária Santo André Celso Daniel, 2007. Foto Valdir Lopes. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.

Figura 32. Detalhe do Centro Comercial do Carmo, localizado à Praça do Carmo, 2007. Foto Esther Lerner. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.



Figura 33. Detalhe da Avenida Quinze de Novembro, com barraca de camelô, 2007. Foto: Cleo Santos. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.

Figura 34. Detalhe de gradil da Casa do Olhar. Rua Campos Sales, 2007. Foto Mariana Silveira. Projeto 7Cidades / FAPESP / USCS.



H. Marcello Vitorino

Nasceu em Santo André e teve seu primeiro contato com a fotografia em 1994, durante curso na Faculdade de Comunicação, e, desde então, tem se dedicado a ela. Integrou a equipe de repórteres fotográficos do jornal 'Diário do Grande ABC', onde iniciou pesquisa sobre a obra do fotógrafo João Colovatti, que resultou na exposição "João Colovatti: Revelações de um Anti-Herói" (2004), realizada no Salão de Exposições do Paço Municipal de Santo André, sob os auspícios do Fundo de Cultura de Santo André. Em 2008, apresentou monografia sobre esse fotógrafo em curso de pós-graduação em Fotografia no SENAC-SP. Integrou o Núcleo de Fotografia da Casa do Olhar, com participação em diversas exposições e ações coletivas.

Publicou e expôs ensaios de suas criações artísticas como: 'Concrecidade' (2002), 'Ex-Fabris' (2006), 'Encontro com o Divino' (2010), 'Agô!' (2011) e 'Refúgio da Luz' (2013). Atualmente desenvolve projetos fotográficos e se dedica a atividades de formação pedagógica na área da linguagem fotográfica junto ao MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo e ao Instituto Tomie Ohtake.

O fotógrafo desenvolveu um olhar específico sobre a cidade e nossa escolha sobre esse artista recaiu por essa razão, além do fato de continuar atuante e com registros fotográficos sobre o urbano. Vitorino propôs-se a um diálogo com o concretismo, presente na obra de Luiz Sacilotto (1924-2003), artista plástico nascido e residente em Santo André, cidade com a qual manteve forte ligação. Diz MILLIET sobre o artista:

A obra de Sacilotto denota extraordinária coerência interna quando o plano suporte é alçado ao tridimensional. A chave para o entendimento dessa produção está em perceber o princípio binário que a rege. A alternância entre claro e escuro, cheio e vazio, positivo e negativo serve para construir tanto a pintura quanto a escultura. [...] De especial interesse é o dinamismo que Sacilotto alcança a partir dessa forma elementar e a riqueza de variações revelada dentro da disciplina que se impõe. Joga com a percepção ambígua do que está na frente, atrás ou entre o quadrado, seja ele pintado, cortado ou dobrado (MILLIET, 2000, p.53).

Observamos que semelhante movimento foi empreendido pelo fotógrafo Marcello Vitorino, utilizando-se como suporte a visualidade de Santo André, com destaque para a área central. Paula Caetano, artista plástica e coordenadora da Casa do

Olhar/PSA redigiu um dos textos do catálogo resultado do projeto e lembra que o fotógrafo: “... nos mostra como os conceitos concretistas de cheio/vazio, branco/preto, positivo/negativo, luz/sombra levam às questões de espaço e tempo, revelando uma nova dimensão urbana.” (VITORINO, 2002, s.p.)

Essa nova dimensão urbana é característica da obra do fotógrafo. Mas também pode ser observada na obra de alguns dos fotógrafos contemporâneos que se engajaram no projeto ‘7Cidades’: o olhar nos chega fragmentado e desconstruído pelas próprias condições do viver urbano. Há identidade e diálogo entre o viver e o resultado do processo visual apresentado. A cidade contemporânea não garante mais a amplitude do olhar de outrora e o cidadão reconhece o seu espaço cotidiano, restrito na maioria dos casos, como parte de sua vivência. O resultado dessa condição é o fragmento da imagem.

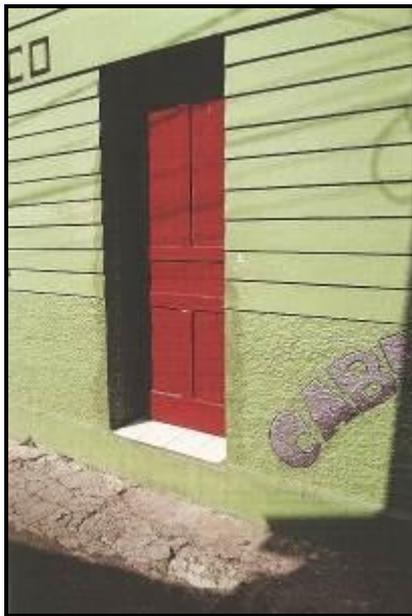


Figura 35. Detalhe de edificação situada à Trav. Savino Degni, 2002. Foto Marcello Vitorino, digitalizada a partir de catálogo ‘Concrecidade’.



Figura 36. Detalhe calçamento da Rua Cel. Oliveira Lima, 2002. Foto Marcello Vitorino, digitalizada a partir de catálogo ‘Concrecidade’.

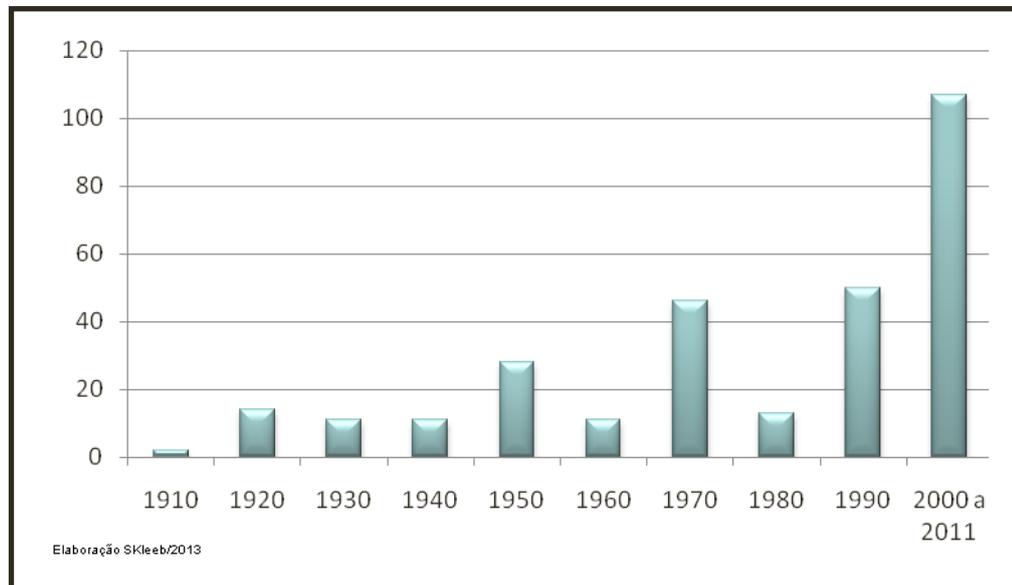
4.1.3. *Radiografia fotográfica, primeira síntese.*

Da análise dos oito conjuntos de fotografias selecionados existem algumas considerações a respeito do desenvolvimento da fotografia em um século de atuação na cidade. Considerando o acervo do MSAOAG concluímos que a produção fotográfica é composta em sua maioria por fotografias de amadores. São fotografias que muitas vezes não possuem apuro técnico profissional, mas retratam Santo André e seus moradores. Podemos inferir que o suporte geográfico de grande parte do material salvaguardado no Museu é a área central da cidade, o que nos leva a ressaltar a importância que este local tem para os seus cidadãos.

Sobre as intenções de registro dos fotógrafos até meados da década de 1950, podemos indicar que uma parcela considerável das imagens registram entes familiares ou atividades sociais peculiares àquele grupo de indivíduos. Poucos possuem a intencionalidade de retratar a cidade por si. A intenção é do registro e conservação de trajetórias pessoais ou do círculo familiar.

Com outro olhar sobre esta linguagem artística e em observância a cruzamentos realizados a partir da produção fotográfica analisada por nosso estudo (Apêndice 2, quadro síntese de imagens fotográficas) temos o resultado de que na linguagem fotográfica algumas balizas identificam momentos em que o registro aparece mais intenso. Destacam-se as décadas de 1950; a década de 1970, os anos de 1990 e os anos 2000. O Gráfico da Figura 37 sinaliza tal condição:

Figura 37. Quantidade de marcações da linguagem fotográfica na área central de Santo André, 1910 a 2011.



É notório que nas décadas em que houve maior volume de registros evidenciaram-se as transformações da paisagem da área central. Na década de 1950 houve uma primeira preocupação de reformulação dessa área com a implantação da Praça IV Centenário (1953), finalização das obras da Escola Técnica Júlio de Mesquita (início da década de 1950), ajardinamento da Praça Antonio Fláquer (atual Parque Antonio Fláquer, 1957), construção do viaduto Pedro Dell'Antonia (1959) entre outras ações de menor vulto.

Na década de 1970 tivemos nova investida com a inauguração final do Centro Cívico de Santo André (1971), construção do complexo viário da Perimetral/Rua Cel. Alfredo Fláquer (1973), remodelação da Praça do Carmo e da rua Cel. Oliveira Lima que passou a ser calçada (1979).

Os anos de 1990 marcaram novo momento de remodelações na área central com ações qualificadoras desenvolvidas pelo Poder Público municipal por meio do projeto 'Centro com Vida' (1997) e que se transbordam para a década seguinte, dos anos 2000, (inauguração de remodelação e cobertura parcial de calçada da rua Cel Oliveira Lima, 2000).

Em outra abordagem temos um gráfico que nos identifica a quantidade de vezes que a marcação foi feita, ou seja, quantos registros foram coletados a respeito de cada

local. Destacam-se dois locais: a Avenida Queirós dos Santos e a Rua Cel. Oliveira Lima. Ambas são ruas do período primordial do centro da cidade e essa deve ser uma das explicações.

Se elaborarmos outro cruzamento, observando a quantidade de inserções por década, veremos que a Rua Cel. Oliveira Lima leva vantagem, pois é o local que aparece em todas as décadas, enquanto que a Avenida Queirós dos Santos está mais presente nas décadas mais recentes, momento em que houve alguma valorização na sinalização de locais mais antigos da cidade, em especial a partir do projeto 'Centro com Vida' (1997-2000).

Outro local de destaque é a Praça do Carmo que se conservou no imaginário dos fotógrafos desde as primeiras décadas, não só pelo fato de estar ali localizada a Catedral do Carmo, que se destaca na paisagem por sua volumetria e sua história, mas por ser local de sociabilidade da área central. Além disso, encontra-se em área contígua à Rua Cel. Oliveira Lima, eixo de ligação entre a Estação Ferroviária e todo o restante da área central. Vejamos a seguir um gráfico e três tabelas: o primeiro nos indica a quantidade de marcações por local indicado no mapa. As três tabelas subsequentes dizem respeito às marcações por década dos três locais mais fotografados: Avenida Queirós dos Santos, Rua Cel. Oliveira Lima e Praça do Carmo.

Figura 38. Quantidade de marcações para cada um dos locais selecionados na linguagem fotográfica, área central de Santo André, 1910 a 2011.

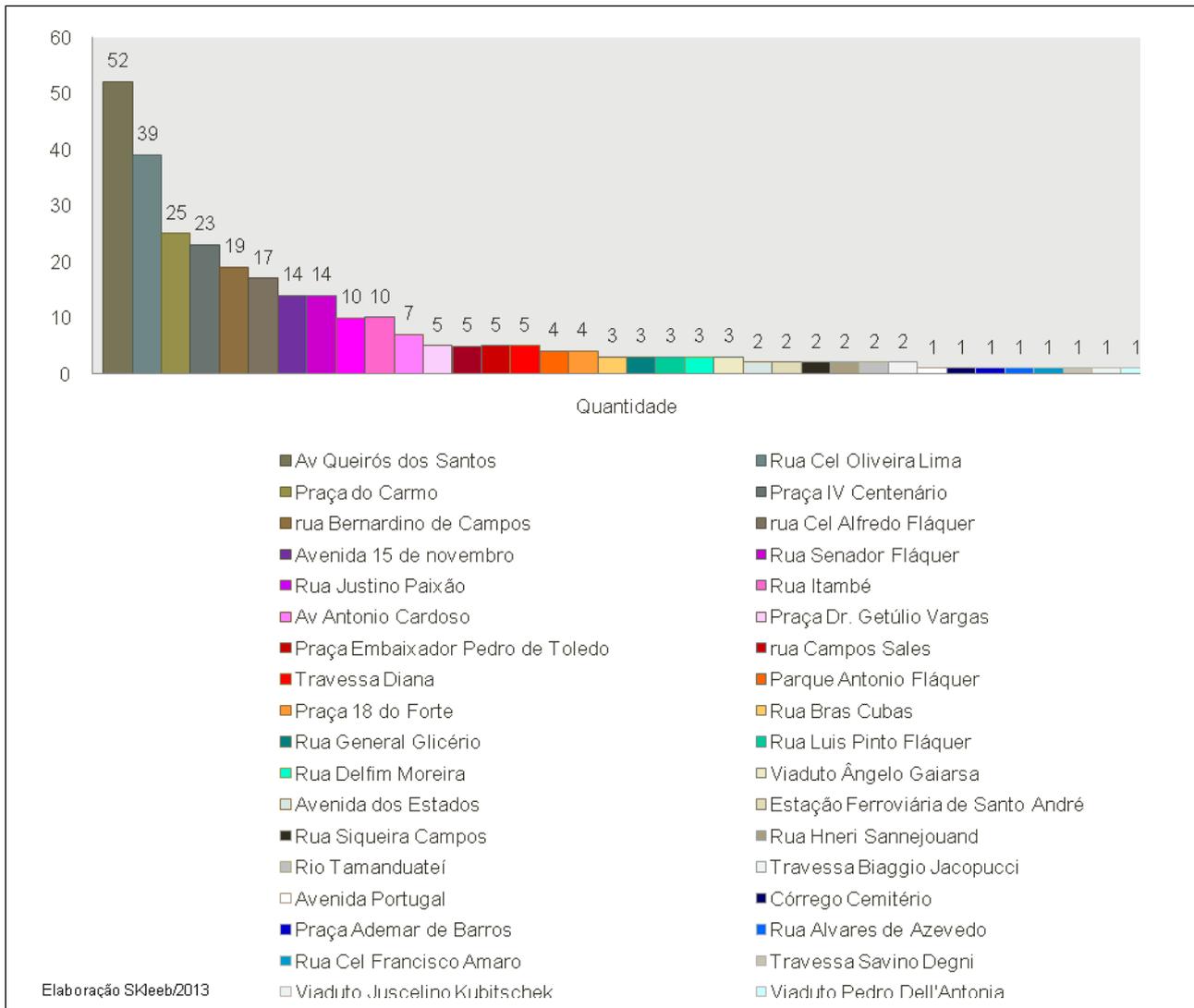


Tabela 1. Quantidade de inserções por década – Avenida Queirós dos Santos – área central de Santo André, 1911 a 2011.

Quantidade	Década	Local
1	Década de 1910	Av. Queirós dos Santos
1	Década de 1930	Av. Queirós dos Santos
4	Década de 1970	Av. Queirós dos Santos
5	Década de 1990	Av. Queirós dos Santos
41	Década de 2000	Av. Queirós dos Santos

Tabela 2. Quantidade de inserções por década – Rua Cel. Oliveira Lima – área central de Santo André, 1911 a 2011.

Quantidade	Década	Local
4	Década de 1920	Rua Cel. Oliveira Lima
2	Década de 1940	Rua Cel. Oliveira Lima
1	Década de 1950	Rua Cel. Oliveira Lima
1	Década de 1960	Rua Cel. Oliveira Lima
4	Década de 1970	Rua Cel. Oliveira Lima
1	Década de 1980	Rua Cel. Oliveira Lima
6	Década de 1990	Rua Cel. Oliveira Lima
20	Década de 2000	Rua Cel. Oliveira Lima

Tabela 3. Quantidade de inserções por década – Praça do Carmo – área central de Santo André, 1911 a 2011.

Quantidade	Década	Local
3	Década de 1920	Praça do Carmo
1	Década de 1930	Praça do Carmo
2	Década de 1940	Praça do Carmo
1	Década de 1950	Praça do Carmo
2	Década de 1960	Praça do Carmo
2	Década de 1970	Praça do Carmo
3	Década de 1990	Praça do Carmo
11	Década de 2000	Praça do Carmo

A partir dessas informações podemos inferir que a Avenida Queirós dos Santos passou a ser mais fotografada no momento em que seu perfil se modificou. Originalmente era uma rua com diversos galpões de fábricas e paredões que pouco expressava aspectos da cidade. Destaque apenas para as primeiras décadas – 1910 e 1930 – quando os fotógrafos produziram imagens das imediações da Estação Ferroviária. A região contígua à Estação Ferroviária, até os anos de 1930, era o centro comercial e de transporte local. Estavam ali os pontos de carros de aluguel que levavam os produtos da Estação para os bairros mais distantes. Os sobrados que ainda compõem aquela paisagem eram locais de comércio – secos e molhados no térreo – e de moradia de famílias ilustres durante os primeiros anos do século XX. Essa condição contribuiu para que o local fosse fotografado nos primeiros tempos.

A seguir, com a construção das fábricas em grandes terrenos fronteiriços àquela avenida, esta deixou de ser atraente para os fotógrafos. Apenas retomou sua relevância para essa produção cultural no momento em que passou por transformações nos anos de 1990, com a saída das fábricas, fruto da reestruturação produtiva que se aprofundava na cidade, e em especial em áreas industriais.

A Rua Cel. Oliveira Lima teve um papel significativo para essa linguagem durante todo o período, haja vista que aparece em quase todas as décadas. No entanto, podemos destacar os seguintes momentos: 1. remodelação com instituição do calçadão para pedestres, (1974-1979); 2. Projeto 'Centro com Vida' com início de nova alteração, década de 1990. 3. Reforma realizada, década de 2000.

No caso da Praça do Carmo, observamos que o movimento foi diverso. Apesar de a Praça compor o projeto de remodelação do calçadão e entorno da década de 1970, as fotografias coletadas para esse local naquela década não foram em maior quantidade do que nas décadas anteriores. Destaca-se a década de 2000, mas podemos aferir esse acréscimo devido ao projeto '7Cidades' que tinha nesse local um de seus pontos de parada.

Finalizando-se essa abordagem sobre a linguagem fotográfica, entendemos que as fotografias configuram-se como uma memória coagulada em papel e que caberá ao pesquisador compreendê-las sob os vários aspectos: planos, ângulos, contraste, perspectiva etc. Além das questões técnicas e estéticas, a fotografia tem a qualidade de representar um momento que se mantém presente, no qual pesquisadores necessitam reunir seus conhecimentos para além das fotografias com vistas a buscar respostas às suas perguntas: porque aquela situação foi retratada daquele jeito, naquele momento etc. (LEITE, 1993).

A paisagem com a qual nos preocupamos, na maioria dos casos, é pano de fundo para que o registro da lembrança se componha. A paisagem em fotos cotidianas tem geralmente essa característica, mas há uma seleção por um lugar aprazível, que possui ligação com o fotógrafo ou o fotografado, ainda que seja puramente estética. Os 'panos de fundo' são igrejas, a rua do comércio, cinemas, teatros, escolas, a estação ferroviária, a frente da fábrica, a fachada da residência; enfim espaços de sociabilidade que se configuram como espaços de bem querer e de identidade.

Concluímos, portanto, que é reduzido o grupo de indivíduos que fotografam a cidade como forma de observação de suas transformações. Caberá ao pesquisador interessado nesse temário atentar aos detalhes que não se encontram no foco imediato, mas nas entrelinhas e no pano de fundo das imagens.

E, quando avançamos no tempo, observamos que fotógrafos que intencionaram produzir registros sobre a cidade, ao menos nos conjuntos estudados, o fizeram de forma fragmentária. O primeiro a nos apresentar sinais dessa condição foi Octaviano Gaiarsa que buscou incessantemente encontrar lugares para panorâmicas. Mas, muitas de suas fotografias são fragmentos de construções, de obras, de demolições. Desde a década de 1970 podemos constatar essa condição que é o momento em que a cidade e seu centro se transformavam rapidamente.

E neste momento (década de 1970) não se detém mais a possibilidade de apreensão do todo. Os espaços urbanos não ocupados do começo do século XX transformaram-se e são apresentados pelo olhar arguto do registro fotográfico. As fotografias do século XXI aprofundam a fragmentação e nos indicam a realidade desagregada, poluída visual e fisicamente dos centros urbanos.

Outro aspecto de destaque, apesar da dissolução da paisagem ampla, é que o centro ainda é lugar de referência. A exceção a essa situação é a coleção da Prefeitura de Santo André que fez, em especial após 1989, um registro sistemático de muitas localidades em todos os bairros da cidade.

Da área central, há locais que se mantiveram ao longo do tempo e foram sendo fotografados. Nestes reside o valor de permanência na paisagem. Destacam-se: a Catedral do Carmo, o Cine Teatro Carlos Gomes, o Centro Cívico (pós década de 1970) e a Rua Cel. Oliveira Lima. Outros lugares de sociabilidade foram registrados com menor ênfase: Parque Antonio Fláquer, I Grupo Escolar, atual Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa, Igreja Matriz de Santo André. Há também locais evidenciados pelo descaso de sua condição, em especial nas fotografias mais recentes. É o caso das edificações do começo do século XX em estado de conservação precário, ou a poluição visual em postes, viadutos e passarelas, a sinalização vertical de trânsito sobreposta com outras placas, poluição do rio

Tamanduateí etc. Nos mapas da produção cultural que apresentaremos em seção subsequente estas condições ficam evidenciadas.

4.2. Literatura, caminhar pelas palavras.

“Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos e detritos do mundo.”

Michel De Certeau,
A invenção do cotidiano, 1998.

Discorrer sobre literatura e cidade pressupõe um olhar diferenciado daquele que a fotografia nos garante. A fotografia nos apresenta um momento, uma paisagem que se fixa em um instante. O fotógrafo escolheu o melhor ângulo, o assunto, os personagens, o cenário e ao clique da máquina congelou em um rápido movimento, um momento. A literatura por sua vez, demanda uma construção mais demorada para apresentar seu resultado. E a cidade é a tessitura na qual a experiência literária, na maioria das vezes, cria seus arranjos. Como diz CANEVACCI: “narrar uma cidade não pode significar realizar sua ‘réplica’, mas sim redesenhá-la” (2004, p.105). E isso leva tempo. Trata-se de um trabalho de recuperação de informações, onde “o importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” (BENJAMIN,1985, p.37).

Diante dessa condição de experiência construída achamos por bem nos valermos da literatura para compreender a permanência da paisagem urbana. Trata-se de um desenho, uma comunicação na qual, no reino das palavras, o escritor localiza aquelas que podem melhor apresentar o caminhar das suas ideias. Mas além da escolha das expressões, há o ritmo, a velocidade da escrita, a visão de mundo, enfim, uma empreitada a ser seguida. E há, como sempre nos faz lembrar BENJAMIN (1985), o ouvinte que em seu diálogo com o narrador garante a conservação do que foi narrado. Sem a relação escritor/leitor a criação perde sentido, enfraquece e define.

Dessa relação de correspondência entre leitor e escritor, e de ambos com o tempo, enquanto lugar de vivências, é que novas possibilidades criadoras se fazem. Diz HATOUM:

toda obra literária repousa sobre um chão histórico, em que a tradição de uma (ou várias culturas) interage com a história pessoal. A longa e demorada atividade artística faz parte da memória do indivíduo, e o chão nosso de cada dia passado deve alimentar o nosso tempo presente (HATOUM, 2000, p.57).

Os gêneros literários que serão objetos de nossa investigação já foram explicitados no Capítulo 1. São a crônica e a poesia. Em ambos podemos encontrar evidências de diálogo com a cidade e suas transformações.

No caso dos cronistas atentos ao cotidiano da cidade, estes têm papel de mediadores entre o universo literário do escritor e aquele prosaico do leitor. Eles selecionam informações e reúnem todos os materiais em um só conjunto que compõem frases, e também itinerários. Por meio da produção literária é possível observar as mudanças do espaço que tocam os indivíduos, pois lhes indicam as transformações. Diz DE CERTEAU que o texto escrito: "... tem papel decisivo. Sem dúvida, 'descreve'. Mas, 'toda descrição é mais do que uma fixação', é um 'ato culturalmente criador'." (DE CERTEAU, 1998, p.209) Assim, ao descrever, o escritor recomenda aspectos que julga pertinentes de serem compartilhados; indica caminhos. São trajetórias que ele fixa em sua produção e que nos permite compreender o quanto as localidades se modificam no tempo.

O cronista também "sabe equilibrar uma dialéctica [sic] entre os polos do eventual e do não-eventual, de descritivo ao eminentemente reflexivo, da 'notícia' e da 'não-notícia' [...] para conseguir a comunicação desejada" (COSTA, apud, MELO, 2000, p. 149)

A poesia, por sua vez, apesar de associada a um conteúdo mais lírico tem diálogo com a crônica. ADORNO identifica que sua base pousa na sociedade de maneira imanente. Para ele a lírica expressa:

... os sedimentos da relação histórica do sujeito com a objetividade, do indivíduo com a sociedade. Este processo de sedimentação será tanto mais perfeito quanto menos a composição lírica tematizar a relação entre o eu e a sociedade, quanto mais involuntariamente essa relação for cristalizada, a partir de si mesma, no poema (ADORNO, 2012, p.72).

A literatura toca a memória em diversos aspectos que vão além da relação com uma produção cultural sobre o passado. Antes, “... nos elementos culturais que dramatizam os vestígios do passado, se cruzam várias temporalidades com a projeção para o futuro” (SOUZA, 2009, p.4). Há no escritor o testemunho ocular da vida e é no processo histórico-social que podemos buscar as motivações e chaves explicativas para as referências articuladas que encontramos em obras literárias.

A relação entre cidade e literatura encontra espaço na reflexão de SILVA sobre a escrita das cidades, quando ele afirma:

As cidades são seres vivos em permanente evolução. Para que esse organismo se desenvolva em harmonia, para que a voracidade dos investimentos imobiliários não destrua o tecido urbano, é necessário que não se percam as referências da própria cidade e se resguardem suas raízes. As cidades são também cenário de um processo de acumulação de valores históricos e de práticas sociais vividas por seus moradores. O conjunto desses valores é que constitui sua marca, sua identidade. Para que essa identidade não se apague, ao contrário, evolua, é necessário assegurar a convivência dialética entre os novos e os antigos valores. [...] A cidade, a urbe, a *urbs urbi* é a origem etimológica das expressões ‘urbano, suburbano e urbanismo’. Os escritores realizam um trabalho arqueológico, de busca de alma, da verdadeira essência das cidades (SILVA, 1994, p.10).

4.2.1. *Considerações sobre a literatura em Santo André.*

Em termos de produção literária no núcleo urbano do distrito de Santo André cabe o registro apontado por MELO sobre as primeiras manifestações:

... foram concomitantes ao primeiro passo da imprensa por aqui: em agosto de 1904 surge o jornal ‘O Monitor’, em que se publicam emparelhados, os poemas ‘Chromo’, de L. Vidal Pessoa, e ‘Fábrica’, de Damasceno Vieira, que assim se tornaram os nossos ancestrais mais remotos (MELO, 2000, p. 26).

No entanto, tanto jornais como literatura eram muito escassos nesses primeiros tempos. Com as transformações econômicas e urbanas a partir da década de 1940 as aspirações culturais de alguns grupos da sociedade andreense ficaram mais evidentes. A cidade crescia em importância no cenário nacional e moradores perceberam a necessidade de fomentar possibilidades de difusão e formação em diversas áreas de manifestações culturais, em especial música, teatro, fotografia,

cinema e literatura. Além disso, estava em voga a organização de agremiações da sociedade civil que tivessem interesses relacionados à fruição e difusão das artes.

Essa confluência de necessidades e aspirações modificou o cenário cultural presente até então. Ações culturais esporádicas e na maioria das vezes organizadas de forma individual ou familiar passaram a ter respaldo de algumas parcelas da sociedade. Os integrantes de sociedades culturais ligadas a diversas manifestações culturais na década de 1950 em Santo André eram geralmente as mesmas pessoas. Dessa forma, a organização e a difusão das artes acabavam por atingir, de maneira geral, grupos socialmente delimitados. Entraves como a língua da população migrante, em geral italianos, e a pobreza podem ter sido elementos relacionados a essa condição e a produção cultural ali se refletia. No entanto, essas agremiações, com crescente apoio do poder público municipal, foram fundamentais para a consolidação de ações culturais que se firmaram nas décadas seguintes e que ainda estão presentes em boa parte das manifestações culturais contemporâneas, sejam elas organizadas ou estimuladas pelo poder público ou mesmo aquelas produzidas e veiculadas pela sociedade civil.

No campo da literatura, em observância a relatos, detectava-se a dificuldade de acesso a livros. Diante dessa condição, alguns moradores criaram, em 1942, a 'Sociedade Amigos do Livro', que tinha por objetivo instalar uma biblioteca na cidade, inexistente até então. Esse foi o embrião da Biblioteca Pública, criada mais tarde pela Lei n.º 732 de 20/10/1952 e instalada em 8/4/1954, no Edifício Sion, à Rua Cel. Alfredo Fláquer, n.º76, com acervo inicial de 4.000 volumes. A Biblioteca ocupou esse espaço durante 15 anos.

Outra investida no campo da palavra escrita foi a edição da revista 'A Tripa' em 1/7/1951. Os exemplares não tinham grande circulação e eram datilografados um a um. Seu estilo era crítico com opiniões na maior parte das vezes ácidas a grupos que comandavam a política local, em especial prefeitos, vereadores e candidatos a cargos públicos. Essa revista foi publicada até o número 50, 1959.

Em novembro de 1952, foi criado o 'Clube de Poesia de Santo André', cujo objetivo foi apresentar récitas de poesia de autores consagrados, além de poetas da região.

Foram publicados dois cadernos de poesia. No primeiro deles, no texto de apresentação, o secretário do Clube, René Zmekhol anotou:

... cidade fabulosa, justamente considerada uma potência industrial sul-americana, com seus 130 mil habitantes gravitando em torno de suas 700 indústrias, esta colméia humana não pode deixar de dedicar uma pequena parcela de seu preciosíssimo tempo ao culto da arte, sob todas as formas (CADERNO de Poesia, 1953, p.5).

Nos anos que se seguiram, alguns poetas uniram-se no 'Grupoético Alerta' (1966) que promovia recitais na cidade e publicou uma edição de trabalhos do grupo. Na década de 1970, surgiram os primeiros contistas da cidade, com a publicação de variada literatura nesse gênero, mas, segundo MELO, foi a passagem para a década de 1980 que se caracterizou como marco importante para a literatura em Santo André (2000, p. 69).

O poder público municipal organizou alguns concursos literários e na imprensa local houve maior divulgação das atividades literárias. Nesse mesmo período, surgiu o grupo 'Livrespaço de Poesia', importante foco de produção e difusão literária durante a década de 1980. Esse grupo, cuja atuação desenvolveu-se até 1994, teve impacto por suas publicações, mas também por suas atividades junto a escolares, importante meio de difusão da literatura. Além disso, na década de 1980, grupos literários uniram-se em torno de revistas e jornais alternativos. Podem ser citados, entre outros: jornal 'Taturana' – de Cláudio Feldman e Moacir Torres; revista 'Livrespaço' – associada ao grupo Livrespaço e a revista 'Cigarra'. No entanto, apesar do raio de ação desses grupos localizarem-se preponderantemente na área central da cidade, esta foi muito pouco retratada nos textos publicados naquele momento.

Uma iniciativa do poder público municipal e que incentivou a criação literária em novos públicos foi a inauguração da Casa da Palavra (1992), equipamento cultural que tinha por proposta estabelecer diálogo com os interessados na área de literatura. Em 2004, foi criada pelo poder público municipal a Escola Livre de Literatura, voltada à formação. Houve, a partir de então, uma distinção entre os trabalhos desenvolvidos por um e outro equipamento cultural: a Casa da Palavra esteve mais associada à difusão e a Escola Livre de Literatura – ELL – à formação cultural.

Ainda no campo das letras, em fevereiro de 1992 um novo espaço cultural surgiu na cidade. Era a Livraria e Sebo Alpharrabio, cujo intuito era não ser somente uma livraria e editora, mas:

... Centro Cultural, o Alpha, como o chamam os íntimos, fiéis frequentadores que diariamente ali comparecem à busca não só de livros mas principalmente do encontro com quem gosta de arte e de cultura. São escritores, artistas plásticos, músicos, professores e, sobretudo, leitores, ávidos por informação, lazer e troca de ideias, que passam ali... (www.alpharrabio.com.br, acessado em jan.2013).

Atualmente este espaço cultural conta com mais de 90 títulos publicados entre literatura nacional, ensaios e teses universitárias. A 'Alpharrabio Livraria e Editora' traduziu-se em uma referência cultural de atividades culturais ininterruptas desde então, por meio de debates sobre literatura, apresentações musicais e teatrais, exposições de arte e edições de livros etc.

4.2.2. Caracterização dos elementos de análise – escritores e sua obra.

A breve apresentação histórica nos mostra que é recente a ação mais sistemática de construção de textos literários em Santo André; datam da década de 1970. No entanto, mesmo para esse momento as criações que versavam sobre a paisagem da cidade eram praticamente inexistentes. Havia alguns textos esparsos em jornais que recompunham locais da cidade. Não foram objeto de pesquisa de campo os arquivos de jornais, mas na pesquisa exploratória realizada pudemos perceber que em datas próximas ao aniversário da cidade (8 de abril) alguns jornais abriam espaço para colunistas que contavam algum fato pitoresco ou da memória e que se associavam a espaços urbanos. Crônicas sobre Santo André são muito mais recentes.

Diante dessa condição optamos pelos cronistas/memorialistas que relembram aspectos da vida cidadina, frutos de sua vivência. E esse tipo de criação começa a se desenvolver com maior intensidade a partir da década de 1980, com lembranças dos anos de 1910 a 1950. A crônica sobre a cidade em si teve seu

momento áureo no ano de 1999, quando diversos escritores se dedicaram a retratar sob forma de diário o cotidiano do momento em que se aproximava a virada do século XX para XXI. No caso dos poemas são raros os que identificam a cidade. Há alguns que podem ser indicados, em especial quando elaborados com o objetivo de registro como foi o caso do projeto “As cidades cantam o Tamanduateí que passa” (2003).

Apresentamos a seguir o conjunto de escritores ou grupos que constituem material empírico da nossa investigação.

A. Alice Zerrenner Galuzio

Nasceu no distrito de Santo André, município de São Bernardo em 1915; filha de imigrantes que vieram do interior do estado de São Paulo para trabalhar na indústria. Seu pai trabalhou durante 56 anos na Fábrica de Casimiras Kowarick. Morou sempre na área central da cidade. Casou-se, teve filhos e desejava escrever um livro que contasse suas memórias, sonho realizado aos 81 anos, com a publicação *Minha Vida vivida*, em 1997.

Sua obra é de memória de vida, desde a infância até a velhice. São pequenas crônicas que versam sobre a vida cotidiana, as dificuldades de infraestrutura urbana, os meios de locomoção, o lazer, a cultura. De modo geral apresentam o contexto em que a vida foi se desenrolando desde meados da década de 1910. Por trás das diversas lembranças nota-se o olhar de criança e jovial de Alice, que em toda a sua vida morou na área central e viu o desenvolver do espaço urbano. Também se evidencia o papel da mulher na sociedade, como aquela que trabalhou durante algum tempo na juventude, e após o casamento dedicou-se aos cuidados do lar e da família. Do mesmo modo, à parte dessa condição, além do retrato de uma sociedade distante das novidades da cidade grande, a autora nos apresenta características locais da área de estudo como no trecho citado na crônica abaixo:

Cinema

Quando comecei a ir ao cinema, eu era bem nova. Lembro ainda que, quando estava sendo exibido o filme que ainda era mudo, havia um piano no salão e tinha sempre uma moça tocando músicas para animar o ambiente.

Depois com o tempo, vieram os filmes falados e cantados. Todas as terças-feiras, no Teatro Carlos Gomes, realizava-se a sessão das moças. O preço era baratíssimo e geralmente se

exibia o mesmo filme dos fins de semana. No início, eu ia com minhas colegas, e mais tarde com o meu namorado (GALUZIO, 1997, p.50-51).

A. Antonio Possidonio Sampaio

É baiano de Morro Preto, laço, nasceu em 1931. Em 1949, mudou-se para São Paulo onde completou o antigo curso ginasial por meio do curso denominado Madureza. Bacharelou-se em Direito pela USP (Faculdade de Direito do Largo de São Francisco), em 1964.

Trabalhou em várias atividades, como balconista, auxiliar de escritório, bancário, servidor público, jornalista profissional e advogado, profissão definitiva a partir de 1965, quando se estabeleceu em Santo André, onde continua a exercer a profissão. Especializado em infortunística, a partir de 1967, começou a advogar para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, atual Sindicato dos Metalúrgicos do ABC até 1997, quando se aposentou, mas permanece advogando na área de acidentes do trabalho em parceria com o sindicato.

Atuou como repórter em diversos jornais, por exemplo: 'Gazeta Mercantil' e 'Notícias Populares', além de outros pequenos jornais. Depois de formado, colaborou com a 'Tribuna Metalúrgica', 'Movimento', 'Escrita', 'O Escritor', 'Em Movimento', 'Tribuna Popular' e 'ABCD Maior'.

Na área da literatura, a partir de 1970 começou a escrever crônicas e romances, publicando os livros: *A Arte da Paquera* (1970); *Galeria da Solidão* (1972); *Vendedores de Ilusão* (1973); *Vamos Empinar Papagaio* (1974); *Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...* (1977), vencedor em primeiro lugar do I Concurso Escrita de Literatura em 1976; *A Capital do Automóvel: na voz dos operários* (1979); *Lula e a Greve dos Peões* (1982); *Em Manhattan do Terceiro Mundo* (1983); *ABC Cotidiano (cotidiário)* (1993); *Andanças na Contramão* (1996); *Em Busca dos Companheiros* (1999); *ABC no Fim do Milênio* (2000); *No ABC dos Peões* [edição conjunta de *A Capital do Automóvel* e *Lula e a Greve dos Peões*]; *Andanças com Salvador Bahia* [edição conjunta de *Na Virada do Milênio*, *Andanças na Contramão* e *Viagem Interrompida*] (2006); *Uma cidade sob os pés* (2012). Foi um dos fundadores e editores do jornal 'O Escritor' da União Brasileira de Escritores. Em 1989, mudou-se

de São Paulo para Santo André, onde até os dias atuais participa ativamente de atividades culturais.

Antonio Possidonio Sampaio tem várias obras publicadas, algumas delas pela 'Alpharrabio Edições', e muitos títulos associam-se ao ABC e a Santo André, com foco em ensaios e temáticas ligadas aos movimentos operários. Em três publicações sobre Santo André encontramos sua face de cronista: *ABC Cotidiano (cotidário)* (1993), *Andanças com Salvador Bahia* (edição conjunta de *Na Virada do Milênio, Andanças na Contramão e Viagem Interrompida*) (2006) e *Uma cidade sob os pés* (2012). Estas publicações oferecem textos nos quais o autor indica aspectos de sua trajetória cotidiana, sua participação em atividades sociais e culturais, seu fascínio com pequenos acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia, além de reflexões sobre as transformações da cidade. Citamos como exemplo a 'Parte 2' da crônica 'No meu pedaço':

Na época da mudança, já conhecia a cidade, pois aqui ganhava o meu pão desde 1965. Mas não tinha intimidade com os espaços públicos, onde o povo, tipos populares, vozes, cheiros e que tais dão alma às ruas.

Vim morar na Vila Bastos, num trecho também identificado como Jardim Bela Vista, graças à confusão dos moços da administração. Do oitavo andar contemplava as marcas da transformação de uma cidade de origem suburbana em metrópole regional, com edifícios arrojados, carros por todos os lados, poluição e crescentes problemas de trânsito.

Enfim, a cidade me dava a impressão de uma adolescente transformada em mulher feita antes da hora (SAMPAIO, 2006, p.59).

B. Dalila Teles Veras

Natural de Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, (1946), emigrou com a família para o Brasil (São Paulo, Capital), em 1957. Em 1972, após seu casamento com o advogado e escritor Valdecirio Teles Veras, radicou-se em Santo André.

Publicou mais de uma dezena de livros, nos gêneros poesia, crônica e o livro *Minudências*, um diário do ano de 1999. Participou de inúmeras antologias no país e no exterior. Possui trabalhos (artigos, ensaios e textos literários) publicados em jornais e revistas do país e exterior. Assinou de 1995 a 1999 a coluna semanal *Viaverbo*, do 'Diário do Grande ABC'.

Fundou o Grupo *Livrespaço de Poesia* (1982-1993) que manteve intensa atuação na divulgação da poesia e publicou cinco coletâneas e foi uma das editoras da revista literária *Livrespaço*, ganhadora do Prêmio APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte, como melhor realização cultural de 1993.

Desde 1992 é diretora-proprietária da *Alpharrabio Livraria e Editora*, em Santo André, onde promove atividade voltada para a difusão da cultura, das artes e o debate de ideias sobre o ABC.

Colaborou, como curadora da área de literatura, do evento Plataforma ABC, em três diferentes edições, bem como do PALAVRAPONTOCOM, promovidos pelo SESC/São Caetano do Sul. Foi responsável por uma página literária nos Cadernos CEAPOG (Centro de Estudos de Pós-Graduação), publicação semestral do IMES – Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul.

Em 2000 a revista Livre Mercado outorgou-lhe o Prêmio Desempenho de Empreendedora Cultural. Em 2004, a Câmara Municipal de Santo André outorgou-lhe o título de Cidadã Honorária.

A obra de Dalila Teles Veras é diversificada e possivelmente entre os escritores selecionados é aquela que mantém obra mais constante. São diversas as áreas de atuação com destaque para a crônica e a poesia. Suas crônicas focalizam a cidade e sua produção cultural, além de relatos de viagens. Suas obras, *Lições do tempo* (1982), *Inventário Precoce* (1983), *Madeira: do vinho à saudade* (1989 e 1997), *Elemento em Fúria* (1989), *Forasteiro Registros Nordestinos* (1990), *Palavraparte* (1996), *As artes do ofício* (1996), *A vida crônica* (1999), *Minudências* (1999), *Diuturnos* (2000), *À janela dos dias* (2002), *Vestígios* (2003), *Solilóquios* (2005), *Poesia do Intervalo* (2005), *Pecados* (2006), *Retratos Falhados* (2008). Parte das obras, mais recentes, foi publicada pela 'Alpharrabio Edições'. Dedicase em algumas publicações e no seu blog pessoal à crônica cotidiana que traz subjacente o olhar crítico para a sociedade andreense e suas vicissitudes; além de um diálogo geralmente crítico com o poder público municipal. A escritora tem forte atuação no campo da animação, crítica social e formação de opinião no âmbito da cultura e em especial literatura. Segue uma de suas crônicas da obra 'Minudências':

Napolitano

Desde segunda-feira, Santo André mudou. A cidade perdeu um (mais um!) de seus símbolos, o restaurante Napolitano.

Lembro-me: 1972, recém-casada, mudo-me da Capital para Santo André. Um amigo, indagado onde se podia comer bem, levou-nos, a mim e a meu marido, ao Napolitano. Recebeu-nos, no bar, o simpático Mário Gasparroni. A aparência do Napolitano, naquela época, era de um botecão, com seu balcão oval na frente, suas portas laterais, tipo *saloon*, e, nos fundos, o grande salão e as surpresas de seu cardápio, que já oferecia a maioria dos pratos que manteve até os dias de hoje, entre eles as inesquecíveis massas, seu carro-chefe. Lembro-me, ainda – os momentos à mesa sempre representaram para mim uma celebração – de que naquela noite comemos uma prosaica pizza por sugestão do amigo. Não, não era qualquer pizza, havia ali detalhes que só o olho do dono sabe localizar e que fazem sempre sucesso das boas casas.

Lá voltamos, uma vez, outra vez, e continuamos a lá ir, após nascerem nossas filhas que, quase bebês ainda, eram presenteados com generosas canjas, recomendadas por D. Dorvalina, a matriarca. Foi lá que a Carolina aprendeu a gostar de nhoque, chegando a compará-los com todos os outros que saboreou ao longo de sua vida. Falecido o Mário em 1992, sua filha Rosana assumiu o comando e o restaurante modernizou-se, mas manteve e aperfeiçoou o cardápio.

Acompanhamos as sucessivas reformas que o local sofreu ao longo destes últimos 26 anos. A última delas, senti, assinalava para uma situação de um certo acuaemento. A casa perdera um aconchegante pedaço físico, cedendo-o ao imperativo categórico do automóvel. Perdera ali parte de seu charme, com aqueles carros estacionados à sua frente. O sabor permaneceu.

Foi ali que comemorei, ao lado de cerca de 100 amigos, a passagem de meus 50 anos – quase a mesma idade em que o Napolitano cultivou seus múltiplos sabores. Ao redor de suas mesas, conchavos políticos conviviam com projetos literários. Ali também celebrei encontros com amigos além-mar e de além-fronteiras – comida e fidalguia sempre elogiadas.

Plagiando o poeta, quando seu heterônimo observava o dono da Tabacaria, eu diria que o Napolitano deixará sua tabuleta, eu deixarei os versos. A certa altura, a tabuleta do Napolitano morrerá também, e os versos também. Depois de certa altura morrerá a rua onde estava a tabuleta. Só não concordo com o poeta que, depois, também morrerá a língua em que foram escritos os versos e o planeta girante em que tudo isso se deu, porque acredito que a cidade saberá, talvez através da própria poesia, recriar seus símbolos e cravá-los na memória de seus cidadãos, pois, ainda Pessoa, há um universo em cada rua.

Santo André, 10 de dezembro de 1998 (VERAS, 2000, p.125-6).

C. Haroldo Santos Abreu

Nasceu em Ouro Fino, Minas Gerais (1924). No ano seguinte passou a residir em São Paulo, onde se formou em direito na Faculdade do Largo São Francisco (1946). Em 1947 foi contratado pela FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo como advogado consultor. Em 1954 transferiu seu escritório para Santo André e passou a residir no município em 1961.

Trabalhou como jornalista durante mais de 25 anos, tendo atuado nos jornais: 'Diário de São Paulo', 'Diário da Noite', 'Diário do Grande ABC' e editor do jornal 'Correio

Metropolitano' em Santo André. Foi fundador da Associação dos Advogados de Santo André, da APAE de Santo André e da Academia de Letras do ABC. Foi conselheiro de diversas associações e conselhos como o Rotary Clube de Santo André, ACISA – Associação Comercial e Industrial de Santo André, Casa da Esperança, Conselho de Desenvolvimento de Santo André – Codemsa e da Ordem dos Advogados do Brasil/Secção de São Paulo. Exerceu magistério, ministrando aulas de Direito Tributário no Instituto de Ensino Superior de Santo André. Faleceu em 1992.

Sua obra, *Crônicas e Poemas de um Encantado*, retrata sob o formato de crônicas e poemas, Santo André e aspectos de sua área central e de moradores locais. O autor iluminou aspectos da cidade sob o olhar do caminhante que transita cotidianamente e observa aspectos das mudanças que ocorrem nos hábitos da população. Diferente de outros cronistas que se envolveram com questões macroscópicas, este autor traça quase uma biografia na qual ele é partícipe das histórias que são contadas. Ele não está fora da cena, ao contrário, participa ativamente das atividades que são lembradas.

Devido à característica citada acima, o escritor em poucas crônicas faz o esforço da territorialização espacial. Essa condição dificultou a apresentação de seus escritos. Seu foco são as pessoas e os fatos. Mas, vejamos uma de suas crônicas em que a paisagem é aspecto fundante da escrita.

O delírio de Braz Cubas

O falecimento de Adolfo Bastos Filho leva-me a considerar um aspecto muito especial da vida e do desenvolvimento de Santo André. Tenho a impressão de que nesta cidade se encontraram *vis-à-vis* o passado, o presente e o futuro, fundindo-se num mesmo momento histórico. Há, é claro, um passado remoto, que vem desde João Ramalho e Bartira, mas, conforme assinalou o Dr. Octaviano Gaiarsa no excelente livro *A cidade que dormiu três séculos* Santo André passou por um tempo de curiosa hibernação até o tempo presente, por outro lado a vertigem do progresso tecnológico, aqui representado pela implantação, em apenas duas décadas, do maior parque fabril da América do Sul, de certa forma veio antecipar o futuro. E foi assim que, repito, entrelaçaram-se em 1970 as diversas fases da nossa formação, embaralhadas as noções de tempo, refletidas na hora em que passa o provincianismo do que fomos e as expectativas do que seremos praticamente indemarcáveis as fronteiras que nos separam do ontem e do amanhã. No delírio de Braz Cubas, talvez a única página em que Machado de Assis deixa de lado a sua habitual fleuma para permitir-se uma certa exaltação de estilo, leva Pandora, a personagem, até o alto de uma montanha, de onde é possível assistir o desfilar vertiginoso dos séculos, que entram a embaralhar-se em consequência da velocidade da passagem. Dir-se-ia que esse é o quadro da história atual de Santo André.

Adolfo Bastos Filho pertencia a uma das antigas famílias da cidade, proprietária da chácara onde foi construído o centro cívico. Não passou muito tempo desde que foram derrubados os

velhos eucaliptos plantados naquele local, para a abertura da praça IV Centenário. Ali mesmo os filhos de Charles Murray passeavam a cavalo, exibindo os puros-sangues mantidos na cachoeira da Chácara Mimosa, agora sede do 1º de Maio F.C. (ABREU, 2000, p.41).

D. José Bueno Lima

Nasceu em Santo André em 1938. Fez o curso primário no I Grupo Escolar e o ginásial e colégio em São Paulo. É advogado formado pela Faculdade Católica de Direito de Santos e é procurador municipal aposentado. Exerceu diversos cargos municipais em Santo André e São Bernardo do Campo e em associações.

Escreveu três obras de crônicas: *Um passado sempre presente* (2010), *Como se fosse hoje...!* (2010) e *Crônicas e Contos de um saudosista* (2011). Nessas três publicações o autor observa Santo André de sua juventude, focalizando especialmente os anos de 1960 e 1970. O foco é a área central, com destaque para atividades sociais e culturais que tinham lugar nesse espaço geográfico. Sua abordagem, como sua última obra o intitula, é saudosista e crítica às atuais condições de anonimato urbano em que se vive. Segue trecho de uma de suas crônicas:

A Praça é do povo!

Seu nome Praça do Carmo. Sempre me faz lembrar o Bispo D. Jorge, o Padre Bibiano e o Padre Belizário, que me casou. Paisagisticamente na ausência de canteiros, falta-lhe, na realidade, maior integração entre a arborização e o passeio, que lhe dariam um aspecto mais alegre, menos sisudo. Não sou contra a existência da concha acústica construída mais recentemente, bem defronte ao prédio que já serviu de gabinete do prefeito. Só lhe falta maior proteção, fica quase abandonada, à mercê, de invasores que ali dormem, fazem suas necessidades fisiológicas, oferecendo espetáculos não de acordo com sua finalidade.

Desde o tempo em que, ainda não era sede da Diocese do ABC, a praça sempre serviu de local das mais diversas manifestações. Teve sua época romântica. Nos domingos, após a missa das 11:00 h, os moços faziam-na de ponto de espera das mais belas jovens de Santo André. Então, foi ela testemunha de apaixonados flertes, que resultaram em inúmeros casamentos. Hoje, a praça tem uma frequência bem diversificada. Está popularizada, reflexo do apoio dados pelos bispos à classe operária, em seus movimentos sindicais. Com as dificuldades inerentes aos problemas sociais, ali costumam se reunir trabalhadores desempregados. [...] além do trabalhador, há algumas representantes da mais velha das profissões... e os moradores de rua, todos alcoólatras. Apesar da unidade policial existente, das entidades que deveriam cuidar dessa ferida social, nada se fez para solução do problema. [...]

E a Catedral do Carmo? Pena que a pintura externa atual tirou-lhe a seriedade que sempre manteve. Fazer o quê? Gosto é gosto! Se todo mundo gostasse do cinza... Mas, felizmente, conserva a tradicional escadaria, que já foi palco de diversas fotos históricas.

Sem rasgos de ufanismo, sem querer exagerar no bairrismo que carrego em mim, pode a população de Santo André exclamar aos quatro ventos, em alto e bom som, que sua catedral está entre as mais belas, dentre todas que por aí existem (LIMA, 2010, p.47-8).

E. Holando Lacorte

Não localizamos uma biografia desse autor. É sabido que foi nascido em Santo André e que publicou sua obra *Memórias de um andreense* em 1985. Era filho de Paulo Lacorte, um dos primeiros pintores da cidade. Sua obra única retrata aspectos pitorescos sobre a cidade, lembranças de sua memória. Destacamos trechos de um poema sobre o Rio Tamanduateí:

A morte do meu rio

Tamanduateí, irmão de minha infância,
Deslizavas calmo além da ferrovia
(Pra lá da linha – como se dizia)
Tuas águas puras, como eu criança.

Das tuas margens nas areias brancas
Quantas vezes eu deitava-me a cismar
Contemplando o céu ou de tuas barrancas
Retirava o barro para modelar.

Pelas tardinhas lá me ia à pesca
Espantando em voo alguma juriti,
Pela mata densa procurando à fresca
De uma sombra amiga para o lambari.

[...]

Com o passar do tempo mudaram teu nome,
Os forasteiros deram-te apelido:
O de 'Rio da Rhodia' – trágico cognome –
Rio de minha infância, meu irmão querido

[...]

E depois da Rhodia – amargo precedente –
Vem Poliolefinas, vem Refinaria,
Ferticap, Ibrape outras poluentes,
Entre outras tantas que ninguém sabia.

[...]

Perpetrou-se o crime coletivamente
Num complô sinistro os monstros atacaram
E prostituíram gradativamente
Tuas águas puras, que contaminaram.

Assim meu companheiro de infantis brinquedos,
Em lenta agonia nessa hediondez,
Perdeste a vida e eu sem meus folguedos
Choro a saudade e espero a minha vez (LACORTE, 1985, p.46,7).

F. Valdecirio Teles Veras

Nasceu em Luzilândia, Piauí, em 1942, e reside em Santo André desde 1972. Como advogado, formado pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (1971), atuou no departamento jurídico do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC ou em seu escritório e, durante os mais de quarenta anos dedicados à advocacia, participou das associações de classe, como presidente da Associação dos Advogados de Santo André, vice-presidente da subseção andreense da OAB/SP, membro da Comissão de Direitos Humanos estadual da OAB/SP, presidente do conselho deliberativo da Associação dos Advogados do Grande ABC. Foi Professor Assistente e de Estágio da Faculdade de Direito de São Bernardo.

Como escritor, publicou *Sabor Canjica e Outras Estripulias*, (1996), *O Milagreiro e Outro* (1998), *Na Trilha do Trem* [Diário] (2000), *Pimenta Seca* [Plaquete - edição fora do comércio] (2002) e *Notações* [Plaquete - Coleção Mimos - edição fora do comércio] (2009), além de participações em coletâneas, como *Os Especiais* (1984), *Outros Contos Piauienses* (1986) e a do 3.º Concurso de Contos de Franca/SP. Escreveu artigos de opinião para o 'Diário do Grande ABC', 'O Metalúrgico', 'Tribuna Metalúrgica', e assinou a coluna *Cidadania* na 'Tribuna Popular', de Santo André.

Valdecirio tem diversas obras publicadas, diversas delas publicada pela 'Alpharrabio Edições', mas uma delas nos chamou a atenção, pois acompanha outros escritores no diário do ano de 1999. O nome sugestivo da obra *Na trilha do trem* nos indica o mote que acompanha seu olhar, que filtra acontecimentos de seu cotidiano que gira em torno do centro da cidade, das ações que transformam esse centro, do diálogo crítico estabelecido com o poder público local. Um exemplo:

8 de abril

Santo André comemora 446 anos. É a maior cidade da Região do Grande ABC. Se dormiu três séculos, como diz Octaviano A. Gaiarsa, o certo é que acordou e progrediu. Quer queiram ou não os vereadores de São Bernardo do Campo, o nome de João Ramalho está vinculado a Santo André e ao ABC, como seu fundador. A cidade ainda é industrial, mas o setor terciário ganha força. O 'Diário do Grande ABC' editou um suplemento especial sobre a data. A administração Celso Daniel, do PT, anuncia a revitalização do centro, principalmente do calçadão da Oliveira Lima que deverá ganhar cobertura e será adaptado para ser um shopping aberto. O mês será de festas e inaugurações. As diferenças sociais e tendem a se agravar com a crise. Lamenta-se a existência de 150 favelas. Sou um cidadão de Santo André desde 1972 e falo com orgulho do 'torrão andreense'. (VERAS, 2000, p.43-4)

G. Wagner Calmon

Nasceu em Nova Granada, São Paulo, em 1939 e chegou a Santo André em 1971. Foi professor, poeta, escritor e compositor. Graduado em Letras e Pedagogia pela UNESP São José de Rio Preto e pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Castelo Branco - SP, respectivamente. Roteirista musical da peça 'Ponto de Partida' de José Eduardo Vendramini - vencedor do V Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo - 1967. Vencedor do I Festival de Música Popular de Tupã - 1969. Participante de Antologias de Poesia e Prosa. Autor de crônicas e poemas para Tribuna de Nova Granada - SP.

Trabalhou como coordenador pedagógico da EMPG Prof. Domingos Rubino em São Paulo-SP, coordenador da área de Comunicação e Expressão e do Centro de Informação e Criação da EEPSP Prof José Calvitti Filho - Santo André, SP. Na área de música atuou como compositor e regente de um grupo musical pela EMPG Prof. Domingos Rubino. Autor da peça 'O doidinho e seus desvarios' (Mário de Andrade) - diretor e compositor musical (1993). Publicou *Histórias Infantis* na Folhinha de São Paulo, 'Folha de São Paulo' - 1979 a 1982; *Histórias de bichos para pequenos leitores* - edições esgotadas; *Vamos Fazer Poemas* - relatório de práticas de sala de aula. Pela 'Alpharrabio Edições', publicou *Pensando Poesia*, (1995); *Porta Sem Trinco, Baú sem Tranca*, (1996); *Pipoco, Pipoca, Pipocadinhas* – com desenhos de Constança Lucas (2002); *Pomarizando* (2006) e *Olhares por André* (2006). Faleceu em 2010.

O escritor habituado a histórias infantis, em livreto *Olhares por André* dedica-se exclusivamente a poemas sobre a cidade que adotou. Nessa obra focaliza as pessoas e seu jeito de ser em Santo André. Como o próprio autor diz: "Não me aterei à cidade/rama-raiz de figueira nova/ [...] ater-me-ei à gente dessas margens tomando altura de orgulho operário pioneiros por direitos trabalhistas." (CALMON, 2006, p.5) Os espaços físicos são panos de fundo que nos levam a observar as características humanas da cidade, como é o caso do poema que exemplificamos a seguir:

Identidades

Rua Oliveira Lima
 passarela andreense
 rua de todos comuns
 de poetas, religiosos
 de pregoeiros jocosos
 vendendo de tudo um pouco
 Rua de loucos
 senhores de seu nonsense
 que não se pense – diferentes
 dos malucos nacionais.

Aqui ou ali um teatro
 aqui ou ali pantomima
 como deixar de notar
 o requebro da menina
 o estudante indiscreto
 o convite das vitrinas
 Como deixar de notar
 a Rua Oliveira Lima?
 Essa que é a alma traquinas
 do Santo de nome André?
 (CALMON,2006, p.17-8)

H. Walter Bevilacqua

Nasceu em Amparo em 1917 e veio para Santo André em 1920. Começou a trabalhar aos onze anos como mensageiro e aprendiz de desenhista na Companhia Rhodia Chimica Brasileira. Estudou no I Grupo Escolar e depois completou os estudos em São Paulo. Após a aposentadoria, em 1960, dedicou-se à pintura artística. Tem dois livros sobre memórias associadas à cidade: *E o nome dela?* e outro, *Memórias*, dedicado ao período que atuou profissionalmente na indústria Rhodia.

Suas obras focalizam com bastante intensidade o cotidiano fabril da Rhodia Química, onde trabalhou durante mais de 30 anos, mas há crônicas de suas memórias sobre a área central. São detalhes da infância e da adolescência, que esse autor territorializa de maneira objetiva. Segue um exemplo de trechos de sua obra:

Construindo a memória - do tempo do trenzinho da Oliveira Lima

Em nossa meninice, um meio de transporte de pessoas que marcou indelevelmente a nossa lembrança. Era a ligação entre a Estação de Santo André e a Vila de São Bernardo. Constituíam-se de uma ferrovia de bitola estreita. [...] Mesmo preso na fábrica por nove horas, vivíamos intensamente. Nossa casa ficava na Rua Gal. Glicério. [...] A General Glicério não tinha calçamento. A gente jogava bola e brincava no meio da rua. As calçadas eram utilizadas para partidas de bolinhas de gude. Carros? Passavam muito poucos. Vez ou outra um

carrinho de padeiro, verdureiros, leiteiros e lenheiros que não chegavam a interromper nossas partidas com bolas de meia.

Apenas em 1928 a General Glicério ganhou iluminação pública. Do lado esquerdo da rua não havia casas. A partir da nossa, portanto, era possível descortinar um amplo panorama com visão que alcançava até o morro do Curuçá. [...]

No pátio da Estação eram descarregados, dos trens de carga, toras de madeira vindas principalmente do Paraná e destinadas às indústrias de móveis de São Bernardo. O transporte para a Vila era feito por carretões de quatro rodas puxados por pares de burros. [...] Seguiam o mesmo itinerário dos bondinhos sobre trilhos, passando pelo centro de Santo André em demanda à avenida Pereira Barreto.

O último tipo de veículo utilizado no transporte de passageiros pela ferrovia Santo André-São Bernardo era um verdadeiro trenzinho composto por locomotiva e carros engatados. O trenzinho fazia tanto barulho, tanta fumaça e tanta sujeira que em pouco tempo precisou ser desativado. Donas de casa fizeram verdadeira ação popular em defesa das suas roupas estendidas nos varais das casas e que eram estragadas pela fuligem espalhada pela chaminé da locomotiva.

Um triste fim da odisseia do velho trenzinho da Oliveira Lima. (BEVILACQUA, 1997, p.165-6)

I. Projeto: As cidades cantam o Tamanduateí que passa

Assim como no caso da fotografia, também selecionamos um projeto no âmbito da literatura. Organizado na mesma época, nos anos 2000, e com um foco definido a partir do simpósio ‘Nascentes: o rio e a cidade’, realizado em Mauá (2003), cidade integrante da região do ABC, este projeto “... circunscreve uma atitude diante do rio civilizatório e agrega valor ao simpósio.” (PREFEITURA de Mauá, 2003, p.9) Compôs-se de um conjunto de poemas com vistas a ser uma possibilidade de educação ambiental. Participaram do projeto poetas divididos pelas cidades as quais o rio atravessa. Por Santo André foram os seguintes: Claudio Feldman, Dalila Teles Veras, Fabiano Calixto, Heverly Jane Leres Anda Velo, Jean de Oliveira Ferreira, Jurema Barreto de Souza, Wagner Calmon, Zhô Bertholini.

Trata-se de um corpo de poemas onde se misturam memória e vida cotidiana. O foco é o rio que marca de maneira indelével as cidades, pois em Mauá está seu nascedouro, e em Santo André e São Caetano do Sul, desde as primeiras décadas do século XX, concatenou seu fluxo com as atividades industriais que deixaram suas marcas na paisagem ribeira. O rio segue por São Paulo para desaguar no rio Tietê. São diversos os autores, mas selecionamos três deles para ilustrar nosso exemplo do projeto que se traduziu em uma obra literária:

O rio por um fio divisando cidades construídas à beira sonha corre agoniza mas não morre
(Zhô Bertholini, in: PREFEITURA de Mauá, 2003, p.74).

Ode ao Tamanduateí, outrora

1

Outrora
Os colares concêntricos do rio
 Sob a chuva
Evocavam os olhos dos peixes
Abertos durante o sono
 Como poetas

2

Nas margens pretéritas
O verde estival
 Respirava luz
Sem instantes grises
 Poros
Apalpavam pólens

3

Hoje
Mulheres estendem
Camisas-de-força
Entre prédios acéfalos
 A dor solitária
É garrafa de chumbo

4

O rio
Sonâmbulo entre fezes
Arrasta sua sede
De cristais lunares
-Subúrbios de treva
Plagiam seu hálito

Qual a distância
Entre o ser e o nada?
(Cláudio Feldman, in: PREFEITURA de Mauá, 2003, p.55-4)

A imagem do rio

A imagem do rio não é mais o rio.
O homem no bote de madeira
mergulha a mão na água
captura um raio de luz,
leva aos lábios sonhos potáveis.
O rio de celuloide e memórias
refletido na tela da sala
não é o rio escuro e cansado
prisioneiro de manilhas e concretos
que arrasta melancólico o passado.
O céu não reconhece
a imagem lodosa do Tamanduateí,
não há azuis em dia de sol
nem nuvens brancas
que o vento leva dançando.
Santa Luzia em sua gruta
não reconhece o rio sem peixes
E pergunta onde estão
as águas de muitas voltas
saciando a sede e a fome
de índios e animais.
A História não reconhece mais
a imagem do rio que a gerou
e em suas páginas está escrevendo
capítulos tristes, onde o Tamanduateí
bebe do cálice amargo da indiferença.
Os homens não reconhecem
renegam o rio três vezes a cada dia.
Uns sobre ele andam
crendo-se imunes semideuses
outros apenas ignoram
a morte líquida que se espalha.
O poeta no entanto
reconhece a imagem do rio
no fio límpido e fresco
escorrendo dos músculos das pedras.
O poeta reconhece-se no rio,
recusa-se a dar luta por perda.
por mais dolorido que seja o poema
ir além da imagem e ser voz
o grito agônico, ser o próprio rio.”

(Jurema Barreto de Souza,
in: PREFEITURA de Mauá, 2003, p.67-8)

4.2.3. *Radiografia literária, segunda síntese.*

Da análise dos escritores selecionados traçamos alguns comentários sobre o material recolhido. Organizamos a seleção por 'textos publicados', pois visualizamos que estes eram mais acessíveis para a pesquisa, já configuram uma produção cultural constituída e com facilidade de acesso público, seja por meio virtual ou material. É provável que haja algum tipo de produção disseminada em semelhantes coletivos ou outras formas de difusão que nossa investigação não alcançou.

Identificamos as seguintes características no grupo que constituiu nosso material de análise: boa parte dos autores são advogados ou ligados ao ensino da língua portuguesa e fazem da literatura um *hobby*. Outra característica que detectamos é que a maioria deles está ou esteve ligada de alguma forma à Livraria Alpharrabio, que tem catalisado boa parte da produção literária desde sua criação em 1992. Diversas obras mencionadas foram publicadas por essa livraria, e o projeto do diário de 1999 foi organizado por alguns dos escritores ligados à Alpharrabio. Também é digno de nota que muitos dos escritores selecionados moram ou moraram na área central da cidade, o que pode indicar suas preferências em escrever sobre essa região.

Da produção literária investigada podemos sinalizar que nem sempre a paisagem da cidade, ou mesmo aspectos associados a ela, estiveram sob seu olhar. Quanto mais se recua no tempo, mais difícil encontrar produções literárias que tiveram intenção de retratar a cidade ou mesmo refletir sobre ela. A cidade, como no caso da produção fotográfica era, em muitos casos, pano de fundo. Exceção a essa situação são as crônicas de memória. Ali os escritores descrevem lugares e situações que marcaram sua memória e, possivelmente, de muitos de seus contemporâneos.

Esse tipo de literatura em Santo André data da década de 1980. Antes disso, em um ou outro artigo de jornal havia menção à paisagem transformada da cidade. No entanto, não nos detivemos aos artigos de jornais, salvo se estes estivessem publicados em livro, folheto ou revista. Sabemos que jornais locais por vezes publicavam alguma crônica ou poema relativo à cidade; geralmente estes eram esparsos e pontuais. Exceção ao jornal 'Borda do Campo' que nos anos 1950

retratou por meio de um conjunto de crônicas e desenhos realizados a bico de pena de autoria de Nelson Cardoso Franco, detalhes da cidade do começo do século XX.

A memória como expressão da literatura é mais recente e garantiu espaço para que cidadãos pudessem expressar seu olhar e de seu grupo. Como lembrou SOUZA (2008), a literatura se caracteriza como um dos elementos da memória de um dado grupo social:

Essa memória está calcada em referências que o grupo mantém e reforça a cada dia. É sob a óptica do agora que conhecimentos, sabores, pessoas, objetos, paisagens são reconduzidos ao presente. Há um processo de reconstrução, onde o vivido recebe influências do grupo e do meio em que este se encontra (SOUZA, 2008, p.135).

Como resultado dessa investigação no campo da literatura, coletamos 133 (cento e trinta e três) itens entre poemas, memórias e crônicas. Estes apresentam diversos autores que possuem relação com a cidade, mas a grande maioria tem trânsito na região como um todo. Essa condição nos levou a observar que, diferentemente da fotografia que apresenta fotógrafos amadores associados territorialmente a Santo André, os escritores possuem uma produção literária regionalizada. Ou seja, não falam apenas de uma ou outra cidade; não obedecem tão claramente os limites entre as cidades.

Ainda assim há suas peculiaridades. Uma delas foi a proposição coletiva de se realizar um diário do ano de 1999. A proposta era de se fazer um registro anual para comemorar o final do século XX. Essa possibilidade se traduziu em algumas publicações com o mesmo objetivo. De posse delas, pudemos observar o que cada participante enfocava como de interesse para um determinado dia no ano. Em algumas ocasiões havia concordâncias entre os aspectos apresentados, com relevo para ações culturais ou diálogos com o poder público.

Esta última informação nos apresenta outro aspecto a ser focalizado no intuito de síntese sobre a produção literária. É perceptível que o diálogo entre o poder público e os escritores ocorreu de maneira mais propositiva desde meados da década de 1990. O poder público propôs ações de escuta e diálogo com a sociedade (projeto 'Cidade Futuro'⁶ e o projeto já citado anteriormente 'Centro com vida'). Ambos

⁶ Projeto 'Santo André Cidade Futuro', lastreado pela Agenda 21, foi lançado pela Prefeitura de Santo André em 1999 e trazia em seu bojo uma proposta de planejamento para a cidade, para médio prazo (20 anos), com participação ativa da sociedade. Foram criados fóruns de discussão e conferências balizados por nove eixos: desenvolvimento econômico, desenvolvimento urbano, qualidade ambiental, inclusão social, educação,

tenham em sua estrutura intrínseca a participação social. A resposta de produtores culturais ao chamamento de diálogo foi significativa e ela está expressa de maneira inequívoca nos diários e nas crônicas daquele momento.

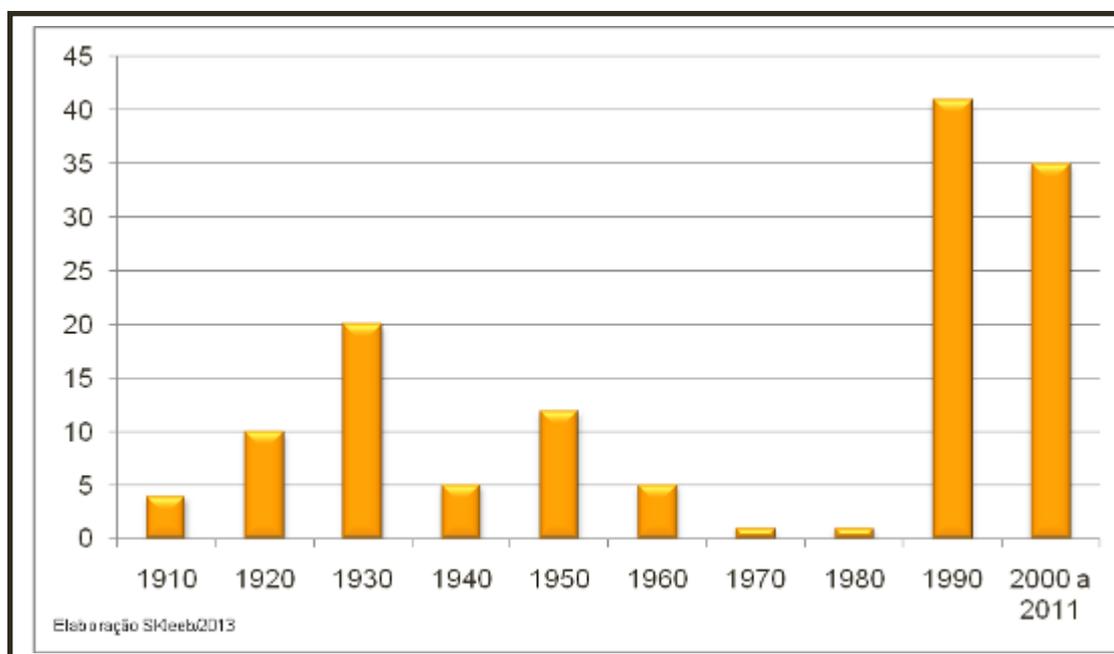
O projeto 'Centro com vida' evidencia claramente a resposta dos escritores ao chamamento de diálogo, denotando que havia confluência de interesses. Alguns dos escritores estiveram associados à formatação do itinerário cultural que foi criado naquele momento denominado 'Corredor Cultural'. Como exemplo podemos citar o projeto 'Centro com Vida' que indicou locais de interesse simbólico e de memória na área central e teve a participação de alguns escritores na sua formatação. A proposta foi desativada alguns anos mais tarde.

Se avaliarmos as inserções durante todo o período proposto é possível observar que para os escritores também existem locais simbólicos e sempre lembrados durante o processo de criação artística. Até os anos de 1940 o eixo de ligação entre Rua Cel. Oliveira Lima e Rua Senador Fláquer (até o I Grupo Escolar, hoje Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa) apresenta grande número de citações, com destaque para a antiga escola. O período seguinte, até meados da década de 1980, trouxe uma difusão de localidades na área central (década de 1950), mas ao mesmo tempo houve um arrefecimento na produção de literatura sobre a cidade, em especial nos anos de 1970 e 1980.

O período posterior marca o auge das crônicas e poemas com referência a Santo André. Dois fatores contribuíram: a proposta dos diários no final do século XX e o projeto de criação literária sobre o Rio Tamandateí. Estas duas propostas indicaram que projetos coletivos quando associados ao fazer literário sobre a cidade garantiram produção na área. Nos mapas da produção cultural que apresentaremos em seção subsequente estas condições ficam evidenciadas.

Com outro olhar sobre e com análise dos gráficos coligidos a partir de toda a produção literária analisada por nosso estudo temos que para esta linguagem existem décadas em que a produção literária possui maior número de marcações. Destacam-se as décadas de 1930, a década de 1990, nos anos de 2000 a 2011. Vejamos o gráfico abaixo:

Figura 39. Quantidade de marcações da linguagem literária na área central de Santo André, 1910 a 2011.



Pelo material coletado podemos explicitar que a produção literária que se refere à década de 1930 é aquela que foi produzida nos anos de 1980 e 1990 e que tem o potencial da memória como norteador de sua marcação. Os escritos são de memorialistas que relembram aspectos do cotidiano de sua infância e juventude (maiores informações no Apêndice 2, quadro síntese de fontes literárias).

As marcações nos anos 1990 e 2000 a 2011 referem-se a outro tipo de escritos. São os diários do ano de 1999 e crônicas e poemas que refletem a condição vivida no momento da criação do material. É possível observar que há vários elementos que se associam a remodelações e diálogos realizados com o poder público municipal.

Esta condição se reflete no Gráfico da Figura 40, apresentado a seguir, onde é possível ressaltar que as ruas Senador Fláquer e Rua Cel. Oliveira Lima são as mais lembradas. Tratam-se de locais que permanecerem na paisagem desde os tempos iniciais desta pesquisa (década de 1910) e se configuraram por um eixo de ligação entre a Estação e a Fábrica Silva Seabra & Cia, a primeira desta localidade. Além disso, conectava a Estação com a primeira escola e com o primeiro cinema locais.

Em terceiro lugar destaca-se o Rio Tamanduateí que foi inspiração de criação coletiva da década de 2000, mas também figura nas memórias e criações artísticas de outras décadas. Vejamos as tabelas 4, 5 e 6 dos três locais mais citados desagregados por décadas.

Figura 40. Quantidade de marcações para cada um dos locais selecionados na linguagem literária, área central de Santo André, 1910 a 2011.

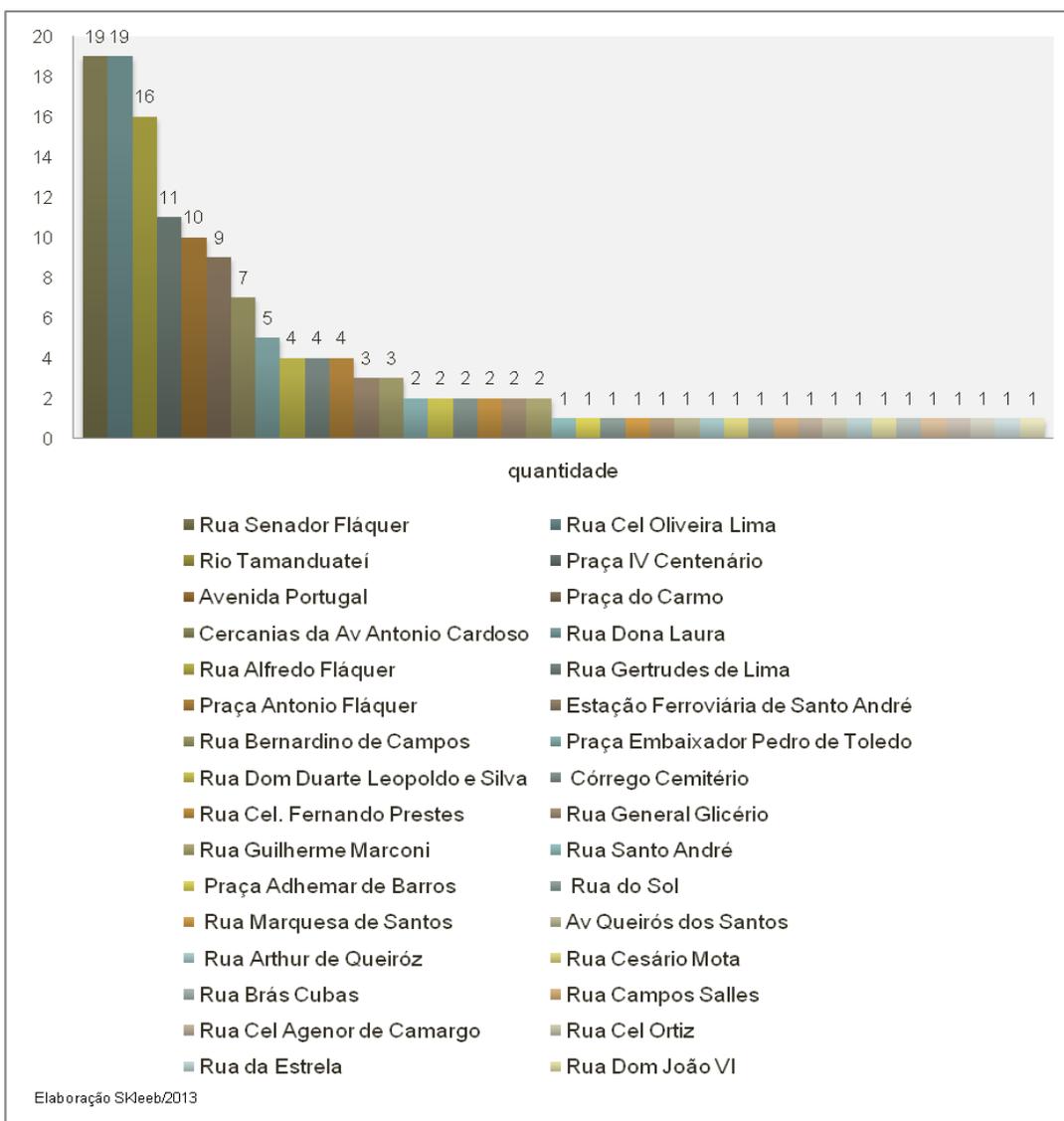


Tabela 4. Quantidade de inserções por década – Rua Senador Fláquer – área central de Santo André, 1911 a 2011.

Quantidade	Década	Local
3	Década de 1920	Rua Senador Fláquer
4	Década de 1930	Rua Senador Fláquer
2	Década de 1940	Rua Senador Fláquer
2	Década de 1950	Rua Senador Fláquer
8	Década de 1990	Rua Senador Fláquer

Tabela 5. Quantidade de inserções por década – Rua Cel. Oliveira Lima – área central de Santo André, 1911 a 2011.

Quantidade	Década	Local
3	Década de 1920	Rua Cel. Oliveira Lima
1	Década de 1930	Rua Cel. Oliveira Lima
1	Década de 1960	Rua Cel. Oliveira Lima
9	Década de 1990	Rua Cel. Oliveira Lima
5	Década de 2000	Rua Cel. Oliveira Lima

Tabela 6. Quantidade de inserções por década – Rio Tamanduateí – área central de Santo André, 1911 a 2011.

Quantidade	Década	Local
2	Década de 1930	Rio Tamanduateí
1	Década de 1940	Rio Tamanduateí
1	Década de 1950	Rio Tamanduateí
12	Década de 2000	Rio Tamanduateí

Da análise conjunta dessas tabelas podemos aferir que as décadas iniciais correspondem às citações de memória e as décadas finais, no caso da Rua Senador Fláquer e da Rua Cel. Oliveira Lima encontram-se associadas às transformações urbanas, observações do cotidiano e atividades culturais ocorridas nesses espaços urbanos. Essa condição fica descrita quando nos debruçamos sobre a tabela síntese das marcações (Apêndice 2, quadro síntese de fontes literárias).

4.3. Construção de mapas de produção cultural

Plagiando o poeta, quando seu heterônimo observava o dono da Tabacaria, eu diria que o Napolitano deixará sua tabuleta, eu deixarei os versos. A certa altura, a tabuleta do Napolitano morrerá também, e os versos também. Depois de certa altura morrerá a rua onde estava a tabuleta. Só não concordo com o poeta que, depois, também morrerá a língua em que foram escritos os versos e o planeta girante em que tudo isso se deu, porque acredito que a cidade saberá, talvez através da própria poesia, recriar seus símbolos e cravá-los na memória de seus cidadãos, pois, ainda Pessoa, há um universo em cada rua.

Dalila Teles Veras,
Minudências, 2000.

Mapas da produção cultural foram organizados com vistas a sinalizar criações culturais que compõem o universo dessa investigação. Denominamos criações culturais os relatos, escritos ou visuais que compuseram o nosso material empírico. São mais do que pontos esparsos no espaço; antes criam itinerários pelos quais, no tempo, podemos buscar referências para transformações e permanências da paisagem (DE CERTEAU, 1998).

Os mapas foram elaborados a partir da trajetória das duas linguagens artísticas selecionadas, em observância à delimitação física e temporal de nosso objeto de pesquisa. Buscamos ao máximo referenciar as informações, em nossa base de dados, exatamente no local de ocorrência citado em nossa base de dados (Apêndice 2, quadros síntese de fontes literárias e de imagens fotográficas). No entanto, nem sempre estes eram precisos no que se refere ao local, por exemplo: a Rua Cel. Oliveira Lima foi mencionada por seu nome, sem indicação do número, ou muitas vezes era a rua inteira que se pretendia enunciar. Nestes casos, situamos em algum ponto ao longo dessa rua.

Para facilitar a exposição e análise das informações seguem inicialmente figuras decompostas por linguagem artística e por períodos, conforme periodização organizada no Capítulo 3. Ao final, recompomos todo o conjunto associando a

produção cultural composta das 415 (quatrocentos e quinze) marcações realizadas nessa investigação, referentes à produção cultural.

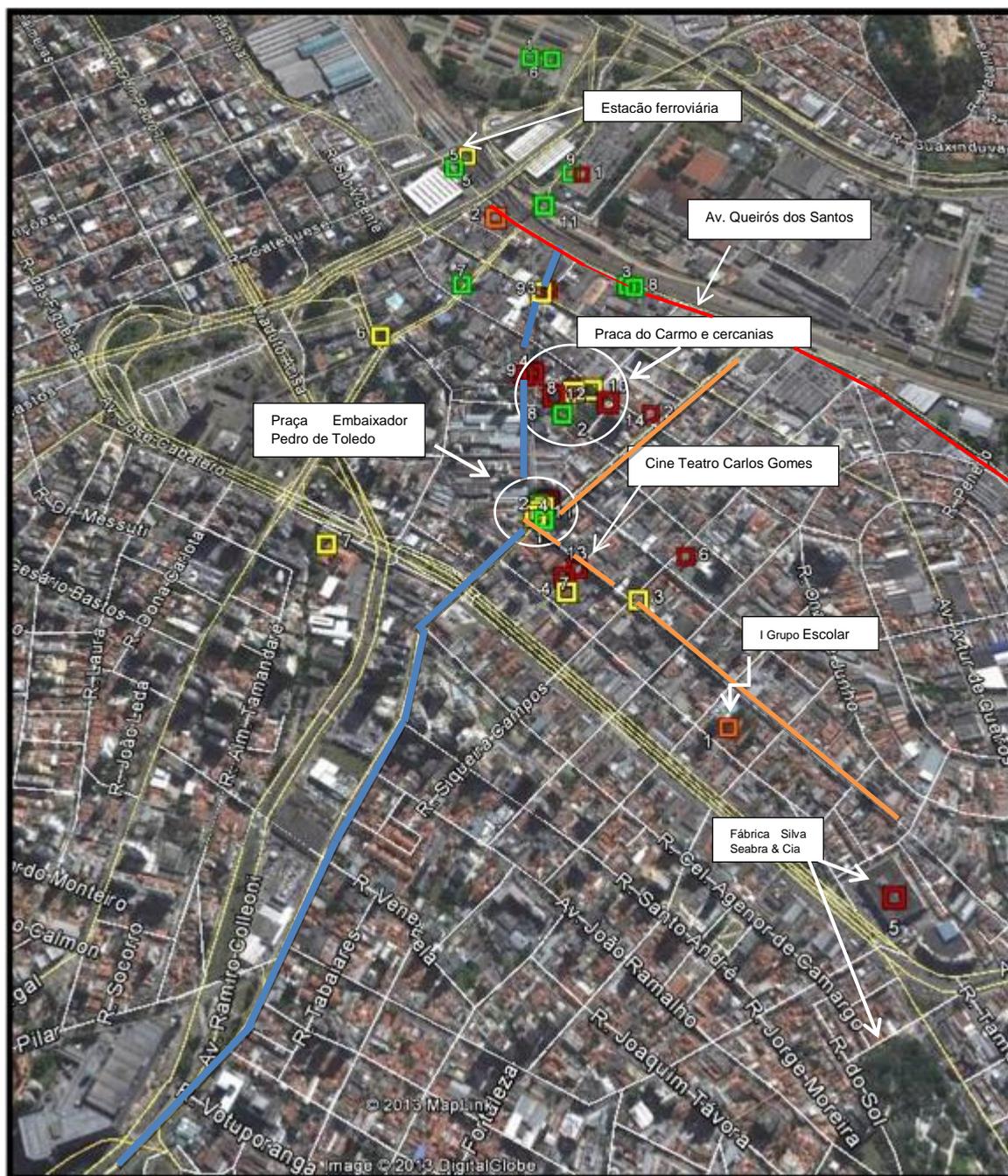
4.3.1. Mapas referentes à linguagem fotográfica.

O primeiro mapa refere-se às décadas de 1910 e 1940. É o momento de conformação do núcleo urbano e nos utilizamos de fotos de diversos autores. Observamos nesse mapa que houve uma concentração em dois pontos: cercanias da Praça do Carmo que engloba a Rua Cel. Oliveira Lima e proximidades da Praça Embaixador Pedro de Toledo, também conhecida como Largo da Estátua, em função de monumento em memória ao Senador Fláquer, instalado em 1932. Ambos locais foram salientados por meio de um círculo conforme indicado na figura 41.

A Praça do Carmo se mostrava como espaço de sociabilidade importante, para além da questão religiosa que incidia sobre a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que denominou o nome da praça. Ali, além das missas e cortejos religiosos, ocorriam atividades sociais, comícios políticos, apresentações cívicas etc. E, além disso, havia ligação direta com a Rua Cel. Oliveira Lima, e desta com a Estação ferroviária.

A Praça Embaixador Pedro de Toledo é outro ponto significativo, pois ali se iniciava a rua de maior comércio do distrito (Rua Cel. Oliveira Lima). Era um divisor de águas entre o caminho que levava à sede do município em São Bernardo e a rua que ligava à estação ferroviária. Além disso, naquele ponto se cruzavam a Rua Senador Fláquer, eixo de ligação com o I Grupo Escolar, o Cine Teatro Carlos Gomes e a maior indústria daquele momento, a Fábrica de tecidos Silva Seabra & Cia, conhecida por Ipiranguinha. Outro vértice era Rua Luis Pinto Fláquer, também rua de comércio da área central e que fazia ligação com a Avenida Queirós dos Santos, variante de caminho para o distrito de Pilar (atual Mauá).

Figura 41. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1910 a 1940.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013.

□ Década de 1910

□ Década de 1920

□ Década de 1930

□ Década de 1940

— Ruas Cel. Oliveira Lima e Cel. Fernando Prestes, compunham o caminho que ligava a Estação Ferroviária à Sede do município em São Bernardo.

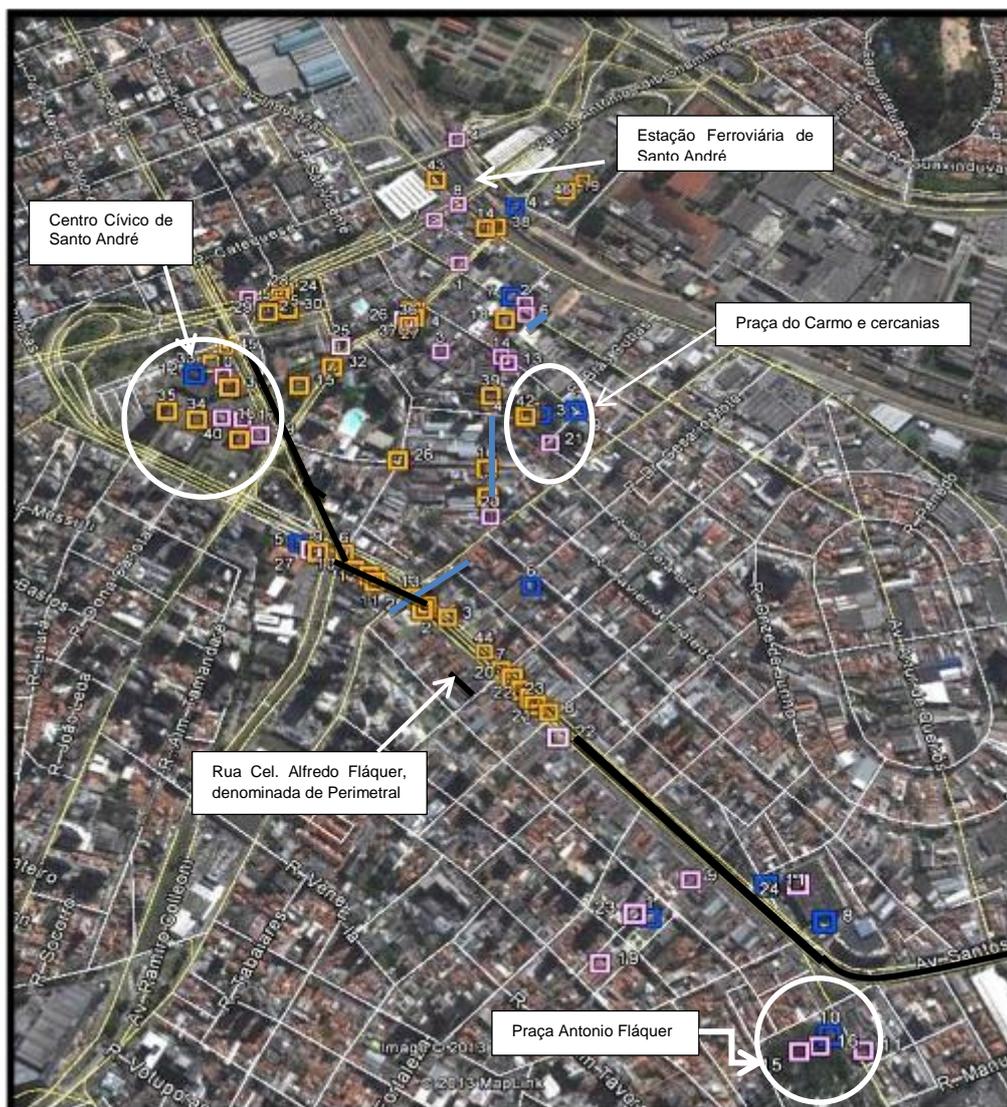
— Rua Senador Fláquer e Rua Luis Pinto Fláquer.

— Avenida Quirós dos Santos.

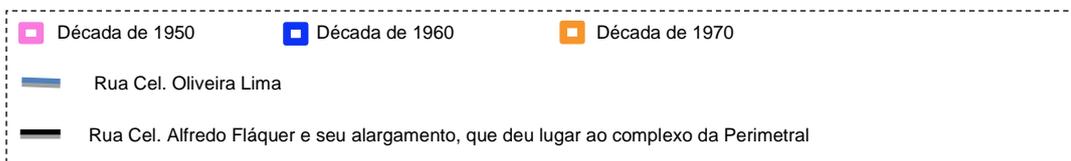
O segundo período (década de 1950 a década de 1970) (Figura 42) refere-se a um momento de forte crescimento da cidade e de estruturação de eixos viários que visavam a mobilidade automotiva. É o momento de grandes obras que modificam a paisagem da área central. Verificamos que a Praça do Carmo continua sendo ponto focal dos fotógrafos, mas novos pontos se apresentam, diluindo-se na paisagem. Destaque para o Centro Cívico que passa a ser fotografado com interesse na década de 1970, após sua inauguração final (1971) e as obras da Perimetral que modificam totalmente as possibilidades de locomoção dos cidadãos.

Outro local que se mostrou de interesse foi o atual Parque Antonio Fláquer, extremo sul da área central e sinalizado com um círculo. Inicialmente denominado popularmente como Praça Ipiranguinha, depois Praça Antonio Fláquer. Desde finais da década de 1930 este foi local de lazer e sociabilidade da população que habitava nas proximidades da Fábrica Silva Seabra & Cia (Ipiranguinha). Por estarem um pouco mais distante da Praça do Carmo, moradores e trabalhadores dessa fábrica e mesmo moradores de bairros mais distantes do centro acorriam para esse lugar com vistas a usufruir de atividades de lazer e cultura junto ao cinema Tamoio, contíguo à praça.

Figura 42. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1950 a 1970.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013



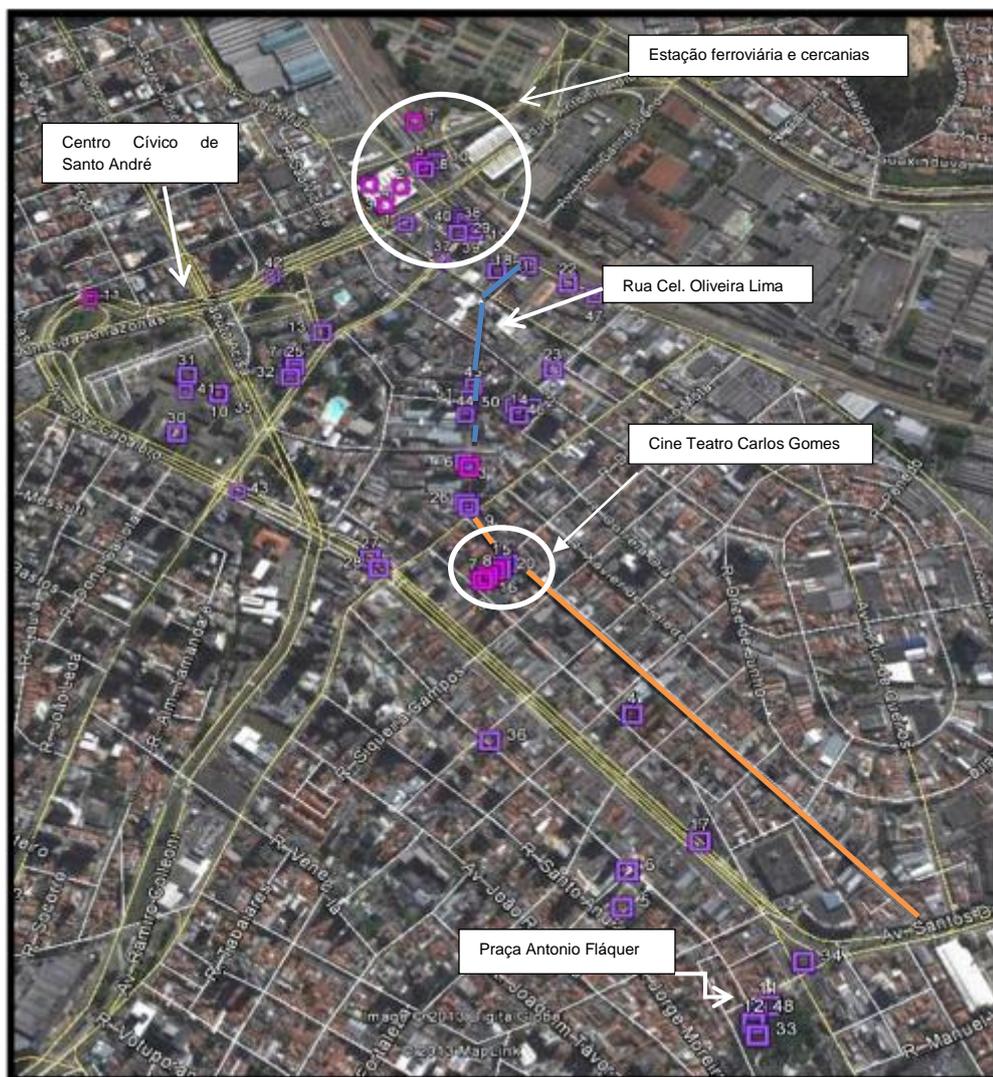
Na Figura 43 observamos que se desenvolveram novos pontos focais nos anos de 1980 e 1990. A Perimetral tão fotografada na década de 1970 não tinha mais a mesma atenção. Um dos locais de atenção mais intensa nesse período foi o Cine Teatro Carlos Gomes, circulado em branco que, após anos de paulatino abandono,

foi motivo de campanha da sociedade civil por sua reativação (década de 1980). Na década de 1990 foi desapropriado e passou a abrigar atividades culturais novamente.

Outro local, indicado com círculo é a Estação Ferroviária de Santo André, Terminal de ônibus e cercanias. Houve na década de 1980 modernizações da edificação da Estação com demolição da antiga estação e instalação de Terminal metropolitano. O impacto na paisagem foi grande. Ainda podemos indicar locais que foram fotografados: os sobrados do começo do século XX nas proximidades da Estação. Esta área passava por profundas transformações com a canalização do Córrego Cemitério e a organização do corredor de tráfego Centro Cívico/Estação (Avenida José Amazonas e Avenida XV de Novembro). Essa condição não passou despercebida pelos fotógrafos que atuaram no registro da demolição de diversos quarteirões dessa área.

Ao analisarmos a imagem da Figura 43 é possível ressaltar que houve uma ampliação dos locais fotografados, mas alguns registrados em décadas passadas continuam sendo pontos de referência, tais como: Rua Cel. Oliveira Lima, Centro Cívico de Santo André, Parque Antonio Fláquer e Praça do Carmo.

Figura 43. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1980 e 1990.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013.

O último período, explicitado pela próxima Figura 44, está mais próximo da contemporaneidade (2000-2011). Convém destacar que temos para esse período imagens da coleção Prefeitura de Santo André, da coleção de Marcello Vitorino e outras em maior número da coleção do Projeto '7Cidades'.

O resultado do conjunto fotográfico desse período evidencia o trajeto proposto pelo Projeto '7Cidades': com saída da Casa do Olhar, situada à Rua Campos Sales, Catedral do Carmo, Av. Queirós dos Santos, Estação Ferroviária Prefeito Celso Daniel Santo André, Terminal Rodoviário Metropolitano, Avenida XV de Novembro, Travessa Diana, Rua General Glicério e Rua Cel. Oliveira Lima, com término junto à escultura de Luiz Sacilotto, Concreções 0005, na interligação com a Rua Monte Casseros.

Importa observar nesse conjunto do período citado que fotógrafos produziram imagens de locais que impactavam na paisagem do ponto de vista da volumetria e significado como é o caso da Catedral do Carmo e da antiga edificação da Fábrica de Cadeiras e Pequenos Móveis Streiff, depois supermercado da rede COOP, localizada na Avenida Queirós dos Santos.

Observamos ainda que as lentes se voltaram para locais nos quais estavam impressos certo ar de abandono, seja pela má conservação das edificações ou pela poluição visual produzida por placas de identificação sobrepostas umas às outras e por pichações umas sobre as outras também. O olhar crítico frente à condição de pouca conservação da área central perpassa praticamente as imagens de todos os fotógrafos desse período. E, notamos também que na paisagem está embutida a fragmentação uma vez que, devido à verticalização as áreas centrais ficaram mais difíceis de serem observadas com a amplitude de décadas anteriores.

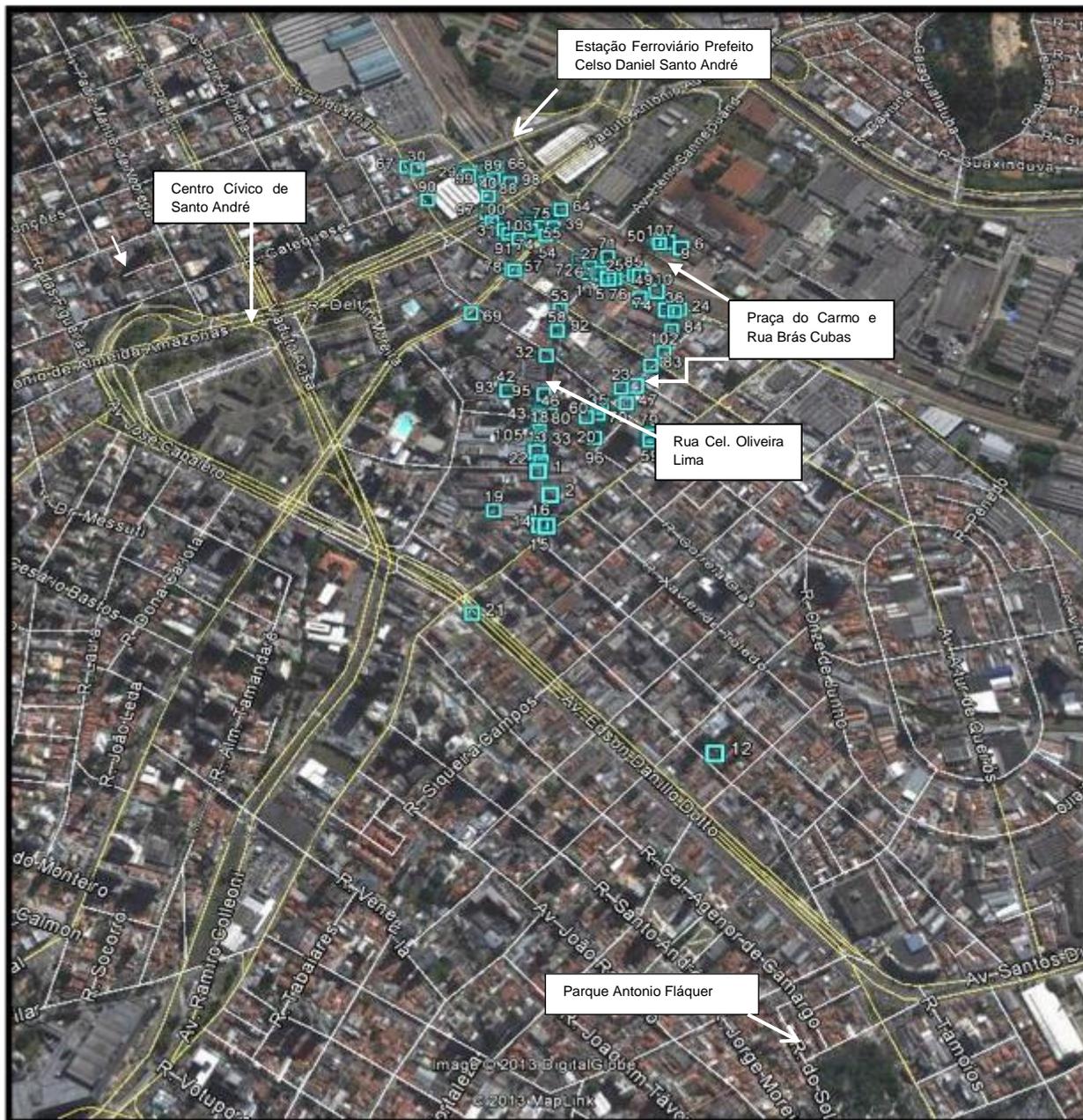
As fotografias foram produzidas, em sua maioria, em meados da década de 2000 e chama a atenção o fato de que no início dessa década o poder público municipal implementou um projeto de valorização da área central denominado 'Centro com Vida'. Nesse projeto estava embutida proposta de valorização de bens culturais e de interesse histórico por meio do projeto 'Corredor Cultural', no qual se sugeria itinerários para conhecimento do centro. No entanto, quando observamos as imagens produzidas é notório o abandono e a necessidade de conservação preventiva de pontos demarcados. Boa parte daqueles listados pelo itinerário de visita do 'Corredor Cultural' foi sinalizado pelos fotógrafos, o que nos leva a acreditar que são locais de interesse visual para parcelas da população de Santo André, além

de permanecerem por quase um século na paisagem do centro da cidade. Mas a conservação era, e ainda é precária.

Notamos que a concentração das imagens se organiza em área próxima da Estação, enquanto que outras localidades intensamente fotografadas em momentos anteriores ficaram esquecidas ou não escolhidas. Entre os 'esquecimentos' destaque para o Cine Teatro Carlos Gomes, fechado e sem programação por boa parte desse período.

A seguir, apresentamos dois mapas, nas figuras 44 e 45, sobre esse período. A primeira possui a mesma configuração que as demais figuras apresentadas nessa seção e nela são destacados pontos com vistas a facilitar a localização. Na outra figura, de número 45, é feito um 'zoom', devido à quantidade de informações, para que se evidencie melhor as área fotografadas, bem como o itinerário apresentado pelo projeto '7Cidades'. Nesta figura foram sinalizados alguns pontos nos quais o volume de fotografias é maior, com vistas a observar o que chamou a atenção dos fotógrafos contemporâneos.

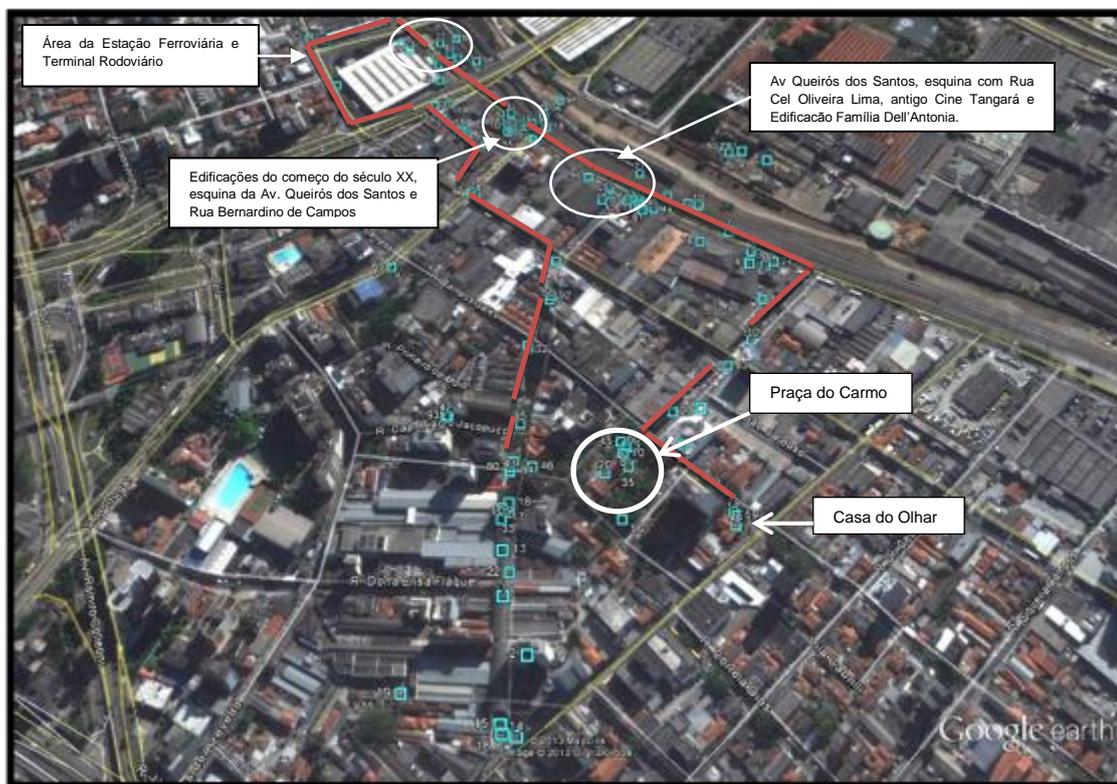
Figura 44. Referências fotográficas, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.



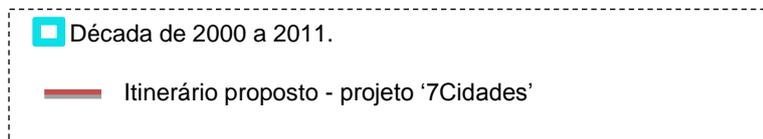
Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013.

■ Década de 2000 a 2011

Figura 45. 'Zoom' das referências fotográficas, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.



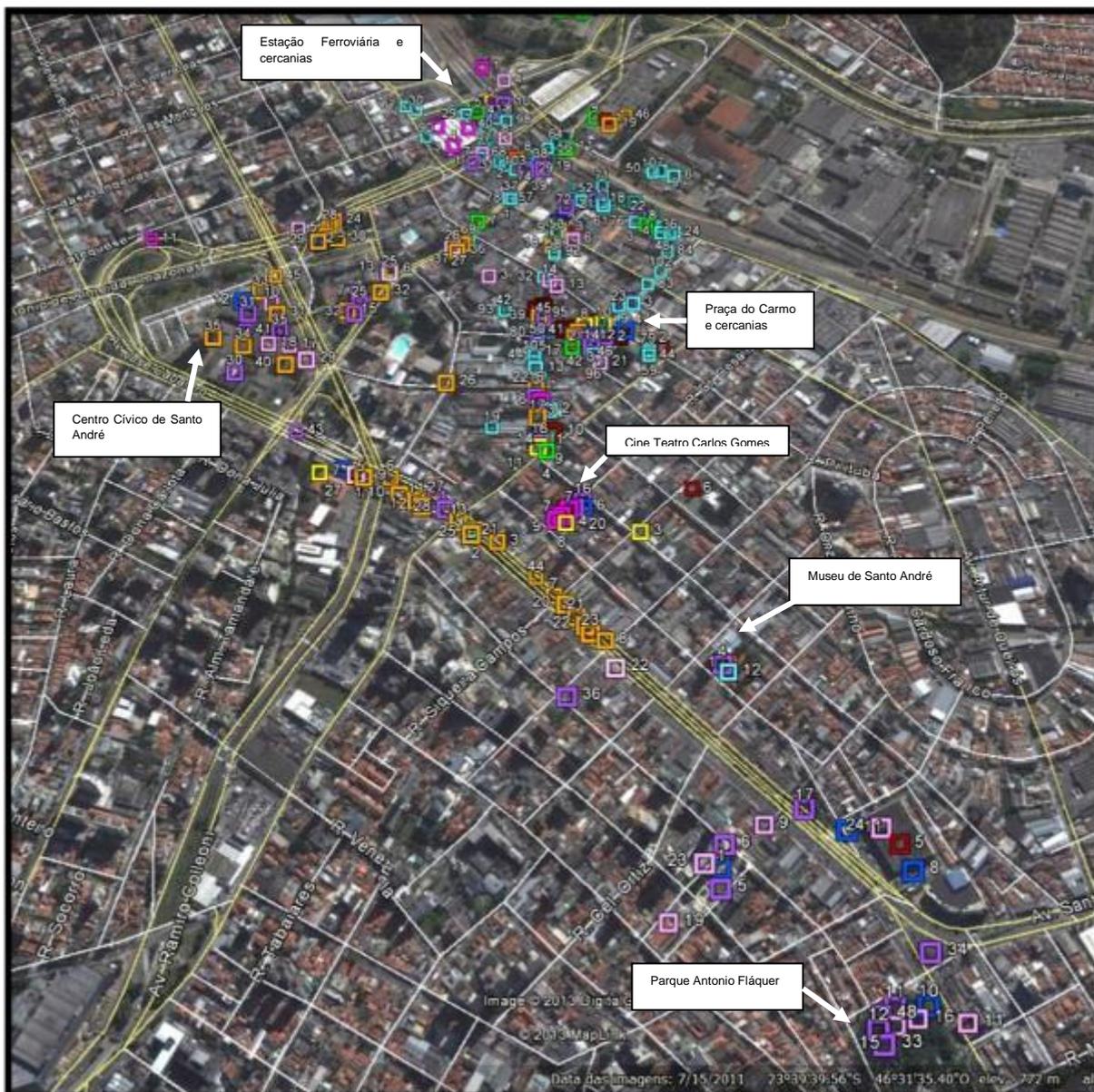
Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013.



Por fim, segue o último mapa associado exclusivamente à linguagem fotográfica (Figura 46). Este é uma síntese de todos os períodos. Destacamos algumas evidências: existe uma concentração de produção de imagens em torno da Rua Cel. Oliveira Lima e da Praça do Carmo nos diversos períodos selecionados. Situação semelhante, mas em menor número de períodos, diz respeito à área da Estação Ferroviária e cercanias, bem como junto ao Centro Cívico de Santo André e ao Parque Antonio Fláquer. A Perimetral (Rua Alfredo Fláquer) também é fotografada, mas na década em que foi construída. Após esse período, ela foi praticamente abandonada pelos fotógrafos. Os equipamentos culturais – Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa, Casa do Olhar, Casa da Palavra e Cine Teatro Carlos Gomes foram lembrados em algumas situações específicas: no momento em

que estavam com dificuldades em sua conservação material ou quando as atividades culturais eram mais intensas.

Figura 46. Síntese das referências fotográficas, área central de Santo André, década de 1910 e 2011.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

■ Década de 1910	■ Década de 1960
■ Década de 1920	■ Década de 1970
■ Década de 1930	■ Década de 1980
■ Década de 1940	■ Década de 1990
■ Década de 1950	■ Décadas de 2000 a 2011

É possível salientar por esse último mapa de condensação dos registros fotográficos coletados por essa pesquisa a importância do centro de Santo André para a produção fotográfica. Na pesquisa de campo realizada pudemos perceber que esta foi a área mais fotografada da cidade. Observamos como o centro tem papel integrador entre as diversas regiões da cidade e ali se espelha a transformação e modernização do espaço urbano no decorrer do século XX. “A cidade é substituída por uma de suas partes, no caso, o centro, aquele segmento urbano capaz de melhor demonstrar as conotações positivas das intensas transformações.” (LIMA, 1997, p.149).

4.3.2. *Mapas referentes à linguagem literária*

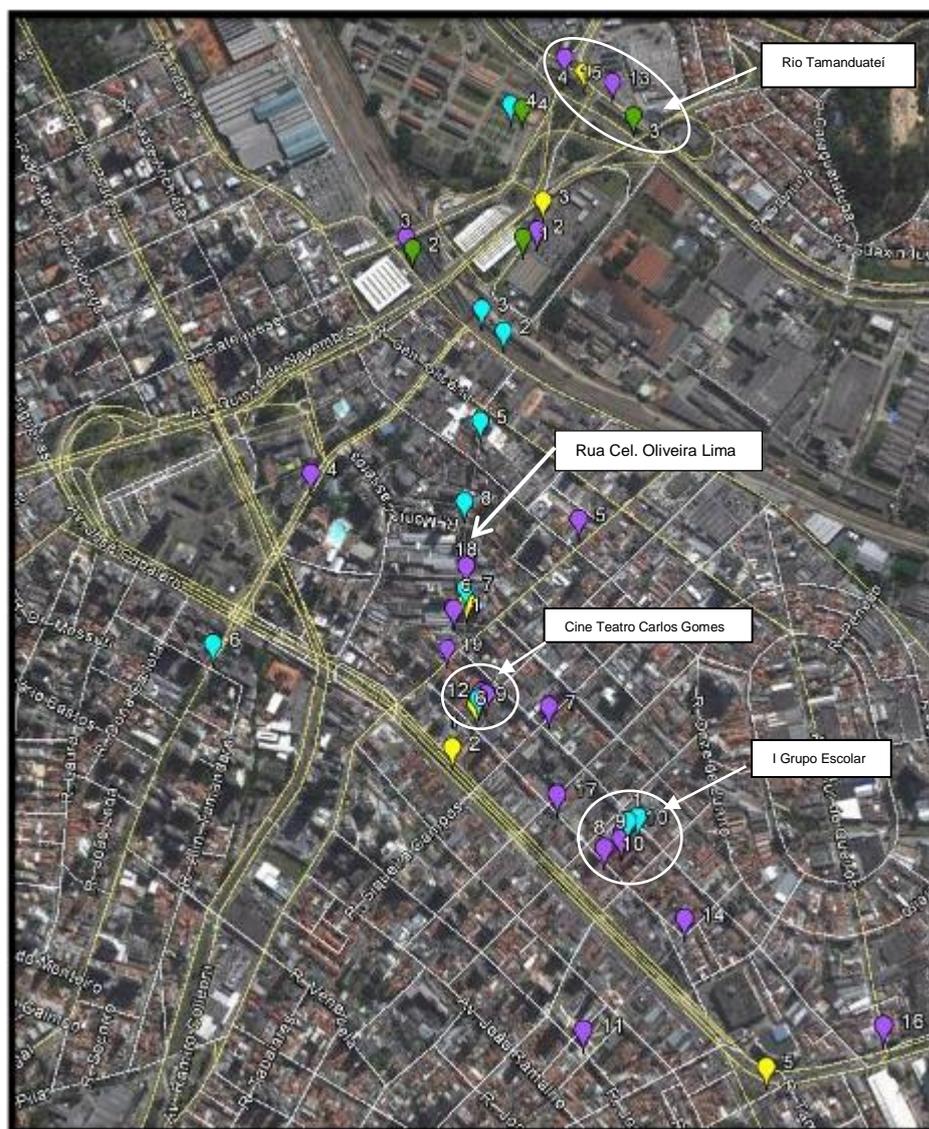
Este segundo conjunto de mapas apresenta informações coletadas junto a poetas e cronistas que registraram a área central de Santo André. Evidenciamos o mesmo recorte temporal utilizado para o conjunto de imagens fotográficas e periodizado no Capítulo 3. Nos mapas apresentados nas figuras abaixo indicamos localidades tais quais as referências fotográficas, que se encontram discriminadas no Apêndice 2 (quadro síntese das fontes literárias) com breve descritivo do assunto, data presumida da informação, tipo de obra literária, local retratado, autor, referência bibliográfica, ano de publicação.

O primeiro marco temporal é de 1910 a 1940 e encontra-se na Figura 47. Observamos que para esse período as informações foram coletadas junto a crônicas escritas a partir da memória dos autores e que foram publicados geralmente nos anos de 1980 e 1990. Não encontramos em nossa pesquisa de campo crônicas produzidas naquelas décadas. Interessante notar que as memórias dos primeiros anos (década de 1910) associavam-se aos locais de trabalho nas proximidades da Estação Ferroviária. Aquelas integradas às décadas de 1920 e 1930 apresentam a Rua Cel. Oliveira Lima como ponto de destaque, evidenciando seu papel na organização do núcleo urbano de então. Destacam-se também o Cine Teatro Carlos Gomes, o I Grupo Escolar [atual Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa] e o Rio Tamanduateí. O cinema e o rio constituíam-se locais de lazer, enquanto que a escola é lembrada pela dedicação ao estudo. Pontuadas pela Rua

Cel. Oliveira Lima registram-se outras lembranças referentes aos cursos de carnaval, ao trabalho operário, aos meios de transporte rudimentares, as missas dominicais, ao *footing* [paquera] etc.

A memória refletida nessas crônicas nos apresenta um itinerário que ligava dois pontos geográficos limitantes do núcleo urbano nesse momento: a estação ferroviária e a fábrica de tecidos Silva Seabra & Cia (Ipiranguinha). Podemos observar que a memória garantiu assentimento a lugares que reforçavam lembranças, geralmente longínquas no tempo e, portanto, carregadas de uma aura de nostalgia. Sinalizavam, também, edificações e espaços associados às redes de sociabilidade em uma cidade que tinha ali seus primeiros passos. Além disso, marcaram-se espaços que impactavam no núcleo urbano por sua volumetria em meio a muitos espaços não ocupados do tecido urbano.

Figura 47. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1910 a 1940.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

O próximo mapa diz respeito ao período entre os anos de 1950 e 1970 (Figura 48). Este foi um período em que a cidade se consolidou economicamente como cidade industrial e com isso foram realizadas diversas obras de infraestrutura urbana que visaram modernizá-la e garantir melhor mobilidade para o transporte rodoviário. A

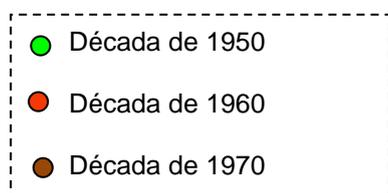
literatura sobre a cidade ainda era eminentemente composta de crônicas produzidas a partir de memórias, mais escassas do que no período anterior.

Apesar de publicação crescente de periódicos a partir das revistas do 'Clube de Poesia de Santo André' em 1953 e 1954, as possibilidades de criação literária sinalizaram dois contextos, o lírico com poemas, e os ensaios políticos com críticas à política local. Mesmo em textos históricos a favor do aniversário de 400 anos da fundação da vila de Santo André da Borda do Campo (1953), o enfoque pousava na pujança das indústrias e menos nas transformações que a cidade necessitava ou que operava em sua paisagem.

Figura 48. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1950 a 1970.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013



O próximo período, décadas de 1980 e 1990 (Figura 49), representa um momento de consolidação da literatura em Santo André com publicações e ações de criação e difusão de autores andreenses e o surgimento de equipamentos culturais associados a essa linguagem artística tanto da sociedade civil como do poder público, conforme explicitado em seção anterior. Na década de 1980, no âmbito da

crônica e da poesia referentes à área central da cidade, praticamente não houve produção que nos legasse a possibilidade de marcação em nosso mapa. Esta, no entanto, se fez presente nos anos de 1990, com destaque a uma proposição de amigos que decidiram escrever crônicas diárias no ano de 1999, em celebração à passagem do século. Além da possibilidade de análise do que cada qual lançou seu olhar e redigiu para cada dia do ano, este material é bastante rico para compreender as transformações pelas quais o centro da cidade passava, uma vez que era um ano de finalização do Projeto ‘Centro com Vida’, que contemplou a área com diversas obras de modernização de infraestrutura urbana.

Figura 49. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1980 a 1990.



- Década de 1980
- Década de 1990

Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

Cabe sinalizar que mediante a observação do mapa, locais associados à remodelação urbana estão presentes, com destaque para o Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa e os diversos espaços sinalizados pela proposta do projeto denominado 'Corredor Cultural', no qual se propunha um itinerário a pé pela região central da cidade, valorizando edificações de interesse simbólico e histórico.

Em análise ao que os escritores selecionados registraram no ano de 1990, observamos que de maneira geral o grupo tinha motivações para a escrita semelhantes: por vezes ia junto aos mesmos lugares, reuniões, atividades culturais e de lazer. E, em muitos casos o espaço nos permite sinalizar essa condição. Dalila Teles Veras, Antonio Possidonio Sampaio e Valdecirio Teles Veras compunham esse grupo. Os três escritores focalizaram diversas ações do poder público municipal em prol do projeto 'Centro com Vida' e 'Santo André, Cidade Futuro' do quais participaram ativamente. Valdecirio Teles Veras e Dalila Teles Veras estabeleceram um olhar crítico e ao mesmo tempo propositivo sobre os projetos e as necessidades de valorização do centro da cidade. Antonio Possidonio Sampaio constituiu um olhar mais afetuoso sobre o centro e suas características, bem como com relação às pessoas que circulavam na região.

O último período que apresentamos é o aquele mais recente associado aos anos de 2000 a 2011 (Figura 50). Para este, de forma semelhante à proposta organizada com a linguagem fotográfica, nos utilizamos, além das crônicas e poemas publicados, de um projeto realizado pela Prefeitura de Mauá, que tinha como objetivo apresentar uma criação coletiva sobre o Rio Tamanduateí. Esta proposta congregou escritores de três municípios banhados pelas águas desse rio: Mauá, Santo André e São Caetano do Sul. A intenção do conjunto foi de criar um conjunto de poemas que pudessem ser "... instrumento de educação para o compromisso ambiental porque, antes de ser utilidade, constitui-se linguagem capaz de dar suporte a um conjunto de vida intensamente memorizada. Enfim, mediação entre o ser e o mundo" (PREFEITURA de Mauá, 2003, p.11). Este material acabou por trazer um volume maior de marcações a respeito do rio, mas é notório que no decorrer das outras décadas este também já havia sido lembrado em diversas ocasiões.

Apesar de uma quantidade menor de crônicas e poesias nessa década, podemos observar que a região onde encontramos mais referências é aquela próxima à década anterior. Os espaços urbanos do Centro Cívico, Praça do Carmo e Rua Cel. Oliveira Lima continuam sendo os mais prestigiados pela criação literária.

Outras áreas como o Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa (antigo I Grupo Escolar), sinalizado por diversas vezes nos períodos anteriores não foi indicado nesse período. Detalhe de destaque é que diversos escritores que em momentos anteriores lembraram-se da edificação, nesse momento se silenciaram. Um possível motivo para tal pode ser sinalizado pela diminuição na quantidade de ações de programação cultural desse equipamento cultural e talvez por essa razão, os escritores, em especial os cronistas, não buscaram ali fontes de inspiração.

Figura 50. Referências literárias, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

● Década de 2000 a 2011

O último mapa literário que apresentamos (Figura 51) diz respeito à totalidade das criações literárias analisadas por essa investigação. Assim como no caso das fotografias, observamos por meio desse mapa que as referências espaciais das criações literárias estão relacionadas à região central da cidade, com destaque para a Rua Cel. Oliveira Lima, a Praça do Carmo, o Rio Tamanduateí e o Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa. Estes são locais que por sua volumetria e permanência no espaço se mostraram presentes desde os tempos primordiais dessa pesquisa. A partir da análise das informações coletadas e que

podem ser observadas no Quadro Síntese de Fontes Literárias (Apêndice 2), notamos que as obras urbanas não são os sinalizadores que compõem a produção de literatura. Antes, são os transeuntes, as cenas cotidianas que se fazem significativas para a produção literária. Esta também é bem mais escassa que o conjunto de imagens fotográficas, uma vez que demandam mais tempo de maturação que a fotografia, realizada no mesmo instante de observação do fotógrafo amador ou profissional.

Figura 51. Referências literárias, área central de Santo André, década de 1910 a 2011.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

● Década de 1910	● Década de 1920
● Década de 1930	● Década de 1940
● Década de 1950	● Década de 1960
● Década de 1970	● Década de 1980
● Década de 1990	● Década de 2000 a 2011

4.4. Síntese: diálogos entre as produções culturais.

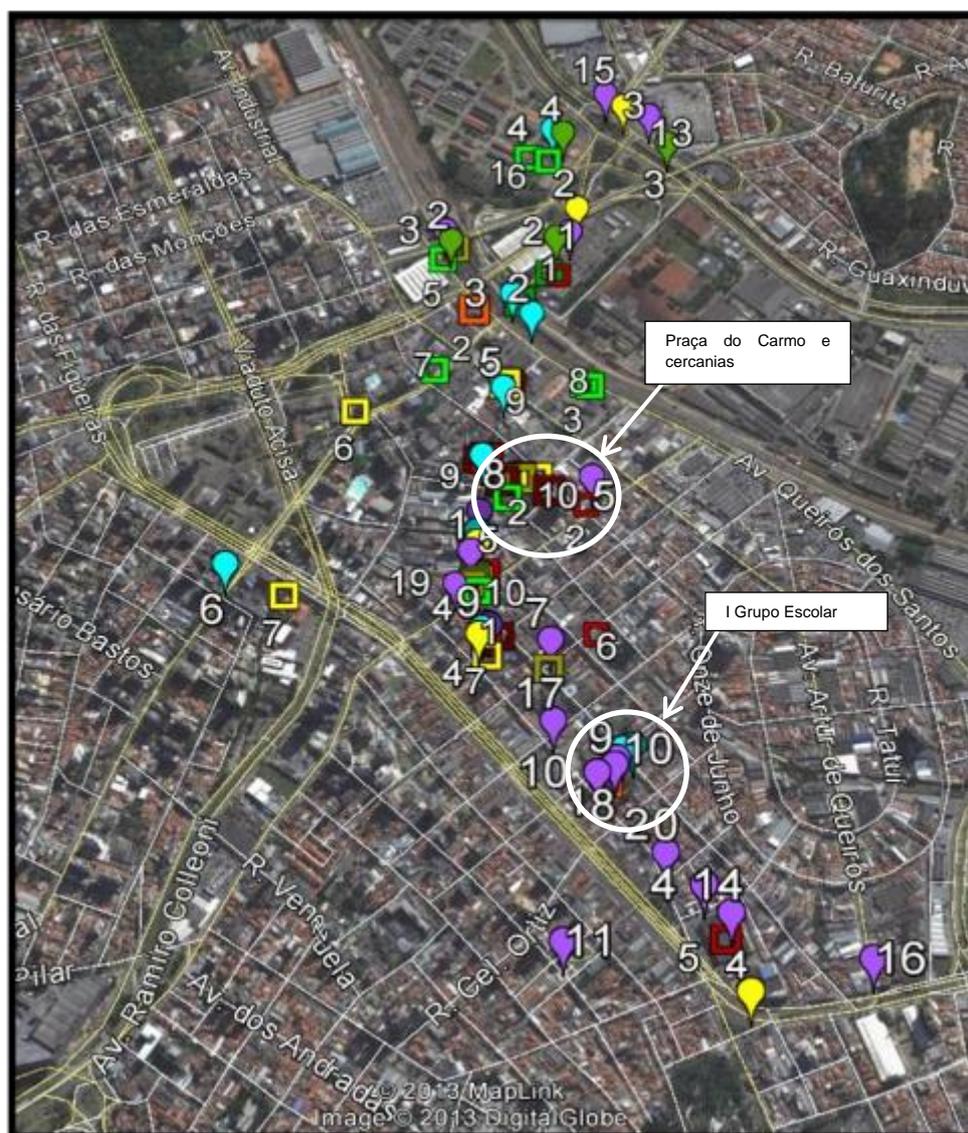
Etapa final deste Capítulo diz respeito ao diálogo entre as linguagens fotográfica e literária em nosso campo de análise. Valemo-nos dos mapas de produção cultural, agregando as marcações para a linguagem fotográfica e a linguagem literária, nos períodos previstos. Lembramos que no caso da linguagem fotográfica nos utilizaremos da marcação ‘quadrado vazado’ e no caso da literária são os ‘pingos invertidos’.

Foi a partir desse cruzamento que verificamos um de nossos objetivos da investigação, qual seja compreender quais elementos são ‘recortados’ da paisagem da área central pelos atores sociais selecionados.

O primeiro mapa que expomos (Figura 52) é aquele que diz respeito às décadas de 1910 a 1940. Neste é possível observar que há certa concordância entre os locais fotografados e aqueles lembrados nas crônicas e memórias sobre o período. E, inclusive, é possível realizar um itinerário que delimita o centro nesses primeiros tempos. Este se inicia nas proximidades da Estação ferroviária, segue pela Rua Cel. Oliveira Lima, passa pela Rua Senador Fláquer e se finaliza nas proximidades da Fábrica de Tecidos Silva Seabra & Cia, conhecida também por Ipiranguinha.

Podemos sinalizar que há certo acúmulo de informações sobrepostas em dois locais: o I Grupo Escolar (atual Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa) e a Praça do Carmo. Ambos estão circulados no mapa para facilitar a identificação. Há, inclusive, sobreposição de locais que são elencados nos dois tipos de linguagens, o que denota certa convergência de olhares para estes.

Figura 52. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 1910 a 1940.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

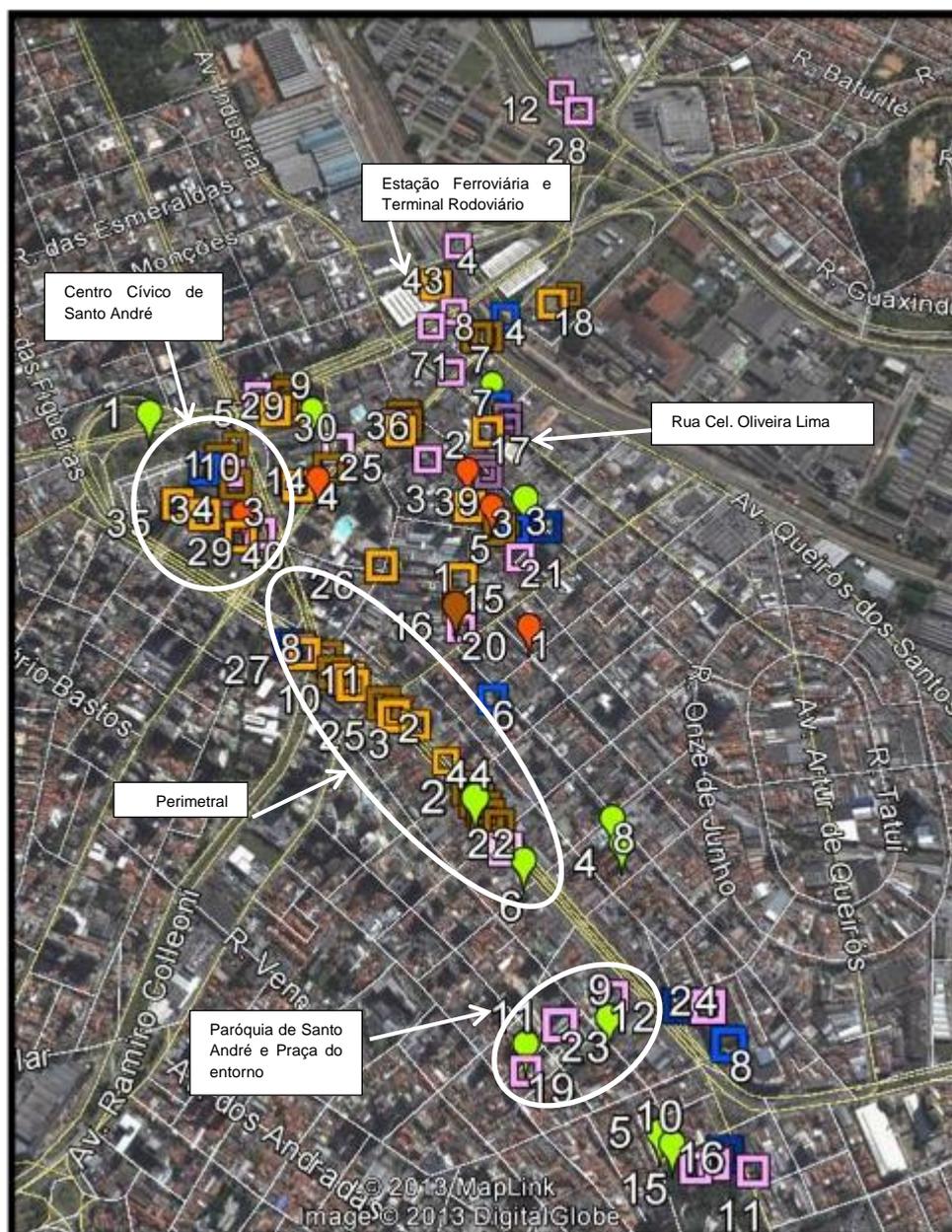
Para o período posterior (Figura 53) atinente às décadas de 1950 a 1970 o desenho do itinerário muda, deslocando-se para as proximidades da Praça IV Centenário (década de 1950) Centro Cívico de Santo André, inaugurado entre 1968 e 1971, e para o novo sistema viário da Perimetral (1971-1973).

Destaca-se majoritariamente a produção fotográfica. A literatura que nas décadas anteriores (1910-1940) se baseava na memória de moradores, no período seguinte não possui a mesma quantidade de informações. As crônicas eram esparsas, o

movimento literário ainda era pequeno e voltado para a difusão e menos para a produção em si. Tratava-se também de um período tenso para a palavra, com o advento da ditadura. As fotografias, por sua vez, eram particulares, na maioria dos casos de amadores e, necessariamente não eram tornadas públicas. Como consequência, de modo geral, não passaram pelos abalos da ditadura.

Outro destaque tanto no âmbito da fotografia como da literatura foi a área da Estação Ferroviária que contou com um terminal de ônibus e modernização da própria edificação da estação, no final da década de 1970. A Rua Cel. Oliveira Lima, transformada em calçadão nos anos 1970 continuou sendo retratada. Novo local de interesse em ambas as linguagens, na década de 1950, foi a área da Paróquia de Santo André, conhecida também por Igreja Matriz de Santo André, cuja praça foi remodelada.

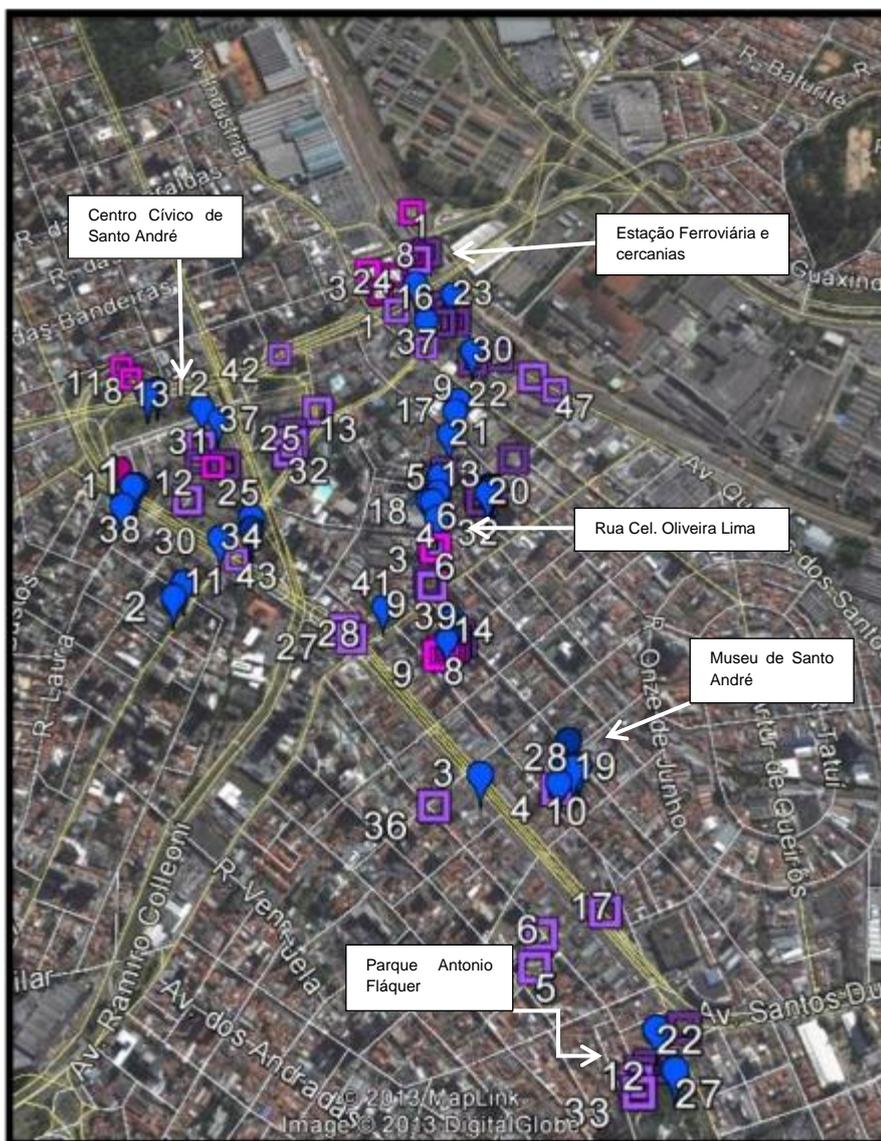
Figura 53. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 1950 a 1970.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

O próximo mapa (Figura 54) refere-se ao período de 1980 a 1990. Trata-se do período em que a literatura deu um salto na produção. Esta condição evidencia-se pela quantidade de pontos marcados para o registro literário. Novamente a Rua Cel. Oliveira Lima se mostra presente, assim como o Centro Cívico de Santo André e a área próxima da Estação Ferroviária. Destaca-se nesse conjunto o Parque Antonio Fláquer, modernizado na década de 1990.

Figura 54. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 1980 a 1900.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

Para o último período estudado, lembramos que nos detivemos, além das fotografias e escritos coletados para esse período, em dois projetos especiais: na linguagem fotográfica o projeto '7Cidades' e para a literatura o projeto 'Tamandateí'. Observamos na Figura 55 que a Rua Cel. Oliveira Lima e a área da Estação Ferroviária e cercanias foram demarcadas de maneira especial, principalmente para os registros fotográficos. As produções literárias sinalizaram o Rio Tamandateí, a Rua Cel. Oliveira Lima e o Centro Cívico de Santo André.

Figura 55. Referências literárias e fotográficas, área central de Santo André, década de 2000 a 2011.



Elaborado a partir de base Google Earth/SK/2013

Um último mapa (Figura 56) compõe o conjunto síntese. Trata-se da junção de todas as marcações da produção cultural durante o século estudado.

Alguns locais apresentados nas fotos e na literatura pontilham esse trajeto e desocultam uma cidade por vezes escondida por detrás de tapumes, propagandas ou desmazelos. E a produção cultural geralmente é pródiga em interceptar esses locais. Diz JEUDY a respeito da ação dos fotógrafos e dos escritores frente à cidade:

os fotógrafos procuram na maioria mais das vezes, ao menos em nossa época fazer falar o que a cidade parece esconder. Bom número deles insistem nos 'não-lugares', nos territórios indefiníveis, continuam fascinados pelos 'entre-dois-lugares'. Captam imagens parecidas com 'montagens naturais', que associam 'fragmentos de realidade' [...] Quanto aos escritores, não apenas fazem da cidade cenário de uma ação, cenário tornado assimilável no ritmo de derramamentos metafóricos que eles a apreendem tanto em sua fragmentação quanto nas manifestações de sua totalidade [...] A cidade se faz objeto, mas não para de perder seu caráter objetual, uma vez que recua os limites de qualquer olhar, confundindo a distinção tradicional entre sujeito e objeto (JEUDY, 2005, p.82).

Evidencia-se, portanto, que existe o diálogo entre as linguagens fotografia e literatura, e destas com a cidade, ou, em nosso caso, sua área central. No próximo Capítulo, final e conclusivo, exploraremos um pouco além as possibilidades e potencialidades de diálogo. No entanto, até o momento percebe-se que a interlocução é presente tanto no tempo do século estudado, quanto no espaço da área central de Santo André.

5. Considerações Finais

O fluxo da memória, ao jorrar, vem todo margeado por pontos onde a significação da vida se concentrou: mudança de casa ou de lugar, morte de parente, formatura, casamento, empregos, festas. Estes eventos e outros mais vão se apegando aos materiais que os acompanharam, vão modelando o sentido íntimo das coisas que durante anos resistiram a nós com sua alteridade e acabaram por tornar algo do que fomos. Ao final, a morfologia da cidade, dos minúsculos objetos aos grandes bairros, foi subjetivamente diferenciada: as experiências, os afetos imanizaram os lugares, demarcando núcleos em torno dos quais vão gravitar lembranças.

José Moura Gonçalves Filho, *O Olhar*, 1988.

As Considerações finais desta dissertação retomam indagações apresentadas na Introdução e ao longo da pesquisa, e dizem respeito à identificação e análise de processos que auxiliam no entendimento da organização do espaço urbano, examinada a sua dinâmica, a percepção que atores sociais têm sobre ele e a transformação de sua paisagem.

Optamos por buscar a compreensão desta ampla problemática delimitando a investigação a um determinado local, área central de Santo André, e a um período determinado, 1911 a 2011. Definimos nossas categorias de análise: a) dinâmicas territoriais, com destaque para intervenções do poder público municipal; b) indivíduos que estabeleceram diálogo com o local demarcado por meio de sua criação artística que, em nosso caso, enfatizou fotógrafos e escritores e, c) transformação da paisagem, observadas a permanência e modificação de elementos que a compõem.

A primeira categoria foi destacada, pois nos permitiu compreender a lógica da produção da cidade durante um século. Em nosso caso em especial, possibilitou analisá-la quase durante todo o período de sua existência nas atuais condições. Diante dessa trajetória contamos com as dinâmicas territoriais para o estabelecimento de uma periodização que trouxe base temporal sobre a qual as demais variáveis puderam se apresentar, demonstrar suas características e sua

interface com o espaço urbano. Além destes aspectos, evidenciamos o papel da administração municipal enquanto planejadora e ordenadora do uso e ocupação do território e sua interação com pressões demográficas e econômicas incidentes sobre a cidade.

A abordagem da segunda categoria – escritores e fotógrafos, produtores de obras associados à paisagem da área central de Santo André – produziu elementos significativos para a produção da cidade no tocante à criação artística e ao olhar desses atores, observada a possibilidade de diálogo com o significado da transformação e manutenção da paisagem; bem como a atuação desses atores na conservação de informações sobre bens de valor simbólico para a sociedade e, por consequência, da memória da cidade.

A terceira categoria, a paisagem, em correspondência com as duas anteriores, se modifica ao sabor destas. Esta categoria, que foi nosso principal objeto, não atua de forma autônoma. Antes, ela recebe influências das demais variáveis e se metamorfoseia no tempo a partir das relações estabelecidas entre elas.

Cabe observar que as categorias selecionadas se encontram em diálogo no e com o espaço da cidade. Não atuam de forma isolada e não se encontram dissociadas. Há um imbricamento entre as variáveis selecionadas. Este é um primeiro resultado a ser observado nestas Considerações finais.

Uma segunda anotação é de que a cidade é um conjunto de forças que se arranjam, conflitam e onde se estabelecem campos de poder e de interesses. É como dissemos na Introdução dessa dissertação, um artefato, coisa fabricada (p. 32). E ao analisarmos esse artefato por meio de nossa metodologia, nos parece que há muito a dizer sobre a produção da cidade. Em suma, pudemos ponderar sobre como Santo André se configurou no tempo e se conforma na atualidade.

Uma esfera de reflexão em análises sobre a organização da cidade é a memória. Em nosso caso, esta teve papel decisivo, pois nos trouxe elementos para apreciação da transformação da paisagem de forma diacrônica, interagindo com a periodização construída a partir das dinâmicas do território. O recurso da memória para o estudo da transformação da paisagem faz dele algo interessante, pois não dialogamos com

a reaparição de acontecimentos e lugares tais quais foram no passado, mas com um processo de revisão que é feito no momento em que a lembrança é incitada a vir à tona. Em um movimento dialético, é no presente que o passado encontra a sua seiva e produz seus frutos.

Para citarmos o caso de Santo André, esta cidade tem sua história marcada pela disseminação de espaços de passagem e de trabalho que são recuperados em textos de memórias e fotografias antigas. Ambos encontram reforço em crônicas, poemas e fotografias produzidas em momentos atuais. E os locais lembrados nas criações artísticas são reconhecidos no cotidiano dos cidadãos enquanto espaços simbólicos. O passado, nesses lugares, se fixa de forma irreversível.

A produção cultural, por sua vez, dialoga com o ordenamento e ocupação dos espaços regulados pelas gestões administrativas do poder público municipal. Em nosso caso, por exemplo, causaram espanto, admiração e registro obras viárias e construções que desde a década de 1950 modernizaram a cidade em crescimento. Foi o caso da construção do Centro Cívico, a canalização de córregos no centro, a demolição de quarteirões, a construção da Perimetral, entre outras. Estas obras foram lembradas e assinaladas como elementos marcantes da modernidade da cidade. Mas, também caracterizaram o esquecimento desses mesmos lugares em momentos subsequentes quando seu significado não se sustentou na memória dos cidadãos.

Os espaços que se mantiveram no tempo associam-se a caminhos, locais de passagem, itinerários compreendidos como percursos coalhados de lugares, histórias e lembranças; espessuras da cidade. Exemplos: Rua Cel. Oliveira Lima, ligação mais antiga entre a Estação Ferroviária e a sede do antigo município em São Bernardo que além de eixo de passagem, se desenvolveu como local de comércio, lazer e cultura; Avenida Queirós dos Santos, conexão entre a Estação Ferroviária e o caminho para Mauá, avenida que congregou a um passo diversos paredões de muros de fábricas e, ao mesmo tempo, núcleo histórico primordial junto à Estação ferroviária; Rua Senador Fláquer, ligação entre a Rua Cel. Oliveira Lima e a maior fábrica dos primeiros tempos do núcleo urbano, rua onde se instalou o primeiro cinema, o primeiro grupo escolar, os circos, o coreto e, mais tarde, as instituições financeiras.

O movimento de análise nos indicou que a compreensão das ações do poder público municipal e dos produtores de cultura *per se*, sem a visualização do contexto em que elas se localizaram poderia nos indicar caminhos que talvez não nos trouxessem os resultados esperados. Com o objetivo de compreender o contexto sistematizamos a periodização do século em questão.

As dinâmicas territoriais se confirmaram excelente meio para constituir a periodização que se configurou como base para o diálogo entre as categorias de análise. Esta foi organizada levando-se em consideração fatores que impactaram no meio urbano e se traduziram em quatro períodos descritos no Capítulo 3. Nestes, notamos que tanto a intervenção do poder público municipal, como os escritores e fotógrafos, além da paisagem, estabeleceram diálogo com o espaço da área central da cidade e entre si, ampliando a hipótese inicial na qual identificamos que as transformações da paisagem da área central estavam associadas às dinâmicas da cidade que eram percebidas pelos escritores e fotógrafos tomando-a como base para sua produção cultural.

Mais do que a associação das dinâmicas territoriais à transformação da paisagem, as primeiras se configuraram como base para que a transformação / manutenção da paisagem se organizasse. E, os escritores e fotógrafos mais do que perceberem a transformação, se caracterizam como agentes ativos na conservação da memória da paisagem, a partir do ângulo dos binômios lembrança e esquecimento / permanência e mutação, presentes na produção cultural.

As permanências corroboram também outro aspecto elencado na dissertação e que diz respeito à condição suburbana de Santo André frente à capital do estado, São Paulo, e aos interesses que ali se estabeleceram. Desde o final do século XIX, o espaço da cidade foi ocupado conforme a produção industrial avançava e a necessidade de novas áreas para plantas industriais e de mão de obra se faziam presentes. Foram alocadas ao longo da via férrea em continuidade a São Paulo indústrias que tinham no ABC condições especiais para sua instalação com isenções de impostos, mão de obra farta, terrenos planos, baratos e próximos ao rio, entre outras facilidades.

Não foram, no entanto, idealizados planos para a instalação de zonas industriais e residenciais que garantissem condições para a instalação das indústrias, e também qualidade de vida aos moradores, além de adequada mobilidade urbana tanto para trabalhadores como para o escoamento da produção industrial. A ocupação do solo por loteamentos protagonizou-se em um primeiro momento junto a regiões mais próximas às ocupações industriais. No entanto, devido ao volume de mão de obra necessária, quando a pressão imobiliária atingiu áreas lindeiras às indústrias, as populações mais pobres foram sendo deslocadas paulatinamente para áreas de risco e assentamentos precários.

O resultado foi a crescente depredação ambiental e a subordinação a conveniências nem sempre ajustadas a essa localidade e, muitas vezes nem mesmo vantajosas para a cidade. Falavam mais alto interesses externos. A riqueza aqui produzida, em pequena medida era reabsorvida em Santo André, uma vez que os conglomerados industriais não tinham sua sede no local e nem mesmo interesse em reinvestir nele.

Aspectos da vida social, dos espaços da paisagem e das redes de sociabilidade se expressam nas produções artísticas que elencamos em nossa dissertação. Mas há diferenças. Fotografias de modo geral possuem um tempo diferenciado de produção em relação às obras literárias. As imagens fotográficas apresentam uma realidade cristalizada de forma imediata com o clique do equipamento para que a imagem se consolide e na qual se expressa a visão de mundo do fotógrafo e de seu grupo social.

O resultado é um registro, uma memória coagulada que melhor se expressa quando tocada pelo contexto em que foi produzida. Em nosso caso, são diversos os atores envolvidos e a forma de fotografar se transforma no tempo. A paisagem ampla da cidade que no passado era fácil de ser registrada, na atualidade se apresenta fragmentada por diversos elementos que confundem e delimitam o olhar. Não deixa, no entanto, de ser uma paisagem, produto de seu tempo.

As obras literárias compõem sua criação com o redesenho de espaços urbanos por meio da palavra. Na literatura a percepção pode ser instantânea, mas a produção necessita de tempo de maturação para que possa vir a se constituir. E nem sempre a relação com o espaço urbano é imediata. Focalizam-se contextos,

acontecimentos, cenas cotidianas, transeuntes ou personagens que traduzem aspectos da paisagem que em um primeiro olhar podem não ser evidentes. No escritor há o testemunho ocular da vida, a atenção ao tecido urbano, objeto de sua criação.

Como pode ser constatado, a fotografia e a literatura se complementaram nessa dissertação. Sua interação nos garante riqueza na percepção da transformação da paisagem. São complementariedades reveladas no discurso que cada uma das linguagens nos apresenta em seu ato criador. Pelos resultados obtidos percebemos que os locais assinalados por fotógrafos e escritores são espaços nos quais a sociabilidade se organiza e se configuram como lugares de reconhecimento, ou pontos que se conservam devido à atribuição coletiva de valor, onde a permanência na paisagem é um dado objetivo. A produção cultural está atenta a essas condições.

Manifesta-se, dessa forma, a dinâmica da memória, que não se exprime pela nostalgia do passado. Antes, rememorar significa produzir documentos sobre o modo de viver, de pensar, de organizar o espaço e o legado para as futuras gerações. Não são lembranças esparsas em textos ou fotografias. Não são criações desprezíveis que não possuem 'chão histórico'. Traduzem-se seletivamente em um conjunto social no qual há escolhas que delimitam os esforços de transformação/manutenção do espaço.

A apresentação desse contexto e das marcações produzidas no decorrer dessa investigação foi disposta em mapas temáticos sobre permanências da paisagem que figuraram como boa forma de abordagem para a análise da transformação do espaço urbano. Além disso, se constituíram em um olhar qualificado das transformações da paisagem uma vez que esses mapas indicaram itinerários e escolhas dos atores envolvidos na produção da cidade. E podem se conformar como significativos elementos de atenção no momento de planejamento e de recuperação urbana.

Esta nos parece ser uma contribuição de interesse partindo-se de resultados aferidos por essa dissertação. No momento em que os aglomerados urbanos necessitam considerar possibilidades de inovações sobre as condições de vida, de mobilidade e os direitos dos cidadãos à cidade, a atenção às transformações do

espaço urbano sob o olhar integrado entre elementos associados às dinâmicas do território e à produção que atores sociais desenvolvem, evidencia-se como uma possibilidade de se estabelecer novas e diversas perspectivas sobre o planejamento e gestão do território.

Diante da investigação realizada, no entanto, algumas reflexões permaneceram e as indicaremos sob forma de indagações que nos ocorreram e que podem se concretizar em agendas futuras. Vamos a elas:

1. a partir dos resultados dessa análise e da realidade contemporânea, em que medida a manutenção da paisagem contrapõe-se à fragmentação e esgarçamento de espaços simbólicos?
2. como territorialidades diversas podem estabelecer diálogos, e em que medida a escala local funciona para compreender aspectos mais globais?
3. quais as fronteiras e como se organizam os diversos territórios no interior do espaço urbano e, em um momento de fragmentação, como refletir sobre o papel das cidades?
4. quais mecanismos a sociedade utiliza com vistas à apropriação e conservação de espaços simbólicos?
5. em que medida a valorização de espaços da paisagem demarcam tensões, disputas e conflitos entre moradores e usufruidores de novas ou outras paisagens?

São ponderações que se desenvolvem a partir da investigação e cujas interpretações poderão se traduzir em novos olhares sobre o tema. Acreditamos que o diálogo se produz e se reproduz nos territórios, levando-se em consideração as relações, as formas de agir e de pensar dos cidadãos. O desafio é grande e necessita de atenção sob pena da perda de vitalidade do próprio urbano. Nesse sentido, nos adverte CALVINO:

O catálogo das formas é interminável: enquanto cada forma não encontra a sua cidade, novas cidades continuarão a surgir. Nos lugares em que as formas se exaurem as suas variedades e se desfazem, começa o fim das cidades (CALVINO,1990, p.126).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO. Theodor. **Notas sobre literatura I**. (Trad. Jorge de Almeida). 2ª ed. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2012. 176p.

AGUIAR, Joaquim Alves de. Literatura e Memória: as Memórias de Pedro Nava. In: **Literatura e Memória**. Santo André/SP: Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (Prefeitura de Santo André), 2000. p.23-31.

ALVAREZ. Isabel Aparecida Pinto. **A reprodução da metrópole: o projeto Eixo Tamanduatehy**. 2009. 252p. Tese de doutorado apresentada para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH/USP.

ALVAREZ, Ricardo. **Os vazios urbanos e o processo de produção da cidade**. 1994. 146p. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH/USP.

ALVES, Luis Roberto. Leitura crítica: memória como conhecimento. In: **Literatura e Memória**. Santo André/SP: Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (Prefeitura de Santo André), 2000. p.33-36.

ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço urbano**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. 190p.

ARANTES. Otília B.F. Uma estratégia fatal: a cultura das novas gerações urbanas. In: ARANTES, Otília. Et. Al. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis/RJ: 2000. p.11-74.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 288p.

ARGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. (trad. Graça Índias Cordeiro). São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011. 213p.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre fotografia**. (trad. Júlio Castañon Guimarães). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185p.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol.1, São Paulo: Brasiliense, 1985. 254p.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: su validité methodologique, ses potencialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**. Paris, 1980. Vol. LXX. p. 197-225.

BLOCH. Marc. **Apologia da História**. Ou o ofício do historiador. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 159p.

BOLLE, Wili. A cidade como escrita. In: **O Direito à Memória**, São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura (Prefeitura de São Paulo), 1992. p.137-143.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Ed. Cultrix/EDUSP, 1977. 220p.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A.Queiroz, 1983. 403 p.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219p.

BOURDIEU. Pierre e BOURDIEU Marie-Claire. O camponês e a fotografia. Trad. Helena Pinto e José Madureira Pinto. In: **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, nº26, jun.2006. p. 31-39.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. Trad. Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 296p.

_____. **História e Ciências Sociais**. Trad. Rui Nazaré. 6ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990. 243p.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p.16-35.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. História e Imagem. Bauru/SP: Edusc, 2003. 251p.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad. Cecília Prada, 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004. 262p.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão, 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 392p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não lugar. In: YÁZIGI, Eduardo et. alii. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.25-37.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. Trad. Dafne Nasimento Rodrigues. São Paulo: perspectiva, 2007. 352p.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. 453p.

CÔRREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3ªed. São Paulo: Editora Ática, 1995. 96p.

DE CERTEAU, Michel. *Andando na cidade*. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. **Revista do IPHAN**. Rio de Janeiro, 1994, nº23. p.21-31.

_____. **A invenção do cotidiano**. Artes de Fazer, 3ªed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998. 351p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, [1939] 1993. Volume 2. 307p.

_____. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, [1939] 2011. Volume 1. 262p.

EMPRESA METROPOLITANA DE PLANEJAMENTO DA GRANDE SÃO PAULO. **Reconstituição da memória estatística da Grande São Paulo**. São Paulo: Secretaria de Negócios Metropolitanos, 1983.

EISNER, Will. **Avenida Dropsie: a vizinhança**. São Paulo: Devir Livraria, 2009.

FUJITA, Camila. **Dilema urbano-ambiental na formação do território brasileiro: desafios ao planejamento urbano no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 215p. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP.

FUNDAÇÃO de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/UNIVERSIDADE Municipal de São Caetano do Sul. **7Cidades: uma leitura perceptiva do Grande ABC**, Relatório Final, São Caetano do Sul: mimeo. 2008. 33p.

FRESHE, Fraya. **O tempo das Ruas na São Paulo de fins do Império**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 271p.

GERODETTI, João Emílio, CORNEJO, Carlos. **Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões postais e álbuns de lembrança**. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001. 200p.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto et. al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 528p.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 14, nº 28, 1994.

GUIDES, Fátima Regina Monaco. **Moradias Urbanas em Santo André (1900-1950): caracterização da arquitetura popular e seus meio de produção**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 185p. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP.

HAESBAERT, Rogério (Rogério Haesbaert da Costa). **O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade**. 6ªed. revista. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a. 396p.

_____. "Concepções de território para entender a desterritorialização." In: SANTOS, Milton [et. al.]. **Território. Territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ªed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011b. p.43-71.

HALBWACHS. Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, [1950]1990. 189p.

HATOUM, Milton. Tempo da memória. In: PREFEITURA de Santo André. **Literatura e memória**, Santo André/SP: Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (Prefeitura de Santo André), 2000. p.55-59.

JACKSON, Peter. **Map of Meanings**. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1994.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Trad. Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 157p.

KLINK, Jeroen e DENALDI, Rosana. O Plano Diretor Participativo e a produção social do espaço. O caso de Santo André. In: DENALDI, Rosana (org.). **O desafio de planejar a cidade**: política urbana e habitacional de Santo André SP, 1997-2008. São Paulo: Annablume, 2012, p.199-224.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.168p.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Cartas patrimoniais**. 2.a. ed. rev.aum., Rio de Janeiro, IPHAN, 2000. 383p.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da Grande São Paulo**, estudos de geografia urbana. Rio de Janeiro: Fundação IBGE/Instituto Brasileiro de Geografia, 1971.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 4ªed. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1996. 536p.

_____. **Por amor às cidades**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.159p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. 140p.

LEITE. Miriam Moreira. **Retratos de Família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 204p.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2ªed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP; Aracaju/SE: Editora UFS, 2007. 376p.

LIMA, Solange Ferraz de. e CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e Cidade**: da razão urbana à lógica do consumo Álbuns de São Paulo (1887 – 1954). Campinas/SP: Mercado de Letras : São Paulo: FAPESP, 1997. 272p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 186p.

MAGNI. Carlos Alberto. **Discurso da paisagem em Luis Martins, imaginário geográfico nas crônicas de São Paulo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. 451p. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH/USP.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem: entre o sensível e o factual, uma abordagem a partir da geografia cultural**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. 133p. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH/USP.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, Otília. Et. Al. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis/RJ: 2000. p.121-192.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo. São Paulo/ São Caetano do Sul: Hucitec /Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992. 363 p.

_____. **A aparição do demônio da fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Ed.34, 2008a. 218p.

_____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2ªed, ver, e ampl. São Paulo: Contexto, 2008b. 173p.

_____. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008c. 207p.

_____. **Uma Arqueologia da Memória Social**. Autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia, SP: Ateilê Editorial, 2011. 464p.

MELO, Kelly Cristina de. **Das leituras da paisagem e sua representação cartográfica**: as unidades da paisagem de Ubatuba/SP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. 166p. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH/USP.

MELO, Tarso M. de. **História da literatura em Santo André**: um ensaio através do tempo. Santo André/SP: Prefeitura de Santo André, 2000. 200p.

MENEGUELLO, Cristina. **O coração da cidade**: observações sobre a preservação dos centros históricos. Brasília: IPHAN, captado em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=523> em 20.12.2012. 6p.

MENESES, Ulpiano Toledo B. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. In: **Revista da USP**. São Paulo, nº30, jun/ago.1996a. p.144-155.

_____. Os 'usos culturais' da Cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo et. alii. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996b. p.88-99.

_____. Fontes Visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, nº45, 2003. p.11-36.

_____. A cidade como bem cultural – áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. In: ANDRADE, Antonio Luiz et. alii. **Patrimônio: atualizando o debate**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2006. p.31-41.

MENEZES, Juliana Santos. Mapa da cidade e literatura amadiana: textos culturais que possibilitam a afirmação da identidade e valorização do turismo local. **Revista Literatta**. Ilhéus/Bahia, 2007-2008. nº 3, p.1-19.

MILLIET, Maria Alice. Tendências construtivas e os limites da linguagem plástica. In: **Mostra do Redescobrimto**: 2000. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Do urbanismo à política urbana: notas sobre a experiência brasileira. In: COSTA, Geraldo Magela; MENDONÇA, Jupira Gomes de (org.). **Planejamento Urbano no Brasil. Trajetória, avanços e perspectivas**, Belo Horizonte : C/Arte, 2008.

MOREIRA, Altair José, FRATESCHI, Celso. Cultura e Desenvolvimento Humano no Município de Santo André. In: **Encontro Intermunicipal de Cultura (Anais)**, São Paulo: Pólis, 1995. p.62-73.

PASSARELLI, Sílvia H. F. **O diálogo entre o trem e a cidade**: o caso de Santo André. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994. 160p. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP.

_____. **Proteção da paisagem ferroviária**: memória e identidade do bairro Estação de São Bernardo (atual Santo André, SP), 2005. Tese de doutorado apresentada para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP.

PEGURER, Cristina. **Terras públicas e usos privados**: áreas reservadas no parcelamento do solo. Estudo de caso para o município de Santo André. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. 239p. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 4ªed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003. 436p.

PEREIRA, Adriana Maria Pinheiro. **A cultura amadora na virada do século XIX**: a fotografia de Alberto Sampaio, Petrópolis/Rio de Janeiro, 1888-1914. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. 296p. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH/USP.

POUPART, Jean, et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Arantes Nasser, 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 464p.

PREFEITURA de Santo André. **Centro com vida**. Santo André: Departamento de Planejamento Urbano/SDUH, 1997. s.p., mimeo. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Literatura e memória**, Santo André/SP: Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (Prefeitura de Santo André), 2000. 90p.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007. 151p.

RODOLPHO, Patrícia. **A fotografia urbana contemporânea**: uma herança das imagens da cidade (1960-1990). Campinas/SP: Universidade de Campinas, 2012. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Artes/UNICAMP.

RODRIGUES, Henrique Estrada. Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, nº57, 2009. p.165-186.

RODRIGUES, Fabíola. **A invenção da cidade**: população e planejamento urbano, imaginário e poder na formação urbana de Campinas (1930-2006). Campinas, SP: Universidade de Campinas, 2008. 363p. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH/UNICAMP.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997. 270p.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Paisagens de Cuiabá**: uma abordagem geográfica. São Paulo, 2001. 307p. Tese de doutorado apresentada no curso de geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP.

SAKATA, Margarida Nobue. **Projeto Eixo Tamanduathey**: uma nova forma de intervenção urbana em Santo André? São Paulo, 2006. 292p. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP.

SANDEVILLE JÚNIOR, Euler. Paisagem. **Revista Paisagem e Ambiente**: ensaios. São Paulo, 2005, nº20. p.47-60.

SANTOS, Milton. "O dinheiro e o território" In: SANTOS, Milton [et. al.]. **Território. Territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3ªed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p.13-21.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 1ªed. São Paulo: Outras Expressões, 2011. 128p.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SEEMANN, Jörn. Cartografias culturais na Geografia Cultural. Entre mapas e a cultura dos mapas. **Boletim Goiano de Cartografia**. Goiânia, jul-dez. 2001, nº21, p.61-82.

SILOTO DA SILVA, Ricardo. **Urdiduras e tessituras urbanas**. Na história das cidades, a estruturação territorial de Assis. 1996. Tese de doutorado apresentada no curso de História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP.

SILVA, Luis Roberto do Nascimento e. A escrita das cidades. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, tema: Cidade. Rio de Janeiro: IPHAN/MinC, 1994. nº 23. 294p.

SOARES, Frederico dos Santos. **Mapeamento cultural**: uma proposta de leitura do espaço. 2010. Dissertação de mestrado apresentada no curso de Geografia, da Universidade de Brasília/UNB.

SOUZA, Carlos Leite de. **Fraturas urbanas e a possibilidade de construção de novas territorialidades urbanas**: a orla ferroviária paulista. 2002. 224p. Tese de doutorado apresentada para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU/USP.

SOUZA, Cláudia Virginia Cabral de. Plano Diretor Participativo de Santo André: conceitos, instrumentos e aplicação. In: DENALDI, Rosana (org.). **O desafio de planejar a cidade**: política urbana e habitacional de Santo André SP, 1997-2008. São Paulo: Annablume, 2012, p.23-63.

SOUZA, Valmir de. **Cultura e literatura**: diálogos. São Paulo: ed. do Autor, 2008. 151p.

_____. Memória Poética do espaço: Ouro Preto por Murilo Mendes. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, V.22, nº43, 2009. p.1-23. captado na internet em 30.01.2013. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1551>

UNESCO. A new cultural policy agenda for development and mutual understanding'. Paris: UNESCO, 2011. 30p. captado na internet em 30.01.2013. <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002147/214747e.pdf>

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otilia. Et. Al. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis/RJ: 2000, pp.75-104.

VARGAS, Icléia Albuquerque de. **Território, Identidade, Paisagem e Governança no Pantanal Mato-grossense**: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa, 2006. 260 p. Tese de doutorado apresentada para a Universidade Federal do Paraná.

VASCONCELOS, Marcela Correia de Araujo. “As fragilidades e potencialidades da chancela da paisagem cultural brasileira”. **Revista CPC-USP**, São Paulo: Universidade de São Paulo, n.13, p. 51-73, nov. 2011/abr. 2012. Captado no site em 15/04/2012:

http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_arti_arquivo_pdf/210.pdf

VERAS, Dalila Teles. (org.) **Seduzir para a poesia**: trajetória do Grupo Livrespaço, 1983-1994. Santo André/SP: Alpharrabio, 2008. 207p.

VIEIRA, Maria Clarisse. Os ‘novos mapas políticos e culturais’ e a pedagogia do conflito. **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia/MG, Universidade Federal de Uberlândia. Vol.12(24), jul /dez.1998. p.171-186.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. 2ªed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP:Lincoln Institute, 2001. 376p.

_____. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: CSABA, Déak e SCHIFFER, Sueli Ramos (org.) O processo de urbanização no Brasil. 2ªed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2010. p.169-244.

VITORINO, Marcello. **Revelações de um anti-herói**: fotografias de João Colovatti. 2007. Monografia de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário SENAC (Fotografia). 2v.

_____. **Concrecidade**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. Catálogo resultado de projeto ‘Concrecidade’, produção fotográfica e exposição realizada sob os auspícios do Fundo de Cultura de Santo André/Prefeitura de Santo André, durante o outono e primavera de 2002.

7. REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ABREU, Haroldo Santos. **Crônicas e Poemas de um Encantado**. Santo André: Fundo de Cultura do Município de Santo André, 2000. 160p.

BEVILACQUA, Walter. **E o nome dela?** Crônicas reais de um tempo em que Santo André fabricava lança-perfumes. Santo André, SP: Diário do Grande ABC, 1997. 184p.

CALMON, Wagner. **Olhares por André.** Santo André/SP: Alpharrabio, 2006. 31p.

CÂMERA CLUBE, **Catálogo de Exposição Internacional de Fotografia**, Santo André. 1953, s.p. Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

CONHEÇA Santo André, 1954. Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

FUNDO Câmara Municipal de São Bernardo, **Relatórios de prefeitos encaminhados à Câmara Municipal de São Bernardo**, anos de 1917, 1920, 1921, 1923, 1926, 1928, 1931, 1933. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Livros de Impostos e Profissões**, década de 1910 a 1930. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

GALUZIO, Alice Zerrenner. **Minha vida vivida.** São Paulo: João Scortecci Editora, 1997. 106p.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Sinopse Estatística do Município de Santo André**, estado de São Paulo. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1948. 15p. Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Santo André.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1953. 55p. Coleção Euclides Rocco, Acervo: Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. IBGE, **Santo André.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE. Década de 1960. 27p. Coleção de monografias, nº443. Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo: Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

LACORTE, Hollando. **Memórias de um andreense.** São Paulo: Soma, 1985. 47p.

LIMA, José Bueno. **Um passado sempre presente.** Crônicas. Santo André, SP: Ed. do Autor, 2010, 151p.

_____. **Como se fosse hoje...!** Crônicas. Santo André, SP: Ed.do Autor, 2010, 151p.

_____. **Crônicas e contos de um saudosista.** 1ªed. Santo André, SP: Ed.do Autor, 2011. 159p.

PREFEITURA DE MAUÁ. **As cidades cantam o Tamanduateí que passa.** Mauá, SP: Prefeitura de Mauá, 2003. 109p.

PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ. **Relatório Três anos de administração no município de Santo André**: realizada pelo prefeito Antonio Fláquer, 1950. Coleção Euclides Rocco, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Mensagem do Prefeito Municipal Antonio Fláquer à Câmara Municipal de Santo André relatando os principais problemas municipais**, 12.03.1948. Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Relatório referente ao exercício de 1952**, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Fioravante Zampol. Santo André, 1953. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Relatório referente ao exercício de 1953**, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Fioravante Zampol. Santo André, 1954. Coleção Paschoalino Assumpção, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Pedro Dell'Antonia presta contas do seu governo**. Santo André, 1956/1959. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Santo André, uma nova etapa**. Prestação de contas do prefeito Lincoln Grillo. Santo André: editada pelo Serviço de Publicação Oficial da Prefeitura, s.d. (provavelmente década 1970). Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Santo André 80**. Prestação de contas do prefeito Lincoln Grillo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, abril de 1980. Suplemento especial da publicação 'Santo André em notícias'. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Uma administração voltada para o ano 2000**. Santo André: editada pelo Serviço de Publicação Oficial da Prefeitura, abril de 1982. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Indicadores Econômicos**. Santo André: Assessoria de Comunicação, jul.1990. Ano 1, nº1. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Indicadores Econômicos**. Santo André: Assessoria de Comunicação, dez.1992. Ano 3, nº 24. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Indicadores Econômicos**. Santo André: Assessoria de Comunicação, jul.1990. Ano 6, nº 27. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Centro com vida**. Santo André: Coordenadoria de Planejamento. 1990, s.p., mimeo. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Plano Municipal de Habitação.** Santo André: Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação, 2006. 228p. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Sumário de Dados 2008**, ano base 2007. Santo André: Prefeitura de Santo André, 2008. 379p.

_____. **Anuário de Santo André 2012**, ano base 2011. Santo André: Prefeitura de Santo André, 2012. 419p.

PREFEITURA DE SÃO BERNARDO. **Relatório da Comissão de Melhoramentos de São Bernardo**, 28/03/1928. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Relatório apresentado ao Departamento de Administração Municipal pelo prefeito Armando Setti**, exercício de 1931. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

_____. **Relatórios da Prefeitura de São Bernardo de 1933 a 1937.** São Paulo: Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1937. Coleção Gilca Ignez Ruffo, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

CLUBE de poesia de Santo André. **Primeiro Caderno de Poesia.** Santo André: Clube de Poesia de Santo André, 1953.

SAMPAIO, Antonio Possidonio. **ABC cotidiano: cotidiário.** Diário sobre a vida cotidiana no ABC. Santo André, SP: Alpharrabio Edições. 1993. 229p.

_____. **ABC no fim do milênio.** Santo André, SP: Alpharrabio Edições. 2000. 223p.

_____. **Andanças com Salvador Bahia.** Santo André, SP: Alpharrabio Edições. 2006. 127p.

_____. **Uma cidade a seus pés.** Santo André, SP: Alpharrabio Edições. 2012.

s.p.

SANTO André, município hoje. s.l.: Lacom, jun.1979. Ano 1, nº1. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

SOUZA, Jurema Barreto. Enigma da Cidade In: **Revista Cigarra**, ano 21, nº38, dez 2003.

TAKARA, Alexandre et. al. **À margem.** Santo André, SP: Alpharrabio Edições, 1998. s.p.

TRIBUNA Popular Ilustrada. **Zampol, dois anos de governo.** Santo André, maio de 1966. 98p. Coleção PSA, Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

VERAS, Dalila Teles. **A vida crônica**. Santo André/SP: Alpharrabio Edições, 1999. 112p.

_____. **As artes do ofício**: um olhar sobre o ABC. Santo André, SP: Alpharrabio Edições, 2000. 128p.

_____. **Minudicências**. Santo André/SP: Alpharrabio Edições, 2000. 118p.

_____. **Retratos Falhados**. São Paulo, Escrituras editora, 2008. 119p.

_____. **Diuturnos**. Santo André, SP: Alpharrabio Edições, 2012, 116p.

VERAS, Valdecirio Teles. **Na trilha do trem**. Santo André/SP: Alpharrabio, 2000. 135p.

8. ACERVOS E COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS

ACERVO fotográfico do Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa, datas diversas. Custodiado no Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa/PSA. (Coleções: PSA, Carlos Haukal/Dalvira Ribeiro Cangussú, Foto Postal Colombo/Antonio Carlos Rizzo, Octaviano Armando Gaiarsa, Euclides Rocco)

COLEÇÃO 7Cidades: uma leitura perceptiva do Grande ABC, coleção USCSC - Universidade Municipal de São Caetano do Sul/FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

COLEÇÃO Família Streiff, particular.

COLEÇÃO Marcello Vitorino, particular.

COLEÇÃO João Colovatti, particular.

9. SITES E BLOGS

À JANELA dos dias – blog de Dalila Teles Veras - <http://dalilatelesveras.zip.net/>

ANDANÇAS com Salvador Bahia – blog de Antonio Possidonio Sampaio -

<http://antoniopossidoniosampaio.blogspot.com.br/>

[ALPHARRABIO livraria e editora - http://www.alpharrabio.com.br/Livraria.htm](http://www.alpharrabio.com.br/Livraria.htm)

[DÉCIO TOZZI - http://www.deciotozzi.com.br/br/flash/decio-tozzi.htm](http://www.deciotozzi.com.br/br/flash/decio-tozzi.htm)

[DIÁRIO do Grande ABC - http://www.dgabc.com.br/Noticia/471911/prefeitura-remove-obra-de-arte-do-centro?fb_comment_id=fbcomment_428430543938712_2222121_428509313930835#f2a1d79ba8](http://www.dgabc.com.br/Noticia/471911/prefeitura-remove-obra-de-arte-do-centro?fb_comment_id=fbcomment_428430543938712_2222121_428509313930835#f2a1d79ba8)

[CÂMARA Municipal de Santo André - http://www.cmsandre.sp.gov.br/](http://www.cmsandre.sp.gov.br/)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - <http://www.ibge.gov.br/>

SEADE – Fundação Estadual de Análise de Dados - <http://www.seade.gov.br/>

REVISTA A CIGARRA – <http://www.revistacigarra.blogspot.com.br>

[UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – http://unesdoc.unesco.org](http://unesdoc.unesco.org)

Acessados durante o período de outubro/2012 a julho/2013

10. APÊNDICES

10.1. Apêndice 1 - Um século e as metamorfoses do espaço urbano de Santo André – 1911-2011.

1911

Até o começo da década de 1910 as regras urbanas estavam pouco organizadas e mesmo a ocupação do território era pequena. Parcelamentos se organizaram nas proximidades de fábricas (Silva, Seabra & Cia – conhecida como Ypiranguinha e Cia Industrial São Bernardo) e o intuito era garantir mão de obra próxima e a qualquer tempo para a produção voltada especialmente para a tecelagem. Fora dos limites centrais havia fazendas e sítios em que a quantidade de habitantes era pequena e a atividade econômica era restrita à extração de madeira e lenha, e alguma atividade oleira.

A população era composta majoritariamente de imigrantes, italianos em sua maioria, provenientes de São Paulo após uma primeira estadia em fazendas de café, ou das experiências de colônias organizadas na própria região, com destaque para as colônias de São Bernardo (1877) e Ribeirão Pires (1887).

O mercado de trabalho era afeito a algumas atividades. Havia emprego nas fábricas – Tecelagem Silva Seabra & Cia, fabricante de brim de algodão para sacaria (desde 1885), Fábrica de Casimiras Bergman, Kowarick & Cia (1889), Companhia Streiff de São Bernardo (1897), fábrica de cadeiras e pequenos móveis de uso doméstico e de escritório. Essas eram as atividades industriais de maior monta, mas havia pequenas fábricas familiares, geralmente associadas à tecelagem. Além disso, outra atividade produtiva era a extração de lenha e seu transporte para a capital. Todas as atividades exigiam pouca ou nenhuma qualificação e tanto homens como mulheres eram empregados, assim como, em alguns casos, crianças que desenvolviam pequenos trabalhos como empalhamento de cadeiras ou limpeza entre máquinas de tecelagem.

Dados censitários de população indicam que após 1880 houve forte incremento populacional que foi estimulado pelo aumento da atividade industrial na localidade.

No Censo de 1886 a população de São Bernardo era de 3.667 habitantes. Em 1900, a população de São Bernardo atingiu a marca de 10.124 habitantes (LANGENBUCH, 1971, p.123).

Essa condição de desenvolvimento populacional movimentou os poderes locais na organização e edição de posturas municipais e legislações em prol de medidas de saneamento básico e atração de indústrias.

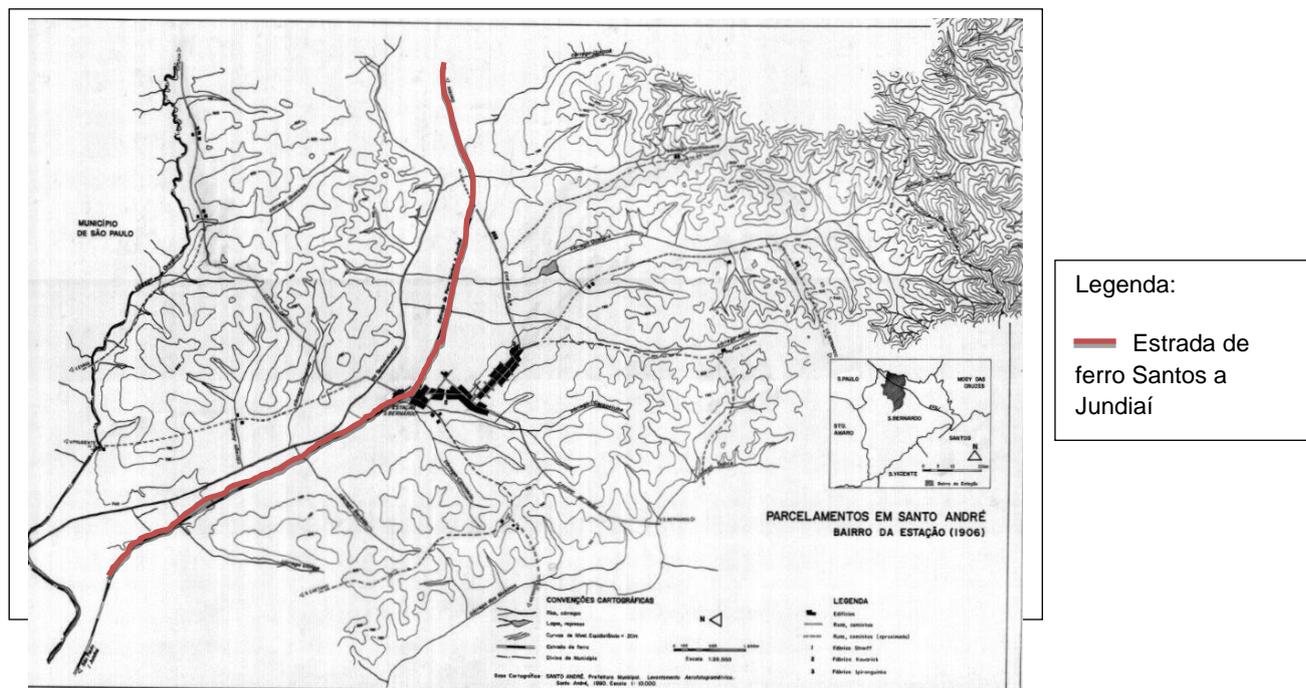
O advento da República também foi um momento de virada, uma vez que se aspirava uma modernidade que o antigo regime imperial parecia não poder trazer. Essa modernidade respondia a novos pensamentos filosóficos, mas também a transformações urbanísticas que modificaram a feição das cidades.

A criação de normas e legislação urbana se caracterizou como “*marco delimitador de fronteiras de poder*” (ROLNIK, 1997, p.13). Um dos primeiros instrumentos normativos de São Bernardo foi o Código de Posturas de 1909 que organizou a vida do município. Este documento era, na verdade, dedicado quase que integralmente ao assunto ‘arrecadação de impostos’. Eram impostos sobre indústrias e profissões, predial, viação, ambulantes etc. Essa situação pode ser compreendida quando se observa as condições de penúria do município que acabara de se organizar politicamente e necessitava de fontes de recurso para minorar os problemas próprios de um local empobrecido. Destacam-se, ainda, as medidas associadas ao saneamento básico (água e esgoto) e combate a surtos de doenças infectocontagiosas, motivos da alta mortalidade naquele momento.

Pode ser destacado, também, nesses inícios o interesse em organizar melhor a cidade, haja vista que foram criadas normas referentes à disposição do arruamento; manutenção, apedregulhamento e calçamento de ruas e estradas; taxas sobre calçadas, guias etc. Mas, não se evidenciou o interesse em um ordenamento urbanístico. Os projetos de embelezamento que notabilizaram em São Paulo nessa época, no subúrbio eram inexistentes e improváveis.

Segue figura com mapa e ocupação urbana desse primeiro momento, nos arredores da linha férrea e da estação ferroviária:

Figura 1. Parcelamentos no bairro da estação de São Bernardo em 1906.



Outra legislação de impacto nesse momento era a Lei municipal nº 95 de setembro de 1911, de cunho econômico, voltada para atração de indústrias ao parque industrial que se pretendia consolidar na cidade. Essa lei garantiu a isenção de impostos por seis anos para indústrias que viessem a se instalar na cidade. Esta isenção de praticamente todos os impostos estava direcionada para indústrias com pelo menos de 50 operários. O alvo era médios e grandes empreendimentos, e não os pequenos empreendimentos familiares, com poucos funcionários, que existiam na cidade. O foco era a articulação entre a produção em larga escala e o mercado consumidor para além da cidade, e que em São Paulo já se mostrava custosa.

Observam-se, também, algumas melhorias de infraestrutura. Em 1905 foi criada uma comissão de vereadores com o intuito de realizar inspeção às moradias para conhecer os problemas de higiene existentes na cidade (GUIDES, 2009, p.12). Em 1911, foi criado o serviço de água e esgoto, bem como autorizada a desapropriação de terrenos nas proximidades da nascente do córrego Guarará, pois era intenso o consumo de água e havia temor pela qualidade desta, uma vez que era distribuída *in natura*. Em 1912, foi aprovada a contratação de serviços de viação, força e luz que trouxe iluminação elétrica e o desenvolvimento inicial de transporte em larga escala.

Em 1913, organizou-se uma primeira proposta para abertura de avenidas e ruas na sede do distrito de Santo André (Lei municipal nº174 de 23/05/1913).

Apesar dessas propostas mais amplas percebe-se pela leitura das Atas da Câmara Municipal, que os problemas geralmente eram resolvidos de forma pontual. E, mesmo essas providências eram tomadas quando os problemas eram quase incontornáveis. Não havia um pensamento sobre o planejamento da cidade.

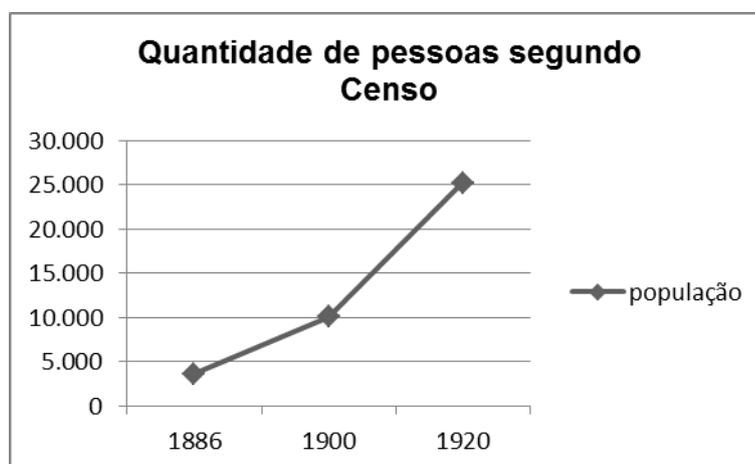
1920

Em novo Censo Nacional (1920) depreendem-se algumas informações quanto ao número de população total de São Bernardo. Em um precioso censo municipal podemos entender a lógica da população no interior do município. Há alguma diferença numérica entre os dados oficiais do Censo e os dados do censo municipal, mas ainda assim achamos por bem apresentá-los.

Sobre os dados da população total de São Bernardo, o Censo de 1920 traz uma população de 25.215 habitantes, indicando um forte crescimento populacional se levarmos em conta os dados do início do século XX. Tal situação se explicou devido à atração para as áreas lindeiras de São Paulo, localidades essas com farta possibilidade de emprego. “Chega-se à conclusão que, uma vez exaurida parte da população de seus arredores, a cidade [de São Paulo] passa a repovoá-los, através dos processos de ocupação do solo por ela comandados” (LANGENBUCH, 1971, p.125).

Para facilitar a observação do incremento populacional, segue gráfico que nos apresenta o curso de crescimento populacional:

Figura 2. Quantidade de pessoas no município de São Bernardo, segundo anos de realização de censo: 1886, 1900, 1920.



Fonte: LANGENBUCH, 1971.p.123,125.

Sobre os dados populacionais desagregados em distritos temos o seguinte:

Tabela 1. Aspectos demográficos no município de São Bernardo, 1920.

Distritos	População		TOTAL	Adultos		Maiores de 21 anos		Em idade escolar	
	Urbano	Rural		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Sede	1.417	4.355	5.772	1.455	1.199	1.665	1.453	661	559
Santo André	4.373	2.663	7.036	1.727	1.578	1.891	1.840	641	624
São Caetano	3.479	1.008	4.487	1.207	949	1.233	1.098	376	362
Ribeirão Pires	1.034	2.399	3.433	872	719	922	920	340	323
Paranapiacaba	1.371	1.915	3.286	1.152	596	855	683	272	252
TOTAL	11.674	12.340	24.014	6.413	5.041	6.566	5.994	2.290	2.120

Fonte: Relatório encaminhado pelo Prefeito Municipal à Câmara Municipal, 1921, referente ao exercício de 1920. FCMSB, Coleção PSA, Acervo MSAOAG.

Essa tabela foi apresentada em um Relatório de Prefeito e infelizmente não se repetirá em outros anos. Isso nos impede de fazer conjecturas sobre a expansão

numérica por distrito, por faixa etária e por gênero. Mas, dessa Tabela 1 averiguamos que para o caso o distrito de Santo André a população urbana era superior à rural em quase o dobro, o que já indica a sua vocação. O mesmo ocorria no distrito de São Caetano, o que nos leva a observar a importância das estações ferroviárias como polo de atração e em especial nas localidades em que havia mais indústrias. Vale dizer que no distrito de Santo André, em 1900, 15 estabelecimentos industriais pagavam impostos, em 1910 o número de fábricas saltou para 32 e em 1920 eram 86 empreendimentos (FCMSB, Livros de Impostos de Profissões, 1900 - 1920).

Pelo Relatório do Prefeito de 1920/21, identifica-se que havia no município como um todo de 121 estabelecimentos industriais e contava-se com uma população de 4.316 operários (FCMSB, Relatório de Prefeito, 1921, p. 28). Partindo-se do pressuposto de que as fábricas estavam concentradas na zona urbana e que nesta localidade a população total urbana era de 11.674 habitantes, imagina-se que 35,8% eram trabalhadores em fábricas. Trata-se de um número expressivo e indica que essa era de fato a principal atividade produtiva do município.

Na Tabela 2 pode-se observar que os distritos de Santo André e São Caetano tinham maior número de trabalhadores.

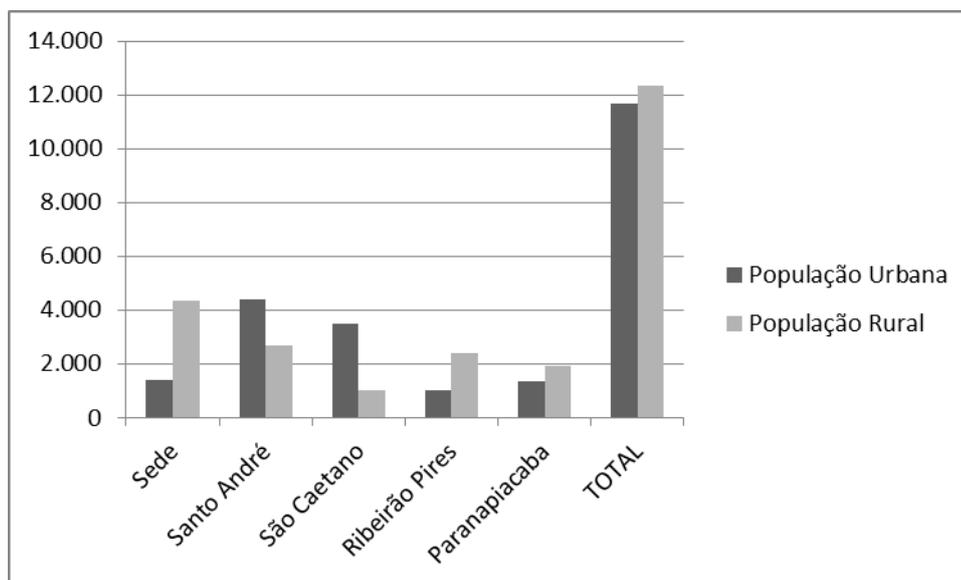
Tabela 2. Número de trabalhadores, por distrito, São Bernardo, 1921.

Distritos	Nº operários
Sede	350
Santo André	1.923
São Caetano	1.321
Ribeirão Pires	312
Paranapiacaba	410
TOTAL	4.316

Fonte: FCMSB, Relatório de Prefeito, 1921.
Coleção FCMSB, acervo: MSAOAG.

Estes dois distritos eram os mais próximos a São Paulo, o que também nos leva a cogitar sobre o movimento de atração para a região suburbana. Os terrenos mais baratos ao longo da linha férrea levaram a deslocamentos fabris para o ABC. Na Sede do município, onde não havia estação ferroviária percebe-se uma população rural superior à urbana em 307%, em observância à Tabela 1. Mas, percebe-se, também, pela Figura 3 que estava em curso a concentração populacional nos meios urbanos.

Figura 3. População rural e urbana por distrito do município de São Bernardo, 1920.



Fonte: Relatório encaminhado pelo Prefeito Municipal à Câmara Municipal, 1921, referente ao exercício de 1920. FCMSB, Coleção PSA, Acervo MSAOAG.

No bojo das tentativas de organizar a vida urbana, cuja população crescia muito rapidamente, foi aprovada a Lei municipal nº 222 de agosto de 1922 que concedeu ao engenheiro Dr. Hipólito Pujol Júnior a possibilidade de construir edificações para classes operárias, populares, funcionários municipais, estaduais e federais, com isenção, pelo prazo de 15 anos de diversas taxas e impostos. Era uma primeira tentativa de organizar a situação crescente da necessidade de novas moradias. A empresa criada – Empreza Imobiliária São Bernardo chegou a iniciar seu empreendimento, mas foi, no entanto, à falência ainda nos anos 1920 e a medida tornou-se inócua.

No entanto, nessa mesma década os parcelamentos cresciam. Foram 31 nesse período, segundo PASSARELLI (1994, anexos). E estes se transformavam em bairros desconectados. Não havia preocupação com a integração: poucas ruas

davam acesso aos loteamentos e, em seus limites, quadras de grande extensão não eram subdivididas para passagens de pedestres ou de veículos (PASSARELLI, 1994, p.48). A mobilidade urbana não era pauta.

Houve avanço nos parcelamentos em especial no sentido leste e sul do distrito. É evidente também a proximidade do eixo ferroviário (veja-se a Figura 4 - Loteamentos em 1930), mas não havia disciplina que ordenasse, por exemplo, a separação de terrenos para uso público como praças ou equipamentos públicos.

Uma iniciativa para sanar o pouco ordenamento foi a contratação, no final dos anos 1920, da 'Comissão de Melhoramentos de São Bernardo', sob a responsabilidade do engenheiro Plínio Branco. O qualificador 'melhoramentos' era um parâmetro do pensamento sobre o urbano naquele começo de século que:

“... era utilizado tanto para designar questões relativas ao projeto e à construção de obras de infraestrutura, projetos de ajardinamento de praças e parques como para a idealização de legislação urbanística” (SAKATA, 2006, p. 36).

Esta Comissão fez estudos sobre a qualidade das águas dos rios nos distritos de Santo André e de São Caetano com vistas ao incremento à captação de águas e desenvolvimento de rede de esgotos, até então muito incipiente. Observamos que o foco dos estudos dessa Comissão eram os distritos com maior atividade econômica e pressão populacional. Passarelli nos indica que a mesma Comissão:

“... constatou também a presença de muitos lotes vazios: a cidade se espalhou bastante, mas mantinha baixa densidade, configurando uma paisagem com muito espaço verde e poucos edifícios, característica de áreas suburbanas” (PASSARELLI, 1994, p.50).

Destacaram-se, no Relatório dessa Comissão, os distritos de Santo André e São Caetano como “centros industriais de primeira grandeza, pois possuíam fábricas de tecidos, móveis, adubos, produtos químicos, louças, oficinas metalúrgicas, além de fábricas ‘menores’” (FCMSB: Relatório da Comissão de Melhoramentos de São Bernardo, 28/03/1928).

Disciplinou-se, por sugestão dessa Comissão, a abertura de loteamentos por meio da Lei municipal nº 271, de 02/04/1929, uma vez que os parcelamentos de solo eram preocupação devido ao crescimento urbano. Por essa lei tornou-se obrigatória, em terrenos maiores que 50.000 m² a reserva de área para sistema viário (20%) e para espaços livres e equipamentos públicos (5%) nas áreas urbanas. O intuito era

facilitar a mobilidade e garantir áreas públicas em loteamentos. Os loteadores, por sua vez, buscavam alternativas para se desobrigar a essas doações com reparcelamentos em áreas de tamanho inferior. Ou seja, uma medida organizadora da cidade como um todo, se viu à mercê de interesses imobiliários.

1930

Os anos 1930 trouxeram um papel do poder público municipal muito restrito devido às frequentes intervenções após a Revolução de 30, quando direitos constitucionais foram suprimidos e prefeitos indicados pelo interventor estadual. Vários desses prefeitos não tinham vínculos com a realidade local e alguns ficavam apenas alguns meses no poder e não fixaram relações nem mesmo com os políticos locais.

Havia poucas tentativas em se regular a ocupação do espaço urbano e aquelas que existiam continuavam a ser pontuais. Exemplos dessa condição encontramos no Relatório do Prefeito em 1931, no qual Armando Setti (1930-32) evidencia em um item denominado 'Urbanismo' que o poder público dedicou-se em fazer um plano geral de urbanização, onde o enfoque era a aprovação de arruamentos e correção de alinhamentos feitos à revelia do poder público (FCMSB, Relatório apresentado ao Departamento de Administração Municipal pelo prefeito Armando Setti, 1931, p.24 e 28).

Em outro Relatório do quadriênio 1933-36, logo de início o prefeito Felício Laurito identificou as dificuldades prementes de um município que se organizou sem planejamentos e sem recursos. Tudo estava para ser feito, a começar do sistema de água e esgotos, calçamento das ruas, construção de pontes, Iluminação pública a eletricidade, educação etc.

Um fato novo foi a criação do Imposto Territorial Urbano, facultado por decreto desde 1931, mas apenas aplicado a partir de 1936. No relatório supracitado há detalhes de como se deu e a repercussão (negativa, *a priori*) deste novo imposto (PMSB, Relatórios 1933-36, p.28 e 29).

O pensamento dos gestores no tocante ao planejamento era conduzido a partir de questões físicas de organização do espaço urbano. Não havia reflexão que levasse a um pensamento sobre a cidade, que nessa época tinha a dimensão espacial de

uma região. Além de extenso, o município era extremamente desigual e diverso. Basta um olhar para as diferenças explicitadas até aqui.

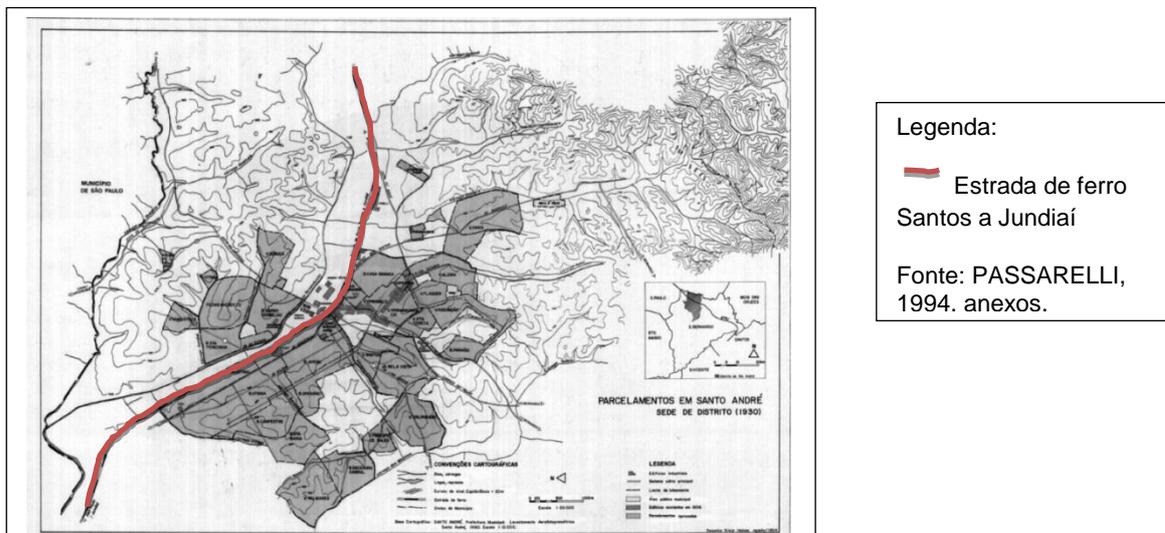
Apesar das eleições realizadas em 1936, o poder estava enfraquecido e tal situação se reafirmou durante o regime do Estado Novo que novamente suprimiu as Câmaras Municipais e o poder executivo municipal. Na região do ABC houve uma novidade: o município passou a denominar-se Santo André em 1938, por meio de ação organizada por um grupo político que desejava ver ampliado o poder dessa localidade.

A ebulição política com movimentos autonomistas desfocou qualquer tentativa de planejamentos mais organizados. O resultado desses movimentos resultou em nova configuração espacial e institucional. Foram criados os municípios de São Bernardo do Campo em 1944 e São Caetano do Sul, em 1948.

Não há dados censitários disponíveis em fontes pesquisadas para essa década de 1930, mas o que podemos notar à vista dos impostos prediais lançados é que o município como um todo crescia, e o distrito de Santo André, muito em especial. Essa situação pode ser corroborada pela Figura 4, onde podemos observar o desenvolvimento dos parcelamentos e a expansão de ocupação do distrito. Entre 1906 até a década de 1930 foram abertos 45 parcelamentos, sendo 12 apenas na década de 1930 (PASSARELLI,1994, anexos).

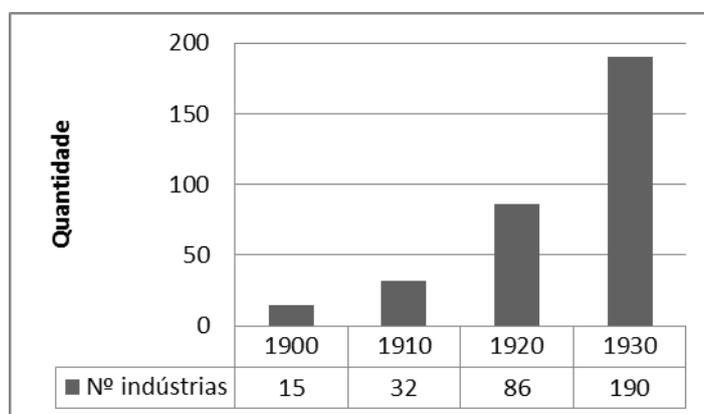
Observamos que houve forte pressão sobre áreas nas proximidades de várzeas de córregos. “Ao norte do rio Tamanduateí os loteamentos ocupavam as várzeas dos córregos Oratório, Comprido e Jundiaí. Na região ao sul do distrito, ocupavam as várzeas dos córregos Apiaí, do Cemitério e Beraldo” (PEGURER, 2012, p.59).

Figura 4. Parcelamentos na sede do distrito de Santo André, 1930.



Os dados econômicos para essa década são imprecisos, haja vista as dificuldades de documentação existente. A partir das informações coligidas nos livros de Impostos e Profissões do Fundo Câmara Municipal de São Bernardo, identificamos que nas décadas de 1920 e 1930 pagaram impostos no distrito de Santo André 190 empreendimentos industriais. Destes, 39 empreendimentos não estavam localizados na área central do distrito (FCMSB, Livros de Impostos e Profissões, 1920/1935). Veja-se gráfico com o aumento de indústrias entre 1900 e a década de 1930 no distrito de Santo André:

Figura 5. Número de estabelecimentos industriais no distrito de Santo André, entre 1900 e 1930.



Fonte: FCMSB, livros de Indústrias e profissões, 1900 - década 1930.
Col: PSA, Acervo:MSAOAG.

Interessante que durante esses anos, as fábricas eram identificadas pela rua e geralmente não havia o número da edificação, o que indica que deveriam ser poucas e facilmente identificadas na paisagem. Outra parte dos empreendimentos tinha apenas a localização do bairro em que se instalou o que nos leva a crer que deveria ser ainda mais esparsos o número de indústrias nesse local. Identificamos na tabela 3 o número de empreendimentos e a localização na área central. Destaque para o eixo composto pelas ruas Cel. Oliveira Lima e Cel. Alfredo Fláquer. Ambas são antigas no distrito e faziam a ligação com a Sede São Bernardo e com o distrito de Pilar (Mauá).

Tabela 3. Localização e quantidade de empreendimentos industriais no distrito de Santo André que pagaram impostos durante os anos de 1920-1935.

Nome da Rua	Quantidade de empreendimentos industriais
Rua Cel. Oliveira Lima	26
Rua Cel. Alfredo Fláquer	19
Rua Gertrudes de Lima	11
Rua Senador Fláquer	10
Rua Xavier de Toledo	9
Rua Gal. Glicério	6
Avenida D. Pedroll/ Av Pres. Wilson	6
Rua Cel. Francisco Amaro	5
Avenida Queirós dos Santos	4
Rua Cel. Ortiz	4
Av. Industrial	3
Avenida Antônio Cardoso	3
Rua Cel. Seabra	3
Rua Agenor de Camargo	3
Rua Luís Pinto Fláquer	3

Rua Tamanduateí	3
Rua Santo André	3
Ruas com dois empreendimentos	10
Ruas com um empreendimento	27
Empreendimentos com localização por bairro	22
TOTAL	190

Fonte: FCMB, Livros de Indústrias e Profissões, 1920/1935.
Col: PSA, Acervo: MSAOAG.

1940

Os dados demográficos de 1940 trouxeram novidades: o Recenseamento Geral realizado em 1940 inaugura um novo momento. Este foi o primeiro Censo Nacional realizado pelo IBGE criado em 1938. A partir de então os censos foram realizados a cada 10 anos. A informação sobre a população total de 1940 era de 89.874 habitantes para o município, contra os 25.215, apontados pelo Censo de 1920 (EMPLASA, 1983, p.135). O crescimento foi de 356%, sem mudança de área do município, ainda que este tenha seu nome modificado de São Bernardo para Santo André. Em uma publicação do IBGE específica sobre o município e datada de 1948, foi apresentada informação demográfica com a população por distritos, com dados do Censo de 1940.

Tabela 4. – População por distritos e segundo localização, município de Santo André, 1940.

Divisão Distrital	População Total		
	Total	Segundo localização	
		Urbana e Suburbana	Rural
Santo André (+ São Caetano)	66.035	62.440	3.595
Mauá	4.973	2.653	2.320
Paranapiacaba	2.279	2.279	-
Ribeirão Pires	4.902	2.348	2.554
São Bernardo	11.685	7.840	3.845

Fonte: Sinopse estatística do município de Santo André, IBGE: Rio de Janeiro, 1948. Coleção PSA, Acervo MSAOAG.

Pelas informações da Tabela 4, aferimos uma cidade totalmente diferente daquela que existia no Censo de 1920. Naquela oportunidade, conforme se vê na Tabela 1 havia equilíbrio entre a população rural e urbana, com ligeiro acréscimo para a população rural. Havia alguns distritos como o de Santo André que se mostravam mais urbanizados e outros como a Sede que era eminentemente rural. No Censo de 1940 a transformação foi considerável; a população das áreas urbana e suburbana, nesses dois distritos (Santo André e São Bernardo) cresceu de forma muito intensa. Certamente, associada a essa questão estava o impulso econômico do período pós Segunda Guerra.

Denotamos também a supremacia populacional do distrito sede de Santo André. Um fator foi a anexação, à Sede, do distrito de São Caetano, transformado em sub distrito (1938). Mas, ainda assim é evidente que o distrito de Santo André era superior em população. Aliás, a soma de todos os outros distritos não chegava ao total da população de Santo André. LANGENBUCH identifica quais seriam os motivos para que houvesse esse crescimento populacional. Diz ele que o trinômio refletido pela ferrovia, terrenos planos e grandes nas áreas lindeiras à ferrovia e o curso d'água, representado pelo Rio Tamandateí, impulsionaram a instalação de unidades industriais e que, por força do modelo adotado, importava em grande número de trabalhadores (LANGENBUCH, 1971, p.145). Sobre a faixa etária a partir do Censo de 1940 temos os seguintes resultados na Tabela 5:

Tabela 5. Faixas etárias no município de Santo André e estado de São Paulo, 1940.

Faixa Etária	População	
	Santo André	Estado de São Paulo
0 a 6 anos	15.561	1.431.257
7 a 14 anos	16.940	1.471.860
15 a 19 anos	9.691	774.960
20 a 59 anos	43.750	3.199.290
60 e +	3.774	296.095
idade ignorada	158	6.854
TOTAL	89.874	7.180.316

Fonte: Sinopse estatística do município de Santo André, IBGE: Rio de Janeiro, 1948. Coleção PSA, Acervo MSAOAG.

O município importava em 1,25% da população do Estado de São Paulo. Nota-se que a faixa etária que agregava o maior número de pessoas é a população economicamente ativa (48,46% do total), mas havia um percentual grande de crianças até os 14 anos (37,84% do total).

Segundo o IBGE, a extração por gênero apresenta um equilíbrio entre eles, sendo 46.488 homens para 43.386 mulheres, segundo dados da mesma Sinopse estatística do município (1948).

Não temos dados estatísticos que nos demonstrem o crescimento da população do ponto de vista da migração, mas é certo que houve uma atração importante de migrantes provenientes do interior de São Paulo e de vários estados brasileiros, em especial Minas Gerais e estados do Nordeste, com vistas a um engajamento na força produtiva da região.

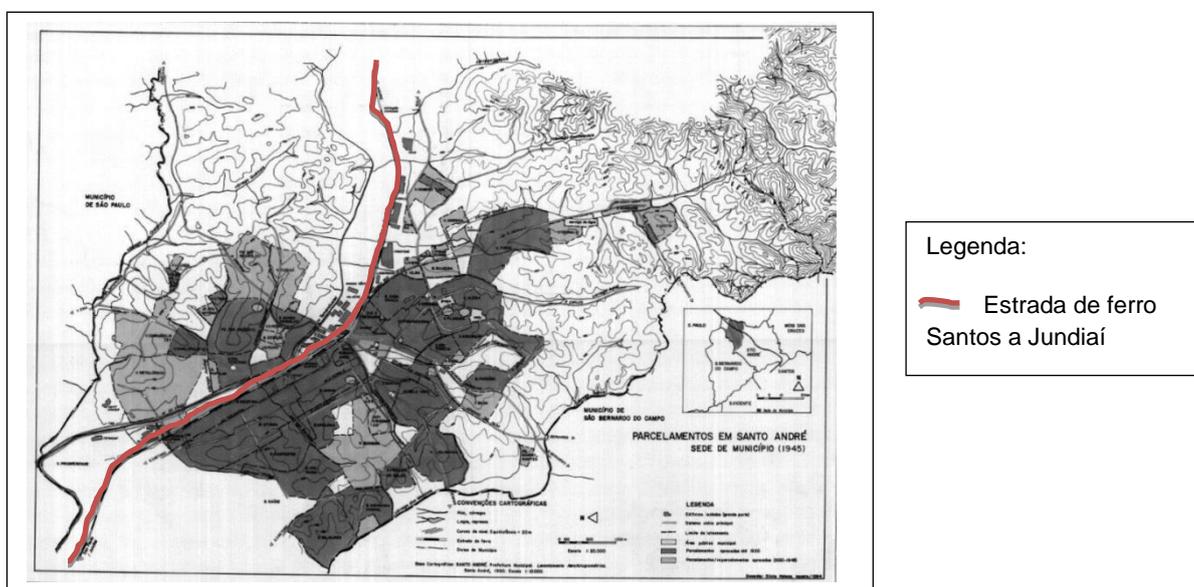
Diante dessas condições, a década de 1940 assistiu a um crescimento urbano muito forte com a abertura de novos loteamentos implantados em pequenas glebas que desobrigava a reservar espaços públicos e áreas verdes. Foram 56 parcelamentos de solo no distrito sede (antigo distrito de Santo André), apenas nessa década (PASSARELLI, 1994, anexos). O arruamento era aberto em continuidade ao

existente. As propostas de loteamento eram realizadas sem determinações ou políticas claras do poder público. E, mais,

... face à carência habitacional existente, diversos incentivos legais foram instituídos, inclusive com a permissão para loteamentos em glebas distantes da ferrovia e da malha urbana existente, mesmo nos terrenos pouco indicados para este fim: fundos de vale ou áreas com grande declividade (SAKATA, 2006, p.65).

A seguir demonstramos, na Figura 6, um mapa de quanto o Distrito Sede cresceu. Observamos que o eixo norte-sul foi se afastando das proximidades da Estrada de Ferro e do Rio Tamandateí, que lhe era contíguo.

Figura 6. Parcelamentos na sede do município de Santo André, 1945.



Fonte: PASSARELLI, 1994, anexos.

A década de 1940 também foi significativa na esfera econômica, pois se encontrava a caminho uma nova conformação produtiva. Migrava-se de tecelagens ou fábricas de produção em menor escala para os grandes complexos industriais automobilísticos e de autopeças. Caracterizou-se esse momento como marco divisor de águas, pois mostrou claramente qual a nova perspectiva de desenvolvimento que se almejava. Estava em curso a chegada de diversas empresas multinacionais que mudariam o cenário e mesmo as rotas de acesso intra-regional. A ferrovia, paulatinamente deixava seu papel de destaque como meio de transporte de cargas, para se efetivar a lógica de transporte rodoviário, cujo exemplo claro foi a inauguração da Via Anchieta em 1947. Essa nova configuração efetivaria de forma lapidar a interação dessa região com outros mercados consumidores. O ABC se

configurou como centro de produção de bens materiais, cujo mercado de consumo encontrava-se fora de seu domínio de ação.

Santo André precisava se adequar às novas condições de transporte. A cidade necessitava ser planejada como um todo, vislumbrando um plano de obras e serviços urbanos. Dessa forma, por meio do Decreto lei nº 116 de 29/12/1944 a Prefeitura buscou elaborar um Levantamento Cadastral do Município e Plano Geral de Urbanização.

A proposta era importante, mas a execução demoraria ainda. O período da Segunda Guerra Mundial gerou incertezas, e em nível local houve dificuldades políticas com a cassação do prefeito Armando Mazzo (1947), comunista, eleito pela legenda do PST – Partido Social Trabalhista. O prefeito que tomou posse então, Antonio Fláquer (1948-51), em Relatório de 1948 explicitou, no item ‘Outros Melhoramentos’ a condição da cidade:

Paço Municipal, Cadastro e Urbanismo, Limpeza Pública, Jardins Públicos etc. todos eles só poderão ser feitos dentro de um plano geral e em conjunto, e com um grande empréstimo ou financiamento, porque com os recursos próprios, o Município pouco poderá realizar, e assim mesmo, com muita morosidade (PSA, Mensagem do Prefeito Municipal Antonio Fláquer à Câmara Municipal de Santo André relatando os principais problemas municipais, 1948, p.14).

De acordo com o levantamento censitário apresentado no Relatório de 1948, a partir do Censo de 1940, existem informações interessantes sobre as atividades econômicas e seu papel no âmbito do município e Estado, conforme se vê abaixo:

Tabela 6. - Atividades principais e população envolvida na atividade em Santo André e estado de São Paulo, 1940.

Ano 1940	População na atividade		
	Município	Estado	%
Agricultura, pecuária, silvicultura	2.092	1.529.055	0,14
Indústrias extrativas	1.182	22.758	5,19
Indústrias de transformação	23.190	428.478	5,41
Comércio de mercadorias	2.498	189.955	1,32
Comércio de imóveis e valores imobiliários, créditos etc.	108	18.315	0,59
Transportes e comunicações	2.087	129.524	1,61
Administração pública, justiça e ensino público	638	70.830	0,90
Defesa nacional, segurança pública	133	24.481	0,59
Profissões liberais, culto, ensino particular, administração privada	248	32.345	0,77
Serviços, atividades sociais	1.955	177.799	1,10
Atividades domésticas, atividades escolares	26.199	2.138.784	1,22
Condições inativas, atividades não compreendidas nos demais ramos, ou condições mal definidas ou não declaradas	7.764	424.852	1,83

Fonte: Sinopse Estatística do Município de Santo André, 1948.
Coleção PSA, acervo MSAOAG.

Esta tabela 6 nos indica várias informações para compreensão das condições de emprego da população. Ressaltamos que havia grande percentual de pessoas envolvidas com tarefas domésticas; inclusive maior que aqueles envolvidos com aquelas das indústrias de transformação. E, as atividades de comércio e serviços abrigavam poucos trabalhadores, o que denota a pouca atividade comercial do município. Outra observação de interesse é de que no estado de São Paulo havia uma população considerável de pessoas que atuavam em atividades rurais, e para o município este é o menor percentual.

Não há nesta sinopse o número de indústrias recenseadas. Apenas o número de estabelecimentos agrícolas, que eram da ordem de 49 no município, para 252.615 no Estado. Mas, em outro Relatório encontramos a tabela abaixo, onde o município ocupa o segundo lugar em quantidade de estabelecimentos industriais.

Tabela 7. *Ranking* das cidades com maior número de estabelecimentos industriais no estado de São Paulo, 1940.

ANO 1940	
Cidade	Número de indústrias
São Paulo	4.876
Santo André	376
Santos	267
Campinas	264
Sorocaba	192
Jundiaí	129

Fonte: Tribuna Popular Ilustrada, 1966, p.71.
Coleção PSA, acervo: MSAOAG.

Com essa informação é evidente que Santo André foi se consolidando como local de produção industrial, que será sua marca nas décadas subsequentes, mesmo após as emancipações dos distritos de São Bernardo e São Caetano.

1950

Do ponto de vista da conformação política e geográfica dos municípios que compunham Santo André houve a emancipação de Mauá (1953), que resultou em município autônomo em 1954. O ABC passou por outras emancipações, mas estas não impactaram no perímetro de Santo André que a partir de então assumiu o tamanho atual.

Dados estatísticos do Censo de 1950 foram apresentados em publicação organizada pelo IBGE para o aniversário de IV Centenário de fundação da vila de Santo André da Borda do Campo em 1953. Sobre os dados censitários dessa década, temos as seguintes informações: o município de Santo André tinha 127.032 habitantes, figurando como o quarto município mais populoso do Estado de São Paulo. Acima dele estavam os municípios de São Paulo, Santos e Campinas. Seguem nas próximas tabelas algumas características dessa população:

Tabelas 8 e 9. População de Santo André segundo Gênero, Cor, Nacionalidade, Idade - censo 1950.

ANO 1950	
Característica	Nº de habitantes
TOTAL	127.032
Segundo Gênero	
Homens	64.631
Mulheres	62.401
Segundo Cor	
Branços	114.114
Pretos	5.225
Amarelos	3.645
Pardos	3.914
S/declaração	134
Segundo Nacionalidade	
Brasileiros natos	112.500
Brasileiros naturalizados	799
Estrangeiros	13.732
S/declaração	1

ANO 1950	
Faixa etária (anos)	Nº de habitantes
TOTAL	127.032
0 a 9	31.741
10 a 19	25.757
20 a 29	27.048
30 a 39	18.218
40 a 49	11.901
50 a 59	7.111
60 a 79	3.602
80 e +	1.175
ignorada	479

Fonte de ambas as tabelas: Relatório IBGE sobre Santo André, 1953. Col. Euclides Rocco, acervo: MSAOAG.

Destes resultados podemos observar que a população era predominantemente branca (90%) e tinha maioria masculina. Entre a população economicamente ativa havia predomínio dos jovens de 20 a 29 anos. Esses dados indicam a faixa dos trabalhadores para indústria: homens e jovens. Havia ainda um número considerável de estrangeiros na cidade, possivelmente remanescentes dos fluxos imigratórios do começo do século XX.

Em Relatório de Prefeito de 1954 encontramos informação sobre a movimentação econômica local. Vejamos a tabela a seguir para as três cidades que compunham o ABC.

Tabela 10. Comparativo entre municípios com relação a indústrias, casas comerciais e número de empregados, municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, 1953.

Municípios	Nº de Indústrias	Nº de Casas Comerciais	Nº de Empregados
Santo André	704	2.700	52.000
São Bernardo do Campo	200	170	6.000
São Caetano do Sul	250	850	17.000

Fonte: Prefeitura de Santo André, Relatório de Prefeito, 1954.
Col. Paschoalino Assumpção. Acervo: MSAOAG.

Os números apontam que em Santo André o emprego estava em franco desenvolvimento. Havia, é certo, concentração de empregados em algumas grandes empresas como é o caso, por exemplo, da Pirelli S.A. Cia, com 4.500 operários e a Rhodia Ceta e Rhodia Química com cerca de 2.500 operários cada uma. Essa condição nos mostra a concentração em algumas áreas de produção – autopeças, borracha e química. Tal situação irá se refletir negativamente no futuro quando essas indústrias diminuírem sua atuação na cidade, com conseqüente diminuição de emprego e renda. Mas, aquele era o momento de expansão, e em 1954 foi inaugurada a Refinaria União, o que trouxe para a cidade e região outra especialidade: a produção de derivados de petróleo. E com ela, mais empregos.

A área de comércio e de serviços também se organizou de forma mais consistente. Houve fortalecimento do comércio local e Santo André se consolidou como centro regional de comércio. Vários magazines se instalaram, localizados nas proximidades do antigo caminho da estação (Rua Cel Oliveira Lima), e com isso estes eram alcançados seja por trem ou por ônibus (PASSARELLI, 1995, p. 64,65).

A tabela 11 com população e ramo de atividade nos mostra a condição de expansão dos setores de comércio e serviços. Observamos que na comparação desta tabela com a tabela 6, da década de 1940, houve acréscimo de empregados. No entanto, principalmente aqueles envolvidos com atividades domésticas não remuneradas. Estas eram desenvolvidas prioritariamente por mulheres que, após o casamento, geralmente dedicavam-se ao lar e cuidado com os filhos, traço corroborado pela

demografia. Outra questão a ser apontada diz respeito à preponderância da indústria nas possibilidades de emprego tanto para homens como para mulheres que trabalhavam fora de casa.

Tabela 11. População com mais de 10 anos, por sexo e ramos de atividade, Santo André, 1950.

ANO 1950	População com 10 anos ou mais		
	Total	Masculino	Feminino
Atividade			
Agricultura, pecuária, silvicultura	1.653	1.478	175
Indústrias extrativas	1.237	1.200	37
Indústrias de transformação	34.734	25.820	8.914
Comércio de mercadorias	3.059	2.761	298
Comércio de imóveis e valores imobiliários, créditos etc.	400	369	31
Prestação de Serviços	4.804	2.918	1.886
Transportes e comunicações	3.009	2.939	70
Profissões liberais	289	229	57
Atividades sociais	1.061	624	437
Administração pública, justiça e ensino público	455	413	42
Defesa nacional, segurança pública	172	167	5
Atividades domésticas não remuneradas, atividades escolares não discentes	37.586	4.666	32.920
Atividades não compreendidas nos demais ramos, ou condições mal definidas ou não declaradas	50	44	6
Condições Inativas	6.785	5.061	1.724
TOTAL	95.291	48.689	46.602

Fonte: IBGE, Santo André, 1953. Coleção Euclides Rocco, Acervo MSAOAG.

As décadas de 1940/1950 foram decisivas para a cidade, com a instalação das indústrias automobilísticas e de transformação na região do ABC. Com isso, houve atração ainda maior de população. Modificaram-se as necessidades e características urbanas, e o poder público precisou se inserir firmemente em questões que até então eram tratadas 'no miúdo'; ou seja, por meio de atendimentos a uma ou outra demanda. Foi imperativo estabelecer outra forma de atuação sobre o desenvolvimento da cidade, que a pensasse como um todo, e se dedicasse aos problemas que desafiavam o bem estar da população. Foi preciso, ainda que com atraso, se pensar em formas de planejamento da ocupação e uso do solo urbano.

O prefeito Antonio Fláquer (1948-51) em seu Relatório (PSA,1950) informou sobre a lacuna no planejamento da cidade. Lembrou que a falta de planejamento para o desenvolvimento dos serviços e obras públicas municipais, entre outras questões

como o crescimento vertiginoso de seu parque industrial e da população, trouxeram para a administração municipal desafios que necessitavam somas vultosas para sua elucidação.

Interessante observar que a questão do planejamento urbano, até então distante dos interesses do gestor público, nesse momento aparece com bastante clareza. O pensamento sobre sua necessidade ia tomando corpo, ainda que não houvesse da parte desse prefeito, em seus relatórios, menção às diretrizes ou à metodologia de como organizar e regulamentar esse planejamento.

Em 1951, com o mesmo prefeito, os gestores públicos imbuídos da necessidade de planejamento urbano, criaram a 'Comissão de Planejamento Urbanístico e Geral da sede do Município de Santo André e seus distritos'. Essa Comissão foi composta por cinco membros. Entre eles deveria haver um urbanista de notória e reconhecida competência. Em seu artigo 3º, diz a lei: "A escolha do urbanista só poderá recair em engenheiro especializado que já tenha demonstrado a sua capacidade teórica e prática na elaboração dos planos urbanísticos de grandes cidades do nosso Estado..." (Lei municipal nº 598/7/2/1951).

O urbanista escolhido foi Francisco Prestes Maia, que havia realizado o 'Plano Avenidas' em São Paulo. Em Santo André desenvolveu um plano de forma muito semelhante a São Paulo. Em uma revista denominada 'Conheça Santo André', de 1954, no item 'Planificação' foi apresentado o plano de Prestes Maia para a cidade. Diz a revista:

No projeto de urbanização do centro da cidade, confiado pela atual administração ao urbanista Prestes Maia destaca-se o Centro Cívico onde se reunirão em amplas áreas ajardinadas todas as Repartições Municipais, Estaduais e Federais da cidade destacando-se pela imponência de suas linhas arquitetônicas únicas, o Paço Municipal (CONHEÇA Santo André, 1954, s.p.).

Outras obras foram previstas e algumas delas impactando a área central da cidade: viaduto sobre a linha férrea, com a criação de duas estações rodoviárias, com pontos de partida de todos os ônibus da cidade (atual viaduto Pedro Dell'Antonia); alargamento do sistema viário próximo ao córrego do Cemitério (Avenida XV de Novembro, Rua Catequese e Avenida Antonio Cardoso, entre a estrada de ferro e o rio Tamandateí); criação de parque infantil, no Ipiranguinha; criação de Centro de Esportes, com estádio para 40.000 pessoas, e construção de um Grupo Escolar (CONHEÇA Santo André, 1954, s.p.).

Observamos que Prestes Maia não fugia da mesma preocupação que lhe absorveu em São Paulo. Destacou-se a questão da circulação a favor do crescimento urbano e econômico das cidades. Buscou criar condições com vistas a agilizar o tráfego de veículos automotores, romper com a barreira que a estrada de ferro impunha à fluidez do tráfego, além disso, criar condições para a instalação de uma estação intermodal – ônibus e trem.

Além do plano viário, Prestes Maia recomendou a contratação de um Plano Diretor para a cidade. As propostas estavam dadas e se sintonizavam com a nova ordem econômica, com vistas à valorização da mobilidade rodoviária. O foco não estava no planejamento urbano como um todo, mas em um de seus nós: o fluxo rodoviário e a incompatibilidade das vias existentes. Outras questões como o parcelamento do solo e a regulamentação eficaz das questões habitacionais não foram elencadas como prioridades. Estavam fundadas bases para o desenvolvimento urbano desigual com dificuldades prementes de acesso à terra e à moradia.

As obras indicadas demoraram a ocorrer. Apenas no final da década de 1950, parte delas foi realizada. Outras, como o Centro Cívico, um desejo dos governantes há tempos, apenas se concretizaram no final da próxima década. Uma ação iniciada naquela Administração foi a elaboração de levantamento aerofotogramétrico, apenas concluído em 1957. Era a primeira vez que se tinha um mapeamento da cidade como um todo e a conclusão desse trabalho demonstrou que

... grande número de loteamentos estavam sendo implantados na cidade. [...] Cerca de 50% da área com arruamento definido, encontrava seus lotes desocupados ou com pequeno número de edifícios. A cidade se espalhava para todos os lados, aproveitando as antigas vias de ligação com os demais núcleos urbanos da região (PASSARELLI, 1994, p. 71).

Este levantamento aerofotogramétrico foi uma resposta à falta de dados sobre a cidade. Mostrou igualmente como ações de planejamento urbano eram tímidas e o resultado foi o espraiamento da cidade para áreas nem sempre indicadas para moradia e, em muitos casos, distantes, o que importava em estabelecer infraestrutura e urbanização a várias localidades ao mesmo tempo, ação economicamente difícil de concretizar.

O prefeito Pedro Dell'Antonia (1956-1959) viu a necessidade premente de se cercar de técnicos que pudessem lhe auxiliar a pensar a cidade. Este foi um momento especial, pois o prefeito foi à sociedade civil buscar aliados. Criou dois conselhos: o

Conselho dos Contribuintes, para orientar as questões tributárias e o Conselho de Desenvolvimento no Município de Santo André – Codemsa, (Lei municipal n.º 1.330, de 26/3/1958), composto por representantes da sociedade civil e que tinha como principal objetivo “... estabelecer um sistema orgânico para o crescimento de Santo André, planejado [...] de modo a permitir um desenvolvimento técnico e econômico dentro dos princípios básicos do urbanismo e da planificação racional” (PSA, Pedro Dell’Antonia presta contas do seu governo, 1959, p.9).

O Codemsa tinha entre suas funções a promoção de estudos relativos à elaboração do Plano Diretor de Santo André e para auxiliar nessa empreitada foi convidado o engenheiro e arquiteto Luís Ignácio de Anhaia Mello, que atuava em conjunto com o CPEU – Centro de Pesquisa e Estudos Urbanísticos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Convite aceito, ele imprimiu ao trabalho uma das características de seu ideário: a participação das pessoas da sociedade local. Disse ele:

Uma cidade não é um simples mosaico de propriedades e interesses privados em competição desordenada; é uma instituição social, cuja razão é propiciar a todos os cidadãos ricos, pobres ou remediados, possibilidades, facilidades e incentivos para a realização plena como seres humanos e aperfeiçoamento físico e espiritual (PSA, Pedro Dell’Antonia presta contas do seu governo, 1959, p.41).

O Plano Diretor Preliminar, aprovado pela Lei municipal nº 1.501 de 27/10/1959, observou os seguintes assuntos: sistema de zoneamento, sistema viário, sistema de espaços livres, índices urbanísticos.

O sistema de zoneamento foi projetado para uma cidade de 400.000 habitantes. No sistema viário apresentou-se uma proposta para avenidas marginais ao Rio Tamandateí, perimetrais nas zonas comerciais e uma grande perimetral interligando os bairros da periferia e o sistema de viadutos que buscava anular o paredão da via férrea (PSA, Pedro Dell’Antonia presta contas do seu governo, 1959, p.45).

Identificaram-se, também, claramente medidas posteriores ao Plano Diretor Preliminar: criação de um órgão de planejamento; dotação orçamentária para que a equipe técnica possa realizar os trabalhos, prosseguir nas pesquisas e análises para elaboração de Plano Diretor; elaboração deste e de planos executivos e códigos de obras, zoneamento, loteamento, atenção aos problemas de habitação; divulgação

das ideias de planejamento junto à população, e conjugação de esforços com os municípios vizinhos para a solução de problemas comuns.

À parte desse pensamento, citado acima e que foi transformado em lei (Lei municipal nº 1.501 de 27/10/1959), que possuía fundamentação teórica e tratava a cidade como um todo, o que podemos perceber é que havia um descompasso entre o pensamento e a prática. As obras realizadas naquela Administração haviam sido planejadas pelo Plano de Prestes Maia, do começo dos anos de 1950 e diverso do pensamento do final dessa década.

É certo que as ações propostas apresentadas desde o final da década de 1940 até o final da década de 1950 amalgamaram nos gestores públicos formas de pensar diversas daquelas que existiam até então. Mas a prática ainda era organizada de forma fragmentada. Não visava a cidade e sim interesses econômicos e políticos de grupos da elite, associados a vontades geralmente distantes daquelas da população como um todo.

1960

As informações censitárias da década de 1960 apresentam dados sobre os diversos municípios da região do ABC e aquele mais adensado era o de São Caetano do Sul. Encontramos dados sobre as áreas urbanas/suburbanas e rurais. Nesse aspecto, destacava-se Diadema que possuía população urbana bem menor que a rural. Em Santo André a população rural existia, mas era muito inferior em termos numéricos que aquela denominada urbana/suburbana. Havia, nos arrabaldes, granjas de aves e alguma plantação de verduras capitaneada por japoneses que tinham chegado após a Segunda Guerra. Sobressaía-se São Caetano do Sul que se encontrava, já naquela oportunidade, praticamente totalmente urbanizada.

Tabela 12. Resultados preliminares do Censo 1960 por população total, urbana e rural, municípios do ABC, 1960.

ANO 1960				
Municípios	Área km ²	População Total		
		Total	Segundo localização	
			Urbana	Rural
Santo André	201	245.147	231.705	13.442
São Bernardo do Campo	419	82.411	62.218	20.193
São Caetano do Sul	24	114.421	114.039	382
Diadema	27	12.308	1.315	10.993
Mauá	78	28.324	14.128	14.796
Ribeirão Pires	124	21.205	10.779	10.426
TOTAL	873	503.816	434.184	70.232

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1961, IBGE, v.22, 1961.

Sob o ponto de vista da industrialização, é evidente o seu papel preponderante na cidade e como o poder público o reconhece. Diz Fioravante Zampol, prefeito nessa década (1964-1969):

A indústria andreense é motivo decisivo no progresso crescente do Estado [...] especialmente no setor fabril, apresenta índices de desenvolvimento que chegam a pasmar o próprio visitante. [...] É certo e insofismável que o progresso econômico de uma cidade se equaciona poderosa e positivamente, com o seu grau de civilização e de bem-estar de sua comunidade (TRIBUNA Popular Ilustrada, 1966, p.69).

É evidente o tom ufanista que se observa nessa fala, mas era também aquele que permeava as ações no âmbito do poder público. O IBGE nos apresenta o número de estabelecimentos industriais e de pessoal ocupado. Indica que são 668 estabelecimentos industriais para uma população ocupada de 50.137 pessoas. Em observância aos números de 1950, onde o IBGE computou 34.734 pessoas, houve um incremento de cerca de 30% de empregados no setor em dez anos. Observamos a ampliação do setor de comércio na cidade e isso era notório entre os moradores da região que vinham a Santo André para compras. O setor de serviços também se aquecia conforme a tabela abaixo. Infelizmente não temos comparativos com a década anterior, pois serviços e comércio eram vistos nos dados de 1950 como um só setor. Naquela década havia 2.700 empreendimentos comerciais e conforme se vê na tabela 13, apenas o comércio somava 3.671 empreendimentos.

Tabela 13. Atividade e quantidade de estabelecimentos em Santo André, 1960.

ANO 1960	
Setor	Quantidade de estabelecimentos
Indústria de transformação	668
Comércio varejista e atacado	3.671
Serviços (bares, botequins, barbeiros, cabelereiros, restaurantes, hotéis, pensões, agências bancárias)	1.850

Fonte: IBGE, Santo André, Coleção demonografias, nº443. Década de 1960. Col. Octaviano Armando Gaiarsa, acervo: MSAOAG.

As atividades industriais contavam com maior número de estabelecimentos. Dos seis grupos que mais empregavam mão de obra – mecânica e material elétrico, fiação e tecelagem, construção e mobiliário, alimentação, transportes, e o químico e farmacêutico – percentualmente representam 79,07% dos trabalhadores empregados (TRIBUNA Popular Ilustrada, 1966, p.71).

A busca de mercados era preocupação do governante, mas o tom de orgulho se manteve e sinalizava como o governo via a condição econômica da cidade:

... a industrialização entrou na casa de muita gente na forma de geladeiras, aspiradores de pó, televisores, enceradeiras e tudo o mais que se esconde sob a pomposa rubrica de 'aparelhos eletrodomésticos'. Pois que, hoje o ideal é que o serviço possa ser feito a um simples apertar de botões. No presente, tudo é fácil, tão simples. Basta lembrar: pensa-se em fabricar algo, logo entram os andreenses (TRIBUNA Popular Ilustrada, 1966, p.71).

Evidencia-se nessa frase o papel da cidade como meio de reprodução da força produtiva. Era, de fato, um subúrbio, lugar inacabado, como espaço de produção e reprodução incompleta da vida (MARTINS, 1992). A riqueza se reproduzia ali parcialmente. A produção e a exploração eram as condições que tinham sua expressão nessa localidade.

E, no âmbito do papel do planejamento urbano, as ações não eram diversas dessa realidade. A década de 1960 viria com detalhamento Plano Diretor denominado de Plano Diretor 2, publicado em 1965 (SAKATA, 2006). Nessa mesma década a Comissão Executiva do Plano Diretor foi substituída por um Departamento de Planejamento Urbano, que tinha função burocrática: expedição de certidões de

parcelamento e uso do solo, escolha de terrenos para construção de equipamentos de uso coletivo e de ampliação de rede de infraestrutura (PASSARELLI, 1995). O pensamento relacionado ao planejamento ficou em segundo plano.

Outras legislações urbanas foram aprovadas nesse meio tempo. Eram leis que regulavam a ocupação da cidade: lei de parcelamento do solo (lei municipal n.º 2.756, de 22/8/1967) que restringiu a subdivisão dos lotes urbanos; lei municipal n.º 3.090, de 11/10/1968 que estabeleceu os gabaritos de altura das zonas residencial, comercial e industrial e regulamentou o processo de verticalização que se iniciava.

Na década de 1960 apesar da pouca aderência, havia consciência de que a questão do planejamento urbano deveria ser agenda de governo. Esta se formalizou por meio de políticas habitacionais como centro do planejamento urbano. A proposta estava internalizada no pensamento dos brasileiros com o ideal da casa própria. Mas havia desafios: se por um lado a casa própria era uma necessidade e a necessidade de gerar empregos também, estes empregos geralmente eram subempregos em cidades grandes. O resultado era a crescente marginalização e as tensões sociais advindas desse quadro social.

Essa condição trouxe em seu bojo o agravamento dos problemas decorrentes da rápida urbanização marginal, em especial com relação a parcelas da população que não tinham acesso ao sonho da casa própria por dificuldades financeiras. Quando possível essa população morava em localidades cada vez mais distantes. Além disso, percebeu-se que a política habitacional trouxe outros agravantes, entre eles a supervalorização da terra urbana, que gerou especulação imobiliária, presente até os dias atuais (MONTE-MÓR, 2008). Devido a desafios dessa monta, planejamento integrado em nível local, na maioria dos casos, ainda era figura de retórica. E em Santo André não foi diferente.

1970

Na década de 1970, a cidade se transformou mais ainda. A população de Santo André contava com 418.826 pessoas (Censo 1970/IBGE). Ou seja, já ultrapassava os 400.000 imaginados por Anhaia Mello e para o qual desenhou o Plano Diretor em 1959.

A Tabela 14 nos apresenta os resultados da população total dos municípios da região do ABC para uma análise de comportamento demográfico regional, a partir do Censo de 1970.

Tabela 14. Resultados do censo 1970 por município do ABC e população total, 1971.

Município	Área	População
Santo André	159	418.578
São Bernardo do Campo	319	201.462
São Caetano do Sul	24	150.171
Diadema	24	78.957
Mauá	78	101.726
Ribeirão Pires	110	29.117
Rio Grande da Serra	28	8.314
TOTAL	742	988.325

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, 1971, IBGE, v.32, 1971.

Observamos que o município de Santo André era bastante populoso. Do ponto de vista do tipo de população, se urbana ou rural, percebe-se que a população era quase que totalmente considerada urbana. São 417.264 habitantes no meio urbano para 1.562 habitantes no meio rural (IBGE, Censo 1970).

Em uma revista de prestação de contas do prefeito Lincoln Grillo (1977-1983) havia uma matéria que identificava o espírito que o governo tinha da cidade. Denominava a cidade de “capital do trabalho, [que se] baseia no grande volume de vendas de seu comércio e na alta produtividade de seu parque industrial” (MUNICÍPIO hoje, 1979, p.12).

A mesma revista apresenta algumas informações que caracterizaram a cidade: em 1970 a população ativa era de 41,7%, em 1972 se chegava a 104.130 construções, em 1974 foram aprovados 290 loteamentos e estimavam-se para 1978, 610.000 habitantes (MUNICÍPIO hoje, 1979, p.18). Sobre a quantidade de indústrias, comércio e serviços, podemos traçar o seguinte quadro sinóptico sobre essa década.

Tabela 15. Quadro sinóptico da atividade produtiva em Santo André, década de 1970.

DÉCADA DE 1970			
Nº de estabelecimentos / profissões - ano	1970	1975	1979/80
Indústrias	970	914	923
Comércio	3.997	5.651	8.000
Profissões liberais	973	2.673	4.250
Profissões diversas	1.557	2.473	4.451

Fonte: Boletim Estatístico, anos de 1971, 1976, 1980, PSA.
 Coleção PSA, Acervo: MSAOAG.

No entanto, como se evidencia na tabela 15, a partir da segunda metade da década de 1970, houve uma queda no número de indústrias e conseqüentemente no ritmo de crescimento econômico. Nova configuração econômica se desenhava, com ampliação na área de comércio e serviços, e refreamento do setor industrial.

A crise mundial do petróleo foi um dos motivos, mas não o único. O governo federal fixou novo plano de crescimento econômico focado para outros estados (Decreto Federal nº 76.389/1977) e o governo do Estado atuou de forma mais veemente na fiscalização e instalação de indústrias poluentes. (Lei Estadual nº 1.817/1978). Essas medidas modificaram as condições até então muito favoráveis de empresas que se instalavam no ABC. Iniciava-se um processo de reestruturação produtiva na região e em Santo André, muito especialmente.

No âmbito regulatório sobre o uso e ocupação do espaço da cidade, PASSARELLI argumenta que: "... a legislação urbana a partir dos anos 70 era o único mecanismo de controle do crescimento da cidade a partir da concepção de um modelo de cidade ideal que desconhecia a cidade real" (PASSARELLI, 1994, p.82).

Notamos alegação semelhante em MONTE-MÓR (2008) que recorda que a questão do planejamento urbano estava incorporada teoricamente no âmbito dos planos nacionais, havendo inclusive capítulos específicos associados ao tema. No entanto, a óptica era centralizadora e isolada dos demais aspectos associados às políticas de desenvolvimento.

Em outra revista de prestação de contas de prefeito Lincoln Grillo, há um pequeno texto dedicado à urbanização. Este nos apresenta a dimensão que os gestores de Santo André tinham a respeito do tema naquele momento:

Urbanizar: tornar a cidade mais bonita, dotá-la de áreas verdes, arborizar suas ruas, calçá-las, pavimentá-las, implantar infraestrutura de modo que ela fique mais limpa e ordenada. É dotar o Município de benefícios que melhorem a vida de sua população (PSA, 1980, p.37).

Observamos que o foco novamente estava associado a obras e não em planejamento de ações que garantissem que essas obras se fizessem mais perenes. E esse foi o mote de toda a década, muitas obras que possivelmente facilitaram a vida da população, mas sem necessário plano diretor para tal.

Essa condição se reproduz na principal legislação da década de 1970, a Lei municipal nº 5.042 de 1976 que regulamenta o zoneamento da cidade. Esta legislação não se atentou aos conflitos socioeconômicos que o rápido adensamento populacional trouxe à cidade. PASSARELLI lança luzes sobre essa questão:

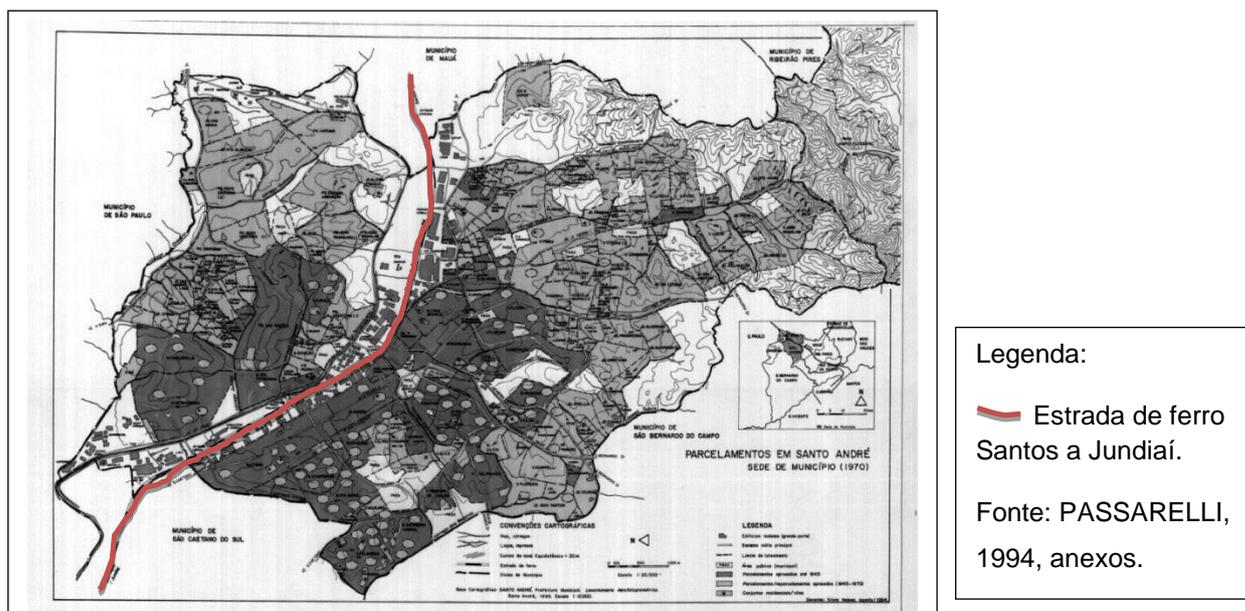
... a lei dividiu a cidade em: zona de uso estritamente residencial para os terrenos de valor venal mais elevado, e zona de uso predominantemente residencial, com permissão do uso industrial, nos terrenos de menor valor. Desse modo, a lei determinava a forma de organização do uso residencial na cidade a partir dos padrões de renda: os mais ricos, morando nos bairros mais próximos da linha férrea, em zona de uso estritamente residencial, e os mais pobres, nas áreas mais distantes, nas zonas de uso misto (PASSARELLI, 1994, p. 82).

A lei supracitada foi modificada por diversas vezes com criação de novos núcleos comerciais e a verticalização em diversos bairros da cidade. Santo André foi se estrangulando com uma legislação que não atendia aos interesses reais de ocupação e, diante da forte atração de pessoas de outras localidades, a cidade foi se organizando a margem de uma legislação que não atendia a suas necessidades e aos problemas de carências de moradias para as camadas de média e baixa renda.

O resultado foi uma crescente ampliação de favelas em diversos pontos da cidade. As poucas soluções para essa situação foram construções de alguns conjuntos habitacionais em localidades distantes do centro da cidade, adensando-se bairros com condições geomorfológicas (áreas de risco) nem sempre possíveis dessa ocupação. Veja-se novo mapa de parcelamentos urbano da cidade, agora na

década de 1970. Este impressiona pela quantidade de parcelamentos, e especialmente na porção sul do município, onde declividades e áreas de risco são abundantes.

Figura 7. Parcelamentos na sede do município de Santo André, 1970.



Observamos que Santo André assistiu uma condição que iria se aprofundar nos anos seguintes: uma cidade organizada fora da legalidade e da regulamentação urbanística.

Durante essa década o centro da cidade passou por remodelações que buscaram modernizá-lo. A artéria principal da área central, Rua Cel. Oliveira Lima, há muito tempo era a principal rua de comércio da cidade. Ali se concentrava também a população que realizava suas compras. As calçadas eram estreitas e os compradores dividiam o espaço com os carros que faziam por essa rua o trajeto da estação ferroviária sentido São Bernardo do Campo.

A instalação de um dos eixos de circulação bairro-centro, conhecida como Perimetral e que se conformou com o alargamento da Rua Cel. Alfredo Fláquer, garantiu que a Rua Cel. Oliveira Lima pudesse ser fechada ao tráfego de carros e ônibus. Em 1974 ela foi fechada ao trânsito e em 1979 esta rua e a Praça do Carmo

que lhe é contígua tiveram seu piso remodelado com projeto de Jorge Bonfim, arquiteto da cidade. Com isso, esta área ganhou um centro comercial mais adaptado ao comércio e à mobilidade dos transeuntes.

1980

A década de 1980 enraizou condições descritas anteriormente no tocante ao déficit habitacional, aliadas a dificuldades de outra ordem: a crise econômica que já havia apresentado os primeiros sinais na década de 1970, nos anos 1980 era evidente. Do ponto de vista demográfico observamos que Santo André crescia, mas menos que outras localidades do ABC. O polo de atração se deslocava para outros municípios da região. Estes tinham mais áreas de expansão, ainda que muitas ocupações fossem irregulares, pois estavam em áreas de risco ou de proteção dos mananciais.

Essa condição a partir dessa década de 1980 conformou mais ou menos as características de décadas futuras, com ocupação de áreas irregulares e aprofundamento da crise habitacional e econômica.

Tabela 16. População residente na região do ABC, 1970 e 1980.

Cidade	População 1970	População1980
Santo André	418.578	552.797
São Bernardo do Campo	201.462	425.780
São Caetano do Sul	150.171	163.030
Diadema	78.957	228.594
Mauá	101.726	205.817
Ribeirão Pires	29.117	58.487
Rio Grande da Serra	8.314	20.102

Fonte: IBGE, Departamento de Censo Demográfico e Departamento de estudos de população. Estudos preliminares, 1980.

As várias revistas lançadas pelo poder público municipal no final da década de 1970 e início dos anos de 1980 nos ajudam a compreender a lógica local. A mais

significativa delas é a revista de conclusão de mandado, lançada em 1982 para um mandato que se encerraria em 31 de janeiro de 1983.

Sobre as dificuldades econômicas, o prefeito identifica a rigidez das normas da União e do Estado sobre a desconcentração industrial como uma das razões para a diminuição das indústrias na região. Com essa condição, a tentativa da Prefeitura foi de atrair novas unidades de produção industrial, com vistas a incrementar as possibilidades de emprego (PSA, 1982). No entanto, vemos pelas informações subsequentes que essas tentativas não lograram sucesso.

Não se tratava de um caso isolado, mas de um movimento presente em toda a Região Metropolitana de São Paulo. Em Santo André houve incremento de setores de serviço e comércio, e certa estagnação no setor industrial. Dentre os serviços, salientam-se pequenos negócios empreendidos na própria moradia. Essas informações são corroboradas pelos dados a seguir:

Tabela 17. Quadro sinóptico da atividade produtiva em Santo André década de 1980.

DÉCADA DE 1980			
Nº de estabelecimentos, profissões/ano	1982	1985	1988
Indústrias	950	971	1.029
Comércio	8.000	6.815	5.967
Profissões liberais	4.600	8.333	9.135
Profissões diversas	5.000	-	-
Serviços	15.557	17.880	16.436

Fonte: Boletim Estatístico, anos de 1983, 1986, 1988, PSA. Coleção PSA, Acervo: MSAOAG.

Em outra revista de prestação de contas (1980), com um caráter mais pragmático do que em versões anteriores, o prefeito Lincoln Grillo (1977-1983) tece críticas e identifica necessidades de ajustes na política fiscal do governo federal a favor dos municípios, apresenta dificuldades na área de habitação com déficit alto de moradias

e a supervalorização valor da terra e do imóvel, e a dependência ao governo federal e estadual com relação à alocação de verbas para minimizar o problema. O prefeito identifica que:

... casa para todos os necessitados é inviável. E seria a única solução. Não resta, portanto, para a administração outra alternativa, senão amenizar o problema que se traduz em melhorar as condições de vida e moradia de habitantes dos 53 núcleos de favelas hoje existentes em Santo André (PSA , 1980, p.17).

O que se percebe de fato é que havia uma crescente população à margem das possibilidades legais de aquisição de moradias. Salvo medidas paliativas, não havia política para habitação e essa condição ampliou a ocupação do solo urbano de forma irregular em direção ao eixo sul da cidade, com instalações de moradias em terrenos precários ou subdivisão de lotes. O resultado foi uma ocupação cada vez mais intensa e sua irregularidade fez surgir diversos assentamentos precários em áreas lindeiras a áreas de proteção dos mananciais. Em 1985 havia 78 núcleos cadastrados, em 1987 eram 83 núcleos, em 1988 eram 110 (PSA, Boletins Estatísticos, 1985, 1987,1988).

Ficou evidente que a legislação de zoneamento (Lei nº 5.042 de 1976) não se adaptava à realidade da cidade. Em meados dessa década o tema favelas aparece com força nos Boletins Estatísticos, o que nos leva a supor que o poder público municipal passou a se atentar a essa questão, ainda que as mudanças necessárias, apenas ocorressem na década seguinte.

No âmbito da regulação e do planejamento urbano, o município aprovou novo Plano Diretor em 1982, por meio de Decreto municipal nº 10.593/1982 e novamente o foco de atenção estava no âmbito de diretrizes associadas à mobilidade urbana, com destaque para as vias de estruturação do município.

A questão habitacional foi atacada apenas no final da década de 1980, quando foi aprovada a Lei municipal nº 6.540/1989 que criou os Conjuntos Habitacionais de Interesse Social. Esta compunha o ideário do prefeito Celso Daniel (1989-1992) que estabelecia “como prioridade a democratização do acesso à terra e à cidade.” (SOUZA, 2012, p.28). Outra lei que buscou regulamentar aspectos relativos ao planejamento da cidade era a Lei municipal nº 6.597/1989 que introduziu o conceito de Polo gerador de tráfego, com o qual o poder público municipal pode solicitar

ações mitigadoras para os casos em que o empreendimento incorresse nessa questão. Era o começo de um novo momento, nos quais alguns dos desafios passaram a ser perseguidos por meio de ações de planejamento inclusivo e participativo.

1990

O início da década de 1990 trouxe diversos desafios para o governo municipal. A Prefeitura possuía equipe técnica deficitária para as necessidades da cidade real; a crise se aprofundava, como pode ser observado pelos 'Indicadores Econômicos', publicações associadas a análises econômicas e produzidas pela Prefeitura de Santo André. Logo no primeiro número são evidenciados dados que demonstram que o ano de 1990 foi difícil para diversas áreas, tanto comércio, como indústria cuja retração em relação a 1989 foi de 10%. Consequentemente o nível de emprego também diminuiu em especial no setor metalúrgico (PSA, jan.1991, p.2).

E essa será a tônica durante boa parte da década, com quedas expressivas do nível de emprego na base da indústria metalúrgica e algum crescimento econômico pós-1995, incluindo um crescimento discreto no nível de emprego industrial: 2,2% a favor dos trabalhadores ligados à produção (PSA, jun.1995).

Na publicação 'Indicadores Econômicos' de 1992 há uma informação que identifica necessidades e aponta para questões alvo na segunda metade dessa década:

... tais fenômenos [dificuldades econômicas e perda de potencial de emprego] encontram sua origem na própria orientação do processo tecnológico contemporâneo e no quadro da crise nacional que já ultrapassa uma década. Esse pano de fundo revela que o perfil industrial do ABCD, da forma como se colocou nos últimos 30 anos, sofre transformações irreversíveis, mas que não necessariamente apontam para a inexorabilidade da decadência econômica. Pelo contrário, podem significar um avanço, desde que acompanhadas por apropriadas medidas de cunho local e regional e, é óbvio, respaldadas por uma política econômica federal que privilegie o desenvolvimento e a reconstrução nacional no médio e longo prazo, a consolidação de um polo regional modernizado, com novos atributos e configurações (PSA, dez.1992, p.7).

Desse ponto de vista foram criadas instâncias regionais como o Consórcio Intermunicipal do ABC e a Câmara Regional do ABC, com vistas a estimular atividades econômicas já existentes e possibilidade de atração de novas oportunidades.

A tabela 18, a seguir, indica o número de estabelecimentos ou profissionais ligados aos setores econômicos presentes no Município. Observamos por esses dados que houve número crescente de estabelecimentos associados aos serviços, ainda que o número de empregados tenha flutuado um pouco. Outro dado de destaque é de que houve incremento no número de estabelecimentos industriais, mas o número de empregos diminuiu. Essa situação vislumbra a terceirização e maior mecanização, além de reestruturação tecnológica da produção.

Tabela 18. Quadro sinóptico de atividade produtiva e número de empregados em Santo André, 1998, 1999 e 2000.

Ano	Área	Nº de estabelecimentos	Nº de empregados
1998	indústria	878	34.158
	comércio	8.148	25.149
	serviços	10.466	46.099
	profissionais liberais	-	25.180
1999	indústria	978	32.612
	comércio	9.402	31.428
	serviços	12.759	50.594
	profissionais liberais	-	28.487
2000	indústria	1.015	27.301
	comércio	9.525	31.279
	serviços	13.158	48.989
	profissionais liberais	-	29.318

Fonte: Sumário de Dados, 1999, 2000 e 2001, PSA. Acervo: MSAOAG.

Demograficamente, os municípios do ABC cresciam, mas não no mesmo ritmo que o Estado, o que nos leva a crer que a atração dos empregos havia arrefecido. E, outra

característica peculiar era de que após taxa de incremento populacional em alta em alguns municípios na década de 1980, Santo André deixou de ser o município mais populoso da região. E, ainda, no caso de São Caetano do Sul que nos primeiros anos do século XX tinha população em franco crescimento, no final deste mesmo século entrou em processo de declínio populacional. Veja-se a Tabela 19 que demonstra a variação do começo da década de 1990 em comparação com o ano de 2000.

Tabela 19. População residente nos municípios do ABC, 1991 e 2000.

Cidade	População 1991	População 2000
Santo André	616.991	649.331
São Bernardo do Campo	566.893	703.177
São Caetano do Sul	149.519	140.159
Diadema	305.287	357.064
Mauá	294.998	363.392
Ribeirão Pires	85.085	104.508
Rio Grande da Serra	29.901	37.091

Fonte: Sumário de Dados, 1991 e 2000, PSA. Acervo: MSAOAG.

Do âmbito urbano houve alguns avanços na esfera de políticas sociais e de planejamento urbano e habitação. Em 1990 foi aprovada a Lei Orgânica de Santo André que disciplinou diversos aspectos da vida social da cidade. Em 1991, por meio da Lei nº 6.864, criou-se as Áreas de Especial Interesse Social que visaram viabilizar condições de regulação fundiária e urbanização de favelas.

Para a área central da cidade, em 1990, foi apresentado o 'Projeto Centro', que planejou melhorar a qualidade ambiental da área central, além de recuperação do núcleo histórico e acessibilidade para a dinâmica do comércio e serviços, bem como das atividades culturais que tinham no centro diversos equipamentos públicos

(PMSA, 1990). Apesar de algumas ações a favor desse projeto, ele não foi muito adiante nesse momento. Diversas propostas foram apresentadas, mas restrições orçamentárias dificultaram a possibilidade de sua execução.

A próxima gestão (1993-1996) não atuou a favor do 'Projeto Centro' e também não fomentou novas propostas para a cidade, excetuando a necessidade legal de aprovar Plano Diretor em 1995 (Lei municipal nº 7.333/95). Este embora apresentasse instrumentos novos, "consistia em um documento genérico, que não disciplinava o uso e a ocupação do solo e que fazia referência formal às funções sociais da cidade e da propriedade, mas não continha os meios para sua efetivação" (SOUZA, 2012, p.29).

Novas políticas voltadas para a cidade foram efetivadas a partir do final da década de 1990, com nova gestão do prefeito Celso Daniel (1997-2000), cuja marca de governo era a inclusão social. Ali se instituíram diversos mecanismos de participação da população e de planejamento da cidade: 'Orçamento Participativo' (1997), 'Santo André: Cidade Futuro' (1997), 'Projeto Eixo Tamanduatehy' (1998), 'Centro com Vida' (1997), entre outros.

A Prefeitura de Santo André possuía na sua estrutura organizacional o Núcleo de Planejamento Estratégico e dessa matriz eram difundidas diretrizes e programas e que visavam o olhar do planejamento para a cidade como um todo, com vistas a favorecer a participação e inclusão social em Santo André. Os projetos acima compunham essa lógica e deveriam ser norteadores dos próximos passos no novo século XXI que se avizinhava.

Na área central da cidade, foi recuperado, de forma remodelada, o 'Projeto Centro' com nova denominação: 'Centro com Vida'. Eram objetivos deste projeto: transformar o centro em área revitalizada economicamente, segura, dotada de infraestrutura, com boa fluidez de trânsito, espaços adequados e atividades constantes de cultura e lazer (PSA, 1997, s.p.). Depois de muitos anos de abandono da área central, desde a reforma promovida na década de 1970, propunha-se naquele momento a reformulação de sistema de drenagem, sistema viário, mobiliário

urbano e de iluminação pública, além de atividades culturais que pudessem garantir vivacidade a área central.

A tônica de muitos projetos daquela administração municipal foi a participação social. O projeto 'Centro com Vida' contou com plenárias e reuniões que pudessem escutar e construir propostas conjuntas com a população sobre as necessidades da área. A escuta popular resultou em diversas ações que foram coroadas com a implantação do 'Corredor Cultural', circuito que interligou diversos espaços simbólicos do centro e equipamentos de cultura e que deveriam promover atividades culturais constantes em todo o seu trajeto.

Um resultado bastante visível foi a cobertura de parte da Rua Cel. Oliveira Lima com projeto de Décio Tozzi e calçamento inspirado nas obras de Luis Sacilotto. Outras obras importantes foram as de drenagem contra enchentes, de modernização de iluminação pública e do sistema viário, além da implantação do 'Corredor Cultural' bem ao final da gestão, em 2000. As obras foram importantes e garantiram melhores condições ao centro da cidade, mas o projeto do 'Corredor Cultural', que garantia maior vivacidade e estímulos no âmbito da cultura e lazer não foi adiante.

2000-2011

O novo século se iniciou e do ponto de vista demográfico, partimos dos dois últimos Censos (2000 e 2010). Foram acrescentadas estimativas do IBGE para 2011 a partir do último Censo e evidenciamos as características da população na tabela abaixo. A tabela 20 demonstra a relação da população total de Santo André com as demais cidades do ABC e a tabela seguinte, tabela 21, apresenta a evolução populacional dessas mesmas cidades nos últimos 40 anos.

Tabela 20. População residente nos municípios do ABC, 2000 e 2011.

Cidade	População 2000	População 2011
Santo André	649.331	678.486
São Bernardo do Campo	703.177	770.253
São Caetano do Sul	140.159	149.962
Diadema	357.064	388.576
Mauá	363.392	412.184
Ribeirão Pires	104.508	113.726
Rio Grande da Serra	37.091	44.503

Fonte: Anuário de Dados, 2007 e 2012, DISE/PSA.

Tabela 21. Evolução da população nos municípios da região do ABC – 1960/2011

Municípios	1960	1970	1980	1991	2000	2011
Santo André	245.147	418.826	553.072	616.991	649.331	678.486
São Bernardo do Campo	82.411	201.662	425.602	566.893	703.177	770.253
São Caetano do Sul	114.421	150.130	163.082	149.519	140.159	149.962
Diadema	12.308	78.914	228.660	305.287	357.064	388.576
Mauá	28.924	101.700	205.740	294.998	363.392	421.184
Ribeirão Pires	17.250	29.048	56.532	85.085	104.508	113.726
Rio Grande da Serra	3.955	8.397	20.093	29.901	37.091	44.503
Região do ABC	504.416	988.677	1.652.781	2.048.674	2.354.722	2.566.690

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ Anuário de Santo André 2012, base 2011/DISE/PSA. 2011 - estimativa

Destes dados observamos que após um longo período em que Santo André possuía a maior população da região, no Censo de 1980 houve uma modificação nessa trajetória, com ampliação da população de São Bernardo do Campo e discreta diminuição em Santo André. Nos censos de 2000 e 2010 a população daquele

município ultrapassa a deste, e o crescimento populacional passou a ser menor ainda. Outros municípios do ABC também demonstraram crescimento acentuado, como o caso de Diadema e Mauá.

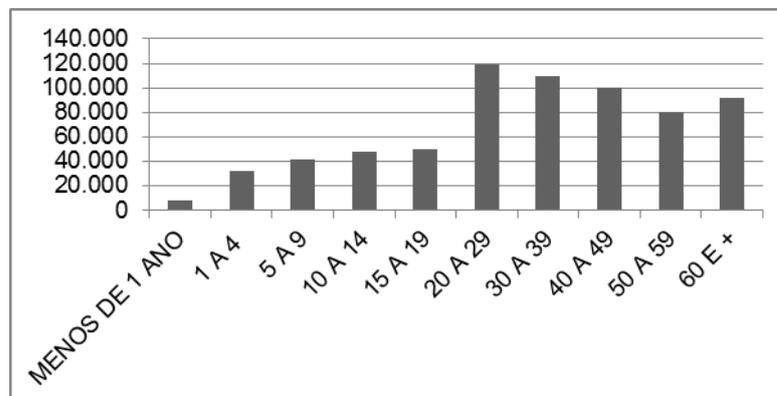
A tabela e gráfico abaixo, indicam, por meio dos dados de 2011 uma convergência a favor do envelhecimento da população de Santo André. Por meio da Figura 8 essa situação fica ainda mais evidente. A população entre 20 anos e 49 anos ainda é a maior em termos absolutos, mas há uma tendência de ampliação da população a partir dos 50 anos e essa deve ser uma preocupação futura das gestões públicas.

Tabela 22. População residente e faixa etária, Santo André, 2011.

ANO 2011 (ESTIMATIVA)	
FAIXA ETÁRIA	POPULAÇÃO
TOTAL	678.486
menos de 1 ano	7.819
1 a 4 anos	31.604
5 a 9 anos	41.458
10 a 14 anos	47.978
15 a 19 anos	49.692
20 a 29 anos	118.556
30 a 39 anos	109.475
40 a 49 anos	99.607
50 a 59 anos	80.449
60 anos e +	91.797

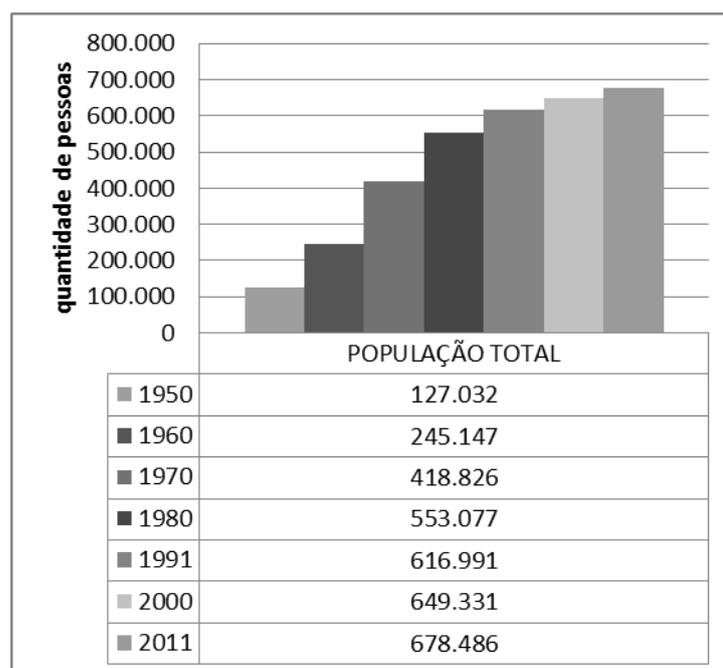
Fonte: Anuário de Dados, 2012, DISE/PSA.

Figura 8. População residente e faixa etária, Santo André, 2011.



Fonte: Anuário de Dados, 2012, DISE/PSA.

Figura 9. Variação da população total, Santo André, 1950 a 2011.



Fonte: IBGE, censos 1950, 60, 70, 80, 90, 2000 e estimativa para 2011.

Do ponto de vista da economia houve ampliação dos diversos setores nessa década, com destaque para o setor de serviços. O nível de expansão da atividade econômica da cidade foi de 17% no ano de 2011, apesar da conjuntura econômica internacional indicar queda da atividade econômica devido à crise de 2009. Para cada um dos setores de atividades temos os seguintes números de crescimento: indústria expandiu 2,7%, comércio 5,4% e serviços 6,5% (PSA, Anuário 2012, p.47). A tabela 23 identifica a quantidade de estabelecimentos e profissionais liberais por ano de 2000 a 2011.

Tabela 23. Quadro sinóptico da atividade produtiva em Santo André, década de 2000-2011.

DÉCADA DE 2000			
Nº de estabelecimentos profissões/ ano	2000	2005	2011
Indústria	1.015	1.542	2.527
Comércio	9.525	10.525	21.292
Profissões liberais	29.318	32.024	28.679
Serviços	13.158	16.500	36.397

Fonte: Anuário de Dados 2012, ano base 2011, PSA. Coleção PSA, Acervo MSAOAG.

Sobre mercado de trabalho, nos últimos dez anos também houve aumento de ritmo de contratação, em especial a partir de 2004, conforme se observa na tabela 24.

Tabela 24. Evolução do emprego formal, Santo André e região do ABC, 2000, 2005, 2011.

Ano	Santo André	Região do ABC
2000	115.552	517.954
2005	142.001	624.536
2011*	200.747	819.176

Fonte: Anuário de Dados, 2006 e 2012, PSA.

Col: PSA, Acervo MSAOAG.

*Estimativa com base no RAIS 2010 e CAGED acumulado 2011.

Do ponto de vista do planejamento da cidade, alguns projetos em curso continuaram sua trajetória como é o caso do Eixo Tamanduatehy. O poder público, no entanto, mirou seus esforços no 'Santo André Mais Igual' (2001), que foi implementado:

... em resposta aos problemas sociais decorrentes das transformações econômicas ocorridas no município, articula ações de diversas naturezas, visando a melhoria das condições de vida de forma mais ampla, através de programas articulados institucionalmente e desenvolvidos ao mesmo tempo, bem como a sustentabilidade física e social dos projetos de urbanização (PSA, 2006, p.35).

O escopo desse programa continha as dimensões urbana, econômica e social e diversos projetos encontravam-se lastreados pelas premissas citadas. Outros projetos foram criados como, por exemplo, 'Cidade Policêntrica' (2006), que visou desenvolver e estimular os centros de bairros, em função da disseminação de centros comerciais em várias localidades da cidade. No entanto, o foco das atenções do âmbito do planejamento urbano de Santo André era a organização do Plano Diretor aos moldes daquele preconizado pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto das Cidades (Lei federal nº 10.257 de 10/7/2001).

O Plano Diretor Participativo de Santo André, aprovado por Lei Municipal nº 8.696 de 17/12/2004, se orientou pelos princípios das funções sociais da cidade e da propriedade, da sustentabilidade, da justiça e igualdade social e da gestão democrática e participativa (SOUZA, 2012).

Este plano, colocado em prática entre os anos de 2005 e 2008, apresentava o diferencial de ter sido elaborado por meio de amplo processo participativo e incorporado diversos instrumentos indicados pelo Estatuto da Cidade.

Apesar dessa qualidade e diferencial que o tornou referência para outros planos diretores faz-se necessário enfatizar que ele, por si só "... foi insuficiente para amenizar os conflitos e contradições associadas à trajetória de desenvolvimento de cidades como Santo André" (KLINK e DENALDI, 2012, p.203).

Apesar dos gestores valorizarem a participação social – movimentos populares, lideranças empresariais, entidades de classe associadas à questão urbana – eram muitos os interesses conflituosos de cada um dos atores sociais. Os embates e as lições tiradas desse processo foram fundamentais para sua aplicabilidade e legitimidade.

Este Plano era mais próximo da cidade real, o que nos planos diretores anteriores não foi possível, pois eram geralmente planos de discurso e não da prática. Mas, não se pode imaginar que o jogo de interesses antagônicos teve seu desfecho após a aprovação da lei. Antes, iniciou-se outra etapa de aplicação da legislação, sublinhada por pressões do mercado imobiliário que impactaram na cidade nos anos seguintes. O saldo, no entanto, foi positivo no intuito de se compreender a participação como algo além do atendimento a exigências legais, antes, com a perspectiva do Plano Diretor "... constituir-se em uma ação transformadora e de gerar continuidade em um processo permanente." (KLINK e DENALDI, 2012, p.221)

Novo Plano Diretor foi aprovado em 2012 e este apresentou novos atores sociais e outros interesses que não serão objeto dessa dissertação. Apenas sinalizamos que a continuidade é o presente e que não se pode prescindir dele para compreender as ações desenvolvidas no passado, assim como este é legado para as ações desenvolvidas na atualidade. Esse diálogo diacrônico nos permite compreender os rumos desejados e possíveis quando o tema é a transformação do espaço urbano.

Com estes insumos acreditamos ter sido possível organizar a periodização em acordo com as informações coligidas no Capítulo 3 dessa dissertação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Parcelamentos no bairro da estação de São Bernardo em 1906.....	p.179
Figura 2. Quantidade de pessoas no município de São Bernardo, segundo anos de realização de censo: 1886, 1900, 1920.....	p.181
Figura 3. População rural e urbana por distrito do município de São Bernardo, 1920.....	p.183
Figura 4. Parcelamentos na sede do distrito de Santo André, 1930	p.187
Figura 5. Número de estabelecimentos industriais no distrito de Santo André, entre 1900 e 1930.....	p.187
Figura 6. Parcelamentos na sede do município de Santo André, 1945.....	p.192
Figura 7. Parcelamentos na sede do município de Santo André, 1970.....	p.209
Figura 8. População residente e faixa etária, Santo André, 2011.....	p.220
Figura 9. Variação da população total, Santo André, 1950 a 2011.....	p.220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Aspectos demográficos no município de São Bernardo, 1920.....	p.181
Tabela 2. Número de trabalhadores, por distrito, São Bernardo, 1921.....	p.182
Tabela 3. Localização e quantidade de empreendimentos industriais no distrito de Santo André que pagaram impostos durante os anos de 1920-1935.....	p.188
Tabela 4. – População por distritos e segundo localização, município de Santo André, 1940.....	p.190
Tabela 5. Faixas etárias no município de Santo André e estado de São Paulo, 1940.....	p.191
Tabela 6. - Atividades principais e população envolvida na atividade em Santo André e estado de São Paulo, 1940.....	p.194
Tabela 7. <i>Ranking</i> das cidades com maior número de estabelecimentos industriais no estado de São Paulo, 1940.....	p.195
Tabela 8. População de Santo André segundo Gênero, Cor, Nacionalidade, Idade - censo 1950.....	p.196
Tabela 9. População de Santo André segundo Gênero, Cor, Nacionalidade, Idade - censo 1950.....	p.196
Tabela 10. Comparativo entre municípios com relação a indústrias, casas comerciais e número de empregados, municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, 1953.....	p.197

Tabela 11. População com mais de 10 anos, por sexo e ramos de atividade, Santo André, 1950.....	p.198
Tabela 12. Resultados preliminares do Censo 1960 por população total, urbana e rural, municípios do ABC, 1960.....	p.203
Tabela 13. Atividade e quantidade de estabelecimentos em Santo André, 1960.....	p.204
Tabela 14. Resultados do censo 1970 por município do ABC e população total, 1971.....	p.206
Tabela 15. Quadro sinóptico da atividade produtiva em Santo André, década de 1970.....	p.207
Tabela 16. População residente na região do ABC, 1970 e 1980.....	p.210
Tabela 17. Quadro sinóptico da atividade produtiva em Santo André década de 1980.....	p.211
Tabela 18. Quadro sinóptico de atividade produtiva e número de empregados em Santo André, 1998, 1999 e 2000.....	p.214
Tabela 19. População residente nos municípios do ABC, 1991 e 2000.....	p.215
Tabela 20. População residente nos municípios do ABC, 2000 e 2011.....	p.218
Tabela 21. Evolução da população nos municípios da região do ABC – 1960/2011.....	p.218
Tabela 22. População residente e faixa etária, Santo André, 2011.....	p.219
Tabela 23. Quadro sinóptico da atividade produtiva em Santo André, década de 2000-2011.....	p.221
Tabela 24. Evolução do emprego formal, Santo André e região do ABC, 2000, 2005, 2011.....	p.221

10.2. Apêndice 2 – Quadros síntese de variáveis

Este apêndice contém as seguintes tabelas:

TABELA 1 - Quadro Síntese da Ação do Poder Público no planejamento e intervenção no espaço urbano;

TABELA 2 - Quadro Síntese das Fontes Fotográficas;

TABELA 3 - Quadro Síntese das Fontes Literárias.

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
1	denominação de ruas	1911	Prefeito propõe as seguintes denominações de ruas: Avenida Antonio Cardoso, Rua Xavier de Toledo, Rr Dr, Cesário Motta, Rua Correia Dias	Avenida Antonio Cardoso, Rua Xavier de Toledo, Rr Dr, Cesário Motta, Rua Correia Dias	ata da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
2	Rio Tamanduateí	1912	concede a Antonio T. Leite a permissão para limpar e regularizar o leito e conservar as margens do Rio Tamanduateí, pelo prazo de 6 anos, gozando de proventos produzidos pelas margens e eleito do rio. Lei nº105 de 11/01/1912	Rio Tamanduateí	leis da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
3	aumento de rua	1912	Rua cel Oliveira Lima deverá ser alargada até a atual Av Queirós dos Santos, por meio de desapropriação de terreno de Dr. Raul Cardoso de Mello	rua Cel Oliveira Lima	ata da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
4	educação I Grupo Escolar de São Bernardo	1912	contrato com governo do Estado para construção pela Câmara Municipal um imóvel destinado ao funcionamento do Grupo Escolar de São Bernardo	rua Senador Fláquer	ata da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
5	denominação de ruas	1912	Prefeito propõe as seguintes denominações de ruas: Rua do Theatro passe a denominar-se Rua Dr. Correia Dias (atual Rua Senador Fláquer) e rua projetada entre a rua dr. Bernardino de Campos e Rua Cel Oliveira Lima inicialmente denominada de Rua Dr. Correia Dias, passe a denominar-se Rua Dona Eliza Fláquer	Rua Senador Fláquer, Rua D. Elisa Fláquer	ata da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
6	denominação de ruas	1912	Prefeito propõe as seguintes denominações de ruas: Tamanduateí (cancela da SPR até o rio), Avenida João Ramalho	Tamanduateí (cancela da SPR até o rio), Avenida João Ramalho	ata da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
7	prolongamento da Rua Cel Oliveira Lima	1913	autoriza desapropriação para prolongamento da Rua	rua Cel Oliveira Lima	leis da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
8	construção de praça pública	1914	ofício do Prefeito Municipal solicitando compra de terreno na esquina das Ruas Cel.Oliveira Lima e Luis Pinto Fláquer para construção de praça	Praça Embaixador Pedro de Toledo	FCMSB	S16 M5
9	denominação de rua	1916	Rua do Theatro deverá ser denominada de Rua Senador Fláquer	Rua Senador Fláquer	ata da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
10	teatro carlos gomes	1917	solicita isenção de impostos, o que foi indeferido pela Câmara Municipal	rua Cel Oliveira Lima	ata da Câmara Municipal de São Bernardo, FCMSB	FCMSB
1	abertura de ruas e avenidas	1921	autoriza desapropriação de terreno para abertura de rua entre a Rua Cel Oliveira Lima e a nova avenida Municipal, lei nº217 de 1/3/1921	rua Cel Oliveira Lima	leis de São Bernardo FCMSB	
2	sociedade de mutuo soccorso	1923	solicitação de isenção de impostos de 10 anos de um edifício a ser construído na esquina da Rua Senador Fláquer com Rua Cel Oliveira Lima	Rua Senador Fláquer	Requerimentos, FCMSB	S5 M3
3	abertura de ruas, avenidas e praças	1924	prefeitura realizou serviços de alargamento e retificação de ruas nas proximidades da Estação de São Bernardo. Foram abertas ruas que fizeram o prolongamento das avenidas São Caetano, ligação da Avenida Queirós dos Santos e Avenida Industrial, abertura de praça em frente à Estação	Praça 18 do Forte, Rua Itambé, Av. Industrial	Relatório apresentado a Câmara Municipal de São Bernardo pelo prefeito municipal Saladino Cardoso Franco, relativo à sua gestão de 1924 (1925)	FCMSB
4	edificações	1924	prédios aprovados em 1924 no distrito de Santo André: 54, entre eles Paróquia de Santo André, Conac, Fichet&Schwartz, Atlantis e Cine Teatro Carlos Gomes	distrito de Santo André	Relatório apresentado a Câmara Municipal de São Bernardo pelo prefeito municipal Saladino Cardoso Franco, relativo à sua gestão de 1924 (1925)	FCMSB
5	teatro carlos gomes	1924	aprovação da construção da edificação do Cine Teatro de Variedades Carlos Gomes à Rua Senador Fláquer	Rua Senador Fláquer	Relatório apresentado a Câmara Municipal de São Bernardo pelo prefeito municipal Saladino Cardoso Franco, relativo à sua gestão de 1924 (1925)	FCMSB

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
6	paróquia de Santo André	1925	lei 244 de 31/10/1925 que desapropria terreno para praça defronte da paróquia de Santo André	Praça Getúlio Vargas	Relatório apresentado a Câmara Municipal de São Bernardo pelo prefeito municipal Saladino Cardoso Franco, relativo à sua gestão de 1925 (1926)	FCMSB
7	Praça do Carmo	1927	institui a denominação de praça situada entre as ruas Campos Sales, Albuquerque Lins e Prudente de Moares	Praça do Carmo	Requerimentos, FCMSB	S8 M3
8	Praça do Carmo	1928	<p>lei nº268 de 15/09/1928 autoriza permuta de terrenos para a ampliação da Praça do Carmo " Fica o Sr. Prefeito Municipal autorizado a adquirir da Companhia Streiff de São Bernardo, pelo preço corrente, um terreno com área de 516 (quinhentos e dezesseis) metros quadrados, na Praça do Carmo, em Santo André, e permuta-lo com outro de propriedade da Curia Metropolitana, na mesma praça, e com área de três mil e cinqüenta metros quadrados (3.050) sobras da área ocupada com o edifício da Igreja de N . S. do Carmo, em redor desta, afim de ser esta área permutada considerada de utilidade pública.</p> <p>(Vide Lei nº 277 de 12 de abril de 1929, que modifica este artigo).</p> <p>Art. 2º - O Sr. Prefeito Municipal fará para esse fim a necessária operação de crédito, por conta da verba "Obras Públicas".</p> <p>Art. 3º - O terreno dado em permuta a Curia Metropolitana servirá para nele ser edificada a Casa Paroquial.</p> <p>Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.</p>	Praça do Carmo	<p>Relatório apresentado a Câmara Municipal de São Bernardo pelo prefeito municipal Saladino Cardoso Franco, relativo à sua gestão de 1928 (1929) e site</p> <p>http://www.cmsandre.sp.gov.br:8080/portalcidadao/#075f539f0b7223f116d2c85c4ce1b1752fccb0db1fd92284312b33310fb199ef6050e9373e0f36365cbb7737a0e49e582e657146a648fd13d54aa9e4338df879e807578fb1eeafd765e874467325cce9920f582d626d1104e4f2fb31e5153c13f8a3b13f07b7649e1f56cf5a4c15d15f740a45816d4cf114</p>	FCMSB e

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
9	denominação de ruas e avenidas	1929	organiza a denominação de ruas e avenidas no distrito de Santo André. Na área de abrangência são denominadas as seguintes ruas:Abílio Soares, Agenor de Camargo, Albuquerque Lins, Alfredo Fláquer, Antonio Cardoso, Bernardino de Campos, Campos Sales, Canudos, Carlos de campos, Praça do Carmo, Catequese, Cesário Motta, Correia Dias, João Ramalho, José Cabalero, Lino Jardim, Luiz Pinto Fláquer, da Matriz, Monções, Diana, Eliza Fláquer, dos Estados, da Fábrica, Gertrudes de Lima, Gal Glicério, Industrial, Itambé, Municipal (Portugal), Oliveira Lima, Cel Ortiz, Presidente Wilson (D. Pedro II), Prudente de Moraes (Brás Cubas), Queiróz dos Santos, Quinze de Novembro, Santo André, Santos Dumont, Senador Fláquer, Tamanduateí, Visconde de Taunay, Washington Luiz (Siqueira Campos), Xavier de Toledo	distrito de Santo André	Leis de São Bernardo site CMSA	site cmsa
10	Praça do Carmo	1929	abaixo assinado de moradores para mudança de coreto da Rua Senador Fláquer para a Praça do Carmo	Praça do Carmo	Abaixo assinados, FCMSB	S8 M2
11	doação de rua	1929	lei nº280 de 09/08/1929 que autoriza a Prefeitura receber por escritura pública da Companhia Brasileira de Sedas "Rhodiá-seta", Dr. Erasmo de Assumpção ou F. Kowarick & Cia, uma rua com a largura de 16 metros, ao lado esquerdo do projetado canal do rio Tamanduateí, e a partir da Avenida Antonio Cardoso Franco, até a extremidade superior desse canal, no distrito de Santo André. Art. 2º - Aos doadores dessa rua fica facultado o direito permanente do uso e gozo da derivação de água do referido rio, para fins industriais, mediante condutor, acima ou abaixo do nível da referida rua, reservados direitos de terceiros e evitando-se qualquer represamento do curso normal desse rio.	trecho da Avenida dos Estados	leis de São Bernardo FCMSB	FCMSB

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
1	casas populares	1936	Angelo Gabrilli apresenta projeto para construção de casas populares em terreno localizado à rua Campos Sales esquina com Rua Cesário Mota	Rua Campos Sales, esquina com Rua Cesário Mota	S8 M2 FCMSB	FCMSB
2	jardim público	1937	Lei nº 341 de 27/04/1937 que autoriza a adquirir por compra ou por desapropriação, uma área de terreno com vinte mil metros quadrados no mínimo, para jardim público, no distrito de Santo André. Este deverá estar situado na área central do distrito.	área central	leis de São Bernardo - CMSA	CMSA
3	Delegacia de polícia	1937	Lei nº 361 de 26/10/1937 que autoriza a doação ao estado de um terreno de propriedade da Prefeitura Municipal situado na Rua Xavier de Toledo, no distrito de Santo André, medindo 13,50 metros de frente, 12,74 metros de fundos e 40,00 metros da frente aos fundos, para nele ser construído o edifício da Delegacia de Polícia deste Município	área central	leis de São Bernardo - CMSA	CMSA
4	mudança de nome de rua	1937	mudança de nome da Rua da Fábrica para Rua Guilherme Marconi	Rua Guilherme Marconi	FPMSB	PMSB 3B
1	desapropriação da Chácara Bastos	1948	área de 77.000 m ² destinada a centralizar os serviços públicos do Município	área central	Relatório 'Três anos de administração no município de Santo André', prefeito Antonio Fláquer, Col: Euclides Rocco/MSAOAG	MB2 C1
2	desapropriação da Chácara Suplicy	1948	área de 25.400 m ² para instalação de colégio do Estado	área central	Relatório 'Três anos de administração no município de Santo André', prefeito Antonio Fláquer, Col: Euclides Rocco/MSAOAG	MB2 C1
3	esgotos	1949	trata de construção de emissários Apiaí, Carapetuba, Cemitério	área central	Relatório 'Três anos de administração no município de Santo André', prefeito Antonio Fláquer. Col: Euclides Rocco/MSAOAG	MB2 C1

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
1	construções públicas	1950	finalização das obras de Escola Industrial Julio de Mesquita, e reforma nas dependências do Ginásio Estadual Américo Brasiliense (prédio antigo)	área central	Relatório 'Três anos de administração no município de Santo André', prefeito Antonio Fláquer, Col: Euclides Rocco/MSAOAG	MB2 C1
2	Arborização da Praça IV Centenário (estudo)	1953	ação que compôs do Projeto de Urbanização de Prestes Maia	área central	Relatório referente ao exercício de 1953 encaminhado pelo Prefeito Fioravante Zampol à Câmara Municipal, Col:PSA/MSAOAG	MB2 C1
3	Biblioteca Municipal	1953	doação de 1.005 livros e 1.800 periódicos duplicatas da Biblioteca Municipal de S.Paulo	área central	Relatório referente ao exercício de 1953 encaminhado pelo Prefeito Fioravante Zampol à Câmara Municipal, Col:PSA/MSAOAG	MB2 C1
4	paróquia de Santo André	1953	inaugurada em 29/11/1953	área central	Relatório referente ao exercício de 1953 encaminhado pelo Prefeito Fioravante Zampol à Câmara Municipal, Col:PSA/MSAOAG	MB2 C1
5	Retificação e avenida marginal ao longo do Rio Tamandateí	1953	ação que compôs do Projeto de Urbanização de Prestes Maia	área central	Relatório referente ao exercício de 1953 encaminhado pelo Prefeito Fioravante Zampol à Câmara Municipal, Col:PSA/MSAOAG	MB2 C1
6	Projeto de urbanização Prestes Maia	1953	decreto nº747 de 18/09/1953 declara de utilidade pública os terrenos necessários para implementação de obras urbanísticas de acordo com projeto apresentado pelo Engenheiro Fco Prestes Maia.	viaduto 18 do Forte e alargamento da rua 15 de Novembro e Rua Catequese e implantação da Av. Córrego Cemitério	Leis de Santo André	CMSA
7	Projeto de urbanização Prestes Maia	1954	Destaque para o Centro Cívico, Viaduto sobre linha férrea, parque Infantil no Ipiranguinha	área central	Revista "Conheça Santo André, 1954", Col OAG/MSAOAG	MB2 C6

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
8	Jd Ipiranguinha	1957	foi iniciado o ajardinamento de terreno situado à Rua Cel Seabra, entre a 7 de setembro e a Santos Dumont, sendo este considerado o primeiro jardim público com 32.500m ² , com 244 m de comprimento, 118m de um lado e 176 m de outro lado. Descreve: este jardim terá iluminação, com postes de ornamentais de concreto, de 4 mts de altura, com instalação subterrânea, hidráulica e galeria de águas pluviais. Os canteiros são formados por tijolos cerâmicos e o piso é de concreto. Seus passeios são amplos, com mais de 4 m de largura. Os bancos serão de concreto apoiados sobre tubos de liga de alumínio, fugindo ao tipo convencional de todas as peças de concreto. Haverá um lago ornamental, estando prevista para o futuro a construção de uma fonte luminosa. (p.18)	Parque Antonio Fláquer	Os dois anos do governo de Pedro Dell'Antonia (anais de um biênio)	MB2 C1
9	Praça IV Centenário	1957	elaborado projeto de ajardinamento para todos os terrenos, inclusive para o situado em continuação à Av. D. Pedro II já ajardinado e que será remodelado	Praça IV Centenário	Os dois anos do governo de Pedro Dell'Antonia (anais de um biênio)	MB2 C1
10	Plantio de árvores	1957	Rua Antonio Cardoso: 40 mata fome	Rua Antonio Cardoso	Os dois anos do governo de Pedro Dell'Antonia (anais de um biênio)	MB2 C1
11	Plantio de árvores	1957	Rua Brás Cubas, 17 jacarandá mimoso	Rua Brás Cubas	Os dois anos do governo de Pedro Dell'Antonia (anais de um biênio)	MB2 C1
12	Plantio de árvores	1957	Rua Campos Sales: 45, sendo 25 jacarandá mimoso e 20 mata fome	Rua Campos Sales	Os dois anos do governo de Pedro Dell'Antonia (anais de um biênio)	MB2 C1
13	Plantio de árvores	1957	Rua General Glicério:41 jacarandá mimoso	Rua General Glicério	Os dois anos do governo de Pedro Dell'Antonia (anais de um biênio)	MB2 C1
14	Paço Municipal	1958	identifica-se que a construção do paço Municipal é mais que necessária, pois a dispersão dos depts atrapalham o andamento dos trabalhos	área central	Pedro Dell'Antonia presta contas ao povo 1956/1959, Col:PSA, ac:MSAOAG	MB2 C1

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
15	canalização de rios	1958	Permissão de construção de prédios nos leitos dos córregos Carapetuba e Cemitério, entre as ruas Elisa Fláquer, Delfim Moreira e Estrada de Ferro, obrigando-se os interessados a canalizar e cobrir os mesmos. Lei nº1360/58, modificado pelo Lei nº 1423/59.	Santo André	Leis da CMSA	CMSA
16	Jardim Ipiranguinha	1959	remodelação com 12 cjtos de plantas ornamentais, gramados, fonte luminosa e criação de parque infantil	área central	Pedro Dell'Antonia presta contas ao povo 1956/1959, Col:PSA, ac:MSAOAG	MB2 C1
17	Jardim Praça IV Centenário	1959	construção em ritmo acelerado	área central	Pedro Dell'Antonia presta contas ao povo 1956/1959, Col:PSA, ac:MSAOAG	MB2 C1
18	viaduto Pedro dell'Antonia	1959	construído, com 20m de largura e 290 m de comprimento	área central	Pedro Dell'Antonia presta contas ao povo 1956/1959, Col:PSA, ac:MSAOAG	MB2 C1
1	Rio Tamandateí	1966	tentativas de retificação, com plano para levantamento hidrográfico e projetos de canalização de outros córregos que deságuam nesse rio.	área central	Zampol, 2 anos de governo' Tribuna Popular Ilustrada	MB2 C6
2	Teatro	1967	Teatro da Sociedade de Cultura Artística com 330 lugares	Rua Alfredo Fláquer	Santo André, São Paulo, Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Estatística, coleção monografias n.o. 443	MB2 C2
4	remodelação do viário da Perimetral	1971	viário Av. José Caballero, Viaduto Angelo Gaiarsa, Rua Alfredo Fláquer, Av. Santos Dumont	Av. José Caballero, Viaduto Angelo Gaiarsa, Rua Alfredo Fláquer, Av. Santos Dumont	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6
1	remodelação da Rua Cel Oliveira Lima	1973	retirada dos ônibus da rua citada	rua Cel Oliveira Lima	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
2	remodelação da Rua Cel Oliveira Lima	1974	retirada dos carros da rua citada e instalação de floreiras, com a transformação da rua em um calçadão	rua Cel Oliveira Lima	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6
3	remodelação da avenida XV de Novembro	1979	avenida citada entre as ruas General Glicério e avenida Queirós dos Santos teve reformado o seu sistema de captação de águas pluviais e trecho pavimentado	avenida XV de Novembro	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6
5	remodelação da Praça do Carmo	1979	remodelação com projeto de Jorge Bonfim e praça será o centro da área, contando com teatro de arena, espelho d'água, sanitários públicos, esculturas e árvores copadas	Praça do Carmo	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6
6	remodelação da Rua Cel Oliveira Lima	1979	remodelação que atingiu toda a rua citada com projeto de Jorge Bonfim	rua Cel Oliveira Lima	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6
7	remodelação viaduto 18 do Forte	1979	reurbanização com retirada de cerca de 50 caminhões de terra e material inservível retirado do local e em seu lugar plantadas árvores e plantas ornamentais	viaduto 18 do Forte	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6
8	viaduto Juscelino Kubitschek	1979	reurbanização com gramas e árvores garantindo outro aspecto ao Centro Cívico	viaduto Juscelino Kubitschek	Santo André 80, suplemento especial do Santo André em Notícias, órgão oficial do Município, abril 1980.	MB2C6
1	Projeto Centro com Vida,	1997	proposta de remodelação da Rua Senador Fláquer com intervenção no Cine Teatro Carlos Gomes e Museu de Santo André	Rua Senador Fláquer	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
2	Projeto Centro com Vida,	1997	obras de drenagem e saneamento	Ruas Álvares de Azevedo e Monte Casseros - córrego Carapetuba	Projeto Centro com vida, PSA	PSA

TABELA 1 - QUADRO SÍNTESE DA AÇÃO DO PODER PÚBLICO
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM NA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911-2011

Número no Mapa	Informação	ano	detalhamento da informação	local	fonte	identificação no acervo
3	Projeto Centro com Vida,	1997	obras de drenagem e saneamento	Ruas Álvares de Azevedo e Monte Casserros - córrego Carapetuba	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
4	Projeto Centro com Vida,	1998	obras de requalificação urbana	Rua Bernardino de Campos	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
5	Projeto Centro com Vida,	1999	obras de calçamento	Rua Dona Eliza Fláquer	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
6	Projeto Centro com Vida,	1999	obras de calçamento	Avenida 15 de Novembro	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
7	Projeto Centro com Vida,	1999	obras de calçamento	Rua Delfim Moreira	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
8	Projeto Centro com Vida,	1999	obras de requalificação urbana defronte EE Dr. Américo Brasiliense	Praça IV Centenário	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
9	Projeto Centro com Vida,	1999	calçamento defronte da Estação e Terminal Rodoviário	Praça 18 do Forte e Rua Itambé	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
10	Projeto Centro com Vida,	1999	obras de requalificação urbana praça dos Correios	Praça IV Centenário	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
1	Projeto Centro com Vida,	2000	Cobertura e calçamento Rua Cel Oliveira Lima	rua Cel Oliveira Lima	Projeto Centro com vida, PSA	PSA
2	Projeto Centro com Vida,	2006	calçada na Rua Dona Eliza Fláquer	Rua Dona Eliza Fláquer	Projeto Centro com vida, PSA	PSA

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
1	I Grupo Escolar	1914	Col. EE Prof. José A. A. Antunes	Rua Senador Fláquer	MSAOAG
2	Edificação de Antonio Queirós dos Santos, em solenidade	1915	Coleção Euclides Rocco	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
1	Fábrica de Casemiras Kowarick	1920	Coleção Mario Batista Canever	Av. Antonio Cardoso	MSAOAG
2	Campo do 1º de maio F.C.	1921	Col. Carlos Lotto	rua Campos Sales	particular
3	feira livre	1924	Col. Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
4	grupo de homens sentados sobre toras à frente da Fábrica de Cadeiras e pequenos móveis Streiff	1926	Col. Família Streiff	Rua Cel Oliveira Lima	coleção particular
5	Fábrica Ipiranguinha	1928	Fam. Zochling	rua Cel Alfredo Fláquer	MSAOAG
6	Asilo Padre Capra	1928	Coleção Fam. Granziera	Rua Siqueira Campos	MSAOAG
7	Cine Theatro Carlos Gomes fachada do cine e coreto	1928	Coleção Leo Pezzolo Ghirardello	Rua Senador Fláquer	MSAOAG
8	Pharmarcia São Bernardo, Clube Xadrez	1929	Col. Família Streiff	Praça do Carmo	coleção particular
9	Demolição da Fábrica de cadeiras de pequenos móveis Streiff	1929	Coleção Família Streiff	Rua Cel Oliveira Lima	Família Streiff
10	Rua Luis Pinto Fláquer, com destaque do armazém Lima e Beber	1929	Foto São Bernardo/ Coleção Dalvira Ribeiro Cangussu	Rua Luis Pinto Fláquer	MSAOAG
11	Fábrica de Cadeiras e pequenos Móveis Streiff - demolição	1929	Coleção Família Streiff	Rua Cel Oliveira Lima	Família Streiff
12	barraca de quermesse na Praça do Carmo	1926	Photo Moderna	Praça do Carmo	MSAOAG
13	vista do Cine Teatro Carlos Gomes	1928	Col. Leo Pezzolo Ghirardello	Rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
14	residência de Saladino Cardoso Franco, situada na esquina da Rua Campos Sales e Praça do Carmo	1921	Foto Carlos Haukal/Coleção Dalvira Ribeiro Cangussu	Praça do Carmo	MSAOAG
1	Vista de rua interna das instalações industriais da Rhodia Química.	1930	coleção Hermínia Rondinelli	rua Antonio Cardoso, 31	MSAOAG
2	Vista dos jardins da residência da Família Streiff na Rua Coronel Oliveira Lima. Ao fundo, se vê a sede do Clube Xadrez e a paróquia de Nossa Senhora do Carmo.	1930	Coleção Família Streiff	Praça do Carmo	Família Streiff
3	Fábrica de Cadeiras e pequenos Móveis Streiff - novas instalações	1930	Coleção Família Streiff	Av. Queirós dos Santos	Família Streiff

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
4	Casa Cimieri	1930	Euclides Rocco	Rua Luis Pinto Fláquer	MSAOAG
5	Grupo de charreteiros defronte da estação ferroviária de São Bernardo, atual Celso Daniel - Santo André.	1935	Coleção Manoel Telles	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
6	Vista interna da Fábrica Rhodia Química	1935	Coleção René Schoeps.	Av. Antonio Cardoso	MSAOAG
7	vista da rua Bernardino de Campos, ao fundo vê-se a Chácara Bastos	1935	Reprod Carlos Haukal DRCangussú	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
8	vista em primeiro plano da Fábrica de Cadeiras e pequenos Móveis Streiff e ao fundo a Igreja do carmo, ainda sem torre	1937	Coleção Família Streiff	Av. Queirós dos Santos	Família Streiff
9	Fábrica de casemiras Kowarick	1937	Foto Neto Caldeira	Av. Antonio Cardoso	Álbum de São Bernardo/MSAOAG
10	Inauguração de busto de Senador Fláquer	1932	Coleção Família Fláquer	Praça Embaixador Pedro de Toledo	MSAOAG
11	Passagem de nível e porteiros junto à Estação ferroviária de Santo André	1930	Foto Carlos/Col. Dalvira Ribeiro Cangussu	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
1	Procissão na Rua Coronel Oliveira Lima e praça Embaixador Pedro de Toledo, com o monumento ao Senador Fláquer à direita.	1940	Coleção Solange Magini	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
2	Motociclistas defronte o monumento do Largo Embaixador Pedro de Toledo, ao fundo vê-se a Casa Pernambucanas	1947	Carlos Haukal/Col. Dalvira Ribeiro Cangussu	Praça Embaixador Pedro de Toledo	MSAOAG
3	Circo Soares	1940	Família Fernandes	Rua Siqueira Campos	MSAOAG
4	fachada do cine teatro com cartazes e símbolo do CARhodia	1940	Coleção Fam. Manias	Rua Senador Fláquer	MSAOAG
5	Mulher não identificada junto à plataforma da estação ferroviária de Santo André.	1948	Coleção Solange Magini	Estação Ferroviária de Santo André	MSAOAG
6	Detalhe de edificação da Família Simonsen	1949	coleção PSA	Rua Delfim Moreira	MSAOAG
7	Fachada da Escola Técnica Júlio de Mesquita	1940	Coleção Paschoalino Assumpção	Rua Justino Paixão	MSAOAG
8	Carlos Haukal na lateral da Catedral do Carmo	1940	Carlos Haukal/Col. Dalvira Ribeiro Cangussu	Praça do Carmo	MSAOAG
9	Rua Cel. Oliveira Lima esquina com Rua Gal Glicério	1940	Carlos Haukal/Col. Dalvira Ribeiro Cangussu	Rua Cel.Oliveira Lima	MSAOAG
10	Carlos Haukal defronte à Catedral do Carmo	1940	Carlos Haukal/Col. Dalvira Ribeiro Cangussu	Praça do Carmo	MSAOAG
11	Taxistas que tinham ponto na Praça Embaixador Pedro de Toledo	1947	Foto Carlos, Coleção Dalvira Ribeiro Cangussu	Praça Embaixador Pedro de Toledo	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
 TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
1	Vista da rua Bernardino de Campos, vendo-se relógio instalado no canteiro central, esquina com a rua General Glicério, década de 1950.	1950	Coleção René Schoeps.	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
2	Feira livre no centro de Santo André, na rua General Glicério, esquina com rua Coronel Oliveira Lima, que se estendia em direção ao Bairro Casa Branca. O homem fantasiado de robô divulga a exibição de filme do Cine Tangará.	1950	coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua General Glicério	MSAOAG
3	Vista aérea de Santo André, com destaque para a área da rua Campos Sales. O prédio à direita foi o primeiro prédio do centro de Santo André e era de propriedade do IAPI – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários. Os demais prédios à esquerda são respectivamente o prédio do Banco da Lavoura, da Drogasil e o edifício João Ramalho. Ao fundo, vê-se a Catedral do Carmo.	1950	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	rua campos Sales	MSAOAG
4	Vista aérea de Santo André, vendo-se o viaduto Pedro Dell'Antonia e o complexo industrial do Lanifício Kowarick e da Rhodia Ceta, à esquerda. No centro, a área do pátio ferroviário e no alto a área central da cidade.	1950	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	viaduto Pedro Dell'Antonia	MSAOAG
5	Córrego do Cemitério defronte a EE Dr Américo Brasiliense	1954	Foto e Coleção Octaviano A. Gaiarsa	Córrego Cemitério	MSAOAG
6	Vista da rua General Glicério, com destaque para a loja Exposição que se situava em galeria comercial existente na esquina com a rua Cel. Oliveira Lima.	1950	Coleção René Schoeps.	Rua General Glicério	MSAOAG
7	Enchente na Avenida 15 de novembro	1950	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Avenida 15 de novembro	MSAOAG
8	Enchente nas proximidades da Estação Ferroviária de Santo André	1950	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Avenida 15 de novembro	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
9	Vista panorâmica com destaque para a Paróquia de Santo André	1954	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça Getúlio Vargas	MSAOAG
10	Vista da Praça IV Centenário: à esquerda a EE Dr. Américo Brasiliense e o prédio dos Correios; à direita a área em que ocorreu a Exposição Industrial e Comercial de Santo André, em 1953. Ao fundo, junto às árvores, a Vila Mimosa.	1957	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	Praça IV Centenário	MSAOAG
11	Cine Tamoio, junto a Praça Antonio Fláquer	1950	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	Praça Antonio Fláquer	MSAOAG
12	Vista vendo-se o complexo esportivo da Rhodia e Rio Tamanduateí	1950	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	Avenida dos Estados	MSAOAG
13	Alunas do colégio Coração de Jesus, durante desfile cívico na Rua 15 de novembro. Ao fundo, vê-se a edificação do antigo Hotel e Restaurante Cavalo Branco, que abriga atualmente a Acisa, Associação Comercial e Industrial de Santo André.	1950	Foto Maria Celeste Passarinho. col. Glaci Hammerle Passarinho	Rua 15 de Novembro	MSAOAG
14	Vista aérea de Santo André, com destaque para a Rua Cel.Oliveira Lima cortando a imagem longitudinalmente	1950	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	Rua cel Oliveira Lima	MSAOAG
15	Jardim Ipiranguinha, remodelado, Ao fundo vê-se a paróquia de Santo André	1959	Coleção Paschoalino Assumpção	Parque Antonio Fláquer	MSAOAG
16	Vista aérea da Praça Antonio Fláquer, também conhecida como Ipiranguinha	1953	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	Praça Antonio Fláquer	MSAOAG
17	Vista da Praça IV Centenário com destaque para a instalação do Relógio, doado pela colônia japonesa	1953	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça IV Centenário	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
 TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
18	Vista da Praça IV Centenário: com destaque para a figura de João Ramalho	1953	Foto Postal Colombo/ Coleção Antonio Carlos Rizzo	Praça IV Centenário	MSAOAG
19	Construção da Igreja Matriz de Santo André	1950	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça Getúlio Vargas	MSAOAG
20	Vista da Praça Embaixador Pedro de Toledo	1955	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça Embaixador Pedro de Toledo	MSAOAG
21	Vista da edificação de Paulina Isabel de Queirós, na época Gabinete do Prefeito	1955	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça do Carmo	MSAOAG
22	Troca de adutora de concreto na Rua Alfredo Fláquer	1950	Carlos Haukal/Col. Dalvira Ribeiro Cangussu	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
23	Vista panorâmica de Santo André, com destaque para a edificação da Fábrica de Tecidos Silva Seabra & Cia a partri da torre da Igreja Matriz de Santo André	1956	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça Getúlio Vargas	MSAOAG
24	Vista da Praça Antonio Fláquer, ao fundo Paróquia de Santo André	1956	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça Antonio Fláquer	MSAOAG
25	Meninas defronte à EE Dr. Américo Brasiliense ainda em sua sede antiga, Chácara Bom Repouso	1950	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Delfim Moreira	MSAOAG
26	Escola Técnica Senai	1950	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
27	Rua Justino Paixão com propaganda de Armando das Neves para vereador	1950	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
28	Rio Tamanduateí	1950	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rio Tamanduateí	MSAOAG
29	Vista da Praça IV Centenário	1954	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça IV Centenário	MSAOAG
1	Vista panorâmica da construção do Centro Cívico de Santo André		Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Centro Cívico de Santo André	MSAOAG
2	córrego Cemitério não canalizado, vendo-se à direita o Ginásio Estadual Dr. Américo Brasiliense	1960	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Avenida 15 de novembro	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
3	Vista panorâmica da área central, com destaque para a Catedral do Carmo e a edificação do Clube Xadrez, que abrigava no andar térreo o Bar Quitandinha. À esquerda vê-se a rua Coronel Oliveira Lima, com o edifício João Ramalho. Mais adiante vê-se a Fábrica de Cadeiras e Móveis Streiff, com sua chaminé. Bem ao fundo, está o Parque das Nações com a paróquia Nosso Senhor do Bonfim, com suas duas torres.	1961	Coleção Carlos Galante	Praça do Carmo	MSAOAG
4	vista da área de passagem entre as duas porteiras, ao fundo vê-se a passarela em ferro da estação	1965	Coleção PSA	Estação Ferroviária de Santo André	MSAOAG
5	Vista da rua Justino Paixão na altura da ETE Julio de Mesquita	1967	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
6	Vista do Carlos Gomes	1960	Col. Octaviano Armando Gaiarsa	rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
7	Rua Cel.Oliveira Lima, esquina com Rua Gal Glicério	1966	Carlos Haukal/Col. Dalvira Ribeiro Cangussu	Rua Cel. Oliveira Lima	MSAOAG
8	Praça Antonio Fláquer vista a partir da Fábrica de Tecidos Santista (antiga Silva Seabra & Cia)	1969	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
9	Vista da Catedral do Carmo e edifício Cristian	1960	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Praça do Carmo	MSAOAG
10	Praça Antonio Fláquer e ao fundo a Paróquia de Santo André	1960	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Praça Alfredo Fláquer	MSAOAG
11	Vista da Praça Antonio Fláquer a partir de terreno onde situava-se a Fábrica de Tecidos Santista (antiga Silva Seabra & Cia)	1969	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
1	Vista da rua Justino Paixão na altura da ETE Julio de Mesquita, já em obras para a construção do viaduto Angelo Gaiarsa	1970	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
2	vista panorâmica da Perimetral em início de obras	1970	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Cel Alfredo Fláquer	MSAOAG
3	Vista panorâmica parcial da demolição de edificações para o alargamento da rua Coronel Alfredo Fláquer, que passou a ser designada popularmente de Perimetral. Vê-se ao fundo a paróquia de Santo André.	1971	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Cel. Alfredo Fláquer	MSAOAG
4	vista da rua Bernardino de Campos, ao fundo vê-se a escola Senai	1971	Octaviano Armando Gaiarsa foto e Col	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
5	obras de canalização do córrego Cemitério, vendo-se à direita o Ginásio Estadual Dr. Américo Brasiliense	1971	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Avenida 15 de novembro	MSAOAG
6	Perimetral em obras	1971	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Cel Alfredo Fláquer	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
7	vista panorâmica da Perimetral já concluída	1973	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Cel Alfredo Fláquer	MSAOAG
8	Rua Justino Paixão em obras	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
9	Rua Justino Paixão desapropriação	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
10	Demolição da rua Justino Paixão	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
11	Detalhe de demolição da rua Justino Paixão	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
12	Rua Alfredo Fláquer em obras	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
13	Antiga edificação de Antonio Queirós dos Santos, conhecida por Nosso bar	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
14	Edificação dos Correios e Telégrafos	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Avenida Portugal	MSAOAG
15	Rua Cel.Oliveira Lima	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Cel. Oliveira Lima	MSAOAG
17	Rua Cel.Oliveira Lima, já calçadão	1974	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Cel.Oliveira Lima	MSAOAG
18	Rua Cel.Oliveira Lima, detalhe	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Cel.Oliveira Lima	MSAOAG
19	Inauguração do Supermercado Jumbo	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Henri Sannejouand	MSAOAG
20	Rua Alfredo Fláquer em obras	1972	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
21	Rua Alfredo Fláquer em obras, detalhe	1972	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
22	Rua Alfredo Fláquer, demolição	1972	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
23	Rua Alfredo Fláquer em obras	1972	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
24	Rua 15 de novembro, demolição	1975	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua 15 de Novembro	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
25	Viaduto Angelo Gaiarsa construído	1973	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Viaduto Angelo Gaiarsa	MSAOAG
26	Canalização de córrego Carapetuba	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua Álvares de Azevedo	MSAOAG
27	Canalização de córrego Carapetuba	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
28	Canalização de córrego Carapetuba	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
29	obras para a construção do viaduto Angelo Gaiarsa	1971	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Justino Paixão	MSAOAG
30	Meninas defronte à EE Dr. Américo Brasiliense com córrego do Cemitério em fase de canalização	1970	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Rua 15 de Novembro	MSAOAG
31	Vista do Centro Cívico de Santo André	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça IV Centenário	MSAOAG
32	vista do Centro Cívico de Santo André e dos Correios e Telégrafos	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça IV Centenário	MSAOAG
33	Panorâmica do Centro Cívico de Santo André	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça IV Centenário	MSAOAG
34	Vista da Câmara Municipal de Santo André e João Ramalho	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça IV Centenário	MSAOAG
35	Centro Cívico de Santo André	1971	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	Praça IV Centenário	MSAOAG
36	Vista da fachada do SENAI	1972	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
37	Demolição do SENAI	1973	Foto e Coleção Octaviano Armando Gaiarsa	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
38	Estação ferroviária de Santo André e passarela de pedestres	1970	Coleção PSA	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
39	Rua Cel. Oliveira Lima	1977	Coleção PSA	Rua Cel. Oliveira Lima	MSAOAG
40	Espelho d'água do Centro Cívico de Santo André, com patos	1978	Coleção PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
41	Praça do Carmo, em obras para renovação do piso, vista panorâmica	1978	Coleção PSA	Praça do Carmo	MSAOAG
42	Praça do Carmo, em obras para renovação do piso	1978	Coleção PSA	Praça do Carmo	MSAOAG
43	Estação Ferroviária em obras	1970	Coleção PSA	Praça 18 do Forte	MSAOAG
44	Operário dorme após almoço em um dos barracões de obras da Perimetral	1972	Foto João Colovatti/Diário do Grande ABC	Rua Alfredo Fláquer	Particular

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
45	Desfile do Tiro de Guerra no aniversário de Santo André	1972	Foto João Colovatti/Diário do Grande ABC	Praça IV Centenário	Particular
46	Inauguração do Supermercado Jumbo	1971	Foto João Colovatti/Diário do Grande ABC	Rua Henri Sannejouand	Particular
1	Vista do Rio Tamanduateí, nas proximidades do centro da cidade	1980	Col PSA	Avenida dos Estados	MSAOAG
2	Vista da Praça 18 do Forte, onde foi instalado o Terminal Rodoviário. Ao fundo, vê-se a Estação Ferroviária de Santo André e o Viaduto Pedro Dell'Antonia. Atualmente no local está instalado o Terminal Metropolitano de Santo André.	1982	Coleção Manoel Telles	Praça 18 do Forte	MSAOAG
3	Vista do Terminal de ônibus próximo à Estação Ferroviário	1982	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Praça 18 do Forte	MSAOAG
4	Vista do Terminal de ônibus próximo à Estação Ferroviário, destaque para as obras	1982	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Praça 18 do Forte	MSAOAG
5	Vista da Estação ferroviária de Santo André	1980	Foto e Coleção Octaviano A Gaiarsa	Rua Itambé	MSAOAG
6	Rua Cel. Oliveira Lima com calçadão	1980	Foto Gutierre, Coleção PSA	Rua Cel.Oliveira Lima	MSAOAG
7	Cine Teatro Carlos Gomes, fechado para reforma	1987	Foto Gutierre, Coleção PSA	Rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
8	Cine Teatro Carlos Gomes, sem telhado	1987	Foto Gutierre, Coleção PSA	Rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
9	Cine Teatro Carlos Gomes, sem telhado e parte da fachada	1987	Foto Gutierre, Coleção PSA	Rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
10	Vista do Centro Cívico de Santo André	1988	Foto Gutierre, Coleção PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
11	Viaduto Juscelino Kubitscheck e urbanização da área próxima	1988	Foto Gutierre, Coleção PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
12	Centro Cívico de Santo André com destaque para o monumento de João Ramalho e uma criança que observa a estátua	1982	Foto João Colovatti/Diário do Grande ABC	Praça IV Centenário	Particular
13	Congestionamento de alça de acesso à Avenida 15 de Novembro - Viaduto Juscelino Kubitscheck	1981	Foto João Colovatti/Diário do Grande ABC	Viaduto Juscelino Kubitscheck	Particular
1	Enchente na Rua 15 de novembro. Vê-se à direita a EE Dr. Américo Brasileiro	1998	Foto Giliola Vesentini/PSA	Avenida 15 de novembro	MSAOAG
2	Vista aérea de Santo André, com destaque para a Catedral do Carmo.	1999	Foto David Rego Jr/Coleção PSA	Praça do Carmo	MSAOAG
3	Rua Cel Oliveira Lima, construção da cobertura	1999	Col PSA	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
4	Vista do Museu de Santo André	1990	Foto Fernando Ferreira/Col. PSA	Rua Senador Fláquer, 470	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
5	Vista da Igreja Matriz de Santo André	1992	Foto Fernando Ferreira/Col. PSA	Praça Getúlio Vargas	MSAOAG
6	Detalhe da Igreja Matriz de Santo André	1992	Foto Fernando Ferreira/Col. PSA	Praça Getúlio Vargas	MSAOAG
7	Correio monumento ao Cristo Redentor, localizado junto ao Correio	1990	Col.PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
8	Estação Ferroviária de Santo André	1990	Col.PSA	Rua Itambé	MSAOAG
9	Comércios na Rua Luis Pinto Fláquer	1990	Col.PSA	Rua Luis Pinto Fláquer	MSAOAG
10	Rio Tamanduateí	1992	Col.PSA	Rio Tamanduateí	MSAOAG
11	Parque Antonio Fláquer	1990	Col.PSA	Parque Antonio Fláquer	MSAOAG
12	Parque Antonio Fláquer detalhe	1990	Col.PSA	Parque Antonio Fláquer	MSAOAG
13	Casa da Esfiha, anterior residência Família Suplicy, esquina Rua Delfim Moreira com Rua Bernardino de Campos	1990	Col.PSA	Rua Delfim Moreira	MSAOAG
14	Vista da Casa da Palavra	1991	Col.PSA	Praça do Carmo	MSAOAG
15	varejão Chaves	1991	Foto Fernando Ferreira/Col. PSA	Rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
16	Varejão Chaves já desapropriado para retomar a função de Cine Teatro Carlos Gomes	1991	Foto Fernando Ferreira/Col. PSA	Rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
17	Vista da Perimetral, viaduto Ângelo Gaiarsa	1992	Col.PSA	Viaduto Ângelo Gaiarsa	MSAOAG
18	Detalhe da antiga residência da família Dell'Antonia, hoje loja de doces	1990	Col.PSA	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
19	Rua Bernardino de Campos, detalhe de antiga residência de família Jorge	1990	Col.PSA	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
20	Vista do Cine Teatro Carlos Gomes	1997	Col.PSA	Rua Senador Fláquer, 110	MSAOAG
21	Vista da lateral da fachada do Cine Tangará	1998	Foto Beto Garavello/Col.PSA	Rua Cel.Oliveira Lima	MSAOAG
22	Detalhe da antiga Fábrica de Cadeiras e Pequenos Móveis Streiff	1998	Foto David Rego Jr/Coleção PSA	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
23	Detalhe da rua Bras Cubas	1992	Col.PSA	Rua Bras Cubas	MSAOAG
24	Vista da antiga residência da Família Antonio Queirós dos Santos	1992	Col.PSA	Av. Queirós dos Santos	MSAOAG
25	Vista do Correio com pichação	1992	Col.PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
26	Rua Cel.Oliveira Lima e calçada	1998	Col.PSA	Rua Cel.Oliveira Lima	MSAOAG
27	Vista panorâmica da Perimetral à noite	1997	Col.PSA	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
28	Vista panorâmica da Perimetral ao dia	1997	Col.PSA	Rua Alfredo Fláquer	MSAOAG
29	Rua Bernardino de Campos	1990	Col.PSA	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
30	Centro Cívico de Santo André	1990	Col.PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
31	Detalhe do Centro Cívico de Santo André	1990	Col.PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
32	Vista do Correio	1997	Col.PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
33	Obras no Parque Antonio Fláquer	1999	Col.PSA	Praça Antonio Fláquer	MSAOAG

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
34	Monumento ao Imigrante Italiano	1998	Col.PSA	Praça Ademar de Barros	MSAOAG
35	Monumento a João Ramalho situado no Cemntro Cívico de Santo André	1998	Col.PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
36	Residência situada à Rua Cel.Francisco Amaro	1998	Col.PSA	Rua Cel. Francisco Amaro	MSAOAG
37	Rua Gal Glicério esquina com 15 de novembro	1999	David Rego Jr. Col.PSA	Rua Gal Glicério esquina com 15 de novembro	MSAOAG
38	Obras do projeto Centro com Vida	1999	David Rego Jr. Col.PSA	rua Bernardino de Campos	MSAOAG
39	Edificação Família Jorge	1999	David Rego Jr. Col.PSA	Rua Bernardino de Campos	MSAOAG
40	Edificação Família Queirós dos Santos	1999	David Rego Jr. Col.PSA	Rua Bernardino de Campos	MSAOAG
41	Centro Cívico de Santo André vista aérea	1996	Beto Garavello Col.PSA	Praça IV Centenário	MSAOAG
42	Alagamento na Av. 15 de novembro	1990	Giliola Vesetini Col.PSA	Av. 15 de novembro	MSAOAG
43	vista panorâmica do viaduto e ao fundo Perimetral/Rua Cel. Alfredo Fláquer	1990	Col.PSA	Viaduto Ângelo Gaiarsa	MSAOAG
44	vista aérea do calçadão antes das obras do projeto Centro com vida	1999	Beto Garavello Col.PSA	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
45	vista aérea do Calçadão em obras do projeto Centro com vida	1999	Beto Garavello Col.PSA	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
46	Vista panorâmica da Praça do Carmo em primeiroplano a Catedral do Carmo	1999	Beto Garavello Col.PSA	Praça do Carmo	MSAOAG
47	Fachada de antiga indústria Streiff	1998	Giliola Vesetini Col.PSA	Av Queirós dos Santos	MSAOAG
48	Parque Antonio Fláquer	1990	Col.PSA	Parque Antonio Fláquer	MSAOAG
49	Cinema Carlos Gomes	1998	Beto Garavello Col.PSA	Rua Senador Fláquer	MSAOAG
50	Construção cobertura calçadão	1999	Col.PSA	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
1	Vista da Rua Cel Oliveira Lima após instalação de cobertura e remodelação do calçamento	2000	Foto Giliola Vesentini/PSA	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
2	Vista aérea de Santo André, com destaque para a rua Coronel Oliveira Lima com a cobertura idealizada por Décio Tozzi.	2000	Foto Élcio Simões	Rua Cel.Oliveira Lima	Coleção Magda Moraes/MSAOAG
3	Av Queirós dos Santos e edificação de Antonio Queirós dos Santos	2007	Foto e Col Roberto Parizotti	Av Queirós dos Santos	7 Cidades
4	Av Queirós dos Santos, Terminal Metropolitano de ônibus	2007	Foto e Col Roberto Parizotti	Av Queirós dos Santos	7 Cidades
5	Detalhe de poste e ao fundo edificação da antiga fábrica de cadeiras e pequenos móveis Streiff	2007	Foto e Col Marcello Vitorino	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
6	detalhe de gradil que divide a linha férrea da rua	2007	Foto e Col Marcello Vitorino	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
7	vista da avenida com destaque para edificação que hj abriga a Cooperhodia	2007	Foto e Col Cleo Santos	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
8	Avenida Queirós dos Santos, residência Antonio Queirós dos Santos	2007	Foto e Col Cleo Santos	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
9	Casa de Doces, Av. Queirós dos Santos	2007	Foto e Col Cleo Santos	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
10	Catedral do Carmo	2007	Foto e Col Marcello Vitorino	Praça do Carmo	7 Cidades
11	Catedral do Carmo e edifício de banco Francês Brasileiro	2007	Foto e Col Roberto Parizotti	Praça do Carmo	7 Cidades
12	Chaminés da Rhodia Têxtil	2007	Foto e Col Cleo Santos	Av Antonio Cardoso	7 Cidades
13	Calçadão em obras	2000	David Rego Jr. Col.PSA	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
14	Calçadão em obras	2000	David Rego Jr. Col.PSA	Praça Embaixador Pedro de Toledo	MSAOAG
15	Calçadão em obras	2000	David Rego Jr. Col.PSA	Rua Cel Oliveira Lima	MSAOAG
16	Praça a ser inaugurada	2000	Giliola Vesetini Col.PSA	Praça Embaixador Pedro de Toledo	MSAOAG
17	Vista da Rua Cel.Oliveira Lima, com primeiro plano a obra de Luiz Sacilotto e a cobertura do calçadão	2000	Foto Marcello Vitorino	Rua Cel.Oliveira Lima	Coleção Particular
18	Detalhe da obra de Luiz Sacilotto, Concreções	2000	Foto Marcello Vitorino	Rua Cel Oliveira Lima	Coleção Particular
19	Detalhe de edificação situada à Travessa Savino Degni	2003	Foto Marcello Vitorino	Travessa Savino Degni	Coleção Particular
20	Detalhe da Catedral do Carmo	2003	Foto Marcello Vitorino	Praça do Carmo	Coleção Particular
21	Detalhe da Perimetral - Rua Alfredo Fláquer	2003	Foto Marcello Vitorino	Rua Alfredo Fláquer	Coleção Particular
22	Detalhe do calçamento da Rua Cel.Oliveira Lima, inspirada em obra de Luiz Sacilotto	2003	Foto Marcello Vitorino	Rua Cel. Oliveira Lima	Coleção Particular
23	Detalhe da Catedral do Carmo	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
24	Detalhe de poste com buraco evidenciando os fios de seu interior - defronte da Coop	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
25	Aveniia Queirós dos santos, próximo à fachada da Coop	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
26	Detalhe de antiga residência de Família Dell'Antonia	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
27	Detalhe de Cine Tangará	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
28	Detalhe de antiga residência de Antonio Queirós dos Santos	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
29	Terminal Metropolitano de ônibus	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
30	Viaduto Pedro Dell'Antonia	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Av. 15 de Novembro	7 Cidades
31	Travessa Diana, detalhe	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Travessa Diana	7 Cidades
32	Esquina Rua Cel.Oliveira Lima e Rua Campos Salles	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Rua Cel.Oliveira Lima	7 Cidades
33	Detalhe da escultura de Luiz Sacilotto	2007	Foto Marcello Vitorino, Col Fapesp/USCS	Rua Cel.Oliveira Lima	7 Cidades
34	passarela de pedestres,junto à via férrea	2000	Foto Marcello Vitorino	Rua Cel Oliveira Lima	Coleção Particular
35	Praça do Carmo	2007	Foto Milton Tonello, Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
36	Fachada de antiga indústria Streiff	2007	Foto Milton Tonello, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
37	Edificação Família Pedro Dell'Antonia	2007	Foto Milton Tonello,Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
38	passarela de pedestres	2007	Foto Milton Tonello,Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
39	chegada dos trens próximo à estação ferroviária	2007	Foto Milton Tonello,Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
40	Terminal Metropolitano de ônibus	2007	Foto Milton Tonello,Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
41	Estação Ferroviária de Santo André	2007	Foto Milton Tonello,Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
42	travessa de rua Cel Oliveira Lima	2007	Foto Milton Tonello,Col Fapesp/USCS	Travessa Biagio Jacopucci	7 Cidades
43	Calçadão	2007	Foto Milton Tonello,Col Fapesp/USCS	Rua Cel Oliveira Lima	7 Cidades
44	detalhe da Casa do Olhar	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Rua Campos Sales	7 Cidades
45	Catedral do Carmo	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
46	Detalhe da Rua Cel. Oliveira Lima	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Rua Cel.Oliveira Lima	7 Cidades
47	Detalhe do Centro Comercial do Carmo	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
48	Detalhe da antiga Cia Streiff de cadeiras e pequenos móveis, atual Coop	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
49	Detalhe de trem em movimento	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
50	Detalhe da Rhodia Textil chaminé	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
51	Edificação Família Pedro Dell'Antonia	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
52	Detalhe do Cine Tangará	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
53	Rua Cel. Oliveira Lima, detalhe	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Rua Cel. Oliveira Lima	7 Cidades
54	Detalhe de antiga residência de família Jorge	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
55	detalhe de antiga residência de família Antonio Queirós dos Santos	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
56	Detalhe de passarela de pedestres para passagem na linha férrea	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
57	Detalhe de antiga concessionária de automóveis de Francisco Braz	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	rua Bernardino de Campos	7 Cidades
58	detalhe de edifício Drogasil, fachada de varandas e janelas	2007	Foto Esther Lerner, Col Fapesp/USCS	Rua Cel. Oliveira Lima	7 Cidades
59	Detalhe da Casa do Olhar	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Rua Campos Sales	7 Cidades
60	Detalhe da Catedral do Carmo	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
61	Fachada da antiga Cia Streiff de cadeiras e pequenos móveis, atual Coop	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Avenida Queirós dos Santos	7 Cidades
62	Detalhe de antiga residência de Família Dell'Antonia	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Avenida Queirós dos Santos	7 Cidades
63	Detalhe de antiga residência de Antonio Queirós dos Santos	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Avenida Queirós dos Santos	7 Cidades
64	Detalhe da passarela de pedestres para passagem da linha férrea	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Avenida Queirós dos Santos	7 Cidades
65	Vista panorâmica a partir da passarela sobre a linha férrea, vendo-se o Cine Tangará e cercanias	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Avenida Queirós dos Santos	7 Cidades
66	Estação Ferroviária de Santo André	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
67	Poluição visual na Avenida 15 de Novembro	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Avenida 15 de novembro	7 Cidades
68	Detalhe da Travessa Diana	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Travessa Diana	7 Cidades
69	Rua Cel. Oliveira Lima, detalhe	2007	Foto Nario Barbosa, Col Fapesp/USCS	Rua Cel. Oliveira Lima	7 Cidades
70	Detalhe da Catedral do Carmo	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
71	Detalhe do Rhodia Textil Chaminé e trem	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
72	Cine Tangará, detalhe	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
73	Detalhe de antiga residência da Família Antonio Queirós dos Santos	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
74	Detalhe de antiga residência da Família Jorge	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
75	Detalhe da Rua Bernardino de Campos	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	rua Bernardino de Campos	7 Cidades
76	Detalhe do Tangará	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
77	Estação Ferroviária de Santo André, catraca de saída de passageiros	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
78	Detalhe de edificação de serviços de Francisco Braz	2007	Foto Roberto Parizotti, Col Fapesp/USCS	rua Bernardino de Campos	7 Cidades

TABELA 2 - QUADRO SÍNTESE DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ 1911 - 2011

Número no mapa	Informação	ano	casa fotográf/ fotógrafo/Coleção	local	fonte
79	Detalhe da Casa do Olhar	2007	Foto Mariana Silveira Col Fapesp/USCS	Rua Campos Sales	7 Cidades
80	Detlhae de traseuntes na Rua Cel Oliveira Lima	2007	Foto Mariana Silveira Col Fapesp/USCS	Rua Cel.Oliveira Lima	7 Cidades
81	Detalhe da Catedral do Carmo	2007	Foto Mariana Silveira Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
82	Detalhe de passarela de pedestres para passagem na linha férrea	2007	Foto Mariana Silveira Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
83	Detalhe da rua Bras Cubas	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Rua Bras Cubas	7 Cidades
84	Estacionamento do supermercado Coop, antiga fábrica Cia Streiff de cadeiras e pequenos móveis	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Av.Queirós dos Santos	7 Cidades
85	Detalhe da Rhodia Textil e trens	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
86	Antiga Residência de Antonio Queirós dos Santos, detalhe da data da edificação - 1914	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Av.Queirós dos Santos	7 Cidades
87	Antiga Residência de Antonio Queirós dos Santos, detalhe da poluição visual da edificação	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Av. Queirós dos Santos	7 Cidades
88	Terminal Metropolitano de ônibus	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
89	Estação de Santo André	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
90	Passarinhos em árvore próximo ao Terminal Metropolitano de ônibus	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
91	Detalhe da Casa do Norte, Travessa Diana	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Travessa Diana	7 Cidades
92	Detalhe de edificação Drogasil (fachada janelas e varandas)	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Rua Cel. Oliveira Lima	7 Cidades
93	Detalhe da Travessa Biaggio Jacopucci	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Travessa Biagio Jacopucci	7 Cidades
94	Detlhae da obra Concreções de Luiz Sacilotto	2007	Foto Valdir Lopes Col Fapesp/USCS	Rua Cel. Oliveira Lima	7 Cidades
95	Detalhe da pedra portuguesa na Rua Cel. Oliveira Lima	2007	Foto Dino Santos, Col Fapesp/USCS	Rua Cel. Oliveira Lima	7 Cidades
96	Detalhe da Concha Acústica, com Catedral ao fundo	2007	Foto Dino Santos, Col Fapesp/USCS	Praça do Carmo	7 Cidades
97	Detalhe da Avenida 15 de Novembro	2007	Foto Dino Santos, Col Fapesp/USCS	Av. 15 de Novembro	7 Cidades
98	Estação Ferroviária de Santo André	2007	Foto Dino Santos, Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
99	Detalhe do Terminal Metropolitano de Santo André	2007	Foto Dino Santos, Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
100	Travessa Diana	2007	Foto Dino Santos, Col Fapesp/USCS	Travessa Diana	7 Cidades
101	Detalhe da residência de Antonio Queirós dos Santos	2007	Foto Cleo Santos Col Fapesp/USCS	rua Bernardino de Campos	7 Cidades
102	Prédio junto à rua Bras Cubas	2007	Foto Cleo Santos Col Fapesp/USCS	Rua Bras Cubas	7 Cidades
103	Detalhe da Travessa Diana	2007	Foto Cleo Santos Col Fapesp/USCS	Travessa Diana	7 Cidades
104	Terminal Metropolitano de ônibus	2007	Foto Cleo Santos Col Fapesp/USCS	Rua Itambé	7 Cidades
105	Cobertura da rua Cel. Oliveira Lima	2007	Foto Cleo Santos Col Fapesp/USCS	Rua Cel. Oliveira Lima	7 Cidades
106	Detalhe da Avenida 15 de Novembro	2007	Foto Cleo Santos Col Fapesp/USCS	Av. 15 de Novembro	7 Cidades
107	Chaminés da Rhodia Têxtil	2007	Foto Cleo Santos Col Fapesp/USCS	Av. Antonio Cardoso	7 Cidades

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
1	1911	incêndio na fábrica Kowarick	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Cercanias da Rua Antonio Cardoso	Incêndio na Kowarick', Minha vida vivida, p.31	1997
2	1914	Rhodia Química	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Cercanias da Av Antonio Cardoso	Memórias, sem título, p.8 - 20	1997
3	1914	Fábrica Kowarick, Rua Antonio Cardoso, Rio Tamanduateí	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Cercanias da Rua Antonio Cardoso	Memórias, sem título, p.8	1997
4	1914	Estação Ferroviária, Fábrica da Rhodia	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Estação Ferroviária de Santo André	Memórias, sem título, p.7	1997
1	1924	revolução de 1924	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	cercanias da estação ferroviária	Revolução de 1924', Minha vida vivida, p.27	1997
2	1924	I Grupo escolar	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Rua Senador Fláquer, 470	Entrada para escola', Minha vida vivida, p.24	1997
3	1924	revolução de 1924	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Cercanias da Av Antonio Cardoso	Memórias, sem título, p.21	1997
4	1924	Rhodia Química	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Cercanias da Av Antonio Cardoso	Memórias, sem título, p.22 - 63	1997
5	1925	bonde, rua Coronel Oliveira Lima	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Rua Cel Oliveira Lima	Trenzinho de Santo André' Minha vida vivida, p.36	1997
6	1926	água buscada em poço de vizinhos, roupa lavada com água de córrego	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Av. Portugal	Água de poço', Minha vida vivida, p.59	1997
7	1926	trabalho infantil, fábrica de Móveis Streiff	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Rua Cel Oliveira Lima	Jayme', Minha vida vivida, p.54	1997
8	1926	R Oliveira Lima/ Fernando Prestes, meio de transporte, Bichos de seda	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Rua Cel. Oliveira Lima	O vestido molhado', Minha vida vivida, p.17	1997
9	1928	Cine teatro Carlos Gomes	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Rua Senador Fláquer, 110	Cinema' Minha vida vivida, p.50	1997
10	1929	I Grupo escolar, excursão na Serra do Mar	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Rua Senador Fláquer, 470	Ainda no grupo escolar", Minha vida vivida, p.30	1997
1	1930	bicicletaria largo da Estátua	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Praça Embaixador Pedro de Toledo	Andar de Bicicleta', Minha vida vivida, p.48	1997

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
2	1930	falta de água	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Cercanias da Av Antonio Cardoso	Memórias, sem título, p.33, 37, 38, 39, 40	1997
3	1930	Trem de subúrbio, trem expresso, Casa Clark em SP/Brás	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Estação Ferroviária de Santo André	Ir a São Paulo de trem', Minha vida vivida, p.44	1997
4	1938	Operários da Fábrica Ipiranquinha, cotidiano da vida no entorno da Fábrica	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Gertrudes de Lima	O Ângelo Boschetti', Memórias de um andreense, p.10-11	1985
5	1938	Bica d'água, campo de futebol do Primeiro de Maio F.C.	crônica/memória	Holando Lacorte	Ruas Campos Salles, Brás Cubas, General Glicério, Luis Pinto Fláquer	Biquinha', Memórias de um andreense, p. 35	1985
6	1938	Cinemas, República, Carlos Gomes,	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Afredo Fláquer e Rua Senador Fláquer	Cinemas', Memórias de um andreense, p.33	1985
7	1938	Circo	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Senador Fláquer	Circo', Memórias de um andreense, p. 34	1985
8	1938	I Grupo Escolar de Santo André	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Senador Fláquer	Primeiro Grupo Escolar de Santo André, Memórias de um andreense, p. 15	1985
9	1938	I Grupo Escolar de Santo André	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Senador Fláquer	Nossa sala de aulas', Memórias de um andreense, p. 16	1985
10	1938	I Grupo Escolar, rua Gertrudes de Lima	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Gertrudes de Lima	Minha rua - pregões e canções', Memórias de um andreense, p.9	1985
11	1938	Igreja Matriz de Santo André	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Dom Duarte Leopoldo e Silva	Igreja Matriz, procissões, enterros, Memórias de um andreense, p. 24	1985
12	1938	Teatro Carlos Gomes, carnaval	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Senador Fláquer	Teatros', Memórias de um andreense, p. 36	1985
13	1938	Rio Tamanduateí	poema	Holando Lacorte	rio Tamanduateí	A morte do meu rio', Memórias de um andreense, p. 46	1985

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
14	1938	Fábrica Ipiranguinha	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Gertrudes de Lima, Rua Dom João VI, Rua do Sol, Rua da Estrela, Rua Marquesa de Santos, Praça Antonio Fláquer	ipiranguinha', Memórias de um andreense, p.12,13	1985
15	1938	Morro Vermelho, Estrada de ferro, Rio Tamanduateí, vegetação	crônica/memória	Holando Lacorte	Rio Tamanduateí, Rua Senador Fláquer	A Turma - o morro vermelho', Memórias de um andreense, p. 18	1985
16	1938	Risca-faca	crônica/memória	Holando Lacorte	esquina da Rua Arthur de Queiróz com Avenida Santos Dumont	O risca-faca', Memórias de um andreense, p. 32	1985
17	1938	Rua Gertrudes de Lima, guarda noturno	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Gertrudes de Lima	O Guarda Noturno', Memórias de um andreense, p.10.	1985
18	1938	Serviços de barbeiro	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Cel Oliveira Lima	Os barbeiros', Memórias de um andreense, p. 42	1985
19	1930	Venda da Família Lucchesi e outros italianos	crônica/memória	Haroldo Santos Abreu	Rua Fernando Prestes	Os velhos italianos', Crônicas e Poemas de um Encantado, p.15	2000
20	1938	Comércio, festas religiosas	crônica/memória	Holando Lacorte	ruas Cel. Ortiz, D. Duarte Leopoldo e Silva,	As vendas', Memórias de um andreense, p. 37	1985
1	1940	Cinemas, Santo André, Carlos Gomes, Teatro de Alumínio, Circos	crônica/memória	Alice Zerrenner Galuzio	Rua Senador Fláquer, 110	Os cinemas', Minha vida vivida, p.52	1997
2	1942	falta de água	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Cercanias da Av Antonio Cardoso	Memórias, sem título, p.33, 37, 38, 39, 40	1997
3	1943	Rio Tamanduateí, córrego Cemitério	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Rio Tamanduateí, Córrego Cemitério	Memórias, sem título, p.44	1997
4	1945	lembrança dos apitos das fábricas Ipiranguinha e Conac que acordavam Santo André	crônica/memória	José Bueno Lima	Praça Ademar de Barros	Melhor Idade, veiche ou idoso?, Um passado sempre presente, p.13	2010

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
5	1947	Quitandinha e sua história	crônica/memória	José Bueno Lima	Praça do Carmo	O flerte das meninas', Um passado sempre presente, p.43	2010
1	1953	Teatro de Alumínio	crônica/memória	Holando Lacorte	Rua Alfredo Fláquer, 318	Teatros', Memórias de um andreense, p. 36	1985
2	1953	falta de água para atividades industriais	crônica/memória	Walter Bevilacqua	Rio Tamanduateí, Córrego Cemitério	Memórias, sem título, p.52,53, 54	1997
3	1950	Praça do Carmo, com as atividades que se desenvolveram no local (namoros, barracas de festa junina e missas)	crônica/memória	José Bueno Lima	Praça do Carmo	A praça é do povo!', Um passado sempre presente, p.46	2010
4	1950	Atividades desenvolvidas enquanto criança, com destaque para o I Grupo Escolar de Santo André	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Senador Fláquer	Figuras tradicionais (1)', Um passado sempre presente, p.52	2010
5	1950	local de moradia em região denominada 'Vila Sapo', relembra as ruas que compunham essa localidade	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Guilherme Marconi	A Vila Sapo', Como se fosse hoje...!, p.27	2010
6	1950	Restaurante Napolitano e suas pizzas	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Alfredo Fláquer	Mezzo Alice, mezzo mozzarella', Como se fosse hoje...!, p.74	2010
7	1950	Padaria Dall'Olio, frequentada por casais de namorados, após término da primeira sessão no Cine Tangará e depois do 'vai-vem' pela Rua Cel. Oliveira Lima	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua General Glicério	Mezzo Alice, mezzo mozzarella', Como se fosse hoje...!, p.74	2010
8	1950	Lembranças do I Grupo Escolar de Santo André	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Senador Fláquer	Uma escola e o bicho preguiça!', Como se fosse hoje...!, p.129	2010
9	1950	Desfiles escolares quase inexistentes antes da instalação da escola Américo Brasiliense	crônica/memória	José Bueno Lima	Praça IV Centenário	Bandas e Fanfarras', Como se fosse hoje...!, p.138	2010

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
10	1950	Banda Lira de Santo André, no Ano Novo tocava à sua casa em homenagem ao pai do autor, por ser conhecido como funcionário público da Prefeitura	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Guilherme Marconi	Bandas e Fanfarras', Como se fosse hoje...!, p.138	2010
11	1950	Igreja Matriz de Santo André, denominada 'Igreja Rosa' e moradores das cercanias	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Santo André	A Igreja rosa', Um passado sempre presente, p.16	2010
12	1950	Comércios existentes nas proximidades da Igreja Matriz de Santo André, em especial Família Rossini	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Agenor de Camargo	A batida da faca e o pio do vira, Um passado sempre presente, p.19	2010
1	1960	Clube Panelinha e as atividades sociais	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Cesário Mota	Noitadas no Panelinha', Crônicas e Contos de um saudosista, p.56	2011
2	1960	Câmara Municipal de Santo André, atividades dos vereadores, além de figuras que estavam presentes no cotidiano da Rua Cel.Oliveira Lima	crônica/memória	José Bueno Lima	Rua Cel. Oliveira Lima	Figuras tradicionais (II)', Um passado sempre presente, p.54	2010
3	1960	Árvores existentes antes da criação da Praça IV Centenário	crônica/memória	Haroldo Santos Abreu	Praça IV Centenário	O delírio de Braz Cubas', Crônicas e Poemas de um Encantado, p.41	2000
4	1960	Chácara Mimosa, Charles Murray	crônica/memória	Haroldo Santos Abreu	Avenida Portugal	O delírio de Braz Cubas', Crônicas e Poemas de um Encantado, p.41	2000
5	1967	Quitandinha, sede das comemorações dos carnavais pelo Panelinha e rixa entre este e o Ocara	crônica/memória	José Bueno Lima	Praça do Carmo	Panelinha e Ocara', Como se fosse hoje...!, p.94	2010
1	1975	Relógio homenagem dos imigrantes japoneses, instalado na Praça Embaixador Pedro de Toledo (Largo da Estátua), então parado.	crônica/memória	Haroldo Santos Abreu	Praça Embaixador Pedro de Toledo	A dança das horas', Crônicas e Poemas de um Encantado, p.113.	2000

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
1	1989	Vila Bastos	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Laura	No meu pedaço, 2, Andanças com Salvador Bahia, p.59	2000
1	1990	Rua Laura	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Laura	No meu pedaço, 4, Andanças com Salvador Bahia, p.62	2000
2	1996	Avenida Portugal	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Avenida Portugal	No pomar dos passarinhos', Andanças com Salvador Bahia, p.67	2000
3	1998	Restaurante Napolitano	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Alfredo Fláquer	Napolitano', As artes do Ofício, p.125	2000
4	1999	centro da cidade	crônica	Dalila Teles Veras	área central	Crônica Urbana', A vida Crônica. p.55	1999
5	1999	Rua Luíza Fláquer (Elisa)	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	Crônica de Outono', A vida crônica, p.69	1999
6	1999	Rua Oliveira Lima, doído	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	Arte, loucura e o doído', A vida Crônica. p.20	1999
7	1999	Protesto sobre derrubada de árvores junto ao Centro Cívico de Santo André	crônica	Valdecirio Teles Veras	Praça IV Centenário	8 de fevereiro', Na trilha do trem, p.21	2000
8	1999	Justiça e derrubada de árvores junto ao Centro Cívico de Santo André	crônica	Valdecirio Teles Veras	Praça IV Centenário	19 de fevereiro', Na trilha do trem, p.25	2000
9	1999	Revitalização da Rua Cel. Oliveira Lima	crônica	Valdecirio Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	28 de fevereiro', Na trilha do trem, p.28	2000
10	1999	Exposição do escritor Cláudio Feldman no Museu de Santo André	crônica	Valdecirio Teles Veras	Rua Senador Fláquer	10 de março', Na trilha do trem, p.32	2000
11	1999	Teresa Santos e sua trajetória	crônica	Valdecirio Teles Veras	Avenida Portugal	28 de março', Na trilha do trem, p.40	2000
12	1999	A Flauta Mágica, sob regência de Flávio Florence, no Teatro Municipal de Santo André para aniversário da cidade	crônica	Valdecirio Teles Veras	Praça IV Centenário	4 de abril', Na trilha do trem, p.42	2000

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
13	1999	Anúncio de revitalização do centro, em especial Rua Cel.Oliveira Lima,anunciado pelo prefeito Celso Daniel	crônica	Valdecirio Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	8 de abril', Na trilha do trem, p.43	2000
14	1999	Anúncio de reforma do Cine Teatro Carlos Gomes pela Prefeitura de Santo André	crônica	Valdecirio Teles Veras	Rua Senador Fláquer	20 de junho', Na trilha do trem, p.69	2000
15	1999	Reinauguração da Casa da Palavra, e pergunta quantas vezes ainda terá que ser reinaugurada	crônica	Valdecirio Teles Veras	Praça do Carmo	17 de novembro', Na trilha do trem, p.118	2000
16	1999	Churrasco grego na Rua Bernardino de Campos	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Bernardino de Campos	Segunda, 25', Minudências, p.18	2000
17	1999	Centro da cidade em reforma, nem o 'louco da Rua Cel.Oliveira Lima', personagem preferido está lá, reflete sobre o sentido de reconstrução da cidade e que não fique apenas no sentido figurado	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	Quinta, 10', Minudências, p.53	2000
18	1999	ruas de área central desertas devido às obras ereflete se a cobertura da Rua Cel. Oliveira Lima terá o papel de atrair as pessoas de volta	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	Quinta,17', Minudências, p.55	2000
19	1999	atividade cultural associados aos migrantes no Museu de Santo André	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Senador Fláquer	Terça, 28', Minudências, p.87	2000
20	1999	(re) (re) abertura da Casa da Palavra, adequação do espaço interno a múltiplas atividades, crítica a algumas das reformas realizadas	crônica	Dalila Teles Veras	Praça do Carmo	Quarta, 17', Minudências, p.101	2000
21	1999	Crítica a má qualidade dos ladrilhos hidráulicos que não corresponderam ao trabalho de Luiz Sacilotto. Crítica a cidade e centro que se transforma em cidade cada dia mais para carros, observação nas calçadas mais estreitas, obstáculos e jardins onde deveria ser passagem	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	Terça, 07', Minudências, p.108	2000

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
22	1999	Parque Antonio Fláquer, caminhada	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Praça Antonio Fláquer	25 de fevereiro', ABC no fim do milênio, p.44	2000
23	1999	Lembrança de início de carreira na Rua Bernardino de Campos,19, escritório de advocacia até fins de 1975	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Bernardino de Campos	15 de março', ABC no fim do milênio, p.55	2000
24	1999	Ao andar de carro pela rua, lembra de início de carreira na Rua Bernardino de Campos,19, escritório de advocacia, localidade denominada como 'beira do cais', lembra de sinal de fechamento de canchela de trem, cheiro de óleo queimado vindo da pastelaria abaixo, sucessos dos Beatles e a Travessa Diana, com cheiro de jabá e frequentadores que davam a sensação de que estava na Bahia	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Bernardino de Campos	15 de março', ABC no fim do milênio, p.55	2000
25	1999	construção da futura Casa do Advogado, e frase com sotaque nordestino, lembrança	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Avenida Portugal	19 de março', ABC no fim do milênio, p.57	2000
26	1999	término da construção da Casa do Advogado prevista para 2000 em atividade realizada no Fórum, projeto de Jorge Bonfim	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Avenida Portugal	24 de março', ABC no fim do milênio, p.60	2000
27	1999	campanha para mudar o nome do Parque Antonio Fláquer para Ipiranguinha	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Praça Antonio Fláquer	23 de maio, ABC no fim do milênio, p.98	2000
28	1999	Reunião no Museu de Santo André a favor da criação de circuito cultural, depois Corredor Cultural do projeto Centro com Vida	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Senador Fláquer	1º de junho', ABC no fim do milênio, p.103	2000
29	1999	centro da cidade canteiro de obras, Rua Laura, reforma há meses, barro nas ruas	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Laura	4 de junho', ABC no fim do milênio, p.105	2000

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
30	1999	Rua Cel Oliveira Lima, diz que é a rua mais conhecida de Santo André, irreconhecível, em obras, cobertura para salvá-la da decadência, Livrarias Siciliano fecharam portas	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Cel. Oliveira Lima	9 de agosto', ABC no fim do milênio, p.145	2000
31	1999	abertura de exposição 'De todos os lugares, história de migrantes', no Museu de Santo André, orgulho de migrante	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Senador Fláquer	27 de setembro', ABC no fim do milênio, p.169	2000
32	1999	Casa da Palavra, também da palavra escrita	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Praça do Carmo	18 de outubro', ABC no fim do milênio, p.178	2000
33	1992	Conversa entre dois transeuntes	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Cel Oliveira Lima	21 de março' ABC Cotidiano, Cotidiário, p.57	1993
34	1992	Encontro com Aron Feldman, cineasta que registrava aspectos da cidade	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Avenida Portugal com Rua Justino Paixão	25 de maio' ABC Cotidiano, Cotidiário, p.92	1993
35	1992	Casa da Palavra e sua programação sobre artistas de Santo André	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Praça do Carmo	28 de setembro' ABC Cotidiano, Cotidiário, p.172	1993
36	1992	Informações sobre história do Cine Teatro Carlos Gomes	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Senador Fláquer	28 de setembro' ABC Cotidiano, Cotidiário, p.172	1993
37	1999	debate Cidade Futuro no Auditório Municipal da Prefeitura	crônica	Valdecirio Teles Veras	Praça IV Centenário	7 de outubro', Na trilha do trem, p.102	2000
38	1992	Rua Laura e a transformação em rua de comércio e do destino de árvore frutífera	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Dona Laura	21 de março' ABC Cotidiano, Cotidiário, p.57	1993
39	1999	Atividade cultural desenvolvida no Cine Teatro Carlos Gomes, entre outras na cidade, diz o autor, haja fôlego para participar de todas.	crônica	Valdecirio Teles Veras	Praça IV Centenário	4 denovembro', Na trilha do trem, p.114	2000
40	1999	Exposição do escritor Cláudio Feldman no Museu de Santo André	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Senador Fláquer	Quarta, 10', Minudências, p.29	2000

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
41	1999	Buraco na Rua Cel. Fernando Prestes, impressionada com o rio que corre abaixo do asfalto. Não seconhece os rios da cidade	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Cel Fernando Prestes	Segunda 21', Minudências, p.56	2000
1	2000	Parque Ipiranguinha	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Praça Antonio Fláquer	15 de janeiro', Andanças com Salvador Bahia, p.35	2000
2	2001	becos da Rua Cel Oliveira Lima	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Travessa Biaggio Jacopucci	Uma cidade sob seus pés, s.p.	2001
3	2001	becos da Rua Cel Oliveira Lima	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Travessa Mário Rhein	Uma cidade sob seus pés, s.p.	2001
4	2001	Praça IV Centenário, Centro Cívico, Biblioteca, Teatro	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Praça IV Centenário	Uma cidade sob seus pés, s.p.	2001
5	2001	Rua Cel Oliveira Lima	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Cel Oliveira Lima	Uma cidade sob seus pés, s.p.	2012
6	2001	Rua Laura	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Rua Laura	Uma cidade sob seus pés, s.p.	2012
7	2001	Travessa Diana	crônica	Antonio Possidonio Sampaio	Travessa Diana	Uma cidade sob seus pés, s.p.	2012
8	2003	Praça do Carmo	poema	Jurema Barreto de Souza	Praça do Carmo	Enigma da cidade', Revista Cigarra, ano 21, nº38, dez 2003	2003
9	2003	Rio Tamanduateí	poema	Claudio Feldman	Rio Tamanduateí	Ode ao Tamanduateí, outrora, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.53	2003
10	2003	Rio Tamanduateí	poema	Dalila Teles Veras	Rio Tamanduateí	Tamanduateí, rio morto rio vida, outrora, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.55	2003

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
11	2003	Rio Tamanduateí	poema	Fabiano Calixto	Rio Tamanduateí	Sem título ou fragmentos líquidos, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.58	2003
12	2003	Rio Tamanduateí	poema	Heverly Jane Leres Anda Velo	Rio Tamanduateí	Anuviado, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.59	2003
13	2003	Rio Tamanduateí	poema	Heverly Jane Leres Anda Velo	Rio Tamanduateí	Remota_mente, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.61	2003
14	2003	Rio Tamanduateí	poema	Jean de Oliveira Ferreira	Rio Tamanduateí	Eixo, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.63	2003
15	2003	Rio Tamanduateí	poema	Jurema Barreto de Souza	Rio Tamanduateí	A imagem do Rio, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.67	2003
16	2003	Rio Tamanduateí	poema	Wagner Camon	Rio Tamanduateí	Tamanduateí, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.69	2003
17	2003	Rio Tamanduateí	poema	Wagner Camon	Rio Tamanduateí	Ao Rio Tamanduateí, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.71	2003
18	2003	Rio Tamanduateí	poema	Zhô Bertholini	Rio Tamanduateí	Tamandauteí, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.75	2003
19	2003	Rio Tamanduateí	poema	Wagner Camon	Rio Tamanduateí	Rio Civilizado, As cidades cantam o Tamanduateí que passa, p.73	2003

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
20	2006	caminhos e trilhos ferroviários	poema	Wagner Calmon	Estação Ferroviária de Santo André	Mapa de um grande ABC', Olhares por André, p. 15	2006
21	2006	Praça do Carmo	poema	Wagner Calmon	Praça do Carmo	A moça da Praça do Carmo', Olhares por André, p.13	2006
22	2006	Rio Tamanduateí	poema	Wagner Calmon	Rio Tamanduateí	Enchente', Olhares por André, p.19	2006
23	2006	Rua Cel Oliveira Lima	poema	Wagner Calmon	Rua Cel Oliveira Lima	Identidades', Olhares por André, p.17	2006
24	2006	trem	poema	Wagner Calmon	Trilhos ferroviários	O trem', Olhares por André, p.27	2006
25	2009	Mudanças na cidade	crônica	Dalila Teles Veras	Avenida Portugal	Mutante metrópole' Blog À janela dos Dias	2009
26	2009	paisagismo do Paço Municipal	crônica	Dalila Teles Veras	Praça IV Centenário	Os passos em descompasso do Paço no próprio Paço', Blog À janela dos Dias	2009
27	2009	Obras de arte de Luis Sacilotto	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Cel. Oliveira Lima	Arte como inutilidade ou utensílio equivocado', Blog À janela dos Dias	2009
28	2009	escritores e a cidade	crônica	Dalila Teles Veras	Rua Monte Casseros	A poeta no museu fala de poetas e cidade', Blog À janela dos Dias	2009
29	2011	Centro Cívico de Santo André	poema	Leonardo J.D. Campos	Praça IV Centenário	Eterna Gratidão, No trilhar de uma vida, p. 57.	2011
30	2011	Centro Cívico de Santo André	poema	Leonardo J.D. Campos	Praça IV Centenário	Obrigado Celso Daniel, No trilhar de uma vida, p.58	2011

TABELA 3 - QUADRO SÍNTESE DAS FONTES LITERÁRIAS
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL DE SANTO ANDRÉ, 1911 - 2011

Número no Mapa	Data sugerida pelo texto	Informação	Gênero literário	Autor	Local	Fonte	Ano Public
31	2010	personagens da Rua Cel. Oliveira Lima, com destaque para aquele denominado de 'Roberto Carlos' pois canta músicas desse cantor pela rua	crônica	José Bueno Lima	Rua Cel. Oliveira Lima	Figuras tradicionais (1)', Um passado sempre presente, p.52	2010
32	2010	Clube Primeiro de Maio F.C e os bancos no seu interior que lembram alguns estabelecimentos comerciais de Santo André	crônica/memória	José Bueno Lima	Av. Portugal	Alamedas do passado', Um passado sempre presente, p.62	2010
34	2010	relembra as atividades do clube Panelinha e diz que não é mais um clube, é uma família	crônica	José Bueno Lima	Avenida Portugal	"A glória de um Clube', Como se fosse hoje...!', p.24	2010
35	2010	Caminhada pela Rua Cel. Oliveira Lima sem encontrar conhecidos, cidade grande, desencontros	crônica	José Bueno Lima	Rua Cel. Oliveira Lima	Um desconhecido!', Como se fosse hoje...!', p.119	2010